

A Virada do Ano

*C. M. Carpi • Ruby Lace
Jéssica Miguel*





C. M. Carpi • Ruby Lace
Jéssica Miguel

A Virada de Ano

1ª Edição



**The
GiftBox**

2018

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © C. M. Carpi, 2018

Copyright © Jéssica Miguel, 2018

Copyright © Ruby Lace, 2018

Copyright © The Gift Box, 2018

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Roberta Teixeira

Arte de Capa:

Gisely Fernandes

Revisão:

Kyanja Lee

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

ESTE LIVRO SEGUE AS REGRAS DA NOVA ORTOGRAFIA DA
PERIGOSAS ACHERON

LÍNGUA PORTUGUESA.
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE
LIVROS, RJ

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-

C298v

Carpi, C. M.

A virada do ano [recurso eletrônico] / C. M. Carpi, Ruby Lace, Jéssica Miguel. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2018.
recurso digital ; 6 MB

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-52923-25-1 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Lace, Ruby. II. Miguel, Jéssica. III. Título.

18-53514

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

7/6135z

Sumário

Virada de Destino

18:57

19:20

20:23

22:09

22:54

23:24

00:45

05:49

Virada de Plano

21:53

23:10

00:42

02:59

04:38

09:05

Virada de História

19:30

20:40

20:55

21:55

PERIGOSAS NACIONAIS

[21:57](#)

[22:20](#)

[23:40](#)

[00:55](#)

[Um ano depois](#)

[Virada de Destino](#)

[17:00](#)

[17:20](#)

[18:19](#)

[18:47](#)

[19:20](#)

[21:45](#)

[23:02](#)

[Virada de Plano](#)

[18:00](#)

[21:30](#)

[22:30](#)

[23:45](#)

[02:45](#)

[06:47](#)

[Virada de História](#)

[15:00](#)

[17:30](#)

[18:20](#)

[19:00](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[20:05](#)

[20:30](#)

[21:50](#)

[09:30](#)

[Agradecimentos](#)

PERIGOSAS ACHERON



Virada de Destino

O sol se põe
As estrelas aparecem
E tudo o que conta
É aqui e o agora
Meu universo nunca mais será o mesmo
Estou feliz por você ter vindo.
GLAD YOU CAME - THE WANTED

Jessica Miguel

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de dezembro de
2017**

PERIGOSAS ACHERON

18:57

DEREK

Derek sentia os músculos das pernas queimarem. Em Nova Iorque, era mais rápido ir para alguns lugares de bicicleta do que pegar um táxi. Mesmo em um dia frio como aquele. E ele estava com pressa. Muita pressa.

Seu melhor amigo era o mais recente morador da cidade, o apartamento dele ficava mais precisamente no Brooklyn, e era para lá que estava indo. All não conhecia absolutamente nada na região, por isso, combinaram de ir juntos para a festa de fim de ano da empresa em que Derek trabalhava.

Deus era testemunha de quanta saliva gastou para conseguir convencer o amigo a ir, então, não poderia se atrasar. All, no mínimo, acabaria com ele.

Derek estava ansioso. Em sua mente, tal evento seria o marco que daria início a uma nova

fase em sua vida. Dali em diante ele seria menos tímido e mais paquerador. E por que não começar com as garotas do escritório?

Pensar nisso o fazia sentir uma pontada de decepção. Às vezes, pegava-se pensando em quão sozinho ele sempre foi. Mesmo rodeado de amigos, sempre almejou mais. Queria uma mulher para chamar de sua. Sua amiga, sua amante, ou simplesmente, sua.

Aumentou a velocidade das pedaladas, a endorfina correndo solta pelas veias, deixando-o mais relaxado.

Derek olhava para os lados e observava a multidão caminhando em direção à Times Square, pronta para começar a comemorar o início do próximo ano. A empolgação e o sorriso nos rostos dos pedestres tiravam-lhe o fôlego. A Grande Maçã podia ser barulhenta e cheia como um formigueiro, mas era isso que a tornava tão singular e especial.

Adorava a cidade nessa época do ano, principalmente à noite quando as luzes se acendiam e desencadeavam a magia do Natal. As nevascas que caíam durante o inverno ao redor do mundo não se equiparavam aos mágicos flocos de neve

PERIGOSAS ACHERON

que ameaçavam cobrir Nova Iorque em dezembro.

Diminuiu a velocidade e olhou para o lado, observando o tráfego. Ao ver que não vinha nenhum carro, girou o guidão para a direita e entrou em uma rua menos movimentada. Aumentou a velocidade mais uma vez, enquanto Always, do Bon Jovi soava no último volume em seu headphone.

Foi então que, em um piscar de olhos, tudo aconteceu.

Derek desviou o olhar para o lado por uma fração de segundo e, ao voltar os olhos para frente, o mundo inteiro pareceu ficar em câmera lenta.

Uma garota com longos fios dourados estava mais próxima da ciclovía do que deveria. Derek puxou os freios da bicicleta com toda a força, deixando os nós de seus dedos brancos. Em reflexo, girou o guidão para o lado oposto, tentando impedir o impacto iminente.

O barulho do freio fez com que alguns pedestres mais próximos olhassem em sua direção, espantados. A garota loira ergueu o queixo bem a tempo de vê-lo se aproximando.

Derek a viu dar um passo para trás, tentando

PERIGOSAS ACHERON

alcançar a calçada novamente. Mas não foi rápida o suficiente. O guidão encostou em seu quadril e ela fez uma careta feia de dor. Assistiu, impotente, a jovem perder o equilíbrio e cambalear até cair sentada no chão frio da calçada.

Saltou da bicicleta ainda em movimento e largou-a de qualquer jeito no asfalto. Retirou o capacete e se ajoelhou ao lado da bela garota. Ela tinha uma das mãos tapando a metade do rosto, e a outra metade coberta pelo cabelo.

O desespero tomou conta da mente de Derek, fazendo-o perder — por um segundo — a capacidade de formar palavras. Seu coração bombeava rápido e forte, e a adrenalina do momento fez com que Derek tivesse um pequeno surto.

Não sabia onde tocá-la, por isso, permaneceu com suas mãos paradas. Com os olhos, varreu o corpo esguio, procurando por algum machucado aparente.

— Droga! Você está bem? Está machucada? Sente dor em algum lugar? — perguntou em um único fôlego. Desesperado.

Os ombros dela tremiam, e ele logo percebeu

PERIGOSAS ACHERON

que ela chorava em silêncio. Ainda anestesiado pelo desespero, ergueu a mão e a levou até as costas da garota, consolando-a, tentando acalmá-la de alguma forma. Olhou em volta, observando a multidão que se aglomerava formando um semicírculo ao redor deles.

— Alguém sabe onde fica o hospital mais próximo? — indagou aflito.

— Fica a duas quadras daqui — uma senhora respondeu. — À direita.

Derek maneou a cabeça em um agradecimento silencioso. O burburinho à sua volta não importava. Até mesmo sua bicicleta ficou esquecida. O Derek prestativo sobrepôs o tímido e tomou conta de suas ações.

— Ei, eu me chamo Derek e vou levá-la para o hospital.

A garota permaneceu em silêncio e ele acatou isso como uma afirmativa.

Suspendeu-a no colo e, na mesma hora, arrependeu-se. Ela era magra, porém ele não esperava que pesasse tanto.

Afinal, quem disse que ossos não pesam?, pensou.

A mochila que Derek carregava nas costas também pesava. Mais um motivo para se arrepender de ter saído de casa tão tarde nesse dia. A muda de roupa e seus acessórios básicos nunca o incomodaram tanto. Respirou fundo, reunindo toda a sua força, e começou a caminhar na direção indicada.

— Por Deus, moça, me desculpe! — pediu ofegante. — Eu não deveria ter olhado para o lado enquanto pedalava.

A garota, que até então estava quieta, tirou a mão do rosto e olhou para ele. Ela era bonita. Muito bonita. Tinha traços delicados como os de uma boneca, seus cabelos dourados eram brilhantes e seus olhos o lembravam de creme de avelã.

— A culpa não foi sua, Derek. Eu estava distraída e não olhei para os lados. — Sua voz saiu firme e descontraída. Isso fez Derek parar e olhar para ela atentamente.

— Você não estava chorando! — disse, como se fosse a maior das descobertas. Ele cerrou os olhos e pressionou os lábios, transformando-os em uma linha fina, em um claro sinal de irritação.

Derek não era um homem que se irritava à

PERIGOSAS ACHERON

toa, mas ele detestava fingimentos. Prezava muito mais quando as pessoas eram sinceras. Sinceras e educadas, claro. Afinal, sinceridade com grosseria, na maioria das vezes, transformava-se em ofensa.

— Não! Claro que não! — ela disse e voltou a rir. Sua risada era silenciosa e delicada. — Melhor você olhar para frente, grandão, ou vamos cair os dois dessa vez.

Derek seguiu seu conselho e voltou a caminhar olhando para frente. Seus passos já não eram tão urgentes e a adrenalina não corria mais livre por suas veias.

— Desculpe você também. Eu não quis te assustar. Acidentes como esse são costumeiros na minha vida — disse menos animada dessa vez.

Derek se limitou a lhe lançar um olhar cauteloso e permaneceu em silêncio. Falar era um esforço demasiado nesse momento. Mesmo no frio, algumas gotas de suor brotaram em sua testa.

— Eu sou um verdadeiro ímã para acidentes como este. Juro! Não é sua culpa, viu? Acho que quando nasci, os astros se alinharam de uma forma bizarra e eu fui abençoada com o dom do desastre. — Ela deu de ombros, fingindo indiferença, mas

PERIGOSAS ACHERON

Derek notou o tom resignado em sua voz. — Ainda tem o fato de que eu me transformo em uma verdadeira tagarela quando estou nervosa.

— Eu notei — ele bufou.

— Meu nome é Daisy, a propósito. E obrigada por não ter esquecido a minha bolsa. — Ela deu uma tapinha na pequena bolsinha de couro e Derek grunhiu. A última coisa que ele queria nesse momento era conversar.

Ao se aproximarem do hospital, ele estava ainda mais que ofegante. O ar frio queimava seus pulmões e sentia os músculos exaustos. Derek parou, respirou profundamente tentando se acalmar e reunir mais forças para prosseguir.

— Eu acho que consigo andar — Daisy murmurou insegura. — Na verdade, não acho que ir ao hospital seja realmente necessário. Foi só um mau jeito. Sim, só um mau jeito. Tenho certeza. — Ela tagarelava e parecia querer convencer mais a si própria do que a ele.

Derek ergueu os olhos e acenou, concordando. Colocou-a de pé, lentamente, e logo que este tocou o chão, Daisy gritou. Dessa vez, ele viu as lágrimas inundando os olhos dourados dela.

PERIGOSAS ACHERON

Daisy apoiou seu peso no pé bom e cravou as unhas afiadas em um dos braços de Derek, equilibrando-se.

Ele fez uma careta, não gostando do leve ardor em seus braços. Soltou-se do aperto dela e se agachou. Precisou de toda a delicadeza para conseguir subir a bainha da calça jeans dela, até que tivesse uma boa visão da pele avermelhada do tornozelo. Ao ser tocada nesse ponto, Daisy gritou.

— Está doendo muito! Muito! — A voz dela tremia e um soluço escapou de seus lábios grossos. — Oh, meu Deus! Ele está ficando roxo?

— Sim, tem algumas manchas roxas e ele está bem inchado. — Assim que as palavras saíram de sua boca, Derek mordeu a língua, arrependendo-se profundamente de pronunciá-las.

— Meu pé está necrosando? Eu vou perder o pé? Oh, Deus! Eu vou perder o pé! — Derek estava paralisado e Daisy, histérica. Engoliu o bolo de preocupação que se formou em sua garganta e a pegou no colo novamente.

— Isso não é justo, Derek! Eu já não tenho peitos! E agora vou perder o pé? — Daisy choramingou. — Levem minha bunda gorda e
PERIGOSAS ACHERON

deixem meu pé! É uma troca justa! — ela gritou dramaticamente, olhando para o céu.

O desespero voltou e, dessa vez, Derek não se incomodou com a dor no próprio corpo. Sentiu seu sangue esquentar à medida que corria para a calçada do hospital.

— Derek, você é minha testemunha! Eu juro! Juro que continuarei virgem até os vinte e um anos se eu não perder meu pé — ela murmurou, não muito alto.

Ele ficou tentado a rir da promessa, mas a empatia que sentia por ela não permitiu tal ato. Um simples tropeço podia levar uma pessoa a romper um ligamento; um pulo podia fazer com que quebrasse o pé. Então, até que algum médico averiguasse, o desespero continuaria ali, pulando dentro dele.

Ao ver as portas do hospital, forçou seu corpo a ir mais rápido. Derek tremia e não era pelo frio. Mais alguns passos e as portas automáticas se abriram, permitindo a sua entrada. Ele então encheu o pulmão de ar e gritou:

— Por favor! Alguém pode salvar o pé dela?!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de dezembro de
2017**

PERIGOSAS ACHERON

19:20

LIVIE

— Sim! Salvem meu pé!

Livie estava distraída fazendo um nó charmoso em seu cachecol com listras brancas e verdes, e só parou porque ouviu a palavra “pé” duas vezes. Ela suspirou e olhou para o relógio em seu pulso. Tinha quarenta minutos para encontrar Summer, sua melhor amiga de infância, na Grand Central. Talvez desse tempo para um último atendimento.

— Merda — resmungou. Havia perdido muito tempo tentando encobrir a olheira enorme que pairava sob seus olhos. Se tivesse sido mais rápida, já estaria a caminho do seu encontro.

Tentou passar despercebida pela cena, mas algo dentro dela relutava. Observou Star, uma das enfermeiras mais experientes do hospital, caminhar na direção do casal com uma cadeira de rodas.

O rapaz foi o primeiro a chamar a sua

atenção. Ele era grande e estava vestido com uma jaqueta de couro preta e um gorro azul-marinho escondia seu cabelo, o que levou Livie a imaginar a cor e textura dos fios. Policiando seus pensamentos, ela olhou para a jovem e viu seus longos cabelos dourados soltos. Parecia uma boneca, porém bastante aterrorizada.

Livie ficou curiosa e, antes que percebesse, seus pés a guiaram na direção deles. Fez uma nota mental de enviar uma mensagem para Summer avisando do seu atraso. Star a olhou e ela reconheceu o alívio no rosto da enfermeira. O outro ortopedista de plantão nessa noite estava preso no centro cirúrgico fazia horas, então só restava ela para o atendimento.

— Eu cuido deles, Star. Obrigada.

A enfermeira acenou para a ruiva e relaxou sua postura.

Livie vestiu seu melhor sorriso e virou-se para os jovens. A menina era ainda mais bonita de perto e o rapaz parecia estar envolto em uma aura máscula que, instantaneamente, prendeu o olhar de Livie.

Muitas mulheres sonham com o momento

PERIGOSAS ACHERON

em que encontrarão o homem que fará seu mundo parar de rodar. Livie era realista demais para acreditar nisso. Mas bastou estar perto de Derek que seu mundo não apenas parou de girar, como voltou a rodar no sentido oposto.

Forçou-se a afastar seus olhos dele, ao menos nesse instante.

— Como você se chama? — Livie perguntou à garota.

— Daisy Ford. — Sua voz era doce e estava trêmula. — Esse é Derek, meu herói e meu algoz.

— Herói e Algoz? — Livie questionou curiosa. — Isso parece divertido. Eu sou a doutora Lance, e você pode me contar essa história lá dentro. O que acha? — Daisy assentiu.

— Será que você pode levá-la logo? — Derek falou um pouco exasperado. — Ela está com dor! Dê um remédio a ela e...

— Por que não se senta na sala de espera, Derek? — Livie o interrompeu, tentando soar doce.

— Não! — A voz de Daisy subiu alguns decibéis. — Deixe-o entrar comigo, por favor! Não quero ficar sozinha! Por favorzinho! Eu imploro!

A médica olhou para um dos seguranças que
PERIGOSAS ACHERON

estava próximo, depois olhou para Derek e viu o vinco profundo que se formou na testa dele. Ele ficava ainda mais bonito preocupado.

Livie admirou a forma como os olhos azuis se moviam do pé para o rosto de Daisy, e respirou fundo. Bem, quanto mais rápido começasse o atendimento, mais rápido encontraria Summer. Então...

— Tudo bem, senhor herói, pode entrar junto com essa mocinha aqui — ela disse em um tom divertido. — Mas nada de atrapalhar a consulta.

Sem mais, colocou-se atrás da cadeira de rodas de Daisy e começou a empurrá-la. A primeira coisa que percebeu, com seu olhar de médica, era que Daisy não apoiava o pé no apoio da cadeira. Pensou que talvez ela não estivesse exagerando quanto a sua dor.

Livie deixou a porta aberta para que Derek entrasse no consultório, mas ele permaneceu no corredor. Ela retirou o cachecol e o sobretudo, puxou o jaleco de sua bolsa, vestindo-o em seguida.

Caso suas suspeitas estivessem certas, Daisy iria para casa em poucas horas e, em questão de dias, estaria andando normalmente.

Retirar o tênis era um mal necessário, assim como cortar a calça para subir a bainha e ver até onde ia o inchaço. Daisy se segurou o máximo que conseguiu enquanto Livie a enchia de perguntas sobre o incidente que a havia levado até ali.

Após uma olhada superficial, pediu que uma enfermeira levasse Daisy até a sala de raio-x e informou que, enquanto o resultado não ficasse pronto, fossem-lhe administrados remédios para dor e que a mantivessem em repouso.

Ao ouvir o clique da porta fechando atrás da enfermeira, Livie relaxou. “Consertar” pessoas era a sua especialidade e ela amava o que fazia, mesmo que fosse exaustivo.

Após um plantão de vinte e quatro horas na emergência do Hospital de Cirurgias Especiais de Nova Iorque, a única coisa que ela desejava era ir para casa, tomar um banho quente e dormir. Mas ver aquela garota desesperada, sabendo que o atendimento demoraria, fez com que ela retrocedesse.

Mentirosa, berrou sua consciência. Livie puxou o ar, exasperada, e passou a mão pelo cabelo. Quem ela queria enganar? É claro que em

PERIGOSAS ACHERON

um primeiro momento ela quis ajudar uma paciente, mas depois de sentir o magnetismo de Derek, só conseguia pensar nele.

Estalou o pescoço e pegou seus poucos pertences, enfiando-os no bolso do jaleco. Daisy era sua última paciente do ano. Depois iria para a Times Square com Summer, veria a bendita bola caindo, beijaria um estranho e, quando chegasse em casa, não sairia da cama até o próximo plantão.

Mas antes, ela precisava de um café forte para se manter acordada.



Livie tomava seu café preto, forte e sem açúcar, com gosto. Como se fosse a mais saborosa das bebidas. Aproveitou os minutos em silêncio para ler e responder alguns e-mails pelo computador da sala de atendimento, até que uma leve batida à porta chamou sua atenção.

— Doutora? — A voz grossa ressoou em seus ouvidos, fazendo sua pele esquentar. Ela ergueu a cabeça de forma rápida e deu de cara com um par de olhos azuis tão claros como o céu em um

PERIGOSAS ACHERON

dia ensolarado.

Observou-o, pela primeira vez, dos pés à cabeça, demorando-se um pouco mais nos traços fortes e bem esculpidos do rosto. Ele era lindo. Na verdade, ele era perfeito.

O gorro azul ainda estava lá, escondendo os cabelos dele, mas Livie sabia que eram escuros. As sobrancelhas grossas eram arredondadas e combinavam com os cílios espessos e longos, tão curvados que se faziam visíveis à distância.

O nariz era fino, mas havia uma pequena deformidade ali, como se já tivesse sido quebrado. As maçãs do rosto eram proeminentes e o maxilar quadrado, o que lhe dava um ar incrivelmente másculo.

Livie desceu o olhar para a boca e salivou. Os lábios de Derek eram finos e pareciam ter sido desenhados pelo mais renomado pintor. Perfeitamente beijáveis. Ela quis morder a pequena argola de prata que ele ostentava no lado direito do lábio inferior.

A pele dele era tão lisa e... Deus! Livie precisou conter a vontade de sentir, por si mesma, se a pele dourada era tão quente e macia como

PERIGOSAS ACHERON

aparentava ser.

Sua jaqueta estava aberta e mostrava a blusa de linho cinza de gola alta que moldava tão bem seu peitoral definido. Os jeans surrados eram justos nas coxas e panturrilhas, não deixando muito para a imaginação. As botas de couro lembravam botas de motoqueiros, exceto que as dele eram bem lustradas.

Derek estava com as mãos nos bolsos da jaqueta de forma casual. O homem exalava sensualidade e nem se dava conta disso.

— Posso entrar? — perguntou. As bochechas dele ganharam um leve toque de vermelho e Livie sentiu-se responsável por desencadear tal reação. Não queria que ele ficasse tímido na sua presença. Por isso, pigarreou e voltou a pôr sua máscara profissional.

— É claro, Derek. — O nome dele parecia fogo em sua língua. Queimava. Ardia. Livie não queria pensar assim, mas algo nele despertou sua atenção. E quando ela queria algo, tomava para si. — Sente-se.

— É sobre Daisy — disse enquanto tomava o assento.

— Eu já esperava que fosse — disse, tentando soar descontraída. — Eu não deveria te dar informações sobre ela porque vocês não são parentes. Mas ela me contou sobre o incidente na ciclovia e... Caramba! Você a carregou por duas quadras! Ganhou meu respeito.

O rosto de Derek ganhou um tom mais escarlate e Livie o viu brincar com o piercing da boca, mexendo-o com a ponta da língua. Ele nada disse, somente acenou com a cabeça, claramente desconfortável.

— Pelo que vi, parece ter sido apenas uma torção. — Ele mordeu o lábio inferior e a olhou apreensivo. — Mas eu pedi um raio-x, apenas para ter certeza.

— Ela estava com muita dor. — A voz dele saiu baixa e rouca, causando uma leve comichão na pele de Livie.

Ela queria se convencer de que aquilo era só atração sexual, mas a forma como seu coração batia rápido só por saber que ele estava lá fora dizia que tinha algo mais acontecendo. Seu corpo o desejava, latejava por ele. Assim como sua alma, que parecia ter reencontrado sua outra metade.

Deus! Eu devo estar ficando louca! A médica cruzou as pernas, tentando acalmar seus pensamentos e fincou as unhas nas próprias mãos, acalmando os diversos sentimentos que se mesclavam dentro de si.

— Eu pedi que a medicassem. Tenho certeza de que ela já está sem dor.

O suspiro que saiu da boca dele era audível. Derek fechou os olhos por alguns instantes, como se estivesse absorvendo aquelas informações. Se Daisy não tivesse contado que sequer o conhecia até quase ser atropelada por ele, Livie teria apostado que eram um casal, somente pela forma como ele se preocupava com ela.

— Eu me sinto tão culpado. — Os olhos dele se abriram, revelando uma verdadeira tempestade. — Eu estava com tanta pressa que desviei os olhos apenas por um segundo e então, tudo aconteceu.

— Minha mãe sempre diz que nada feito com pressa dá certo. — Ele assentiu, concordando com ela. — Ela também costuma dizer que nada é por acaso — sussurrou somente para si.

— Será que eu posso ficar com ela? — perguntou Derek. — Eu realmente estou

PERIGOSAS ACHERON

preocupado. Não estou questionando a senhora...

— Você! — ela rosnou, achando graça ao mesmo tempo. Livie tinha apenas trinta e dois anos e detestava quando a chamavam assim.

— Como? — Derek perguntou confuso.

— Me chame de você, por favor, não de senhora. Tenho horror a essa forma de tratamento. Acho frio e impessoal — disse de forma robótica. — Então, por favor, continue.

Derek piscou três vezes, aturdido, antes de continuar.

— Não estou questionando você, mas não acho que uma torção cause tanta dor. Daisy parecia realmente estar perdendo o pé.

Livie suspirou e passou a língua pelos lábios ressecados. Ele era tão fofo quando assumia o papel de homem preocupado. Ela queria lhe dar colo. E depois lambe-lo todo o seu corpo.

Droga!, pensou.

— A dor é algo muito pessoal, Derek — ela disse, tentando não soar muito provocante. — Cada pessoa sente a dor de uma forma diferente. Se nós dois quebrássemos o dedo no mesmo lugar, com o mesmo impacto, sentiríamos dor, porém em escala

PERIGOSAS ACHERON

diferenciada.

Deu de ombros, e Derek assentiu. A expressão dele era pensativa, como se estivesse refletindo sobre o assunto, e assim ficava ainda mais bonito.

Livie imaginou o que elealaria se o chamasse para tomar uma bebida. Ela era o tipo de mulher direta, que não se fazia de difícil. Não se estivesse realmente interessada. O trabalho consumia boa parte do seu tempo e era difícil encontrar um cara que a atraísse fora do ambiente hospitalar.

Derek não está exatamente fora do hospital, não é mesmo?, sua consciência comentou.

Balançou a cabeça e, no mesmo instante ouviu uma batida à porta. Star colocou a cabeça para dentro, olhando de um para o outro com curiosidade. Deu um sorriso de lado, fazendo Derek corar mais uma vez.

Ele é tão fofo, disse Star apenas mexendo os lábios e entregou um envelope pardo para Livie. Um rápido olhar revelou que Derek olhava para suas mãos, que estavam cruzadas no colo.

Star pediu licença e saiu, tão silenciosa
PERIGOSAS ACHERON

quanto entrou.

— Bem, Derek. — Levantou-se da cadeira. — Por que não vamos ver Daisy agora? — Livie disse em tom de troça e ficou ainda mais encantada com o sorriso tímido que ele deu.

Ela inclinou a cabeça para o lado e segurou a maçaneta da porta com força, controlando-se para não se jogar em cima dele e agarrar-lhe as bochechas, ao mesmo tempo que esmagaria sua boca contra a dele.

Respirou fundo, mantendo o controle sobre si mesma. Seu lado devassa não levaria a melhor. Quem sabe mais tarde?

Pôs-se a caminhar lado a lado com ele pelo corredor impecavelmente limpo. Seus passos ecoavam alto pelo silêncio. Livie concentrou-se na porta da enfermaria no fim do corredor, forçando seus pensamentos para as várias formas de contar à Daisy que seu pé estava a salvo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

20:23

DEREK

Derek nunca odiou tanto sua timidez como naquele dia. Desde o instante em que colocou seus olhos na bela ruiva, ele a quis. *Muito*. Livie era linda, mas não foi apenas a sua beleza que o atraiu. A voz doce e melodiosa atingiu algo dentro dele, deixando-o momentaneamente paralisado. Os pés não obedeciam ao seu comando de seguir em frente e ele ficou frustrado consigo mesmo, esperando pacientemente por notícias de Daisy no corredor.

Ao fechar os olhos, conseguia ver nitidamente a forma como o quadril da médica balançava de um lado para o outro de forma graciosa e sensual enquanto ela empurrava a cadeira de rodas de Daisy em direção à emergência.

Queria se bater cada vez que lembrava a forma infantil como agiu diante dela. E quando enfim forçou seu corpo a ir até seu encontro, decidido a ser corajoso e sem-vergonha, ela o fitou

com aqueles intensos olhos esmeralda e estragou tudo.

Ele jamais esqueceria a forma como ela devorou cada parte do seu corpo apenas com um olhar. Olhar esse que o queimava e excitava na mesma medida. E foi ao sentir seu membro enrijecido, empurrando contra o zíper e implorando para ser liberto, que Derek fraquejou e as bochechas arderam, recuando sua postura confiante.

Doutora Lance parecia ser uma mulher empoderada. Poderosa, imponente, dona de si mesma e de suas decisões, e isso o atraía como um ímã. Exibia uma postura altiva no caminhar e, ao mesmo tempo, havia humildade na forma como olhava e tratava a todos ao redor dela.

Derek observou por um tempo a movimentação no corredor do hospital e ouviu alguns comentários realmente maravilhosos sobre ela. Inclusive quando Star estava levando Daisy para outra sala. Ouviu-a falar que se havia uma médica naquele hospital que moveria montanhas para curá-la, aquela médica era Livie.

Livie.

O nome flutuou em sua mente, fazendo eco.

Se Derek fosse o homem que gostaria de ser, teria feito perguntas inteligentes, soltado alguma piada engraçada ou flertado com ela na primeira oportunidade. Entretanto, livrar-se do Derek tímido não era tão simples.

Estava a alguns passos da porta da enfermaria quando se permitiu olhar para ela. A médica parecia distraída e ele pôde ver um pequeno sorriso de lado aparecer em seu rosto, fazendo-o perder o fôlego por um segundo.

Derek virou-se para frente, recuperando-se da explosão que acontecia em seu peito. O coração bombeava forte e rápido o sangue para suas veias, fazendo seu corpo esquentar. Estava atordoado por uma mulher que ele mal conhecia, e causando tamanha reação dentro dele.

Mais um passo e a porta da enfermaria se abriu. Ele respirou fundo, controlando a vontade de puxar aquela ruiva para seus braços e beijá-la. Derek deveria pensar em Daisy nesse momento. Apenas em Daisy, sua quase vítima. Mas não estava conseguindo se controlar.

— Doutora Lance. Derek — Daisy os
PERIGOSAS ACHERON

cumprimentou. Sua voz saiu baixa e rouca, e ela parecia ter acabado de acordar de um cochilo. — Eu estou morrendo, não estou?

A pergunta pegou Derek de surpresa e fez Livie tossir, disfarçando um sorriso.

— Eu sei que sim. — Lágrimas começaram a transbordar pelos olhos dela e Derek se aproximou. Segurou uma de suas mãos e a apertou, tranquilizando-a. — Star ligou para o Charles. Ele prometeu que viria me buscar.

— Charles é seu pai? — questionou a médica, verdadeiramente curiosa.

— Não. Ele é meu namorado. E nós iríamos perder a virgindade hoje, mas eu prometo...

— Informação demais, Daisy. — Livie fez uma pequena careta, ao mesmo tempo que Daisy percebeu o que estava prestes a dizer. Suas bochechas ficaram em um tom gracioso de vermelho e Derek sorriu, sabendo exatamente como ela se sentia e desviou o olhar para observar a médica à sua frente.

Livie foi até uma caixa branca presa na parede e estendeu duas placas de raio-x. Prendeu-as e apertou um botão vermelho na lateral, fazendo

PERIGOSAS ACHERON

uma luz se acender, deixando as imagens mais nítidas. Ela então puxou a caneta que prendia seu cabelo com um gesto gracioso e Derek ficou com a boca escancarada ao ver os fios sedosos caindo em cascata até o meio das costas. Sua mão coçou para tocá-los e testar sua maciez.

— Bom, Daisy — ela começou, virando-se para eles. — Essas duas imagens aqui — apontou com a caneta para o negatoscópio — são do seu pé machucado.

Daisy acenou com a cabeça, sinalizando à médica que estava compreendendo o que ela dizia. Derek não conseguia piscar. Estava hipnotizado pela desenvoltura de Livie na frente de seus pacientes.

— E eu estava certa, afinal. Os resultados mostram que é só uma torção.

— Só uma torção? — Daisy questionou descrente.

— Impossível! — Derek murmurou surpreso.

— Não mesmo! Olhe de novo, doutora! Meu pé está necrosando, tenho certeza! — A voz de Daisy subiu alguns decibéis conforme foi falando.

— Não é melhor pedir uma ressonância? Pode ser que algum ligamento tenha rompido. — Derek sabia que suas palavras soaram trêmulas, seu medo e timidez estavam evidentes em cada sílaba. Ele notou Livie pressionar os lábios, tentando prender uma risada, e corou. Mais uma vez.

— Uma ressonância não é necessária, Derek. Tenho certeza de que Daisy estará de pé em poucos dias.

— Mas eu mal consigo colocar o pé no chão — ela lamentou.

— Não é comum uma torção inchar tão rápido, querida. Na maioria das vezes demora algumas horas. Mas, no seu caso, surgiu quase que instantaneamente e, com isso, a dor. — Livie se aproximou, pegando a mão de Daisy e acariciando-a de forma maternal. — É só seguir as recomendações médicas à risca e estará novinha em folha em poucas semanas.

— Mas... — Daisy arregalou os olhos e olhou para Derek, depois para Livie e engoliu o caroço de dúvida que estava preso na garganta.

Livie, como médica experiente que era, notou a sombra de dúvida no olhar da menina e

PERIGOSAS ACHERON

caminhou de volta para o negatoscópio.

— Olhe — apontou para os exames novamente —, essa aqui é a sua fíbula, o osso que fica na parte lateral da perna e essa aqui... — Livie mostrou outro osso e, cada vez que ela falava, Derek ficava ainda mais impressionado. Ainda mais hipnotizado. — É a sua tíbia e esse aqui é o calcâneo. Está vendo? — Daisy fez que sim e Derek pegou-se fazendo o mesmo. — Nenhuma fratura. Nada. Tudo em seu devido lugar — concluiu.

— Então, é só uma torção? — Derek indagou e Livie acenou com a cabeça.

— Eu não vou precisar ficar no hospital hoje? — Daisy quis saber.

— Não. — Livie sorriu de forma doce. — Você vai ficar com o pé imobilizado por algumas semanas e tomar anti-inflamatórios. E, por favor, durante esse período, faça muito repouso.

— Eu vou... Eu... — Derek olhou para Livie e a viu caminhar até um armário na parede da enfermaria. Seu jaleco estava aberto, mostrando a blusa verde e colada que moldava os seios redondos e pesados.

Imagens dela deitada sobre a mesa de seu consultório, vestindo somente o jaleco e nada mais por baixo dele, pipocaram na mente de Derek. Ele ofegou ao mesmo tempo que sentiu o sangue correr mais rápido por suas veias. Seu membro duro pulsava, pedindo para ser liberto.

Derek voltou a olhar para Livie, que sorria como se soubesse o caminho malicioso de seus pensamentos. Seu rosto parecia pegar fogo, tamanha era a vergonha. Ele sempre foi muito transparente e isso só o atrapalhava e constrangia ainda mais.

Pigarreou e disse:

— Eu vou pegar um café. — E saiu a passos largos, como se fugisse de um monstro.



Derek encontrou sua mochila na mesma poltrona do corredor que havia deixado mais cedo. Buscou a carteira em um dos milhares de bolsos internos e tirou o dinheiro necessário para pagar a máquina de café.

Sentou-se próximo a uma das paredes de

PERIGOSAS ACHERON

vidro e avistou a rua ainda movimentada. Nova Iorque nunca dormia e esse era um dos motivos pelo qual ele amava morar ali.

Longos minutos, ou talvez horas tivessem se passado sem que Derek notasse. Sua mente não parava de rodar em torno de Livie, planejando e moldando situações em que sempre acabavam com eles nus em uma cama.

Derek sorriu porque, apesar de querer, sim, levá-la para a cama, também desejava acariciar os longos fios vermelhos até vê-la dormir, abraçá-la de conchinha durante a noite e acordar com ela envolta em seus braços. Imaginou-se cozinhando algo especial para ela e, depois, os dois ficariam em frente à lareira, apenas conversando.

Só posso estar ficando louco, pensou tenso.

Assustou-se com o barulho alto de passos se aproximando, trazendo-o de volta à realidade. Olhou para o lado e viu um homem que aparentava ter uns vinte e três anos caminhar, aflito, até o balcão onde as enfermeiras ficavam.

O jovem era alto, magro, e tinha o cabelo preto e bagunçado. Vestia um blusão xadrez aberto por cima de uma blusa do *Pink Floyd* e sua calça

PERIGOSAS ACHERON

jeans era preta e muito justa. Uma corrente prateada estava pendurada em um dos bolsos traseiros até sumir dentro do bolso frontal e nos pés calçava botas quase iguais às de Derek, porém vermelhas.

Charles. Derek tinha certeza de que aquele era o namorado de Daisy.

Levantou-se e caminhou a passos largos na direção do balcão, aproximando-se do rapaz. Uma das enfermeiras estava lhe indicando onde ficava a enfermaria e, rapidamente, Derek se prontificou a levá-lo.

— Você deve ser o Charles, estou certo? — perguntou.

— Sim — O rapaz respondeu desconfiado. — Como você sabe?

— Derek Johnson. — Ele estendeu a mão e Charles a apertou com firmeza. — Fui eu quem quase atropelou a Daisy.

Charles o olhou com empatia e deu um passo em sua direção, abraçando-o em seguida. O ato deixou Derek desarmado e completamente embasbacado.

— Obrigado por cuidar dela. — O rapaz se afastou, seus olhos brilhavam com o que deveriam
PERIGOSAS ACHERON

ser lágrimas. — Daisy é muito desastrada. Quando ela não apareceu na nossa cabana, eu surtei imaginando o pior. — Derek sentia a angústia do rapaz à medida que as palavras saíam de sua boca.

— Ela está bem. Só torceu o pé. — Derek o acalmou e se afastou.

— Se algo de grave acontecesse a ela... Ela é tudo pra mim, entende? — A voz de Charles saiu angustiada.

Um coro de “*owns*” surgiu e Derek notou que várias enfermeiras estavam escutando a conversa. Instantaneamente, mirou seus pés e sentiu a familiar ardência no rosto. Antes que ele se recuperasse e falasse algo, Charles deu dois tapas em seu ombro e percorreu a curta distância que o separava da namorada.

Derek observou pela porta aberta a interação dos jovens. Charles parecia radiante ao ver que Daisy estava bem. Ele a abraçou e a beijou enquanto a olhava com devoção e a ouvia falar sobre alguma coisa qualquer.

Com as mãos nos bolsos, Derek retornou para onde estava, próximo da parede de vidro e sentou-se na poltrona outra vez. Olhou para o

PERIGOSAS ACHERON

relógio que ficava na parede, acima da máquina de café. O ponteiro menor apontava para o dez, e foi aí que ele teve certeza de que fantasiou por tempo demais com a médica ruiva.

Respirou fundo e buscou em sua mochila um bloco de post-it e uma caneta. Derek era o tipo de homem preparado para qualquer situação e guardava qualquer coisa que achasse útil na mochila.

Anotou seu telefone e dobrou o papel azul. Caminhou até Star, que era a única enfermeira no balcão e o entregou nas mãos dela, pedindo que desse a Daisy quando a visse sair.

Despedida não era algo de que Derek gostava, e não queria atrapalhar o casal. Preferiu que as coisas fossem dessa forma. Star acenou com a cabeça e sorriu para ele, colando o *post-it* na tela de um dos computadores.

Após uma última olhada pela porta da enfermaria, Derek caminhou calmamente até a porta do hospital. Sentiu o coração perder uma batida e depois outra cada vez que se afastava mais de Livie. Sua única chance com ela estava perdida por ser covarde demais para enfrentar sua timidez.

PERIGOSAS NACIONAIS

As portas automáticas se abriram, permitindo que o vento gelado da rua cortasse seu rosto. O frio era bem-vindo. Derek precisava dele para se acalmar e refletir melhor sobre a forma como se sentia.

Ele só tinha visto Livie uma única vez. Só havia trocado meia dúzia de palavras com ela, mas aquela mulher mexeu com algo dentro dele. Forçou sua mente a se concentrar no frio e no caminho que deveria seguir até a estação de metrô mais próxima.

Derek olhou para os dois lados da rua, tentando se situar. Quando finalmente lembrou-se de qual caminho deveria seguir, uma mão pequena e delicada agarrou a sua, fazendo calor irradiar por todo seu corpo.

Soube, nesse momento, que o destino estava lhe dando mais uma oportunidade, e ele não a deixaria passar. Ao menos uma vez, tentaria domar o monstro da timidez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

22:09

LIVIE

— Ei, Star! — Livie acenou para a enfermeira.

Depois de assinar a alta médica de Daisy, ela estava pronta para encarar Derek e seduzi-lo até que não restasse mais nada além de seus corpos nus e suados.

— Livie! — Star sorriu. — Já está indo?

— Já faz horas que meu plantão acabou, então, sim, estou indo — Livie brincou. Olhou para a sala de espera e seu coração perdeu uma batida. — Derek foi embora?

— Derek é aquele pedaço do céu que estava com Daisy?

— É o que quase a atropelou. — Livie puxou o cachecol, sentindo-se sufocada. — Ele já foi?

— Acabou de sair. — Star apontou para as portas duplas com o queixo. — Se você correr...

Ela não esperou Star completar a frase e saiu na direção da porta, vendo a silhueta dele pelo vidro espelhado. Derek estava imerso em seus pensamentos, olhando de um lado para o outro. Livie sentiu uma enorme vontade de se conectar a ele, de tocá-lo. Não queria se separar dele. Ainda não.

Pegou na mão dele e, apenas por um segundo, esqueceu-se de todo o resto, notando somente o calor que irradiava daquele pequeno contato. A mão dele era grande e um pouco áspera. Antes que Livie pudesse se policiar, seus pensamentos seguiram o rumo da tortura, imaginando qual seria a sensação de ter aquelas mãos calejadas passeando por todo o seu corpo.

Um arrepio atravessou sua coluna no mesmo instante em que seus olhares se conectaram. O verde dela perdido nos olhos azuis e confusos de Derek. O vento soprou mais forte, bagunçando seus cabelos vermelhos e ela o viu acompanhar cada ondulação de suas mechas.

— Oi — Livie sussurrou e Derek inclinou a cabeça, ligeiramente confuso.

— Doutora Lance?

Oh, oh! Livie fez uma careta antes de repreendê-lo.

— Está vendo aquela porta ali? — Apontou para as portas atrás deles e Derek concordou com um aceno de cabeça. — Do lado de fora eu sou apenas a Livie. Nada de “senhora” ou “doutora”, certo?

Derek sorriu. Lindo. Perfeito. Seus dentes brancos e alinhados praticamente brilhavam. Os lábios cor de pêssego estavam esticados e uma delicada covinha surgiu em uma de suas bochechas. Seus olhos estavam mais claros, sorrindo também.

Livie prendeu a respiração enquanto admirava aquela beleza, digna de ser retratada em uma tela pelo melhor dos artistas.

Nunca antes um homem a afetou de tal maneira. A forma como seu corpo esquentava com um único toque, ou como se sentia estranhamente insegura com suas atitudes quando estava perto dele, era como se uma pedra de gelo estivesse derretendo dentro do estômago.

— Livie. — Seu nome saindo dos lábios dele, com a voz rouca e aveludada, fez sua pele arrepiar. Ela queria gemer e implorar para que ele

PERIGOSAS ACHERON

falasse mais uma vez. — Que tal a gente tomar alguma coisa?

Ela soltou o ar que estava preso em seus pulmões e viu-se, pela primeira vez na vida, sem conseguir pronunciar uma única palavra. De repente, suas mãos começaram a suar e o coração a bater rápido como as asas de um beija-flor.

Sem conseguir encontrar sua voz, concordou com a cabeça e, ao tentar soltar a mão, sentiu Derek entrelaçar os dedos aos seus com um pouco mais de pressão que o necessário, em um pedido silencioso para que ela se permitisse ser guiada por ele.

— Tem uma cafeteria a algumas quadras daqui. Tudo bem pra você? — perguntou, puxando-a para o outro lado da rua. Livie ainda estava um pouco entorpecida e, ao mesmo tempo, excitada com a mudança de atitude dele.

Acenou com a cabeça em concordância e, com a mão livre, apertou a alça de sua bolsa ainda mais forte. Suas mãos juntas estavam suadas e quentes. Livie não era a única nervosa, ele também estava, e ela ficou feliz por notar isso.

Caminharam por dois quarteirões falando sobre coisas banais. Derek descobriu que Livie era

PERIGOSAS ACHERON

amante de carne e queijos, e confessou que adorava massas e um bom vinho. Ele quis saber o que a levou a escolher a ortopedia, e ela contou que, certa vez, caiu de um cavalo e quebrou o braço. Depois disso, ficou obcecada pela forma como os ossos se “curavam”.

Derek contou que era arquiteto e que adorava marcenaria e paisagismo. E que quando precisava de um tempo só para ele, trancava-se no galpão que tinha alugado e esculpia diversos móveis. Trabalhava em uma empresa grande, mas não pretendia ficar lá por muito tempo. Apenas o suficiente para juntar uma grana, conhecer melhor alguns dos clientes e, assim, abrir o seu próprio escritório.

Ela descobriu que Derek tinha trinta anos, e ele ficou surpreso ao saber que Livie era a caçula de cinco irmãos, apesar de ser mais velha do que ele.

Derek gargalhou quando ela contou algumas das peripécias que aprontava na casa dos avós na época das férias. E, ao contrário do que ele imaginava, não eram os irmãos que a incitavam a fazer qualquer coisa, era ela quem os desafiava.

Livie não prestou muita atenção na rua, nem no caminho que seguiram, mas sabia que a essa hora, as ruas deveriam estar um pouco menos cheias. Um sentimento ruim se apoderou dela, como se estivesse se esquecendo de algo muito importante. Forçou-se a não se preocupar, deixando aquela sensação estranha de lado.

Derek parou abruptamente e Livie não conseguiu evitar o choque entre seus corpos. Ele soltou suas mãos e se aproximou mais da porta envidraçada. Ela então notou um pequeno pedaço de papel colado no vidro, ao lado da placa de neon que dizia “fechado”.

— Merda!

Livie ofegou ouvindo-o xingar. Derek era tão fofo que um palavrão — não que ela achasse “merda” um palavrão — saindo da boca dele era discrepante. Viu-o pegar a mochila, colocá-la no chão e se agachar. Ele caçava algo dentro dela, desesperado.

Ao perceber seu comportamento estranho — Derek continuava a revirar a mochila enquanto xingava baixinho, agora ajoelhado na calçada —, Livie girou nos calcanhares e deu alguns passos até

PERIGOSAS ACHERON

a porta para ler o que estava escrito no papel.

“PREZADOS CLIENTES, VOLTAREMOS A ATENDER AMANHÃ.
FELIZ ANO NOVO!
BILL & JACK COFFEE”

Livie leu e releu a mensagem mais algumas vezes. Precisou de alguns minutos para absorver a informação, e ainda assim, nada fazia sentido. Sua mente era como uma folha em branco e ela precisou se esforçar para tentar se lembrar em que dia estavam.

Parou seus esforços ao ouvir Derek praguejar mais enquanto fechava o zíper da mochila com força.

Livie deu alguns passos até estar de frente para ele. Seus olhares se encontraram e ela viu que Derek carregava um olhar frustrado e um pouco irritado. O vinco na testa parecia mais fundo e as sobrelanceiras franzidas faziam-no parecer ainda mais preocupado.

Assistiu-o passar a mão pelos cabelos, tirando e colocando a touca no lugar. Ele puxou a gola da camisa, parecendo sufocado, e mordeu com força o seu piercing.

— Ei, não fica assim por causa de um café. Eu moro aqui perto e podemos tomar um chocolate quente com marshmallows feito especialmente por mim. — Ela soou doce. — Modéstia à parte — adicionou como se contasse um segredo —, vai ser o melhor chocolate quente da sua vida. — Livie concluiu lançando uma piscadela cúmplice.

— Livie... — Derek murmurou sério. Seu tom de voz era firme e um pouco contrariado. — Eu tinha combinado de me encontrar com All no Brooklyn.

All? Quem é All?, Livie pensou.

— Puta merda! Você ia de bicicleta até o Brooklyn? E quem tem um nome bizarro como *All*? — Ela fez uma careta ao pronunciar o nome, fazendo os cantos dos lábios de Derek subirem em um sorriso tímido.

— All é o meu melhor amigo. E sim, eu ia de bicicleta até o Brooklyn — respondeu dando de ombros. Livie ficou de boca aberta.

Seus olhos desceram para as coxas grossas escondidas pelo jeans. Um cara que pedalava das proximidades do hospital até o Brooklyn só poderia ter pernas definidas e musculosas.

Ela fez o cálculo mental da distância e sua boca se abriu ainda mais. Aproximadamente uma hora de pedalada. A boca salivou ao se imaginar lambendo aquele par de pernas grossas, arranhando-as e sentindo a dureza dos músculos.

— Livie? Você está me ouvindo? — Derek estava parado na sua frente e os olhos pareciam ainda mais azuis. Ela balançou a cabeça, afastando os pensamentos libidinosos.

— Desculpe, eu me distraí — respondeu.

— Percebi. — Ele ajustou a alça da mochila em seu ombro direito e começou a mexer novamente na argola de metal em seu lábio. — Você tem um telefone para me emprestar? — Livie inclinou a cabeça para o lado, confusa. — Eu devo ter perdido o meu durante o pequeno incidente com a Daisy — disse dando de ombros.

— Claro. — Livie piscou algumas vezes, aturdida, e abriu sua bolsa. Começou a vasculhar todos os bolsos à procura do pequeno aparelho cor-de-rosa. — Eu ainda acho o nome do seu amigo muito estranho — ela sussurrou.

— É diferente, mas não estranho. — Derek fez uma careta e Livie ofegou.

— Sério, como você consegue ser tão bonito? — ela questionou olhando-o encantada. Derek ficou em um tom de vermelho que a deixou desconfortável e preferiu mudar de assunto. — Vocês iam sair juntos? — perguntou, ainda revirando o conteúdo da bolsa.

— Sim. Íamos virar o ano juntos em uma festa da empresa em que eu trabalho...

Livie congelou.

Virar o ano?

Como assim virar o ano?

Virar. O. Ano.

Três palavras que fizeram seu sangue gelar e borbulhar ao mesmo tempo.

Summer. Droga!

— Derek? — indagou sem fôlego.

— Sim? — A voz dele estava hesitante.

— Que dia é hoje? — Ela já sabia a resposta, mas precisava da confirmação.

— Trinta e um, Livie. O último dia do último mês do ano — Derek respondeu, tentando fazê-la rir.

— Puta. Que. Pariu! — exclamou frustrada. Ela também se abaixou e começou a pegar as coisas

PERIGOSAS ACHERON

de dentro da bolsa e jogá-las no chão, sem qualquer traço de delicadeza.

Uma nécessaire com produtos de higiene parou no meio-fio. Depois, um de seus batons da Mac rolou em direção aos pés de Derek. O porta-absorvente rosa bateu contra o chão com força e se abriu, fazendo vários absorventes internos rolares pela calçada.

Ela precisava falar com Summer. Elas haviam combinado de se encontrar na Grand Station para ir assistir à bendita bola caindo na Times Square. Não que Livie se importasse de perder o espetáculo, mas o que a deixou nervosa era o fato de sua amiga não saber andar em Nova Iorque.

Mil perguntas surgiram na cabeça de Livie: *“Como Summer estava?” “Onde estava?” “Tinha voltado para casa?”*

A preocupação se fez presente, inibindo, por alguns minutos, o desejo latente em suas veias.

“E se ela foi assaltada? E se algum idiota mexeu com ela? E se...?”

Livie não queria mais pensar. Seu coração apertou e ela colocou a mão direita por cima, PERIGOSAS ACHERON

esfregando o local.

Derek provavelmente notou a palidez no rosto dela, pois logo tomou a bolsa de sua mão, encontrando o celular sem muito esforço.

— Sem bateria. *Droga!* — Ele entregou o aparelho à Livie, que começou a pegar as coisas do chão, jogando-as de qualquer jeito nos milhares de compartimentos da bolsa.

Livie não pôde evitar sentir medo por sua amiga. Summer devia estar com tanta raiva dela quanto era possível. E ela teria que bolar um ótimo plano para ser perdoada. O que ela havia feito encaixava-se na listinha dos *crimes cometidos por suas amigas e que eram supostamente perdoáveis*.

Um tremor passou pelo corpo de Livie e ela não conseguiu evitar a estrondosa gargalhada que escapou de seus lábios. Lágrimas corriam livres por suas bochechas e seu corpo convulsionava. Os soluços eram incontrolláveis. Livie tentou parar de rir, mas não conseguiu. Também tentou controlar as lágrimas, mas foi em vão. Era como se seu cérebro não assimilasse a gravidade da situação.

Sentiu braços fortes rodeando sua cintura, e o perfume de sândalo e rosas brancas invadiu suas

PERIGOSAS ACHERON

narinas, fazendo-a se acalmar aos poucos. Queria correr pela rua, berrando de forma desesperada o nome de Summer até encontrá-la, ou até esgotar suas energias. Mas seria loucura. A Times Square a essa hora já estava lotada. Nova Iorque estava lotada. Seria impossível encontrar qualquer pessoa.

Ela tentava parar de rir, mas não conseguia. A barriga doía, suas pernas fraquejaram e seus olhos ardiam. Ela estava em choque, e rir foi a brilhante forma que sua mente encontrou de extravasar.

— Puta merda, Derek! Eu sou uma péssima amiga. — Sua voz saiu manhosa e sentiu o peito de Derek tremer com uma leve risada. Ótimo, agora era ele quem ria de seu desespero, pensou.

— Nós somos, Livie. *Nós* somos.

— Fala sério! Como eu pude simplesmente me esquecer dela? — indagou baixinho.

— Acho que eu e Daisy fomos distrações o suficiente. — A voz dele tinha uma nota de arrependimento e Livie não gostou de ouvi-la.

— Nós sempre poderemos culpar a Daisy — Livie comentou. — Mas, talvez, até o final da noite a gente possa lhe agradecer.

Sentiu Derek acenar com a cabeça, concordando. Ela podia imaginar o rubor que tomava conta de sua face. *Tão adorável!* Porém preferiu ficar agarrada a ele mais um pouco.

Ele afagava suas costas com uma mão enquanto acariciava seus cabelos com a outra. Suas respirações estavam ritmadas, o coração de ambos batia em sincronia, até que Livie soltou-se dos braços dele e deu um passo para trás. Não adiantava chorar sobre o leite derramado, mas ela também não poderia simplesmente ficar na rua procurando pela amiga. Precisava ir para casa para carregar o celular e tentar falar com Summer.

— O chocolate quente ainda está de pé?

Ela olhou surpresa para Derek e não conseguiu segurar o sorriso que desabrochou em seus lábios.

As bochechas dele estavam vermelhas e seus olhos se afastaram do belo rosto de Livie, encarando o chão. Com certeza, para fazer essa pergunta, ele tinha se munido de toda a coragem que possuía.

— Claro que sim — respondeu. — Só não garanto os marshmallows.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

22:54

DEREK

Ao contrário do que Derek imaginou, Livie morava bem próximo do hospital. Foram necessários somente alguns poucos minutos a pé para que chegassem a um prédio simples, com a fachada toda preenchida por tijolinhos laranja.

Derek, como bom arquiteto que era, admirou a antiga construção por alguns instantes. As janelas grandes e de madeira mostravam diversos tipos de cortina por dentro dos apartamentos.

— Você vem?

Derek olhou para Livie. Estava tão absorto traçando as linhas da arquitetura do prédio, que mal notou que ela já o esperava com a porta aberta. Assentiu para ela e desejou muito que seu rosto não estivesse vermelho. Mas sabia que estava.

Subiu os três degraus da entrada e ouviu quando Livie trancou a porta atrás de si. Derek parou e fechou os olhos, sentindo o calor do

ambiente interno acariciar sua pele castigada pelo frio.

Os dedos finos e quentes de Livie se entrelaçaram aos seus e abriu os olhos. Ela estava parada à sua frente, observando-o. Derek sentiu um arrepio percorrer todo o seu corpo e estremeceu diante da intensidade nos olhos de Livie.

Ela brincou com a lapela de sua jaqueta e depois deslizou os dedos por seu rosto em uma carícia suave. Derek ofegou. Seu corpo estava completamente ligado, ciente da presença de Livie tão próxima.

Em um rompante de coragem, deu um passo à frente, colando seu corpo ao dela e memorizando o cheiro de jasmim que emanava de sua pele. Os olhos de Livie transbordavam desejo, assim como os seus. Colou suas testas e absorveu o calor do contato enquanto suas respirações se mesclavam.

Percebeu que Livie enrolou as mãos na lapela de sua jaqueta e a viu erguer-se nas pontas dos pés. Seu nariz tocou o dela e a respiração quente de Livie tocou o seu rosto, deixando-o arrepiado.

Livie puxou-o em sua direção e, um segundo

PERIGOSAS ACHERON

depois, suas bocas se encontraram. Um forte choque percorreu seu corpo, eletrizando-o. Aquecendo-o. Derek sentiu a textura dos lábios dela e o gosto de café e hortelã.

— Feliz Ano Novo! — Alguns rapazes desceram a escada correndo e gritando. Derek, assustado, deu um passo para trás, afastando-se de Livie. Durante todo aquele longo minuto, seus olhos travaram uma batalha silenciosa. Nem ao menos piscaram enquanto os rapazes passavam por eles festejando.

Derek viu um misto de sentimentos passar pelo rosto da ruiva. Decepção. Tesão. Determinação.

Livie despreendeu-se de Derek e indicou, com um gesto de cabeça, a escada. Ele compreendeu e rapidamente começou a segui-la.

Beijar Livie foi como experimentar um pedaço do paraíso. Entretanto, as reações que um simples beijo desencadeavam dentro dele deixavam-no confuso. Somente tinha certeza de uma coisa: queria mais. Muito mais.

Subiram os quatro lances de escada até o apartamento de Livie em silêncio. O barulho de

PERIGOSAS ACHERON

seus sapatos contra a madeira dos degraus era o único som ecoando pelo ambiente. Um clima de tensão se formou entre eles, deixando-os desconfortáveis.

Derek já havia estado com outras mulheres, mas nunca desejou alguém como desejava Livie. E nem tão rápido. Sexo, para ele, era a forma de ligar a carne ao espírito. Algo íntimo e não casual. Afinal, tímido como era, não conseguia simplesmente ficar com uma garota qualquer e levá-la para a cama.

Estava consumido por esses pensamentos quando tudo aconteceu. Derek sentiu um par de mãos pequenas empurrando-o contra a parede. Suas costas bateram no concreto gelado, deixando-o atordado. As mesmas mãos delicadas agarraram sua nuca com força, puxando-o para baixo.

A boca macia de Livie encontrou a sua mais uma vez. A quentura e textura daqueles lábios vermelhos o fizeram ofegar. Uma onda de excitação percorreu seu corpo. Em um segundo, Derek já não lembrava onde estava. Era somente ele, Livie e suas bocas famintas.

Sentiu um calafrio percorrendo toda a sua

PERIGOSAS ACHERON

coluna quando a língua de Livie tocou seus lábios. Derek abriu a boca e gemeu. Consumido pela adrenalina do momento, esqueceu-se de sua timidez. Correspondeu o beijo à altura. Lambeu, sugou e mordeu os lábios de Livie, deixando-a ofegante.

O beijo tornou-se desesperado. Seus dentes raspavam uns nos outros, e Livie empurrou a língua dela contra a sua, pedindo mais.

As mãos de Derek ganharam vida própria e agarraram a cintura de Livie. Ele estava muito excitado e não resistiu em pressionar o quadril contra o dela.

Ele era fogo e queria consumi-la. Marcá-la. Agarrar-se a cada pequeno pedaço do corpo de Livie. Fazê-la gritar seu nome e implorar por mais.

Esses pensamentos o atingiram como um raio e precisou se afastar para recuperar o fôlego. Sua pele formigava de prazer. Beijou-lhe o queixo e, em seguida, enfiou o rosto no pescoço quente de Livie. Inspirou o perfume dela e isso o acalmou. Ele faria esse momento ser único para os dois. Faria essa noite durar para sempre.

Notou Livie puxar o ar e soltá-lo lentamente,
PERIGOSAS ACHERON

tentando controlar a respiração. Ambos estavam embriagados pela luxúria. Derek sentiu quando ela se desfez de seu abraço e segurou em seu rosto com as duas mãos. Olhou-o de um jeito felino e cheio de malícia.

— Eu quero você, Derek. Na bancada da cozinha, no sofá da sala ou na minha cama. Não importa! Eu. Quero. Você. Agora!

Tomado pelo desejo, ele a puxou para si mais uma vez e a beijou sedento. Queria Livie tanto quanto ela o queria. Não tinha dúvidas a respeito disso. Pegou-a no colo e ela envolveu o seu quadril com as pernas. Seu corpo perfeitamente encaixado ao dela.

Soltou a boca dela, e sentiu Livie lambe e chupar a pele de seu pescoço enquanto ele lutava para conter os gemidos que brotavam em sua garganta. Derek subiu os últimos degraus da escada, deparando-se com um corredor largo e quatro portas idênticas.

— Qual delas? — Sua pergunta saiu como um rosnado, e ele notou Livie sorrir.

— A última, à direita.

A cada passo que Derek dava, seu membro
PERIGOSAS ACHERON

duro encostava no exato ponto sensível de Livie. Os dois estavam no limite, pendurados por um fio fino, completamente enlouquecidos de tesão. As unhas dela arranhavam sua nuca, e a picada de dor descia como um raio direto para seu pênis, fazendo-o pulsar e inchar ainda mais.

Derek estremeceu de prazer e prensou o corpo de Livie na parede ao lado da porta e a percebeu arquear as costas, empurrando o quadril de encontro ao seu. Agarrou-se ao pouco controle que ainda lhe restava e beijou Livie de forma intensa e sensual. Erótica até.

Suas línguas roçavam uma na outra, duelavam como dois guerreiros altamente treinados e experientes. Suas bocas estavam perfeitamente encaixadas. Os lábios de Livie eram macios e quentes, e Derek fazia questão de dar a devida atenção a eles.

Com uma das mãos, segurou-a pelos cabelos, fazendo-a ficar com a cabeça parada. Seus corpos se contorciam buscando por mais contato. Derek fazia amor com a boca de Livie. Sugava e lambia sua língua como um lobo faminto.

Um baque surdo ecoou pelo corredor,
PERIGOSAS ACHERON

fazendo-os se afastar pelo susto. Derek desceu Livie do seu colo, fazendo questão de que seus corpos se arrastassem. Olhou para os lados à procura da fonte do barulho. A leve gargalhada de Livie chamou sua atenção.

Viu-a se inclinar para frente e pegar a bolsa dela. Ele sorriu de volta e passou as mãos pelo rosto. O desejo ainda latejava em suas veias, implorando por mais. Seu membro estava dolorido, implorando para ser liberto. Derek suspirou.

— Desculpe pelo susto. — Livie destrancou a porta e a abriu de imediato. — Você me deixa tão louca que eu simplesmente larguei a bolsa de qualquer jeito.

Derek tentou pensar em algo descontraído para responder, mas nada surgiu. Ao passar pela porta, precisou piscar algumas vezes, acostumando os olhos à claridade da sala.

O apartamento era aconchegante, apesar da pouca decoração. Os móveis eram brancos, assim como as paredes. Faltava cor na casa de Livie, mas o estilo moderno dava um ar de classe ao ambiente.

O olhar de Derek parou no meio da sala, onde Livie estava. Ela o olhava da cabeça aos pés,
PERIGOSAS ACHERON

cheia de expectativa. O coração de Derek deu um salto ao perceber as chamas que brilhavam por detrás das íris verdes dos olhos dela.

Livie sentou-se no braço do sofá de couro. Colocou um pé sobre a mesinha de centro e desceu o zíper da bota. Lentamente, repetiu o processo com o outro pé. Ele a observou morder o lábio inferior enquanto ficava em pé novamente. Acompanhou os movimentos dela, vendo-a puxar o cachecol que já estava desamarrado.

Seus olhos se moveram para baixo ao notar que ela desabotoava o sobretudo. Viu-a deslizá-los pelos ombros, deixando-o cair no chão aos pés dela.

Em seguida, ela puxou a blusa pela cabeça, deixando a pele leitosa da barriga à mostra. O sutiã de renda vinho modelava perfeitamente seus seios. Uma fênix enfeitava sua cintura na altura da costela e parecia bater asas conforme Livie respirava.

Derek sentia-se torturado vendo-a desabotoar a calça jeans e deslizá-la pelas pernas. Precisou conter-se para não gemer diante da mais perfeita obra de arte à sua frente.

A calcinha de Livie não era pequena como

PERIGOSAS ACHERON

ele esperava que fosse. Lembrava uma cueca, mas a renda que cobria seu quadril não escondia absolutamente nada.

Com os olhos, Derek percorreu cada milímetro de pele exposta. Livie era perfeita.

Ouviu um pigarrear e rapidamente ergueu os olhos. Encontrou-a com uma expressão divertida no rosto, e um sorriso safado desenhava seus lábios.

— O que acha de continuarmos de onde paramos? — A voz dela soou rouca de desejo e o membro de Derek se remexeu em suas calças.

— A-acho uma ó-ótima ideia — ele gaguejou nervoso e, ao mesmo tempo, excitado.

Deu dois passos na direção de Livie e retirou sua jaqueta, descartando-a no chão. Puxou a blusa por sobre a cabeça, apressado, e a touca saiu junto. Abriu o botão da calça jeans e desceu o zíper.

Tentou tirar os coturnos e quase perdeu o equilíbrio. A risada de Livie ressoou pela sala e Derek retribuiu o sorriso, sem se importar com o constrangimento. Descartou as calças e, assim como Livie, permaneceu com as roupas íntimas.

A expressão de Livie mudou de divertida para faminta. Devorava Derek com o olhar,
PERIGOSAS ACHERON

demonstrando a enormidade do seu desejo. Deu mais um passo na direção dela, sentindo o tapete felpudo entre os dedos dos pés.

Parou quando ela estendeu a mão com os dedos trêmulos e começou a traçar as linhas firmes que contornavam seus músculos. O toque dela funcionava como uma fagulha, espalhando fogo por sua pele.

Livie fechou o espaço entre eles, encostando seus corpos, pele contra pele. Descansou a mão na nuca de Derek e começou a brincar com alguns fios de seu cabelo. Sorriu quando percebeu que ele estava de olhos fechados, tentando conter a erupção que surgia dentro de seu corpo.

Derek sentiu a língua dela serpentear para fora dos lábios e contornar um dos seus mamilos. Ele jogou a cabeça para trás e soltou um gemido rouco de prazer. Queria ir devagar, absorver o mais leve toque de Livie, dar-lhe prazer, fazê-la desejar seu toque cada vez mais. Reivindicá-la como sua.

Sentiu as unhas dela raspando seu abdome e abriu os olhos. Foi necessária muita força de vontade para se manter firme. Ele queria jogá-la na parede e enterrar seu membro o mais

PERIGOSAS ACHERON

profundamente possível dentro dela.

Livie acariciou sua ereção por sobre o tecido fino da cueca. A mão quente e os dedos delicados fizeram-no arfar. Desejo corria em seu sangue e, com um rugido, puxou-a pelos cabelos, colando suas bocas, explorando e tomando tudo dela.

Ela continuava a acariciar seu membro em um ritmo perfeito e cadenciado. Derek queria mais. Precisava de mais.

Soltou-a e puxou o ar com força, tentando controlar sua respiração afetada. Seus rostos estavam próximos e seus hálitos se mesclavam. Derek tentou beijar Livie mais uma vez, porém ela desviou o rosto, enfiou a cabeça na curva do pescoço dele e o lambeu.

— Eu quero você, Derek — Livie sussurrou, e o hálito quente que saiu da boca dela bateu no rastro molhado pela saliva, fazendo Derek estremecer.

— Então me tome, Livie — ele sussurrou de volta.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

23:24

LIVIE

Livie sorriu, pronta para tomar tudo dele. Empurrou-o até o sofá, fazendo-o se sentar com as pernas abertas. Passou os olhos mais uma vez pelo corpo bronzeado e definido dele, salivando.

Queria passar a língua em cada traço, morder cada pedaço de pele, até se fartar.

Lambeu a linha do maxilar de Derek e distribuiu beijos pelo pescoço, descendo por todo o peito dele. Livie lambeu um mamilo ao mesmo tempo que usou os dedos para beliscar o outro. Deu leves mordidinhas pelos gomos do abdome trincado e parou no umbigo, enfiando a língua no pequeno buraco.

Embaixo dela, Derek se remexeu. Seu maxilar estava travado e ele tinha um vinco entre as sobrancelhas. Livie sentiu o quadril dele empurrando em sua direção e sorriu. Mordeu a pele um pouco acima do elástico da cueca, e fincou as

unhas nas coxas grossas e torneadas, dando leves arranhões na pele dourada. Derek ficou tenso e estremeceu, soltando um longo gemido.

Agachou-se e esfregou a palma de sua mão com força entre as pernas dele, sentindo-o pulsar. Derek era um homem bem-dotado e Livie estava disposta a descobrir como seria tê-lo dentro de si.

Enfiou os dedos dentro da cueca, puxando-a para baixo. Derek subiu o quadril, tão ansioso quanto Livie por se livrar da peça de roupa.

Ela admirou, orgulhosa, a ereção que Derek ostentava. A haste longa e grossa era encabeçada por uma coroa rosada e suave. Com a ponta do indicador, trilhou os sulcos que levavam da base até a cabeça, espalhando o líquido transparente que gotejava pela pequena fenda.

Inclinou a cabeça para mais perto, sorvendo o cheiro almiscarado. Sua respiração quente bateu na carne rosada dele, fazendo-o gemer. Livie não resistiu à tentação e quis saboreá-lo.

Lambeu e sugou a ereção, e o gemido que obteve como resposta só a estimulou a chupar ainda mais forte. Traçou com a língua todo o comprimento para depois, levá-lo o mais fundo

PERIGOSAS ACHERON

possível em sua boca.

Sentiu os dedos firmes de Derek em seus cabelos. A ardência dos puxões enviava um raio de tesão direto para seu ventre, fazendo-a ficar mais excitada. Livie relaxou sua garganta, sentindo-o chegar mais fundo.

Olhou-o por entre os cílios e gemeu. Derek estava com a cabeça deitada no encosto do sofá e a expressão de prazer dele era plena. Livie sentiu-se maravilhosa por saber que a responsável por ele estar se contorcendo e gemendo de forma descontrolada era ela.

— Livie — chamou ofegante. — É melhor parar. Mas eu não quero que você pare... — Terminou a frase com um gemido.

Livie sugou o comprimento dele com força, soltando-o bem devagar. Derek estava ofegante, a pele brilhava com algumas gotas de suor. Seus olhos pareciam duas fogueiras acesas e isso deixou Livie ainda mais incendiada.

Ela colocou seu sorriso mais safado no rosto e o olhou. Nunca foi fã dos olhares maliciosos que recebia na rua, mas algo em Derek a fazia desejar ser observada dessa forma.

Por ele. Somente por ele.

Deu um passo para trás, tentando parecer o mais sensual possível. Livie virou-se de costas e, olhando para ele por cima do ombro, abriu o fecho do sutiã. Desceu primeiro uma alça, depois a outra e, por fim, girou em seus calcanhares, parando de frente para ele novamente.

Tirou o sutiã, jogando-o no chão. Passou os dedos pelos mamilos já duros e massageou os seios pesados. Um gemido baixo escapou por seus lábios quando jogou a cabeça para trás e puxou o ar com força. Fechou os olhos ao sentir o tesão estalando entre eles.

Deslizou as mãos por todo o corpo, demorando-se em algumas partes mais sensíveis. Brincou com a calcinha, fincando os dedos nas laterais e puxando-a para baixo sem pressa. Livie subiu as mãos por suas coxas e abriu os olhos.

Derek a olhava faminto, brincando com o piercing no lábio. Mas o que a deixou embasbacada não foi só a intensidade do olhar, e sim o fato de ele estar olhando para o seu rosto. Livie ficou parada, sentindo a mudança no ar. O que antes era pura luxúria, nesse momento tornou-se algo mais.

Notou o movimento da mão, subindo e descendo pelo membro duro. A forma como o peito dele subia e descia, os músculos tensos e o olhar faminto... Ela gemeu mais alto.

Derek levantou-se do sofá e andou até ela, deixando um espaço mínimo entre eles. O olhar dele varreu o corpo esguio de Livie, provocando nela as mais diversas reações. Seus mamilos ficaram ainda mais duros, seu abdome se contorceu e ela precisou flexionar os dedos dos pés para retrain a vontade louca de se jogar em cima dele.

— Você é linda — ele sussurrou com a voz rouca.

Livie ficou na ponta dos pés, mais uma vez, e selou seus lábios nos dele. Derek tinha os lábios perfeitamente desenhados e o beijo transbordava o desejo que ambos sentiam.

Seus seios roçavam no peitoral dele, causando uma leve fricção que enviava uma descarga elétrica por todo seu corpo. Derek a beijava com ardor, repleto de paixão. Livie sentia as mãos dele acariciando suas nádegas e descendo, até parar em suas coxas. Sem aviso, a puxou para o colo dele. Em reflexo, Livie enlaçou as pernas na

PERIGOSAS ACHERON

cintura dele, fazendo seus corpos se encaixarem com perfeição.

Afastou sua boca da dele em busca de ar, mas Derek não lhe deu tempo de se recuperar. Arrastou a boca por todo seu pescoço e colo, mordendo, lambendo e chupando. Atento aos gemidos que saíam da sua boca.

— Eu quero estar dentro de você, Livie. *Tanto* — sussurrou contra seu ouvido. — Eu prometo que depois eu te compenso, mas agora, me deixe ter você.

Livie estava envolta em uma nuvem de prazer e não conseguiu dizer nada, apenas aquiesceu.

Derek deu alguns passos para trás, seus sexos roçavam conforme se moviam, deixando-os ainda mais excitados. Colocou-a no sofá com delicadeza e logo em seguida, posicionou seu corpo quente e pesado sobre o de Livie.

Sua ereção roçava a entrada de Livie, e ela gemia e rebolava, implorando, desejando mais. Precisava senti-lo dentro dela. Precisava aplacar o fogo que a consumia.

— Camisinha, Derek — sussurrou em meio

PERIGOSAS ACHERON

à onda de luxúria.

Ele relutou em se afastar. Seu corpo ardia por estar dentro dela, mas a segurança vinha sempre em primeiro lugar. Deu um beijo estalado na boca dela e se levantou, buscando um preservativo em sua mochila.

Livie acompanhou todos os movimentos de Derek. A forma como os músculos das costas dele se contraíam e relaxavam deixou-a hipnotizada. Derek foi rápido e, quando se virou para ela, já estava colocando o preservativo.

Vê-lo desenrolando o látex sobre o membro deixou-a extasiada e, sem perceber, Livie levou uma de suas mãos até o meio de suas pernas, acariciando-se. Derek gemeu e, rapidamente, deitou sobre ela e a penetrou de uma única vez.

Livie jogou a cabeça para trás, soltando um grito que foi engolido pelos beijos de Derek.

Ele a penetrava cada vez mais fundo, atingindo um determinado ponto sensível que a tirou de órbita. A cada estocada, Livie o sentia bater em seu útero, ao mesmo tempo que a pele dele, protegida pelo látex, roçava em seu clitóris. A força com que ele a segurava, somada a cada

PERIGOSAS ACHERON

choque que seu corpo recebia quando uma parte dele tocava nela, a fez gritar cada vez mais alto.

Derek gemia de forma baixa e rouca em seu ouvido. Ele a beijava com a mesma intensidade que a penetrava.

Livie sentiu os músculos de seu abdome se contraírem. Sentiu as leves espirais começarem a cercá-la. Todas as sensações ficaram ainda mais intensas. O cheiro dele, o toque dele, a forma como ele a penetrava. Era demais. Muita coisa para assimilar.

Derek chupou o lóbulo de sua orelha e assoprou. Enfiou uma mão embaixo da cabeça de Livie, puxando seu cabelo. Ela o olhou nos olhos e viu ali o espelho de suas emoções.

— Eu vou te amar uma vez e depois e outra, Livie. Vou te dar o melhor de mim. — A voz de Derek estava carregada de uma emoção, até então, desconhecida. — O último orgasmo do ano e o primeiro do resto de nossas vidas.

— Sim! Por favor! — ela gemeu. As palavras sendo absorvidas aos poucos por seu coração, levando-a ainda mais perto do ápice. — Me dê tudo, Derek. Tudo!

Ele empurrou mais fundo e as estocadas ficaram mais rápidas e intensas. O corpo sendo guiado pelos instintos. E pelo desejo.

Seus corpos, suados, escorregavam um no outro, enviando leves choques direto para a vagina de Livie. Ela notou a tempestade se formando em seu ventre e começou a impulsionar seu quadril de encontro ao dele, no mesmo ritmo.

— Só mais um pouco, Derek — ela implorou. — Estou quase lá. Por favor!

Livie sentiu a mão dele descer pela lateral do seu corpo em uma carícia suave e firme. Derek colocou a mão entre eles, e pressionou seu clitóris. Livie cravou as unhas nas costas de Derek e gritou o nome dele.

A leveza tomou conta de seu corpo. Suas pernas perderam a força e tudo se contraiu e estremeceu. Seu coração batia descompensado e seus olhos se recusavam a abrir. O prazer era tanto que Livie sorria feito uma idiota.

Suas paredes internas se contraíram em espasmos e apertaram o membro duro de Derek, puxando-o para um orgasmo arrebatador.

Ele gemeu em seu ouvido. Tão másculo. Tão

PERIGOSAS ACHERON

viril.

O corpo de Derek prensou o de Livie no sofá, e ela sentiu-se aquecida e protegida. Acariciou as costas dela e beijou-a no ombro. Nunca antes sentiu tanta vontade de dar carinho a alguém.

Suas respirações se acalmaram e voltaram ao ritmo normal. Ele levantou o tronco, apoiando-se nos dois braços, um de cada lado da cabeça de Livie.

Ficaram se olhando por alguns minutos. Livie queria gravar esse momento em sua memória. As bochechas coradas, o suor na testa, os lábios inchados e o cabelo desgrenhado. Ele a fitava de um jeito íntimo, quente e cheio de carinho. A segurança que Derek lhe transmitia, aquecia seu corpo e seu coração. Livie quis guardar esse momento na memória. Para sempre.

Fogos de artifício romperam no céu, as luzes coloridas penetraram pela janela e o barulho os fez sair de seus devaneios. Derek sorriu, sua covinha aparecendo.

— Feliz Ano Novo, Livie — disse.

— Feliz Ano Novo, Derek.

E para fechar o ano de forma ainda mais
PERIGOSAS ACHERON

perfeita, suas bocas se uniram em um beijo cheio de significado, e Livie ficou feliz por ele ser o seu “estranho”.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

00:45

DEREK

— *Mmm* — Livie gemeu. — Sem dúvida, esse é o melhor chocolate quente que já tomei.

Derek abriu seu maior sorriso ao vê-la se lambuzar. Depois de se agarrarem no sofá como um casal de adolescentes, tomaram um banho escaldante, juntos. Derek aproveitou a oportunidade para desvendar o corpo de Livie com as mãos e a boca, dando-lhe prazer até que ela não conseguisse mais permanecer em pé.

Satisfeito consigo mesmo, Derek se ofereceu para fazer a bebida. Sem marshmallows, porém com bastante chantilly.

Livie sentou-se no banco alto próximo ao balcão, vestindo somente a camisa dele. Os cabelos molhados estavam jogados para o lado e ela tinha as bochechas vermelhas. Tão graciosa. Seus olhos estavam fechados enquanto ela tomava mais um gole da bebida quente.

— Que bom que superei suas expectativas
— Derek comentou com um tom divertido.

— Em mais de uma coisa, bonito.

Livie soprou-lhe um beijo e Derek explodiu em uma sonora gargalhada. Seu rosto estava tingido de vermelho, mas ele não se importou em parecer tímido. Livie era uma pessoa muito fácil de lidar. Ela era objetiva e descontraída, além de sexy e bem-humorada. Ele podia se permitir ficar tímido perto dela, ser ele mesmo, e isso o deixava extremamente confortável.

— O que você espera para esse ano?

Livie o olhou por cima da xícara. Seus olhos brilhavam como duas joias enquanto pensava por alguns segundos.

— Eu não sou o tipo de garota que cria expectativas a longo prazo. Não gosto de ficar fazendo planos para o futuro. Tenho o péssimo hábito de surtar quando algo dá errado e, acredite em mim, algo sempre dá errado. — Livie apoiou um cotovelo no balcão e segurou o rosto com a mão. — Eu sou mais do tipo que se mantém neutra, pensando positivo e agarrando as oportunidades que surgem, dando valor ao menor dos detalhes.

Derek a olhava hipnotizado. A voz melodiosa de Livie soava nostálgica no começo, mas logo normalizou. E o sorriso que ela lhe deu fez seu mundo tremer. O coração batia forte em seu peito e, nesse instante, ele teve a certeza de que não queria que essa fosse a única noite com ela. Queria Livie em sua vida. Como amiga, amante, ou o que quer que ela quisesse ser.

— Eu não quero ir embora, Livie — ele sussurrou. O rubor tomou conta de sua face e Derek desviou os olhos dela, constrangido pela sua confissão.

O silêncio que se instalou o deixou tenso. Derek olhou para baixo, onde seus cotovelos repousavam de forma despreocupada. Tentou manter a postura relaxada, mas falhou. Braços quentes enlaçaram sua cintura e ele fechou os olhos ao sentir Livie deitar a cabeça nas suas costas.

— Eu não pensei em te deixar ir, Derek — ela desabafou. — Ao menos, não enquanto você quiser ficar.

Ele se virou para ela, puxando-a para um abraço. Livie enterrou o rosto dela no seu peitoral, absorvendo o contato da sua pele quente.

PERIGOSAS ACHERON

Respirando o cheiro de seu sabonete misturando-se à sua essência natural.

— Eu me sinto estranho por sentir... coisas.

Livie tentou se afastar para olhar em seus olhos, mas Derek apertou-a ainda mais em seus braços.

A única vez que assumiu qualquer coisa diante de uma mulher foi com sua primeira namorada, no último ano do ensino médio. Ela riu da sua cara antes de lhe dar um pé na bunda, com a desculpa de que ninguém ia comprometido para a faculdade.

Desde aquele momento, Derek preferiu manter-se fechado para relacionamentos. Uma ou outra mulher lhe despertou interesse, mas sempre foi muito difícil para ele se abrir e puxar assunto com o sexo oposto.

— Quem determina o tempo certo para sentir somos nós, Derek — Livie disse com a voz firme, despertando-o de seus pensamentos. — O resto não importa.

Derek respirou fundo, inalando o perfume dela, acalmando seus pensamentos.

— Você....

— Eu me sinto da mesma forma. — Livie esfregou o nariz no seu peito e lambeu seu mamilo. — Eu quero ver aonde isso entre nós vai dar. — Derek relaxou sua postura e desceu a mão para a bunda dela, deixando um aperto firme.

Livie arranhou suas costas e chupou o outro mamilo com força.

— Já disse, Derek, eu agarro as oportunidades e valorizo os detalhes.

Derek enrolou seus dedos nos fios úmidos e vermelhos, puxando-os até que Livie tivesse o pescoço inclinado. Deixou um rastro de beijos pelo pescoço dela e parou com a boca colada ao ouvido de Livie.

— Então acho melhor me agarrar com bastante força, doutora. — Ele a puxou para seu colo, levando-a para o quarto aos beijos.



Derek estava deitado de costas, olhando para o teto. Seus pensamentos fluíam de volta para os minutos anteriores, quando Livie se entregou para ele sem reservas, sem pedir nada em troca.

Livie passou pela porta completamente nua. Uma escova de dentes pendurada na boca e o telefone em mãos. Tinha tentado entrar em contato com a amiga dela muitas vezes, assim como ele havia tentado falar com All, mas as linhas pareciam congestionadas. Ou ambos amigos estavam muito bravos com eles.

— Sabe... ela vai te desculpar. — Livie ergueu os olhos para ele e arqueou uma sobrancelha. — Sua amiga. Ela vai te desculpar quando você contar para ela o que aconteceu.

Livie revirou os olhos e deu as costas, voltando para o corredor. Derek suspirou e voltou a olhar para o teto. Ele sabia que precisava ir embora, mas não queria. Algo em Livie o fazia querer ficar perto.

A cama afundou ao seu lado e o corpo suave dela se embolou ao dele. Derek sentiu os lábios macios em seu peito e sorriu. Ele desejou ter esse tipo de relação por um longo tempo, e Livie o fazia desejar ainda mais.

Sentia-se louco por pensar de forma tão intensa em uma mulher que ele mal conhecia, mas o destino era um senhor tão louco quanto, desses

PERIGOSAS ACHERON

que adoram bagunçar a vida alheia.

— Você acredita em destino? — A voz de Livie soou baixa.

— Sim. Acho que sim — Derek respondeu.

— Acha? — Livie se apoiou em um cotovelo e o olhou divertida.

— Eu acho que o destino é um homem. — Ele virou-se de frente para Livie e passou uma mão na cintura dela. — Um velho insano que conspira de um jeito errado para que as coisas certas aconteçam.

Os lábios de Livie ergueram-se em um sorriso incrível e ela jogou a cabeça para trás. O som de sua risada, leve e rouca, reverberou pelo quarto e Derek sentiu um peso no estômago.

— Você está duvidando? — ele perguntou, divertindo-se.

— Não! — Livie falou entre uma risada e outra. — Você tem uma imaginação e tanto. Como chegou a essa conclusão?

— Bem, para começar, eu não sou louco. Eu só estava pensando sobre isso pouco antes de você perguntar. — Livie ergueu uma sobrancelha de forma irônica e foi a vez de Derek rir. — É sério!

— Eu estava nua no cômodo ao lado e você estava pensando no louco do destino?

— Vendo por esse lado, realmente não parece ser algo bom — disse cauteloso. — Mas você não acha estranho? Nós dois, quero dizer.

Livie balançou a cabeça em negativa.

— Então para você é normal trazer um desconhecido para o seu apartamento e atacá-lo com beijos indecentes na escada?

Livie abriu os olhos, espantada. Talvez Derek tivesse soado um pouco mais ríspido do que gostaria.

— Claro que não, Derek — respondeu suavemente. — Mas eu também não sou nenhuma santa. Você não é o primeiro cara com quem eu transo na minha cama, porém sou residente plantonista na emergência de um dos melhores hospitais do Estado e isso significa que não tenho tempo sobrando para paquerar.

Derek acenou com a cabeça. Imagens de Livie se contorcendo de prazer naquela mesma cama com outro homem invadiram sua mente e ele ficou tenso. Não tinha direito de sentir ciúme, porém não era algo que ele conseguisse controlar.

A mão de Livie acariciou seu rosto, tirando-o de seus pensamentos.

— Você falou sério mais cedo?

Derek olhou para ela, confuso.

— Quando disse que aquele orgasmo era o primeiro do resto de nossas vidas — ela sussurrou.

Derek sorriu mostrando seus dentes perfeitos e a covinha que deixava Livie arrebatada.

— Só se você quiser, Livie. — Ele se inclinou e selou os lábios dela em um beijo rápido.
— Somente se você me quiser.

Derek a fitava com intensidade e seus olhos, de um azul profundo, brilhavam. Ele encarava o par de olhos esmeralda com reverência. As linhas de expressão no canto dos olhos davam um charme a mais ao rosto elegante dela.

— Vamos ver aonde isso vai dar, tudo bem?
— Derek perguntou, quebrando um pouco a tensão que explodia entre os dois.

— Tudo bem — Livie respondeu e engoliu em seco. — Mas eu vou querer encontros de verdade.

— Encontros de verdade? — Derek perguntou e Livie revirou os olhos, aconchegando o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo dela ao seu.

— Um jantar romântico, uns amassos no cinema e andar de mãos dadas na rua. Essas coisas que casais comuns fazem para se conhecer.

Derek respirou fundo e engoliu sua vergonha, lembrando-se de sua primeira resolução para o Ano Novo.

— Que tal começarmos agora? — perguntou.

— Vamos andar de mãos dadas na rua agora? — Livie gracejou.

— Não. Vamos colocar um filme e dar uns amassos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

05:49

LIVIE

Livie acordou e sentiu um corpo forte e duro atrás de si. No primeiro momento, ficou tensa, mas depois, imagens da noite anterior invadiram sua mente e ela relaxou e sorriu, aconchegando-se mais a Derek.

A mão dele repousava em seu abdome e, por estarem nus, o membro ereto descansava entre suas coxas. Livie gemeu lembrando-se da forma desesperada com que se amaram. Derek merecia um prêmio por proporcionar a ela uma noite incrivelmente perfeita.

Levantou devagar, tomando cuidado para não acordá-lo e foi para o chuveiro. Aproveitou a água quente para relaxar seu corpo que estava dolorido nos lugares certos.

Já passava das seis quando Livie, enfim, rumou para a cozinha. Pegou alguns ingredientes no armário e começou a cortar o pão em fatias.

Cozinhar a ajudava a clarear os pensamentos.

Livie perdeu a noção do tempo pensando em maneiras de manter Derek interessado nela. Uma noite não foi o suficiente e, mesmo que eles se encontrassem centenas de vezes, ainda assim, ela sentia que iria querer mais.

Estava polvilhando a mistura de açúcar e canela por cima das rabanadas quando ouviu um pigarrear. Ergueu a cabeça e encontrou um Derek deliciosamente vestido.

Reparou nos pés descalços primeiro, depois viu que a calça jeans, ao contrário da que ele usava na noite anterior, era escura e mais justa ao corpo. A camisa social branca tinha os três primeiros botões abertos e as mangas dobradas até o cotovelo.

— Bom dia — ele disse colocando as mãos nos bolsos da frente. — O cheiro estava tão bom que precisei acordar.

Livie fez uma expressão de espanto bem dramática, colocando uma mão no peito e a outra na testa antes de dizer:

— Então não foi a falta do calor do meu corpo que te despertou, oh, belo príncipe?

Derek desatou a rir e caminhou até ela. Livie
PERIGOSAS ACHERON

estava vestida com uma camisa de algodão que ia até o meio de suas coxas, seu cabelo estava preso em um coque desarrumado e ela cheirava a fritura e canela.

Lambeu os lábios com a proximidade de Derek. Passou suas mãos pelos ombros dele, puxando-o ainda mais para baixo e o beijou. Sua língua o explorava e o metal gelado do piercing, roçava em seus lábios, enviando pequenos choques para o seu corpo.

— É melhor a gente tomar café da manhã — ela murmurou, com suas bocas ainda coladas. Derek acenou com a cabeça e se afastou. Pegou uma rabanada do prato e a mordeu.

Livie aproveitou o momento de distração dele, serviu duas xícaras de café e se juntou a ele para comer. Em silêncio, o casal trocava olhares intensos e ansiosos. Ambos sabiam que aquela noite tramada pelo destino chegaria ao fim a qualquer momento.

O silêncio era confortável e dizia mais do que milhares de palavras poderiam dizer. Tanto ela quando Derek estavam expostos, inteiramente abertos um para o outro. As emoções desfilavam

PERIGOSAS ACHERON

entre eles, livres e desimpedidas.

— Livie...

— Eu odeio despedidas — ela o interrompeu.

— Eu... — Ele tentou começar mais uma vez.

— Talvez seja melhor eu ir para o quarto e, então, você sai de fininho pela porta — ela tagarelou nervosa. — É. Isso é o melhor a se fazer. Talvez eu vá para Boston ainda hoje. Posso me arrastar pelo chão de joelhos e implorar perdão a Summer.

— Livie...

— E aí a gente pode esquecer a noite de hoje. Simples. Fácil.

Derek puxou-a pela mão e eles caminharam juntos até a porta. Livie notou então que ele já tinha preparado tudo para a partida. A mochila colocada estrategicamente ao lado da porta lhe dizia isso.

— Livie. — Ela o olhou e viu sua expressão fechada. Ele parecia irritado. — Eu não sou maluco. Nós conversamos bastante durante a noite e eu já disse que quero fazer isso aqui — ele usou o indicador e apontou para si e depois para ela —
PERIGOSAS ACHERON

funcionar e, pelo que eu me lembro, você concordou com isso.

— Eu sei, Derek. Mas é que nada disso parece real. Não tem nem vinte e quatro horas que estamos juntos e eu já me apeguei a você! — ela explodiu.

— Eu me sinto da mesma forma, Livie. — Ele suspirou e a puxou para um abraço apertado, deixando um beijo no topo de sua cabeça. — Eu preciso ir até o Brooklyn ter notícias do All, mas eu volto à noite. Se você quiser, claro.

Ela se afastou e a expressão em seu rosto transparecia o alívio em seu coração.

— Eu detesto comida japonesa.

— Vou cozinhar para você. — Ele passou a mão pela sua bochecha, acariciando-a levemente. — Que tal uma carne com molho de ervas e pão?

— Eu posso fazer a salada.

— Ótimo! — Eles sorriram um para o outro e Derek se inclinou, beijando-lhe a testa demoradamente. — Até a noite, Livie.

— Até a noite, Derek.

Livie o viu partir, mas ao contrário do vazio que deveria sentir ao dar-se conta de que ele estava

PERIGOSAS ACHERON

indo embora, foi a ansiedade que, correndo livre por suas veias, a deixou eufórica. Fechou a porta atrás de si e, sorrindo, caçou o celular pela sala e enviou uma mensagem para sua melhor amiga.

Eu sei que você deve estar me odiando agora, mas eu precisava falar com alguém. E, bem, você é a minha melhor amiga, certo? Ok. Lá vai:
ESSE FOI O MELHOR ANO NOVO
DA MINHA VIDA,
Summer! Te amo! Feliz 2018!

FIM.



Virada de Plano

E eu quero te agradecer
Por me dar o melhor dia da minha vida
Oh, simplesmente estar com você
É ter o melhor dia da minha vida
THANK YOU - DIDO.

C. M. Carpi

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



**Nova Iorque, 31 de dezembro de
2017.**

Quase 20:45.

SUMMER

Ajeito minha mochila de unicórnio nas costas, tiro a touca e prendo o cabelo em um rabo de cavalo. Apesar de a temperatura estar perto dos 10 graus negativos do lado de fora da Grand Station, aqui, no saguão lotado de pessoas, está quente. Talvez não esteja fazendo calor. Talvez seja apenas a minha empolgação e nervosismo. Afinal, estou em Nova Iorque pela primeira vez, vou ver a bola caindo na *Times Square*, e Livie está atrasada. Para ser mais exata, ela está quarenta e cinco minutos atrasada e isso me deixa ainda mais nervosa. Pesco o celular dentro do bolso, destravo a tela e percebo, contrariada, que não há nenhuma ligação perdida ou mensagem dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para todos os lados, mordo o lábio inferior com bastante força e tento não chorar, apesar de já sentir lágrimas ardendo nos olhos. Ligo para ela mais uma vez, mais duas e continua caindo na caixa postal. Na quarta tentativa, as lágrimas descem e eu as enxugo rapidamente. Encaro o teto verde e abobadado, encaro algumas pessoas sorridentes e outras nem tanto, observo a bandeira americana que está pendurada acima da minha cabeça e o imponente relógio dourado e de quatro faces sobre o balcão de informações. Fecho os olhos antes que vá à loucura e inspiro e expiro calmamente.

Ela vai chegar. Ela vai chegar. Ela vai chegar.

Eu sei que vai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

21:53

SUMMER

— Eu vou te matar, Livie! Juro por Deus que vou te matar! — Sei que estou parecendo uma louca falando com o celular que aperto com força nas mãos, no meio da *Grand Central*, mas não me importo. Não me importo que eu devo estar no mínimo descabelada e amarrotada e que algumas pessoas estão me olhando como se eu tivesse um chifre cor-de-rosa fluorescente no meio da testa. Não me importo! Ligo para ela pela enésima vez e adivinhe? Caixa postal! *Outra vez!*

— Que ódio! — E em um acesso de raiva, atiro meu celular no chão. Ele se despedaça e eu me arrependo no instante seguinte. Ajoelho-me, tento ligá-lo a qualquer custo, mas nada acontece. A tela se partiu em um milhão de pedacinhos e tenho a leve impressão de que quebrei a bateria. Acho que subestimei a minha raiva. A minha força também.

— Você está bem?

— O que você acha? — Nem vejo quem está falando comigo, apenas respondo de forma ríspida ao mesmo tempo que fico em pé. Os olhos fixos no aparelho despedaçado em minhas mãos. — Eu pareço bem para você? — O homem parado à minha frente abre a boca para responder, mas engole as palavras quando começo a colocar toda a minha frustração para fora. — Estou acordada há vinte e quatro horas, sendo que passei as últimas quatro dentro de um trem porque o sonho da minha vida era ver aquela maldita bola brilhante caindo à meia-noite na Times Square. E por quê? — Uma enorme ruga se forma entre suas sobrancelhas. Sei que eu deveria calar a boca agora, mas não consigo. Simplesmente não consigo me controlar. — Eu não sei! Apenas achei que seria incrível passar o meu primeiro Ano Novo em Nova Iorque naquele lugar, mas pelo jeito não farei isso porque a minha amiga, minha melhor amiga, disse que me encontraria aqui há duas horas. Duas horas! — Faço o número dois com as mãos e ele se retesa, aperta os lábios com força, levanta a aba do boné e coça os cabelos. — Ela também não atende as minhas ligações ou responde as minhas mensagens, e agora acabei de

PERIGOSAS ACHERON

quebrar o meu telefone. Como vou falar com ela agora? *Como?! Então, não!* Eu não estou nada bem. Eu estou... — Chorando! Muito! Descontroladamente. Levo as mãos ao rosto e choro um pouco mais. — Desculpe. — Faço um sinal com a mão, enxugo o rosto, solto o ar e só então presto atenção no rosto dele.

O rosto dele!

O pequeno sorriso que ameaça surgir em seus lábios faz um furinho brotar em seu queixo. Engulo em seco e desvio os olhos da sua boca, porque... Deus do céu! Ela é perfeita demais.

— É... — Ele limpa a garganta, coça a nuca, ajeita o boné e coça a testa outra vez. — Quer que eu te empreste o meu celular?

— Para quê? — Ele franze o cenho e eu compreendo o que ele quer dizer. — Você acha que eu sei o número dela de cabeça?

— Não?

— Quem memoriza o número de alguém hoje em dia? — Coloco a minha franja atrás da orelha, três vezes. — Você memoriza? — pergunto constrangida e espero muito que diga que não.

— Do meu melhor amigo, sempre. Para
PERIGOSAS ACHERON

emergências, sabe? Como a sua — Ele está apontando para o meu celular.

— Bom. — Dou de ombros e tenho certeza de que meu rosto está pegando fogo. — Sorte a sua.

— E também não costumo quebrar meu celular.

— O que você...? — Faço um enorme esforço para não mostrar o dedo do meio para ele.

— Por que você não vai até a casa dela?

— Porque ela estava trabalhando e... O Hospital para Cirurgia Especial fica muito longe daqui? — Estou sorrindo porque essa é uma ideia maravilhosa. Tão maravilhosa que tenho vontade de me chutar internamente por não ter pensado nisso antes. E então, percebo que, na verdade, é uma péssima ideia. Como vou saber se a Livie ainda está lá? E depois, parece que ela tem outros planos que não me incluem. — Eu jamais vou me esquecer deste dia, Livie! — Olho para cima, como se ela pudesse me ouvir, e então percebo que acabei de dizer isso em voz alta. Esse cara deve estar me achando a pessoa mais louca da face da terra. Limpo a garganta, passo a mão pelo cabelo e tento parecer normal. — Será que consigo um táxi para PERIGOSAS ACHERON

me levar até a Times Square?

— Você pode tentar, mas... — Ele pega o celular no bolso de trás da calça e confere as horas. Sinto uma pontada de inveja e meus olhos se enchem de lágrimas outra vez quando olho para o telefone — ou para o que já foi um dia — em minhas mãos. Nem relógio eu tenho mais. — O trânsito está caótico e muitas ruas estão fechadas. É bem provável que você passe a virada dentro de um carro com um motorista indiano mal-humorado.

Exalo com força e aperto o meu rabo de cavalo.

— Se for caminhando demora muito?

— Cerca de dez minutos, mas eu acho...

Não espero que ele termine sua frase. Vim aqui para ver a bola caindo na Times Square e é isso o que vou fazer. Com ou sem Livie. Atravesso as portas da estação e uma lufada de vento quase me faz recuar. Aperto mais meu cachecol, fecho o casaco e coloco o gorro. Estou prestes a dar um passo quando sinto uma mão segurando firme meu braço.

Seus olhos verdes me encaram com um misto de curiosidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já deve ter cerca de um milhão de pessoas naquele lugar, você não vai conseguir...

— Eu não me importo. — Solto-me e começo a caminhar.

— Você está indo para a direção errada — Viro-me para ele e o encontro sorrindo e apontando com o polegar para além do seu ombro. — A Times Square fica *pra* lá.

Faço que sim, sorrio de um jeito forçado e sem graça e sigo na direção que aponta. No segundo seguinte ele está caminhando ao meu lado. Levanto um pouco a cabeça para poder encará-lo, já que deve ter pelo menos 1,85 de altura.

— O que você está fazendo?

— Acompanhando você. — Sequer olha para mim quando responde. Paro de andar e ele só percebe isso uns cinco passos depois. — O que foi? — pergunta virando-se para mim e abrindo os braços de forma quase teatral.

— Eu nem conheço você!

— E pelo jeito também não conhece nada de Nova Iorque. — Tranquilamente vem até mim. — Você acha mesmo que é tranquilo andar por essas ruas sozinha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não... — Dou de ombros duas vezes, porque realmente não havia pensado nisso.

— Ainda mais em um dia como hoje?

— Eu acho que isso não é da sua conta. — Aperto os lábios no segundo seguinte, arrependida. Ele está apenas tentando ser simpático e atencioso, mas eu nem o conheço. Pode muito bem ser algum pervertido ou... Espalmo as duas mãos em um pedido de desculpas silencioso.

— Eu vou com você até lá e depois você pode ver a sua bola colorida caindo. — Sua voz soa ligeiramente ríspida.

— E por que você faria isso?

— Acho que acabei de dizer. — Agora ele está irritado.

— Disse, mas eu não... Como eu vou saber se você é realmente confiável? E se você for um tipo de louco e...?

— Quer saber? — É ele quem espalma as duas mãos no ar, mas não está se desculpendo. Silenciosamente está me mandando à merda. — Faça como você quiser.

— Okay!

— Okay!

PERIGOSAS ACHERON

Encaramo-nos por alguns segundos até que dou as costas para ele. Sei que estou indo na direção errada outra vez, mas não me importo. Com certeza sou capaz de chegar lá sozinha. Enfio as mãos no bolso do casaco e olho para o lado apenas por um segundo, quando um esbarrão no ombro me faz perder o equilíbrio. Duas mãos agarram meus braços e um cheiro horrível de cerveja velha e cigarro quase me faz desmaiar.

— E aí, gata?

Afasto o rosto quando ele se aproxima, sorrindo descaradamente de um jeito que me deixa quase apavorada. Desprendo-me daquele homem horroroso e volto correndo para trás. O boné vermelho se destaca à minha frente. Consigo alcançá-lo e começo a andar ao seu lado em silêncio. Um silêncio bastante constrangedor, diga-se de passagem. Mantenho os olhos fixos na calçada, mas sinto que os seus estão fixos em mim.

— Mudou de ideia?

Inclino o pescoço para poder encará-lo.

— Se eu não for atrapalhar. — Dou de ombros sentindo o rosto ficar vermelho.

— Eu não tenho planos. — Os cantos de sua
PERIGOSAS ACHERON

boca estão se curvando para cima e me pego fazendo o mesmo.

— Você ia passar a virada do ano sozinho?

— Ele faz que sim e ajeita o boné. — Isso é muito triste.

— Um pouco — admite dando de ombros.

— Bom — digo meio sem jeito. — Agora você arranhou companhia. — Seus olhos encontram os meus e tenho a leve impressão de que estão sorrindo. Olhos sorrindo? Eu devo estar lendo romances demais.

— Seria muito bom ter alguém para beijar à meia-noite.

— O quê? — Paro de andar abruptamente. Ele para também e agora sua boca está sorrindo de verdade.

— É a tradição. Quando a bola cai na Times Square, você deve beijar quem estiver ao seu lado.

— Mesmo que eu não conheça a pessoa?

— Uhum.

— Isso é nojento. — Faço uma careta.

— Isso é Nova Iorque. — Ele ri alto, o que me faz rir também.

— Eu não vou beijar uma pessoa de quem eu
PERIGOSAS ACHERON

nem sei o nome.

— Meu nome é Reeve Coben, sou músico, ator, escritor e roteirista. Já abri o show do Bon Jovi, odeio o frio e minha comida preferida é pizza de pepperoni. — Encaro a mão que estende para mim e penso seriamente em mentir meu nome, mas ele parece estar sendo tão sincero. E é bonito pra caramba. Seguro a sua mão e tento ignorar o quanto a sua pele me parece quente, mesmo nesse frio congelante.

— Summer Hoover, eu falo demais quando fico nervosa, mas acho que isso você já deve ter percebido. — Faço um gesto qualquer com a mão e ele assente e volta a sorrir. — Sou meio mal-humorada, principalmente pela manhã, e estou faminta.

— Agora nós já podemos nos beijar.

Nego veemente, achando a piscadela que ele me lança engraçada e assustadora ao mesmo tempo. Será que eu teria coragem de beijá-lo? Não! Definitivamente, não!

— Sem chance.

Sorrindo, Reeve faz um sinal com a cabeça para que eu o siga e voltamos a caminhar. Visto
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas luvas e coloco as mãos nos bolsos do casaco.

— Tem uma pizzaria no caminho.

— Você realmente abriu o show do Bon Jovi?

Ele coloca as mãos em concha na frente da boca e assopra tentando aquecê-las antes de também colocá-las nos bolsos de seu pesado casaco preto.

— Há três anos, na Madison Square.

— *Uau!*

— É.

— É? — Encaro-o incrédula. — Você abriu o show do Bon Jovi, e a única coisa que você diz é isso? “É?” — repito com a voz um pouco mais alta.

— Foi foda!

— Foda é uma boa definição. — Reeve assente e sorri. — Ele é bonitão de perto?

— Um dos homens mais lindos que eu já vi na minha vida. — Não dá para ficar séria quando ele leva a mão ao peito e revira os olhos.

— Você é íntimo dele ou o quê?

— Digamos que eu estava no lugar certo e na hora certa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Droga! Já ia pedir para você ajeitar um encontro.

— Desculpa — pede sorrindo. — Eu nunca mais vi o cara.

— Você canta? Faz shows? — Aponto para o violão que ele carrega nas costas.

— Eu toco à noite, em bares e pubs, mas o que gosto mesmo de fazer é compor.

— Deve ser incrível.

— O quê?

Olho para cima e percebo que ele está me encarando e um pequeno sorriso começa a se formar no canto esquerdo da sua boca. E é tão... Por que Deus faz alguém com uma boca tão perfeita?

— Escrever, compor músicas. — Dou de ombros. — Colocar sentimentos para fora em forma de palavras.

— É meio louco.

— Alguém já gravou alguma música sua?

— Não, eu... — Ele dá de ombros. — Nunca mostrei minhas músicas para ninguém.

— Mas você abriu o show do Bon Jovi com a música de quem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com uma música minha, mas só cantei essa em público. O restante continua guardada.

— Por quê?

— Sei lá, talvez eu ache que elas nunca estejam prontas de verdade. — Faço que sim e dobramos uma esquina. — Você trabalha com o quê?

— Sou enfermeira.

— Seu trabalho é ainda mais incrível.

— É muito estressante.

— Você salva vidas. — Olho para ele e percebo que estou sorrindo por causa do que acabou de dizer.

— É verdade. Músicas também. — Um brilho diferente passa por seus olhos. O furinho em seu queixo parece mais evidente agora.

— É aqui. — Ele para de andar e abre a porta de uma pizzaria bastante confusa, lotada e barulhenta, mas o cheiro é tão bom que faz meu estômago roncar. Reeve tira a carteira do bolso e faz sinal para que me sente em um banco alto. O balcão parece ligeiramente encardido, mas não me importo. Não sou nada fresca quando o assunto é comida, ainda mais pizza. — Pepperoni?

PERIGOSAS ACHERON

— Marguerita.

Reeve assente e vai para o outro lado do balcão para conseguir fazer os pedidos. Minutos depois, volta com duas enormes fatias de pizza dentro de um prato e duas *Bud Light*.

— Pizza e cerveja barata, a melhor comida de Nova Iorque.

Pego uma cerveja da sua mão e brindamos rapidamente.



— Então... — Ele enfia o último e enorme pedaço de pizza de pepperoni na boca e, mesmo assim, continua falando. Odeio quando as pessoas fazem isso. Odeio ter que olhar a comida dentro da boca delas enquanto tentam falar alguma coisa e fazem aqueles barulhos estranhos. Mas de alguma forma, bem estranha por sinal, não me importo de ver Reeve fazendo isso. Acho até bonitinho. — Você disse que passou quatro horas dentro de um trem?

— Uhum. — Bebo o restante da minha cerveja. — Eu sou de Boston.

— A cidade dos feijões.

— Exatamente.

— E você veio só para ver a bola caindo?

— Sonho de infância. — Sorrio e brinco com o rótulo da minha cerveja. — Meus pais são meio hippies.

— Meio?

— Quem é hippie hoje em dia? — Ele dá de ombros, divertindo-se. — O que quero dizer é que nós vivemos em uma cidade extremamente populosa e meus pais não conseguem ficar um dia longe da tecnologia. Porém, nessa época do ano, eles acham que devemos ficar com a família e nos conectar com a natureza. — Reviro os olhos. — Então, sempre acabamos em algum acampamento, em um lugar quente. E tudo é sempre muito desastroso porque eles não sabem nem cozinhar algo que não seja comprado em fast-food. — Reeve solta uma gargalhada, jogando a cabeça para trás. — Esse ano precisei mentir um pouco dizendo que estaria de plantão até amanhã de manhã, mas na verdade acabou às três da tarde.

— Mentindo para os pais? — Ele me adverte, estreitando os olhos de um jeito PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brincalhão.

— É uma questão de sobrevivência.

— E eles foram para onde?

— Venezuela.

— O que tem lá? — Ele franze a testa para mim e eu dou de ombros.

— Eu nem imagino.

— Será que eles estão vivos? — Sua pergunta me faz rir.

— Espero que sim. — Amasso o guardanapo de papel e o jogo dentro do prato vazio.

— O que foi? — Reeve toca o meu braço e chama a minha atenção. Dou de ombros e olho para a rua.

— Acho que ver a bola caindo vai ficar para outra vez.

Ele confere as horas no seu celular, fica em pé e dá um tapa no balcão. Encaro-o com os olhos arregalados.

— Você vai ver essa bola hoje! Nem que eu tenha que te levar até o topo do *One Times Square*.

— Nós podemos fazer isso? — Arqueio as duas sobrancelhas e ele faz que não, como se estivesse se desculpando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah...

Reeve começa a me arrastar pelas ruas, que parecem lotadas de pessoas ainda mais eufóricas. Cerca de cinco minutos depois, ele entra em uma loja de conveniência que encontra aberta, compra algumas cervejas e volta a segurar minha mão.

— Eu pensei que não pudéssemos beber pelas ruas, principalmente na Times Square.

— Não podemos. — Ele continua me puxando, andando cada vez mais rápido.

— Mas então...?

Reeve para de andar abruptamente e coloca uma mão em meu ombro.

— Você confia em mim?

Abro a boca para dizer que não, mas acabo assentindo para o estranho, o lindo estranho de olhos castanho-esverdeados que está salvando o meu Ano-Novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de dezembro de
2017.**

PERIGOSAS ACHERON

23:10

REEVE

— Reeve! — Summer sussurra de um jeito engraçado e puxa a minha mão. Paro de andar porque ela está empacada no meio do saguão do hotel. — O que nós estamos fazendo nesse hotel?

— Estamos indo ver a bola cair.

— Mas... Você alugou um quarto? Que tipo de perv...

— *Shh!* Não conclua essa frase, pelo amor de Deus! — Summer aperta os lábios e sua face fica rosada. Essa garota é bonita *pra caralho*, e eu adoro a maneira desconfiada com que ela me olha. Adoro também a sensação que a sua pele causa na minha. É muito estranho pensar em tudo isso, já que a conheço há apenas uma hora, mas, de certa forma, Summer salvou a minha noite. O problema é que fala demais e isso está me dando nos nervos. Aperto o botão do elevador e respiro aliviado quando as portas se abrem e o encontro vazio.

Apenas o ascensorista está sentado em seu lugar e pergunta qual é o nosso andar de forma automática.

— Estamos indo para o pátio VIP. — Isso faz com que ele olhe para nós. Com certeza não estamos vestidos de forma apropriada. Seus olhos vagueiam por Summer e me pego fazendo o mesmo. Percebo que estou sorrindo quando presto atenção *de verdade* na roupa dela: gorro vermelho, casaco verde, cachecol rosa com estampa de coração azul, calça preta e um tipo horroroso de bota marrom, daquelas que têm pelo do lado de dentro. Suas luvas são de um roxo berrante. Não vou falar sobre a pequena mochila com estampa de unicórnio. Uma visão bizarra, extremamente colorida e perfeita. — Nós vamos tocar. — Summer nem se mexe, e tenho a leve impressão de que nem está respirando enquanto encara a porta de aço à nossa frente.

Ele solta o ar de forma cansada e aperta o botão. Summer olha para mim e arqueia as duas sobrancelhas. Pisco para ela, tentando acalmá-la. Quando a porta se abre, puxo-a pela mão antes que comece a falar algo que nos entregue e, assim que o elevador começa a descer outra vez, puxo-a para

PERIGOSAS ACHERON

escada. Nós jamais passaríamos pelos seguranças na entrada da festa. E isso é ótimo. Não quero que Summer veja a bola caindo como todos veem. Quero que seja especial, e eu nem sei o motivo. Talvez salvar o réveillon dela seja também uma forma de salvar o meu.

— Para onde você está me levando? — ela está sussurrando, mesmo não tendo ninguém por perto.

— Para o telhado.

— *O quê? Não!* — Para de andar outra vez e puxa a sua mão com força. — Você está louco?

— Não! — Pego a sua mão outra vez e praticamente a arrasto escada acima.

— Reeve!

— O quê? — respondo entredentes sem olhar para trás.

— Nós estamos invadindo um hotel.

— Teoricamente já fizemos isso.

— E se nós formos pegos?

— Isso não vai acontecer.

— Mas... — Ela para outra vez.

— Apenas ande, Summer. Daqui a pouco será meia-noite.

E então, chegamos ao último degrau. Abro a porta e a mantenho aberta para que ela passe. Olho ao redor, buscando por algo pesado para mantê-la aberta, mas não encontro nada. Praguejando, arranco meu coturno, rezando para que meu pé não congele, e coloco-o entre a porta e o batente. A última coisa que quero é ficar preso no telhado a noite toda e depois, para quem pediria ajuda?

— Puta merda! — Summer se aproxima da beirada, mas não muito, e encara o mar de luzes diante de nós.

— Ali. — Aponto para o *One Times Square* e quando ela percebe que está prestes a realizar seu sonho, deixa uma risada alta escapar. Não posso ignorar as batidas descompassadas do meu coração. Confiro as horas no meu celular e vejo que ainda temos meia hora. Sento-me no chão e ela faz o mesmo.

— Cadê o seu sapato?

— Segurando a porta — respondo sem olhá-la. Estou tirando nossas latas de Miller do saco pardo quando sinto algo quente sendo colocado sobre meu pé direito. O cachecol rosa que ela mantinha no pescoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai congelar. Meu pescoço está bem aquecido e não quero que você perca um pé por minha causa.

Isso me faz sorrir.

— Você é enfermeira, pode me ajudar caso isso aconteça.

— Tem coisas que não podemos salvar.

— Sêrio? — Abro duas latas e entrego uma a ela. Brindamos no ar e bebemos ao mesmo tempo.

— O que é uma pena. — Summer sorri de um jeito tímido e triste. Ameaço perguntar o que aconteceu para deixá-la assim, mas ela é mais rápida. — Então... O que você estava fazendo na estação?

Dou de ombros e bebo um gole bem generoso da minha cerveja.

— Para falar a verdade, eu não sei. — E não estou mentindo.

— Você disse que não tinha planos.

— Na verdade eu tinha, mas...

Summer leva a mão ao peito e parece desconcertada de verdade com a minha confissão.

— Você mentiu para mim! Você tinha planos e eu estraguei tudo!

PERIGOSAS ACHERON

— Não! Não foi você. — Ela franze a testa e me encara. — Foi a minha namorada.

— Jesus Cristo! — Em uma fração de segundo, ela fica em pé e começa a caminhar na direção da porta. — Você tem namorada!

— Não! — Seguro-a pelo braço e a faço voltar para onde estávamos sentados. Por que ela não me espera concluir as falas? — Eu não tenho mais, ela terminou comigo algumas horas atrás.

— Ela terminou com você?

— Uhum. — Envolver meu pé no cachecol outra vez.

— Eu sinto muito.

Deixo uma risada nervosa escapar.

— Eu a pedi em casamento, e ela disse não. Estou pensando seriamente em acabar com a minha vida.

— Você está falando sério?

— Que eu quero acabar com a minha vida?

Ela me acerta um soco no ombro e eu me contraio. Summer me faz rir quando ri, e sei que isso vai soar bem clichê, mas meio que gosto da maneira como ela faz isso. Gosto muito da maneira como uma ruguinha surge logo abaixo do seu olho

PERIGOSAS ACHERON

direito. Pego a caixinha preta no bolso interno do meu casaco e lhe mostro o anel dourado comprado na Tiffany com as economias de um ano inteiro.

— É verdade? — Seus olhos vão do anel para mim e noto que estão brilhando. Ela vai mesmo derramar lágrimas por alguém que nem conhece? Ela realmente é... E então, alguma coisa muda. Franze a testa e fica séria. — Você anda com esse anel por aí e conta essa história ridícula sobre ser rejeitado enquanto estava de joelhos entregando o seu coração para a mulher da sua vida apenas para que as garotas fiquem com pena de você.

— Você está com pena de mim? — Não consigo me controlar e ela se faz de ofendida. Para falar a verdade, acho que está ofendida de verdade.

— É claro que não! — Summer bebe um longo gole de cerveja. Está me encarando por cima da lata, e isso é estranho e engraçado ao mesmo tempo. Até mesmo perturbador. Quando abaixa a lata e a coloca no chão ao seu lado, noto que seu rosto se suavizou. — Isso é verdade? Sua namorada realmente disse não para você? — Assinto e volto a colocar a caixinha no meu bolso. — Mas que vaca sem coração!

Isso nos faz gargalhar. Muito! Summer joga a cabeça para trás e seu longo cabelo liso e castanho toca o chão. Minhas risadas cessam quando percebo que não consigo tirar os olhos dela.

— Ah, meu Deus! Desculpe — pede depois de se recompor. — Eu nem a conheço e já estou chamando a garota de vaca. Desculpe.

— Não, não se desculpe. Eu pensei exatamente a mesma coisa quando ela me disse não, quer dizer, depois que o choque passou. Nós estávamos juntos há três anos e eu achei que ela me amava e que estava tudo bem.

— Por que ela disse não?

Bebo o restante da minha cerveja e abro outra.

— Disse que estava apavorada com a ideia de nunca mais ter um primeiro beijo com outra pessoa.

O rosto de Summer começa a se contorcer de um jeito engraçado e então ela finge ter ânsia de vômito.

— Definitivamente, ela é uma vaca! Uma vaca enorme.

Faço que sim com a cabeça, e é engraçado
PERIGOSAS ACHERON

concordar com isso e não me sentir arrasado.

— Meu namorado me abandonou há três semanas. — Começa depois de terminar a sua primeira lata de cerveja e limpar a boca com a manga do casaco. Adoro a falta de delicadeza dela. — Nós estávamos apaixonados e falando de casamento em um dia, e no dia seguinte ele terminou tudo porque estava se sentindo pressionado.

— Você estava obrigando o cara a se casar. — Dou uma cotovelada em seu braço e ela sorri, mas é um sorriso fraco.

— Na verdade, era tudo mentira. — Ela para de falar, pega outra lata e a abre. — Ele inventou toda essa história porque engravidou uma médica.

— Puta que pariu!

— Puta que pariu — Summer repete sem humor, olhando para sua cerveja antes de levá-la a boca e beber um pequeno gole. — Ele estava saindo com ela há quatro meses e quando me chutou, ela já estava grávida de três. — Eu quero muito dizer alguma coisa, mas as palavras simplesmente não saem. Tenho a impressão de que levar um fora da minha namorada não foi tão ruim

PERIGOSAS ACHERON

quanto ser largada do jeito que Summer foi. — Nós trabalhamos no mesmo hospital.

— Vocês dois?

— Nós três.

— Puta que pariu! — Isso a faz rir de verdade. — Ele também é médico? — Levo a lata até a boca.

— Uhum. Ginecologista.

Acabo cuspendo a minha cerveja e isso a faz rir ainda mais. Pego a lata e a levanto:

— Um brinde às vacas sem coração.

— Aos ginecologistas traidores.

Summer sorve boa parte da sua cerveja em um único gole. Esse, com certeza, foi o melhor brinde da minha vida.

— Você disse que era ator. — Ela estende as pernas e apoia o peso do corpo nas mãos.

— Muito famoso.

— Jura? — Estreita os olhos e me encara de um jeito divertido.

— Você já deve ter me visto naquele comercial de pasta de dentes. — Sua boca começa a se curvar para cima e ela tenta ao máximo não deixar que isso aconteça. — Aquele comercial com PERIGOSAS ACHERON

a boca gigante e o sorriso mais lindo que você já viu em toda a sua vida?

Sorrio para ela de forma forçada e aponto para os meus dentes.

— Ah, meu Deus! Era você? Quer dizer... — Encara meus dentes como se eles pudessem falar com ela. — Vocês? — Uma gargalhada irrompe de sua garganta quando eu faço que sim. E é tão forte que ela se dobra para frente de tanto rir. Esqueça o que eu disse sobre gostar da risada dela. Aquilo não foi nada comparado ao som da sua gargalhada. É tão escandalosa, tão verdadeira e tão mágica.

— Se você quiser, posso ficar sorrindo para você a noite toda. — Forço ainda mais o sorriso e tenho certeza de que isso está desfigurando meu rosto. Ela nega, limpando os olhos e rindo mais um pouquinho.

— Pare com isso. Você está começando a me assustar.

— Você nunca imaginou que passaria a virada do ano com alguém tão famoso.

— Nem nos meus melhores sonhos.

Assinto para ela, que faz o mesmo. Nós dois estamos sorrindo e isso é bom.

— Foi a minha única aparição na televisão. Depois disso, não aguentei o sucesso e as fãs me cercando na rua. Então, encerrei a minha carreira.

— Sério, Reeve? — Summer arqueia uma sobancelha para mim.

Faço que sim com a cabeça ao mesmo tempo que respondo que não.

— Eu prefiro fazer teatro ou apenas escrever roteiros.

— E o que você pretende fazer agora que sua namorada te dispensou?

— Não sei. Acho difícil planejar o futuro. Gosto de fazer planos apenas para o dia seguinte.

— Mas você ia se casar. Como ia fazer isso sem pensar no futuro?

Dou de ombros porque realmente tinha certeza do que queria. Mas depois de encontrar essa garota colorida na estação, percebo que alguma coisa estava errada.

— Talvez eu volte para a estação amanhã bem cedo e tente conseguir mais dinheiro para poder fazer um mochilão pela Europa ou para qualquer lugar.

— Você estava tocando na estação? —
PERIGOSAS ACHERON

Confirmo com a cabeça. — Por que eu não ouvi?

— Porque você estava gritando com seu celular.

Ela aponta para mim e me lança uma piscadela. Parece mais relaxada depois de beber sua segunda cerveja.

— E você fez muito dinheiro?

Coloco a mão no bolso da calça e arranco algumas notas amassadas de dentro, além de meia dúzia de moedas.

— Seis dólares — digo orgulhoso.

— Isso é impressionante!

— Obrigado.

— Acho que se você vender esse anel, talvez consiga fazer dinheiro mais rápido.

— Mas como eu vou conquistar o coração das garotas sem ele?

— Droga. — Summer bate com o ombro no meu e sorri. Isso vai soar bem estranho, mas gosto quando ela faz isso. Gosto quando nos tocamos, mesmo que rapidamente, e gosto das suas piadas e do seu humor. — Então é melhor que você cante muito bem.

Uma gritaria ao longe nos faz ficar em pé.
PERIGOSAS ACHERON

Sem que eu perceba ou pense no que estou fazendo, passo meu braço por seu ombro e a trago para mais perto. O cheiro dela é muito bom.

— O show vai começar — digo e aponto para frente.

E quando a bola começa a cair e a multidão vai à loucura, só consigo olhar para os olhos castanhos e brilhantes de Summer. Já vi essa bola caindo mil vezes, já senti a euforia que ela está sentindo, mas nunca vi nada tão bonito quanto o seu sorriso.

— Reeve. — Seus olhos encontram os meus. Seu rosto está molhado e não resisto em tocá-lo com os polegares e enxugá-lo. — Esse foi o melhor Ano Novo da minha vida. — Ela sorri e seu rosto inteiro se ilumina. — Obrigada.

— Feliz Ano Novo — digo tão baixo que não tenho certeza de que ela ouve.

— Feliz Ano Novo.

Suas mãos vão até o meu rosto e ela fica nas pontas dos pés. Prendo o ar quando seus lábios quentes — muito quentes — tocam a pele do meu rosto. A sensação é única, perfeita e se espalha por todo o meu corpo.

Desço minhas mãos só um pouquinho e as mantenho em seu pescoço. Meu nariz resvala no seu quando ela se afasta. Não consigo desviar os olhos da sua boca, principalmente do lábio inferior que é ligeiramente projetado para frente. Engulo em seco e aproximo meu rosto do seu, só mais um pouquinho. Ela é tão linda e...

— Nós não vamos nos beijar, Reeve. — E tem um timing perfeito que me faz rir.

— Droga — praguejo e continuo provocando-a. — Você pode ter um Ano Novo horrível se não me beijar.

— Tenho certeza de que será incrível. — A voz dela sai baixa e um sorriso diferente, quase imperceptível, surge em seus lábios. Um sorriso que ilumina todo o seu rosto.

E o meu também.

Assinto e a puxo para um abraço apertado e ela retribui, envolvendo meu pescoço com os braços. É impressionante como os nossos corpos se encaixam. É impressionante estar pensando e sentindo tudo isso. Devo estar ficando louco, completamente louco, mas a verdade é que encontrar Summer no meio daquela estação, no dia

PERIGOSAS ACHERON

mais estranho e vazio da minha vida, foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido e, enquanto centenas de fogos coloridos explodem no céu, meu coração explode dentro do peito em milhares de pedacinhos que se perdem.

E voltam a se conectar.

Summer tem razão.

Será um ano incrível.



— Nós precisamos descer agora — digo ficando em pé. Summer não pega a mão que lhe estendo. Levanta as sobrancelhas — duas vezes — e bate com a mão no chão, convidando-me para sentar outra vez. — O quê? — pergunto curioso.

— Cante para mim.

— Agora?

— Uhum.

— Okay. — Volto a me sentar, envolvo o pé em seu cachecol outra vez, tiro o velho violão da capa de couro e tento aquecer as mãos, esfregando uma na outra com força.

Summer não tira os olhos de mim e isso

PERIGOSAS NACIONAIS

meio que me desconcerta. Já toquei para uma multidão na Madison Square — tudo bem que todas aquelas pessoas não estavam lá para me ver, com exceção da minha família e da minha ex-namorada-vaca-sem-coração —, porém, todas aquelas pessoas não me deixaram nem um pouco nervoso ou apreensivo do jeito que estou agora. Solto o ar com força pela boca e ele condensa por causa do frio. Estalo os dedos, apoio o violão sobre as pernas cruzadas e dedilho qualquer coisa até que, finalmente, as notas de “*Para Sempre, Mary Jane*” começam a ganhar vida.

Levanto o rosto e os olhos âmbar de Summer estão fechados. Seu corpo balança, levemente de um lado para o outro. Ela não é a garota mais linda do mundo. Seu nariz é salpicado por pequenas sardas e ainda me arrisco a dizer que é um pouquinho grande, apenas um pouquinho. Sua boca poderia ser desproporcional, mas os lábios cheios e levemente rosados são simplesmente perfeitos, e *porra!* Eu adoraria beijá-los.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



01 de Janeiro de 2018.

PERIGOSAS ACHERON

00:42

SUMMER

Meu coração quase salta para fora do peito quando Reeve começa a cantar. A voz dele é levemente rouca e parece vir do coração. Parece que ele canta com alma. Com certeza canta. Engulo em seco quando abro os olhos e o encontro me encarando enquanto seus dedos ágeis fazem mágica com as cordas do violão.

A letra fala de saudade, corações partidos e recomeços. Sua música fala de amor, aquele tipo de amor imperfeito que é perfeito ao mesmo tempo. Que não precisa de explicação, que simplesmente acontece. Cada vez que o refrão começa e sua voz aumenta alguns decibéis, minha respiração falha e meus olhos se enchem de lágrimas.

Sua música é maravilhosa e sinto uma pontada de inveja de Mary Jane. Mesmo que tenha partido o coração de Reeve, mesmo que o tenha dispensado, é uma filha da mãe de uma sortuda

porque ele escreveu uma música para ela. A história dos dois sempre estará viva de alguma maneira.

— *Uau* — murmuro quando ele termina e enxugo os olhos com os dedos que estão cobertos por minhas luvas de lã. — Você é... — Engulo em seco e limpo a garganta quando não encontro palavras para descrever o que acabei de vivenciar. — Você é perfeito, Reeve.

— Sêrio? — Ele coloca o violão de lado e pisca para mim de um jeito meio cafajeste, e me pego sorrindo porque a maneira como o canto esquerdo da sua boca se curva para cima, faz a minha pele pinicar.

— E-eu estava falando sobre a música e a sua voz. — E sobre seus olhos, sua boca também. Por que eu estou gaguejando? Reeve abre mais seu sorriso por causa disso. — Mary Jane é a sua ex? — E eu mal termino de fazer a pergunta, ele cai na gargalhada, jogando a cabeça para trás. O furinho em seu queixo fica ainda mais visível e um calafrio, quase imperceptível, atravessa a minha coluna.

Que porcaria de risada perfeita é essa que faz borboletas alçarem voo dentro da minha
PERIGOSAS ACHERON

barriga?

— Por que você está rindo desse jeito?

— Porque... — Ele exala, tentando se recompor. — Mary Jane era a minha cachorra.

— O quê? — É a minha vez de rir.

— Ela morreu quando eu tinha dezesseis anos, depois de onze morando com a gente.

— Você escreveu uma música para a sua cachorra.

— Mary Jane era da família, e foi a primeira vez que presenciei a morte de alguém que eu amava tanto.

Isso é fofo *pra* caramba.

— Aqui. — Enfio a mão no bolso interno do meu casaco e arranco uma nota de dez dólares.

— Não — responde quando balanço o dinheiro na sua frente.

— Essa é a minha contribuição para o seu mochilão.

— Summer...

— Ah! Pega logo essa droga de dinheiro! — Solto a nota no chão e, antes que saia voando, Reeve a pega.

— Obrigado. — Ele faz uma reverência e
PERIGOSAS ACHERON

guarda a nota no bolso da calça. — Agora nós realmente precisamos descer ou começaremos 2018 mortos e congelados. — Guarda o violão, fica em pé e estende a mão para mim. Dessa vez eu a seguro e me impressiono pelo fogo que se espalha por minha pele, mesmo estando de luvas. Reeve coloca o violão nas costas e envolve meu pescoço com o cachecol. As pontas dos seus dedos frios resvalam em meu queixo e isso é o suficiente para fazer meu coração acelerar.

Seguro a porta enquanto ele calça seu coturno e começamos a descer as escadas. De mãos dadas. E não posso ignorar que alguma coisa mudou depois que aquela bola caiu. Não posso ignorar a tensão que paira entre nós depois que o Ano Novo chegou. Também não posso ignorar que Reeve descartou o elevador.

Puxo o ar com força quando chegamos ao saguão. As pessoas parecem mais bêbadas, mais alegres e mais simpáticas.

Eu ainda me sinto a mesma de algumas horas atrás.

Talvez não.

Talvez Reeve tenha mudado alguma coisa

PERIGOSAS ACHERON

dentro de mim.



— Eu daria tudo por um chocolate quente agora — digo assim que atravessamos as portas chiques e giratórias do hotel. Reeve solta a minha mão e passa o braço por meu ombro, apertando-me contra seu corpo. O cheiro dele é muito bom. Passo o braço por sua cintura e ele dá um jeito de enroscar a mão no meu cachecol enquanto coloca a outra dentro do bolso do casaco.

— Talvez hoje seja a sua noite de sorte. — Reeve entra em uma rua com pouquíssimo movimento e ligeiramente escura. Tenho até a impressão de que atravessamos algum tipo de portal porque essa rua, definitivamente, não parece pertencer a Nova Iorque.

— Não me diga que você tem um chocolate quente escondido dentro desse casaco enorme?

— Não, mas aqui... — Paramos em frente a uma enorme e antiga porta de madeira. A fachada de tijolos está bem gasta e há uma pequena placa branca pintada à mão com tinta azul onde se lê:
PERIGOSAS ACHERON

“Apenas Chocolate”. As letras são desenhadas com tanta delicadeza que não resisto e toco a placa com as pontas dos dedos. — Tem o melhor chocolate quente do mundo inteiro.

— Eu juro que te dou um beijo se você estiver dizendo a verdade.

— Então acho que hoje é o meu dia de sorte. — Reeve empurra a porta, revelando um lugar pequeno, quente e muito aconchegante. E ele nem disfarça o sorriso no rosto e a satisfação ao dizer isso.

Há apenas algumas mesas dispostas de qualquer jeito, e as pessoas sentadas ao redor delas e em frente ao pequeno balcão parecem completamente alheias ao barulho nas ruas. As luzes são de um amarelo bem opaco, o que deixa o lugar ainda mais perfeito.

— Você pode me beijar agora. — Seus lábios tocam a minha orelha feito asas de borboleta. Meu corpo estremece e a boca seca. Parece até que não sei mais como respirar.

— Não posso.

— Mas você disse...

— Como vou te beijar sem antes provar o

PERIGOSAS ACHERON

chocolate?

Reeve solta o ar e coça a nuca. Seus olhos se estreitam e ele ameaça sorrir, mas não o faz. Deixa os ombros caírem de forma teatral e em seguida segura meus ombros.

— Você, Summer Hoover, é a garota mais frustrante que eu conheço.

— Isso é um elogio? — provoco-o, e ele assente enquanto seus olhos se perdem em meus lábios. E eu quase me perco dentro de mim porque seu olhar é intenso demais. — Essas pessoas parecem tão... — Não consigo encontrar a palavra certa para descrevê-las.

— Normais? — Reeve me lança um sorriso fofo e enviesado.

— Talvez essa não seja a palavra certa, mas... — Jogo as mãos para o alto. — Hoje é o primeiro dia do ano! Um ano inteirinho cheio de possibilidades, e elas estão tão quietas.

Ele tira o casaco e o joga sobre o balcão. Tento não olhar para seus braços perfeitos e torneados, mas é meio que impossível. Reeve não é exatamente musculoso, mas o tricô preto que está usando me dá uma vaga impressão de como seu

PERIGOSAS ACHERON

ombro é largo e seu peitoral e abdômen, definidos.

— Para muitas pessoas, hoje é só um dia depois do outro.

— Isso é triste.

— Não. — Com a ponta do indicador, ele toca o meu nariz. — Isso é a vida. Vou pedir para você.

— Nem pensar. — Giro nos calcanhares e chego ao balcão antes dele. — Você pagou a pizza, eu pago o chocolate.

— Você me deu dez dólares. — Ele pega o dinheiro no bolso da calça e o coloca sobre o balcão, empurrando-o para a balconista sorridente, mas coloco a minha mão sobre a nota antes dela.

— Esse dinheiro foi uma doação para um cantor excepcional. — Bato em seu peito com os dez dólares. — Então, por favor, guarde esse dinheiro no bolso e me deixe pagar seu chocolate quente.

— Com bastante marshmallow.

Aquiesço e faço nossos pedidos.

Ele se senta em um banco alto que mais parece uma cadeira, com encosto de madeira e extremamente confortável. Tiro o casaco e o gorro

PERIGOSAS ACHERON

e afrouxo um pouco o cachecol, porque de repente, estou sentindo calor, tanto que preciso prender o cabelo em um rabo de cavalo. Talvez o termostato desse lugar esteja desregulado. Ou talvez seja a presença de Reeve e a maneira como suas palavras me envolvem.

— Depois de pedir sua noiva vaca em casamento, vocês passariam a virada onde?

— Eu só planejei o pedido, mais nada. — Ainda não consegui saber se ele está triste porque seus planos não deram certo. Seus olhos estão brilhantes demais e não posso deixar de ignorar os calafrios que atravessam a minha coluna sempre que eles encontram os meus. — Acho que eu acabaria trazendo-a para cá e acho que esse seria o nosso fim de qualquer jeito. — Inclino a cabeça e franzo a testa. — Ela não gostava daqui. — Reeve dá de ombros. — Na verdade, não gostava dos lugares ou das coisas que eu gosto.

— Ela gostava da sua música?

— Eu nunca perguntei isso a ela, mas tenho quase certeza que não.

— Por que você ficou tanto tempo com ela?

— Porque ela era bonita pra caramba. — Ele

PERIGOSAS ACHERON

está sorrindo, achando graça das próprias palavras.

— Homens. — Reviro os olhos de forma exagerada. — Não pensei que encontraria um lugar assim aberto hoje.

— Esse lugar sempre está aberto, mas poucas pessoas sabem que ele abre na noite de Ano-Novo.

— Mas você sabia.

— Porque esse é o meu lugar preferido em Nova Iorque.

— Aqui tem chocolate, acho que poderia ser o meu também. — Pisco para ele, que assente.

— Você é tipo uma chocólatra?

— Claro que não! — Levo a mão ao peito e me faço de ofendida. — Sou muito pior do que isso. — Ele ri de uma forma diferente. Talvez seu sorriso não esteja diferente. Acho que são seus olhos e a maneira como estão presos em mim. A boca parece ainda mais perfeita. Ou talvez seja apenas impressão minha. — Então... — Aperto o gorro nas mãos porque, de repente, fiquei meio nervosa. — Você tem irmãos?

— Dois mais velhos — responde virando-se no banco e ficando de frente para mim. — Brad
PERIGOSAS ACHERON

tem trinta e sete anos e mora em Los Angeles. Ele é piloto e eu o vejo apenas duas vezes por ano por causa das suas viagens.

— Vocês se dão bem?

— Muito. — Os olhos de Reeve brilham. — Brad é doze anos mais velho e, quando nosso pai morreu, eu tinha só dois anos. Ele e Mark, que é onze anos mais velho, foram as minhas referências.

— Eu sinto muito pelo seu pai — digo desviando os olhos. Apesar de trabalhar em um hospital e lidar com a morte todos os dias, detesto falar sobre ela.

— Eu nem me lembro dele. — Reeve dá de ombros de uma forma indiferente, mas é possível ver um pouquinho de tristeza dentro dos seus olhos.

— Mark mora em Los Angeles também? — Mudo o rumo da conversa.

— Não. Ele está em Paris. É dono de um pequeno restaurante, é casado e tem três filhas.

— Bom, quando você for para a Europa pode conseguir desconto na passagem aérea e terá hospedagem de graça em Paris.

Ele aponta para mim.

— Não tinha pensado nisso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que não. — Ele sorri e quando está prestes a dizer alguma coisa, nossos chocolates chegam.

— Obrigado, Mia. — Ela sorri de um jeito bem entusiasmado e volta para o balcão.

— Alguém ficou feliz por te ver hoje.

Ele se ajeita no banco e dá de ombros.

— Eu toco aqui de vez em quando. Mia é minha fã.

— Se você está dizendo.

Reeve bate com o ombro no meu.

— E a sua mãe?

Ele exala e segura o copo com as duas mãos.

— Mora em Atlantic City com o namorado.

— Há certa mágoa em sua voz e também algo que me diz que devo ficar quieta. E eu fico.

— Você mora aqui em Nova Iorque?

— No Brooklyn, na mesma casa em que nasci.

Ele assopra o líquido quente e escuro de seu copo e então bebe um pequeno gole. Faço o mesmo. Eu poderia beijá-lo agora mesmo porque nunca tomei um chocolate quente tão bom em toda a minha vida. Por isso, evito olhá-lo nesse

PERIGOSAS ACHERON

momento porque sei que está me encarando. Evito olhar para o buraquinho em seu queixo e para o sorriso torto e presunçoso que, eu sei, está moldando seus lábios. Evito olhar para ele porque se fizer isso, vou beijá-lo e, mesmo querendo muito fazer isso, não quero dar o braço a torcer.

Ainda não.

— Fale sobre a sua família.

— A minha família? — Coloco meu copo sobre o balcão e fico de frente para ele. Sinto alguma coisa diferente quando nossos olhares se encontram.

— Sim. Sua família meio hippie, meio louca.
— Isso me arranca uma risada. — Você é filha única?

— Não, tenho duas irmãs mais novas.

Pego meu copo e volto a bebericá-lo. Reeve continua me olhando, esperando pela minha resposta.

— Suas irmãs não têm nome?

— Não. — Assopro meu chocolate e bebo mais um pouco, tentando me esconder atrás do copo de isopor.

— Qual é, Summer?

— Você precisa prometer que não vai rir.
Mas ele já está rindo.

— Se você não quiser que alguém ria, não pode pedir isso.

Solto o ar e percebo que estou rindo também.

— Sunday e Rain.

Primeiro, as sobrancelhas de Reeve se arqueiam, depois seus olhos se arregalam e ele espalma as duas mãos no ar. Então, mais uma vez, começa a gargalhar. E acho que eu poderia ouvir esse som para sempre.

— Pare com isso! — Dou um tapa na sua coxa e ele ri ainda mais. Alguns clientes nos olham com curiosidade e alguns deles riem também.

— Eu não... Nossa! — Ele ainda demora alguns segundos para conseguir se conter. — Summer, Sunday e Rain?

— Minha mãe adora domingos quentes e chuvosos.

— Sua mãe é louca.

— Eu nunca disse que não era. — Ele começa a rir outra vez. — Nunca sofri muito com isso, mas Sunday começou a dizer que se chamava Samantha durante o ensino médio, porque sempre

PERIGOSAS ACHERON

que dizia o seu nome, algum engraçadinho respondia: Mas hoje é segunda, ou terça... — Faço um gesto com a mão e Reeve assente. Será que ele nunca vai parar de rir?

— Ela é traumatizada?

— Não. Quem ficou traumatizada foi a minha mãe quando ela disse que não queria mais que ninguém a chamasse de Sunday.

— Elas estão na Venezuela com seus pais?

— Ah, não. Minhas irmãs são muito mais espertas do que eu. Quando Sunday fez catorze anos, deu um jeito de escapar dessas viagens tediosas. Rain aprendeu rapidinho.

— Você nunca escapou?

— Não. Eu ficava com pena da empolgação dos meus pais e me obrigava a ir junto, mesmo que isso me deixasse estressada por três meses.

— Quantos anos elas têm?

— Sunday tem vinte e dois e Rain dezoito.

Ele apoia um cotovelo no balcão e se inclina um pouquinho para frente.

— E você?

— Vinte e cinco. Como você.

— Você fez a conta na sua cabeça quando eu

disse a idade dos meus irmãos?

Não quero rir da sua constatação, mas quando ele arqueia as sobrancelhas, não consigo me segurar.

— Eu sou muito esperta.

Reeve assente e morde o canto do lábio inferior e isso meio que me hipnotiza. Olho para o meu colo em busca de um pouco de ar, e uma mecha da franja escapa de meu rabo de cavalo e cai nos olhos. Ele é rápido ao colocá-lo atrás da minha orelha e seus dedos me queimam a pele.

— Você vai para a casa da sua amiga depois que... — Reeve meio que engasga, tosse e pigarreia. — Onde a sua amiga mora?

— Eu nem imagino — respondo virando o rosto e pegando meu copo sobre o balcão.

— Como você...? Espera. — Pelo tom da sua voz, sei que ele está sorrindo.

— Livie mora em Nova Iorque há algum tempo, mas por incrível que pareça, essa é a minha primeira vez aqui, e eu... — Dou de ombros e sinto o rosto corar. — O endereço estava salvo no meu celular.

Ele faz uma careta engraçada e ajeita o boné.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu achando que você era uma garota esperta.

— Ah! Sempre posso te surpreender.

— Eu sei que pode — A maneira com que seus olhos encontram os meus faz uma comichão surgir em minha nuca.

— E depois, nunca mais vou falar com Livie! Nunca mais!

— Ela deve ter tido algum contratempo. Você disse que ela estava trabalhando, não disse?

Faço que sim.

— Mas ela não perderia os dedos caso resolvesse me ligar.

— Você quebrou seu celular.

— Eu fiquei duas horas dentro da estação esperando por ela. Não tem argumento que me faça tirar o nome de Livie do meu caderninho negro.

— Você tem um caderninho negro?

Fico bastante tentada a dar a minha melhor gargalhada de bruxa, mas me contenho e apenas faço que sim com um gesto de cabeça bastante entusiasmado.

— Você nem imagina as coisas que anoto lá.

— Não quero saber. Mas... — Ele aponta

PERIGOSAS ACHERON

para mim. — Eu meio que gosto da sua amiga. — Estou com uma sobrancelha arqueada e ele, com a testa franzida. — Se ela tivesse ido te encontrar, eu não teria te conhecido.

— Verdade. — Bato com os dedos no queixo e finjo pensar. — Vou usar apenas dez páginas então.

— Você é muito estranha.

— Outro elogio?

— Pode apostar que sim. — E essas palavras me causam um tipo de palpitação. — Você volta para Boston quando?

— Às oito da manhã.

— Então nós temos a noite inteira juntos?

— A noite inteira. — E dizer isso faz todos os pelos da minha nuca arrepiarem.

— Então vamos. — Ele fica em pé, veste o casaco e me ajuda com o meu. Solto o cabelo outra vez, coloco o gorro e pego meu copo de chocolate de suas mãos. — Tem um lugar que você precisa conhecer antes de ir embora.

— Que lugar?

Reeve abre a porta e passamos por ela. Já na calçada, passa o braço por meu ombro outra vez. E
PERIGOSAS ACHERON

eu adoro isso. Adoro como seu corpo junto do meu me aquece.

— Um lugar perfeito no Brooklyn.

Paro de andar.

— Se você está pensando que...!

— Sua mente é bem mais poluída do que a minha, Summer. — Ele me puxa e volto a caminhar. — Mas se você quiser mesmo ir para a minha cama, posso...

— Cala a boca, Reeve!

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

02:59

REEVE

— Aqui é o Brooklyn?

— É — respondo sem tirar os olhos dela. Uma vez, minha mãe estava assistindo a um filme desses românticos e bobos. Eu me lembro de que, naquela época, ela era apenas a nossa mãe e a mulher que eu mais amava no mundo inteiro. Lembro-me também de que eu tinha apenas doze anos e achei ridícula a maneira como os personagens se apaixonavam logo no primeiro encontro.

Acabo de mudar de ideia.

Acho que acabo de me apaixonar pelo sorriso de Summer.

— Reeve? — Olho para baixo e encontro seu rosto fixo no meu. Summer está batendo os dentes e isso é engraçado e assustador. Ela tem até dificuldade para falar. — Nós vamos ficar plantados aqui na porta da estação do metrô até

congelar, ou vamos para o lugar que eu preciso conhecer?

Acho que eu posso ter me apaixonado pelo seu humor também.

— Vem.

Envolvo seu ombro, dessa vez com mais força, tentando aquecê-la. Caminhamos por dois quarteirões a passos rápidos porque a temperatura está bem abaixo de zero, e somente sem-teto e sem-cabeça (como nós) estão na rua.

Mesmo com a porta fechada, é possível ouvir a música contagiante que vem de dentro do *The Illuminated*. O meu segundo lugar preferido em Nova Iorque. Summer já está sorrindo quando eu abro a porta e as vozes dos assíduos frequentadores desse lugar quase mágico inundam nossos ouvidos. A banda que toca folk rock no minúsculo palco, ao lado da antiga *Jukebox*, faz todos quererem cantar. E dançar. E é isso o que estão fazendo.

— Reeve! — Ela, que estava caminhando na minha frente, abrindo passagem, gira nos calcanhares e me encara com um sorriso enorme. Há duas covinhas em seu rosto e são tão lindas que

PERIGOSAS ACHERON

sinto vontade de beijá-las. A noite toda. — Esse lugar... — Meu peito se aquece quando seus olhos se iluminam.

— Eu sei.

Summer assente e volta a ficar de costas para mim.

Há apenas um banco vazio no balcão. Faço com que ela se sente e sinalizo para Billy trazer duas cervejas. O velho homem de cabelos brancos, gravata borboleta, boina xadrez e o sorriso mais sincero que eu já vi coloca duas cervejas sobre o balcão.

— A garota já pode beber, Reeve?

— Ela não precisa de identidade falsa, Billy, se é isso o que você quer saber.

— Está certo.

Com um leve aceno de cabeça e uma ajeitada na boina, ele nos dá as costas para atender outros clientes.

— Identidade falsa? — Summer está me encarando como se eu tivesse duas cabeças.

— Você nunca teve uma? — Ela nega, quase se lamentando, e leva a garrafa à boca. — Esse lugar foi aberto nos anos vinte e se manteve firme
PERIGOSAS ACHERON

durante a lei seca. Diz a lenda que Al Capone e Lucky Luciano nunca saíam daqui, mas ninguém nunca os viu de fato.

— Esse era um daqueles bares secretos?

— Isso.

— Uau! — Summer olha ao redor e beberica mais um pouco da sua cerveja. — Eu nem acredito que estou em um bar clandestino!

— Ele não é mais clandestino. — Bebo um gole da minha cerveja e me corrijo. — Exceto pelo fato de que você pode conseguir as melhores identidades falsas dos Estados Unidos com o Billy.

— Quantos anos ele tem?

— Não sei. Há quem diga que ele sempre teve o mesmo rosto. Há quem diga que fundou este lugar. Algumas pessoas acreditam que trabalhou para o Al Capone. Na verdade, ninguém sabe de onde Billy saiu.

Ela arregala os olhos de um jeito engraçado.

— Será que ele é de verdade?

Franzo a testa e mordo o lábio para não rir, mas o rosto dela está muito engraçado.

— Se ele for uma assombração, é da melhor qualidade.

— Ah, meu Deus! — Ela sorri. — Você sabe encontrar lugares incríveis.

— E nem assim eu ganho um beijo. — Faço um beicinho que, tenho certeza, está ridículo, e abaixo a cabeça.

Sinto os dedos quentes de Summer em meu queixo e isso faz com que eu olhe para ela. Suas bochechas estão mais coradas e isso faz alguma coisa despencar dentro do meu estômago. Ela fica em pé no apoio do banco, o que a deixa da minha altura. Com uma mão, Summer vira meu boné para trás, mas antes dá uma leve bagunçada no meu cabelo. Seus lábios se curvam para cima quando ela faz isso, o que a deixa ainda mais bonita. E irresistível.

— Obrigada pelo melhor chocolate quente do mundo, Reeve. — O rosto a poucos centímetros do meu, seu hálito quente tocando a minha pele. Engulo em seco quando segura meu rosto entre as mãos e aproxima-se ainda mais. — Obrigada por me trazer a esse lugar incrível. — Seus lábios resvalam nos meus a cada palavra. A sensação é doce, perfeita e maravilhosa. É tão forte que preciso fechar os olhos. Seguro sua cintura e sinto

PERIGOSAS ACHERON

que sua respiração vacila. Meu coração também falha, mas gosto disso. Gosto que falhe.

Mas odeio que ela beije a ponta do meu nariz e se afaste.

Não, eu não odeio isso. O problema é que agora quero muito mais.

— O que foi isso? — pergunto ao mesmo tempo que tento controlar a voz e a respiração.

— Isso foi o seu beijo. — Sua voz vacila e seus ombros estão subindo e descendo um pouco mais rápido. Summer desvia os olhos da sua cerveja e encontra os meus. Ela está sorrindo de canto. — Eu nunca disse que beijaria a sua boca.

Aperto os lábios para não rir — de nervoso — e cerro as mãos que deixei cair ao lado do corpo, para não a agarrar e beijar de verdade. Na boca. Porque Summer está mexendo comigo. Por isso, pego a minha cerveja, levanto-a no ar e brindo com ninguém. Frustrante. Essa palavra define exatamente o que estou sentindo nesse momento.

— Summer?

— Hum? — Preciso desesperadamente saber mais sobre ela. — Por que você resolveu ser enfermeira?

Todo o seu rosto se ilumina. Apoio um cotovelo sobre o balcão e me concentro para escutar a sua voz, já que o barulho está ainda maior.

— Eu não sei quando começou essa fascinação por cuidar de alguém. Eu simplesmente amo estar dentro de um hospital. Amo a loucura que é um pronto-socorro em uma noite como a de hoje. Amo poder ajudar alguém e dar o meu melhor, mesmo que não vejam isso.

— Como alguém pode não ver? — Porque nesse momento só consigo pensar que eu gostaria de ver Summer e seu sorriso todos os dias.

Ela arranca o rótulo da sua cerveja e começa a brincar com ele.

— Mas o que mais me encanta dentro de um hospital é o sangue, aqueles cortes gigantescos e...

— Pare! — peço achando graça da sua empolgação, mas detestando o rumo da sua conversa. — Eu odeio sangue e também odeio hospitais.

— Você desmaia? — Ela está me provocando e eu estou gostando disso.

— Já desmaiei quando criança — admito e
PERIGOSAS ACHERON

ela aperta os lábios para não rir. — Mas isso não acontece com qualquer sangue. — Summer está com a testa franzida de um jeito engraçado. — Não gosto de ver o meu sangue.

— Você é engraçado, Reeve.

— Eu tenho muitos talentos.

— Tem.

— Tenho? — Inclino o pescoço na sua direção e, sorrindo, linda e timidamente, Summer se ajeita no banco e levanta a garrafa vazia para Billy. Puxo o ar com força e também peço outra cerveja. — Você gosta de batata frita?

— Que pessoa, em sã consciência, não gosta de batata frita?

— Vacas não gostam. — Summer leva uma mão ao peito de forma teatral, abre a boca e finge espanto. — Aliás, ela odiava esse lugar também.

— Ah, pelo amor de Deus! — Ela faz um gesto esquisito com as duas mãos e então me segura pelos ombros. — Ainda bem que você se livrou dessa garota.

É... Ainda bem.

Puxo o ar com força e desvio os olhos quando olhar para seus lábios faz o chão vacilar sob

PERIGOSAS ACHERON

meus pés.

— Aqui tem a melhor batata frita do mundo inteiro.

— Você diz isso o tempo todo.

— E sempre estou certo.

— Detesto ter que concordar com você.

Billy coloca duas garrafas de cerveja na nossa frente e eu peço as batatas.

— O que você vai fazer agora?

— Agora? — Summer para a garrafa que levava à boca no meio do caminho. — Eu vou para a China.

Estava prestes a beber um pouco da minha cerveja, mas desisto.

— China?

— Uhum. — Ela aperta os lábios e aquiesce.
— Daqui a três dias.

— Por quanto tempo? — Minha voz está ligeiramente estridente.

— Um ano.

— Nossa! — Porque essa é a única coisa que consigo dizer. *Porra!* Desvio os olhos e bebo um pouco da minha cerveja.

Ela vai para a China, vai ficar um ano fora
PERIGOSAS ACHERON

enquanto eu estou fazendo milhares de planos para ficar um ano — ou para sempre — em Boston com ela, em vez de ir para a Europa. Eu deveria estar me sentindo assim? Deveria estar tão envolvido com alguém que acabei de conhecer? Ainda mais depois de levar o maior pé na bunda da minha vida? Quer dizer, eu estava apaixonado pela minha ex. E então, quando olho para Summer outra vez, percebo que meu coração nunca bateu tão rápido. Nunca estive tão ansioso. E acho que nunca estive tão apaixonado.

— Eu e o idiota do meu ex íamos fazer um curso de acupuntura juntos.

Isso faz a minha nuca gelar.

— Ele vai com você?

— Não! — Sua resposta é rápida e meu alívio imediato. — Ele tem um bebê a caminho e depois... — Ela rouba uma batata que Billy acabou de colocar sobre o balcão e a assopra. — Eu coloquei fogo no passaporte dele e em boa parte dos seus documentos.

— Você não fez isso? — Estou torcendo para que ela diga que sim.

— E em algumas roupas também. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

engravidou outra! — rebate com a boca cheia. — Tenho todo o direito de fazer isso, não tenho?

— Tem.

— Eu sei que tenho. — Pego-me sorrindo porque ela está agindo e falando como a garota louca que vi na estação algumas horas atrás. Sorrio porque foi essa Summer que me encantou. — Essa viagem está me deixando tão ansiosa e ao mesmo tempo tão apavorada. Eu vou passar um ano na China! — diz com a voz bastante estridente. — E se eu morrer de fome? Quer dizer, o que aquele povo come?

— Coisas estranhas, mas você é esperta. Vai se sair bem.

— Eu não vou encontrar batatas tão boas quanto essas por lá.

— Não.

— Nem o melhor chocolate quente do mundo.

— Também não.

— Você poderia ir para lá! — Summer arregala os olhos bastante ansiosos e brilhantes. — Com certeza você saberia encontrar bons restaurantes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou precisar tocar muito nas estações de Nova Iorque para ir até lá te salvar outra vez.

— *Me* salvar?

— Como eu salvei hoje. — Dou um passo hesitante à frente. — O que você faria se eu não estivesse na estação?

— Provavelmente tentaria chegar até a Times Square sozinha.

— Você não conseguiria essa proeza.

— Não fique se achando tanto.

— Você voltou correndo para mim, então...

Ganho um soco de leve no ombro e um sorriso perfeito.

— O que você faria se eu não estivesse por perto?

— Acabaria voltando para a estação. — Ela molha o lábio inferior com a língua, de forma bastante despretensiosa, mas isso me atinge e fico muito tentado a fazer isso com ela. Com a minha língua.

— A estação fecha durante a noite.

— *Droga*. Então eu teria que me esconder no chão do banheiro. Acho que também choraria até o amanhecer.

PERIGOSAS ACHERON

— Admita — peço, e ela franze a testa. — Eu salvei a sua noite.

— Salvou. — Summer mexe no rabo de cavalo três vezes e aperta os lábios. A tensão entre nós está ficando cada vez maior. Cada vez mais palpável. — Você vive apenas da sua música?

— Não da minha, canto as músicas de pessoas famosas, mas o dinheiro que ganho cantando na noite, paga as contas e depois, não preciso de muito para viver. — Dou de ombros. — Acho que tocar causa em mim a mesma fascinação que o sangue causa em você. E não sei fazer outra coisa.

— Com quem você aprendeu a tocar?

— Meus irmãos me contavam que meu pai tocava violão para eles quando eram crianças. Esse violão era dele. — Aponto para o violão que coloquei sobre o balcão. Summer olha para ele e mexe em uma linha solta próximo da alça. — As coisas foram acontecendo naturalmente e, um dia, a minha mãe, que também tocava, sentou-se ao meu lado no sofá e disse: Você precisa colocar toda essa energia e talento para fora.

— Ela foi a sua professora?

— A melhor de todas. E apesar de tudo o que aconteceu com a nossa família depois disso, ainda guardo essa lembrança em um lugar bem escondido dentro do coração. É a ela que eu me agarro quando as coisas ficam fora de controle entre nós.

— Reeve. — Os olhos de Summer estão brilhando além do normal. — Você tem um talento incrível. Sua voz é perfeita e a maneira como você toca... — Um assovio escapa de seus lábios. — O mundo precisa conhecer você.

— Eles podem não gostar e...

— Como você conseguiu abrir o show do Bon Jovi? — Sua pergunta me faz ficar quieto.

— Eu não abri exatamente o show do Bon Jovi, cantei apenas uma música antes deles entrarem no palco e arrasarem. O público me esqueceu em um segundo.

— O público vai te amar assim que te conhecer. Você não pode ficar se escondendo atrás de músicas inacabadas. Você precisa cantar.

A voz de Summer está tão intensa e tão segura que acho que acabo de me apaixonar por ela. Definitivamente, eu estou apaixonado por essa

PERIGOSAS ACHERON

garota.

— Prometa que você vai pelo menos terminar suas músicas.

— Eu prometo. — E quero muito cumprir essa promessa.

— Você disse que era escritor também.

— Não sou. Tenho algumas coisas engavetadas, mas nada que valha a pena ser lido por alguém.

— Eu adoraria ler seus livros.

— Eu posso escrever um livro sobre o meu pedido de casamento frustrado.

— Não se esqueça de falar de mim.

— Será bem difícil esquecer você, Summer.

— E acho que nunca fui tão sincero em toda a minha vida.

Ela não diz nada. Assente de um jeito tímido e lindo.

— Se você vai falar de mim, seu livro será um sucesso. — Quem sorri agora sou eu. — Qual a sua música preferida? Aquela que toca bem fundo no seu coração?

— Essa é uma pergunta bem difícil de responder. Eu tenho um gosto bem eclético.

— Tem que ter uma. — Summer apoia as mãos no cotovelo, aguardando.

— Tem. — Minha voz muda e alguma coisa falha dentro de mim.

— Qual? — Sua voz também muda. Está mais rouca, mais baixa e extremamente mais profunda.

— Essa. — Eu nem imagino que música está tocando, não estou prestando atenção em nada que não seja Summer e no seu sorriso bobo.

— Dança comigo, Reeve?

Abro a boca para dizer que não sou exatamente um dançarino. Porém dançar significa estar perto dela — ainda mais — e não posso ignorar o quanto quero isso. Seguro a sua mão e ela escorrega do banco.

Se alguém daqui a dez anos me perguntar que música estava tocando hoje, não saberei responder. Mas me lembrarei com perfeição do seu corpo quente colado ao meu, da sua mão, ligeiramente úmida e trêmula, segurando a minha. Eu me lembrarei da respiração entrecortada perto do meu ouvido e do cheiro doce do seu cabelo. Eu me lembrarei apenas de Summer porque, agora,
PERIGOSAS ACHERON

todos os meus sentidos são dela. Uma pequena parte do meu coração também.

E quero que permaneça assim para sempre.

Beijo o topo da sua cabeça, e seu rosto se volta para mim. Engulo em seco porque ela parece ainda mais bonita. Ainda mais perfeita. Seguro seu rosto entre as mãos, beijo a sua testa e a ponta do seu nariz. Meu coração está batendo de forma errática e a respiração começa a falhar.

Summer exala, mas não se afasta quando colo a minha testa na sua.

— Eu preciso te beijar. — Há um desejo crescente dentro de mim, e preciso sentir seus lábios nos meus.

Ela solta um pequeno gemido e não me impede quando resvalo meu nariz no seu, nem mesmo quando fecho os olhos e toco, com a ponta da língua, seu lábio inferior. Summer não resiste quando mordisco o canto da sua boca e colo o corpo ao seu.

Summer se entrega ao beijo.

E ele não poderia ser mais perfeito.

Eu poderia beijá-la pelo resto da noite.

Eu poderia beijá-la para sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

04:38

SUMMER

— Reeve... — Minha voz se perde em seus lábios e meu ar é sugado por seu beijo. Sua língua quente e macia me consome. E eu só quero mais. Fico nas pontas dos pés e envolvo seu pescoço com os dois braços. Ele me aperta com mais força e nossos dentes se chocam, apenas por um segundo. Seus dedos se entrelaçam em meu cabelo e um gemido rouco, quase imperceptível, escapa de sua boca quando se afasta em busca de ar.

Mantenho os olhos fechados quando seus dentes vagueiam por meus lábios.

— Esse foi o melhor beijo do mundo. — Sua voz está baixa e absurdamente mais intensa do que antes. Suas palavras me arrancam um sorriso.

— Foi. — Apenas sussurro a minha resposta porque a voz ficou presa em seu beijo.

Nossas testas estão coladas e as respirações se misturando. Arrisco uma olhadela e encontro os

olhos castanhos e intensos de Reeve presos ao meu.

— Vamos sair daqui. — Seus lábios ainda estão resvalando nos meus. Algumas borboletas alçam voos dentro da minha barriga, e a sensação é maravilhosa.

— Eu não vou para a cama com você.

Ele ri, jogando a cabeça para trás.

— Está nevando, Summer. — Olho pela antiga janela de vidro e constato pequenos flocos branquinhos se acumulando no parapeito do lado de fora. — Só quero que você veja a neve caindo e, depois, jamais levaria você para a cama sabendo que tenho apenas algumas horas.

Isso faz meu estômago contrair. Que expressão mais estranha, mas não consigo pensar em nada mais apropriado. Ele me beija outra vez e é ainda melhor.

— Vamos? — pergunta afastando-se apenas um pouco. Apenas para poder me olhar nos olhos.

— Uhum — murmuro porque estou incapacitada de dizer qualquer coisa.

Reeve sorri, deixa um beijinho rápido em minha boca, me ajuda com o casaco e depois veste o seu. Entrega o violão para Billy e lhe fala alguma
PERIGOSAS ACHERON

coisa, que assente, leva o instrumento para os fundos do bar e volta um minuto depois com um pesado cobertor xadrez nas mãos.

— Valeu, Billy. — Reeve pega o cobertor.

— Volte sempre que quiser, Summer.

— Obrigada, Billy. — Apoio as mãos no balcão e impulsiono o corpo para frente. Billy sorri quando deixo um beijo estalado em seu rosto. — Seu bar é incrível.

— Nosso bar. — Concordo com ele, que dá um tapinha no ombro de Reeve e vai falar com um casal que carrega um bebê muito fofo nos braços. Os três sorriem para Billy quando se aproximam do balcão. — Lily! Que saudade de você, minha querida. E de você também... — Paro de ouvir o que eles estão dizendo porque Reeve me envolve com seu braço quente e me leva para fora do bar.

— *Uau!*

Eu já vi muita neve caindo ao longo da vida. Mas nunca tão linda quanto hoje, nunca tão mágica. Muito menos tão perfeita. Os floquinhos nunca me pareceram tão brancos. Acho que é o efeito Reeve. Devem ser as batidas descompassadas do meu coração que estão fazendo tudo parecer ainda mais

PERIGOSAS ACHERON

encantador. Reeve me abraça e começamos a caminhar pelas ruas quase desertas.

— Aonde nós vamos agora?

— Esperar o sol nascer.

Olho para o céu escuro sobre nós.

— Será que conseguiremos ver alguma coisa?

— Não sei, mas de qualquer forma, sentar no gramado do Brooklyn Bridge Park é meio que obrigatório quando se está em Nova Iorque.

— Isso é uma lenda também?

— Não, acabei de inventar. — Olho para cima e o pego me encarando. Um enorme sorriso estampa seu rosto e eu quase fico sem ar.

— É um dos seus lugares preferidos no mundo?

— É. — Ele volta a olhar para frente. — É lá que eu componho a maioria das minhas músicas.

Quando chegamos ao parque, percebo por que ele é tão inspirador para Reeve. O gramado verde está parcialmente encoberto pela neve que já parou de cair. A vista de Nova Jersey, iluminada do outro lado do rio Hudson, parece mágica. Reeve coloca o cobertor sobre um banco de madeira e se

senta sobre ele. Coloco minha mochila no chão e acomodo-me entre suas pernas, de forma que minhas costas fiquem coladas em seu peito. Ele me abraça com seus braços aconchegantes e quentes e, então, envolve nossos corpos com o cobertor.

— Você tem mesmo que ir embora essa manhã? — Sua respiração pinica a pele do meu rosto.

— Meu plantão começa à uma da tarde. — Apoio a cabeça em seu ombro e ele me aperta ainda mais.

— É Ano-Novo.

— E as pessoas continuam ficando doentes.

Ele exala com força e seu hálito quente toca minha mandíbula.

— Summer? — Reeve deixa um, dois, três beijos em minha bochecha, para depois puxar só um pouquinho o cachecol para baixo e beijar o meu pescoço. Seus lábios estão gelados, assim como a ponta do nariz e, mesmo assim, seu toque aquece meu corpo inteiro. A voz, baixa e rouca, está penetrando o meu ouvido, tirando o meu ar e acelerando o coração. — Eu quero te ver de novo.

Ajeito-me no banco de modo que eu possa
PERIGOSAS ACHERON

ver o seu rosto.

— É estranho dizer que eu também quero, porque nós acabamos de nos conhecer, mas é que...

— Minha voz falha e um pequeno nó começa a se formar na garganta. A constatação de que a melhor noite da minha vida inteira acabará em poucas horas faz meu coração perder uma batida. Talvez duas. Acho que foram três. — Nós deveríamos estar tão conectados assim? — A pergunta, que não saiu da minha cabeça desde que nos conhecemos, ganha voz.

— Deveríamos.

Ele faz que sim e fecha os olhos, acariciando meu nariz com o seu. Sento-me de frente para ele e seguro seu rosto entre as mãos. Seu abraço é apertado e isso faz minhas pernas tremerem.

— Você acredita em destino, Reeve?

— Não.

— Não? — Franzo a testa, mas ele não vê isso. Continua com os olhos fechados, balançando nossos corpos em um ritmo só dele. Só nosso, e deslizando os lábios macios nos meus.

— Eu acredito na teoria do caos. — O canto esquerdo de sua boca começa a se curvar para cima

PERIGOSAS ACHERON

e, então, seus olhos encontram os meus.

— O efeito borboleta? — pergunto confusa e achando graça ao mesmo tempo.

— Uhum. Você não acredita? — Seus olhos se fecham outra vez e a boca passeia pelo meu rosto, até encontrar a minha orelha, para depois fazer o caminho inverso. Meus olhos estão bem abertos. Estou decorando seus traços, seu cheiro e o seu gosto.

— Não sei. Eu acho que acredito em você.

Seus olhos se abrem no mesmo instante e eu me perco mais uma vez.

— Quando eu vi você na estação, toda colorida e falando sozinha... — Aperto os lábios e passo os braços em seu pescoço. — A primeira coisa que pensei foi: Pobre garota estranha e louca. — Controlo-me para não rir. Reeve está rindo e, quando faz isso, eu meio que me apaixono por sua boca. — E então, você atirou seu celular no chão com força e olhou ao redor, quase desesperada, e a segunda coisa que eu pensei foi: Porra! Que garota linda.

Sorrio também.

— Reeve?

— Hum? — Seus dedos estão acariciando minhas sobrancelhas e seus olhos, ainda mais profundos, não desgrudam dos meus. Tenho a impressão de que ele também está fazendo o mesmo que eu: apenas decorando.

— Escreva uma música *pra* mim?

Meu pedido faz sua boca se abrir, mas nenhuma palavra sai dela. As mãos envolvem e aquecem meu rosto e então seus lábios estão nos meus. A cada beijo, sinto-me mais ligada a ele, mais conectada e perdidamente apaixonada. Reeve sorri, timidamente, e envolve meu pescoço com os braços. Já sinto saudade do seu abraço.

— Prometo que quando a música estiver pronta, envio para você.

— Vou esperar ansiosamente. — Afasto-me um pouco, mas não muito. Quero que seu perfume fique impregnado em mim. — Vamos nos encontrar nesse lugar no último dia do ano?

— Vou esperar ansiosamente. — Ele repete as minhas palavras, mas na sua boca ganham mais intensidade. — Você fez meu fracassado Ano Novo ser o melhor de toda a minha vida.

— Eu tenho algum talento — brinco e dou
PERIGOSAS ACHERON

de ombros e engulo em seco, tentando afastar as lágrimas e o choro. Sim, porque estou morrendo de vontade de chorar. — Reeve? — Ele não responde, acaricia meu rosto e minha testa, bem perto de onde começa o gorro. Mordo o lábio inferior.

— O quê, Summer? — Sua voz vacila e acho que seus olhos estão brilhando além da conta.

— Eu estou com medo de não te ver outra vez — admito com a voz falhando. — E estou com medo por também estar sentindo isso.

— Eu sei. — Ele me beija forte, apertando a minha nuca, sugando o meu ar. Entrando em meu coração... Ainda mais. E dessa maneira, sei que ele está sentindo o mesmo. — Olha.

Sigo seus olhos e vejo a mágica começando.

Aconchego-me ainda mais em seu peito e fixo os olhos no céu que começa a mudar de cor. A Ponte do Brooklyn, que estava linda toda iluminada por luzes brancas, fica ainda mais encantadora quando tímidos raios de sol começam a brigar com as nuvens. Surgindo ao longe, traz a esperança de um novo dia, um novo ano e quem sabe, uma nova vida. Lentamente, ele vai subindo e transformando a escuridão em um dia perfeitamente frio e

PERIGOSAS ACHERON

ensolarado.

Lentamente, as lágrimas que tentei segurar, começam a cair.

— Nós precisamos ir ou você vai perder seu trem. — Sua voz vacila, as batidas do meu coração também. Apenas faço que sim e, em total silêncio, mas sem soltar de sua mão um segundo sequer, caminhamos até a estação do metrô.



— Eu vou até o banheiro — digo e acelero o passo. Preciso com urgência fazer xixi, não faço isso desde o ano passado e essa constatação quase me faz rir. Quase, porque meu coração está despedaçado.

— *Tá*, eu vou... — Reeve aponta com o polegar para trás. — Vou pegar um café para a gente.

— Okay — respondo ao mesmo tempo que concordo com um gesto frenético de cabeça. Ele está me deixando completamente tonta e bagunçada.

— Okay — responde, mas não se mexe.

Deve estar bagunçado também.

— Eu vou... — Aponto para trás do mesmo jeito que ele fez.

— Você gosta com creme? Leite? — Sua voz me interrompe quando ameaço dar um passo em direção ao banheiro.

— Não, apenas café.

— Okay.

— É. — Rindo, dou-lhe as costas e sigo o meu caminho. Quer dizer, o do banheiro.

Dez minutos depois, encontro Reeve segurando dois copos grandes de café e um embrulho pardo na outra.

— Comprei um sanduíche para você comer no trem, porque... Bom, talvez você não tenha tempo de comer antes do trabalho e... — Seus olhos vão até o enorme relógio dourado logo atrás de nós. — Faltam apenas dez minutos. — E isso é tão fofo que sinto vontade de chorar. Outra vez.

— Nossa — Suspiro e pego o copo da sua mão, e eu nem sei por que disse isso.

— Esse não é o melhor sanduíche do mundo, mas pelo menos vai matar a sua fome.

— Obrigada, Reeve. — Aperto os lábios
PERIGOSAS ACHERON

para que as lágrimas não desçam. — Eu posso te ligar? — pergunto franzindo a testa e torcendo muito para que ele diga que sim.

— Pode, eu...

— Mas eu nem sei o seu telefone e nem tenho onde anotar e... Deixe-me anotar no seu! — Estendo a mão para que me entregue o seu celular, mas Reeve apenas dá de ombros.

— Está sem bateria, acabei de verificar.

— Droga, Reeve! Eu não vou ser capaz de memorizar o seu. Você tem uma caneta? Posso anotar no saco do sanduíche e... — Sua boca me cala. Odeio despedidas. Odeio ter que dizer adeus. Odeio as lágrimas que estão rolando pelos olhos. Porém, adoro a maneira com que ele me beija nesse momento. Adoro a sensação de ter a sua boca quente na minha. Eu adoro Reeve.

— Você vai encontrar um bilhete junto com seu sanduíche — sussurra em meus lábios. Encaro-o sem entender. — Meu número de telefone.

— Jura? — Ameaço pegar o saco de papel da sua mão, mas ele não deixa.

— Você já está atrasada.

Solto o ar, frustrada, e pulo em seu pescoço.

— Quando eu não souber o que comer na China, vou ligar para você. — Ele deixa uma risada escapar. — Prometa que vai fazer o melhor mochilão da história dos mochilões e prometa que vai me mandar fotos de todos os lugares.

— Eu prometo.

— Promete também que vai compor muitas músicas e vai tocá-las pelo mundo e... — Paro de falar apenas para deixar um beijo na sua boca. — E por favor, venda esse anel.

Reeve não diz nada. Assente com um discreto gesto de cabeça e seu queixo treme. A respiração sai entrecortada e seu beijo ainda mais ansioso. Espero que ele me faça prometer uma lista gigante de coisas, mas o que me pede, faz meu peito arder.

— Promete que não vai se esquecer de mim?

— Nunca. — E o que eu respondo é a mais pura verdade.

Nosso beijo de despedida não é demorado. Não é desesperado.

É apenas um beijo.

Só mais um.

E ainda assim, é dele que vou me lembrar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando pensar na noite de hoje.

— Até mais, Summer.

— Até daqui a 364 dias.

Nossas mãos só se soltam quando a distância finalmente nos vence. Arrisco uma olhadela para trás e Reeve já não está mais lá. Respiro fundo e corro para a minha plataforma.

Acomodo-me na poltrona 20 do vagão de número 18. Coincidência? Destino? Ou apenas o bater de asa de uma borboleta? Prefiro acreditar que isso é apenas um sinal de que o ano será incrível e que, daqui a pouco, estarei com Reeve outra vez.

Enxugo o rosto, faço meu cachecol de travesseiro e fecho os olhos, mas então lembro-me do sanduíche; na verdade, lembro-me de que há um bilhete. Abro o saco pardo e o cheiro do sanduíche faz meu estômago roncar, mas estou ansiosa demais para comer agora. Pego o guardanapo de papel que foi dobrado de qualquer jeito — e está levemente engordurado — e começo a ler. Reeve me faz rir mesmo estando longe.

Summer,

PERIGOSAS ACHERON

Meu número de telefone está anotado atrás desse bilhete.

Guarde esse papel no bolso do seu casaco preferido, no meio da agenda, no fundo da sua mochila de unicórnio ou no meio de um livro sobre acupuntura. Guarde na memória, por favor. Nunca, em hipótese alguma, guarde o meu número apenas no seu celular. Eu queria te dizer muitas coisas enquanto me despedia de você, mas funciono melhor escrevendo. E acabei de perceber que funciono melhor perto de você.

É estranho e assustador sentir isso por alguém em tão pouco tempo. Mas existe um tempo exato para se apaixonar por alguém? Porque acho que me apaixonei por você, Summer.

Espero que você sobreviva à China.

Espero muito que esse ano passe

voando.

Espero por você.

*Perdoe a sua amiga. Acho que ela é a
nossa borboleta.*

*Obrigado por me fazer sorrir mais
vezes em uma noite do que já sorri a vida
inteira.*

Seja feliz!

Um beijo,

R.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

09:05

REEVE

Logo depois de Summer ir embora, compro mais um café e pego o metrô para casa. A viagem até o Brooklyn nunca me pareceu tão cansativa e nem tão demorada. Fecho os olhos e tento dormir um pouco, mas Summer fez uma bagunça e tanto na minha cabeça e agora, mesmo estando acordado há mais de vinte e quatro horas, sequer consigo dormir. Desço próximo ao *The Illuminated* — que já está aberto — e pego o meu violão. Preciso compor sua música. Engraçado que a letra já estava se formando dentro da cabeça muito antes de Summer me pedir para escrever.

Caminho mais três enormes quarteirões, até chegar ao meu prédio. Ele é antigo pra caramba, tem apenas cinco andares e precisa urgente de uma reforma, mas não há lugar mais perfeito no mundo para se morar. Tem cheiro de casa. E guarda milhares de lembranças.

Subo quatro lances de escada assoviando uma melodia e, quando chego ao último degrau, pergunto-me por que não usei o elevador.

Summer! Sua música será a melhor música do mundo!

Ao chegar ao quinto e último andar, encontro meu vizinho despedindo-se de uma garota de cabelos castanhos e olhos azuis. Pelo menos, me parecem azuis quando ela me olha rapidamente e me dá um bom-dia tímido antes de entrar no elevador.

— A noite foi boa?

Meu vizinho demora alguns segundos para desviar os olhos da bunda dela.

— Maravilhosa. — A julgar pelo vestido vermelho que ela ainda usa e por ele estar sem camisa, nesse frio, do lado de fora do apartamento, tenho certeza de que foi. — E a sua? A garota disse sim?

— Ela disse não.

— Porra, cara! Nossa, eu... *Porra!* — Ele passa a mão pelo queixo de um jeito sem graça. — Sua noite deve ter sido uma merda.

— Não. — Estou sorrindo quando pego a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chave no bolso do casaco e a coloco na fechadura.

— Foi perfeita. A melhor noite do mundo.

Ele apenas faz que sim, aponta para mim e sorri.

— Feliz Ano Novo — diz já entrando e fechando a porta.

— Feliz Ano Novo.

Fecho a porta, acomodo-me no sofá e começo a trabalhar.

Porque, agora, todas as minhas músicas finalmente ficarão prontas.

Porque, agora, estou inspirado pra caramba.

Porque, agora, eu encontrei Summer.

Fim...

Ou, quem sabe, esse é apenas o começo?

PERIGOSAS ACHERON



Virada de História

Oh, eu nunca soube que era você
quem estava esperando por mim
Porque éramos apenas crianças
quando nos apaixonamos
PERFECT - ED SHEERAN

Ruby Lace

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de dezembro de
2017**

PERIGOSAS ACHERON

19:30

BLISS

Meu celular tocava incessantemente em algum lugar esquecido do apartamento.

— Vocês não têm mais nada para fazer além de me perturbar?! — gritei para ninguém em particular, afundando duas almofadas em cada lado do rosto a fim de abafar o som irritante.

Sentindo-me sufocada e percebendo não resolver nada contra o barulho, joguei-as no outro canto do sofá. Com o movimento brusco quase derrubei o suporte de colo onde estavam minha mesa digitalizadora e meu notebook.

Ah, não!

Desdobrei-me toda para recuperá-lo antes que caísse tudo ao chão. Estava trabalhando em uma das minhas artes gráficas e não havia salvado as últimas alterações antes de ser interrompida. Logo quando estava prestes a terminar.

Eu mataria quem quer que fosse!

Conferi rapidamente o monitor e, confirmando não ter perdido nada, soltei uma lufada de ar pela boca. Tão logo meus olhos se focaram no desenho, labaredas de fogo foram bombeadas pelas veias e as liberei em forma de um riso colérico. Soei exatamente como uma bruxa maléfica enquanto adicionava os chifres diabólicos na cabeça da figura, que, coincidentemente, parecia muito com meu ex-namorado. No design anterior eu fiz um nu frontal dele e, ajoelhada ao seu lado, uma mulher procurava por seu pênis microscópico com ajuda de uma lupa.

Minha nova coleção se chamava: Traidor desgraçado.

Uma coisa era certa: nunca estive tão inspirada.

Satisfeita com o resultado final, cliquei três vezes no ícone de salvar só para garantir, antes de desligar e fechar o notebook. Finalmente consegui mover as pernas, retirando o suporte de cima delas ao colocá-lo do meu lado no sofá.

Esticando os braços para o alto, alonguei o corpo e deixei escapar um gemido de alívio. Para mim, liberar emoções reprimidas através da arte era

PERIGOSAS ACHERON

a melhor terapia, sentia-me mais leve depois.

Então por que diabos eu estava chorando?, constatei incrédula, sentindo a tristeza deslizando quente e salgada por minhas faces. Quer saber? Dylan não merece minhas lágrimas. Eu quero mais é que ele se exploda! Que um raio caia em sua cabeça! Que...

Sequei o rosto rudemente com as costas das mãos e me levantei no embalo, deixando a raiva me propulsionar para frente enquanto sobrepujava minha melancolia.

...Que ele vá pro inferno!

Saí arrastando meus pés cobertos por grossas pantufas de unicórnio e fui até a cozinha em busca de alguma bebida, alcoólica de preferência, quando escutei o maldito celular tocando. De novo.

Qual era a dificuldade das pessoas entenderem que eu não queria falar com ninguém? Muito menos sair para comemorar o Ano Novo que nem havia começado e já era uma bosta.

Senti minha paciência, que antes já estava por um fio, se romper ao som azucrinante cortando o silêncio.

Larguei a porta da geladeira que estava
PERIGOSAS ACHERON

prestes a abrir e, estreitando os olhos na direção de onde vinha a música, andei determinada até lá. Mas, tão logo atravessei o batente do quarto, o aparelho parou de tocar só para dificultar minha busca.

Onde foi a última vez que o vi?

Vasculhei toda minha cama, levantando os lençóis e travesseiros do colchão. Procurei no criado-mudo. Fucei dentro do armário. Olhei nas prateleiras de livros. E nada. Já estava ficando sem fôlego, querendo jogar as mãos pro alto em desistência, quando ouvi o inconfundível alerta de mensagem. O barulho veio da cama.

Mas que diabos?

Eu tinha revirado aquilo de ponta-cabeça e jurava que não estava ali!

Foi então que parei um segundo para pensar e me agachei. Lá estava ele no chão enquanto carregava na tomada ao lado da cama.

Minha vontade era de desligá-lo, mas a curiosidade me venceu e destravei a tela para ler a última mensagem recebida.

PERIGOSAS NACIONAIS

20:20

Tina: Bliss, eu juro por tudo que é mais sagrado que se você não me responder em cinco minutos, eu chamo a polícia!

Revirei os olhos e li as mensagens anteriores.

20:02

Estou surtando aqui! Você está viva?!

20:20

Tina: Bliss, eu juro por tudo que é mais sagrado que se você não me responder em cinco minutos, eu chamo a polícia!

Um riso brotou da minha garganta e neguei com a cabeça. Minha amiga conseguia ser mais dramática do que eu. Mas do jeito que ela era louca, resolvi responder para não dar chances da polícia realmente bater à minha porta.

PERIGOSAS ACHERON

Estou viva. Só quero ficar sozinha.

Digitava a mensagem enquanto caminhava de volta até a cozinha, então cliquei em enviar e repousei o celular em cima da bancada. Abri a geladeira, retirando de lá uma garrafa de vinho tinto que estava no fim. Não tinha o hábito de beber, mas de vez em quando sentia vontade. Por sorte eu havia comprado aquele *Merlot* para comemorar o Natal, porque nunca precisei tanto me inebriar desde então. Virando a garrafa, despejei todo seu conteúdo na taça e a levei até os lábios, preenchendo minha boca e...

Fiz uma careta e cuspi o líquido azedo, devolvendo tudo dentro do copo.

Estava estragado!

Sentindo os olhos arder, reprimi as lágrimas de frustração e marchei até o quarto. Agarrei meu gorro felpudo rosa largado no sofá pelo meio do caminho e o coloquei de qualquer jeito na cabeça. Vesti um *trench coat* por cima do pijama de flanela, para logo em seguida arrancar minha bolsa do cabideiro e sair toda desgrenhada e ainda de

pantufas para a rua.

Era uma mulher determinada a me embebedar nessa noite, e aí de quem se pusesse no meu caminho!

Nem pensei muito sobre como eu deveria estar parecendo uma mendiga.

Existia uma coisa chamada prioridade, e nesse momento a minha era conseguir a bendita bebida.

Um vento gélido lambeu minha pele tão logo coloquei os pés para fora do prédio, fazendo-me estremecer e puxar a gola do casaco para cima.

— Não acredito — murmurei ao pisar em uma poça d'água, molhando meus unicórnios brancos e congelando os pés no processo. — Vai se danar! — berrei, mostrando os dedos do meio para o céu anuviado por finíssimos flocos de neve e assustando uma idosa que caminhava do meu lado.

Por que o universo estava contra mim? Nunca fiz nada de errado. Até mesmo devolvia dinheiro quando me davam troco a mais. Nunca sequer matei uma barata na vida!

Tudo bem, confesso, nunca matei uma barata porque tenho medo, mas isso não vem ao
PERIGOSAS ACHERON

caso.

Vapor de ar condensado saiu da minha boca em forma de um longo suspiro, encolhi-me dentro das roupas em busca de calor e continuei com meu caminho.

Não gostava desse sentimento me consumindo por dentro, dessa vulnerabilidade.

Odiava a mágoa que me sufocava a ponto de me fazer soluçar em prantos. Chateada por ter me colocado em uma situação da qual saí de coração partido.

Perdi dois anos da minha vida ao lado de um homem que não deu valor à nossa relação. Pior. Não *me* deu valor. Em contrapartida, entreguei-me de olhos fechados e ofereci meu coração ingênuo. Deveria saber que não daria certo. Deveria ter mantido os olhos bem abertos, mas a sua beleza me cegava.

Ele era lindo e tinha consciência disso, usava desse artifício para conseguir o que quisesse.

E um dia ele me quis.

Até que chegou a vez de querer outra.

Mas como eu poderia adivinhar, certo?

No início, Dylan me ganhou com seus flertes
PERIGOSAS ACHERON

pretensiosos, munido com aquele sorriso conquistador e sua total atenção em mim. Ele me ganhou com as intermináveis conversas que varavam a madrugada, com todo desejar de boa-noite até nos despedirmos com um bom-dia. Dylan me ganhou porque eu fui estúpida o bastante em acreditar nas suas palavras doces e em suas promessas vazias.

Então, como prever um fim se ele me fez acreditar ser o centro do seu mundo? Um dia eu era sua musa, a inspiração para sua arte. Pintava-me em cores vibrantes, assim como dizia sentir pulsar nosso amor em suas veias.

Não percebi que, com o tempo, sua tela mudou de tom.

No fim não era musa, nem arte, e nem cores. Senti-me como se houvesse algo de errado comigo. Indesejável. A menos importante peça de sua galeria.

Mas que droga! Queria ter um botão para desligar essas emoções.

E o engraçado nisso tudo era que eu não estava arrasada com o fim do nosso namoro em si, mas pela forma como tudo terminou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Percebi que amava Dylan, mas não estava mais apaixonada por ele. Obviamente ele sentia o mesmo.

Não. Não era verdade.

Ele não sentia nada.

Porque, ainda que não o amasse da forma que devia, nunca faria o que ele fez comigo.

Continuei andando, perdida em meus pensamentos, até que vozes animadas me trouxeram de volta para a realidade.

— Feliz Ano Novo, garota dos unicórnios!
— uma mulher envolvida nos braços do namorado disse sorridente ao passar por mim.

Ignorei-a e apressei os passos, querendo chegar logo na bendita loja de bebidas.

— Feliz Ano Novo, gatinha! — Um garoto aparentando ser quase dez anos mais novo do que eu flertou comigo, recebendo um revirar de olhos em resposta.

As ruas estavam lotadas de pessoas alegres, e eu queria que todas elas fossem se danar.

— Feliz Ano Novo — um casal aos abraços disse em uníssono antes de mergulharem em um beijo apaixonado debaixo da marquise do
PERIGOSAS ACHERON

restaurante.

Argh!

Dane-se.

Dane-se.

Danem-se essas pessoas esfregando a felicidade delas na minha cara. Será que não enxergavam minha miséria?

Finalmente alcancei meu destino, adentrando a loja e lançando um olhar fulminante para o sino da porta que alertava minha chegada. Até ele soava alegre demais para o meu gosto. Segui em linha reta até o setor de vinhos e, sem ponderar muito, escolhi uma das melhores garrafas. Notando minha presença, o homem atrás do caixa me observou com uma sobrancelha levantada conscopicamente enquanto eu gingava em ritmo de fúria em sua direção.

— Precisa de mais alguma coisa? — Sua voz monótona brindou meus ouvidos tão logo coloquei a bebida no balcão.

Até que enfim, existia outro ser humano mal-humorado na face da Terra, eu não era a única!

— Não, é só isso mesmo, obrigada — disse, remexendo na bolsa em busca do meu cartão de PERIGOSAS ACHERON

crédito.

— Vou precisar da sua identificação — pediu seco e espalmou suas mãos no balcão desafiadoramente.

Mirei meus olhos cor de violeta nele, pedindo em pensamento que eles pudessem ser radioativos para aniquilar sua expressão insolente.

— Sou maior de idade e já comprei aqui antes — bufei, voltando a vasculhar os conteúdos da bolsa.

— Não importa, é a regra da loja.

Enrosquei meus dedos frios em volta da carteira, fisingando-a lá do fundo, e a puxei com tanta vontade que alguns objetos voaram junto. Nem me importei em resgatar os absorventes internos voadores que se espalharam ao chão; queria voltar para o conforto da minha casa, na companhia do vinho, e aquecer os pés congelados.

Entreguei minha carteira de habilitação junto com o cartão de crédito, batendo os calcanhares contra o piso enquanto, impaciente, o aguardava conferir meus dados. O senhor olhou de mim para minha foto na identificação e então leu meus dados em voz alta.

— Bliss Avery. Nasceu em quatro de julho de mil novecentos e noventa e dois. — Voltou a olhar para meu rosto e riu.

Ele riu!

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara — gemi baixinho, então fechei os olhos e inspirei fundo.

Sabia que meus traços delicados enganavam, e eu aparentava ter bem menos idade, mas não estava com cabeça para lidar com isso nesse momento.

— Essa identificação é falsa, garota?

— Não. Eu realmente nasci no dia da independência, tenho vinte e cinco anos e quero *comprar* a porcaria do vinho neste estabelecimento. Ainda este ano de preferência. — Inclinei-me para frente, pegando meu documento de sua mão. — Será que é pedir muito? Ou terei que comprar em outro lugar?

O tilintar do sino na porta alertou a entrada de outros clientes e interrompeu as palavras que ameaçaram sair de sua boca murcha. Engoliu sua resposta e então passou meu cartão na máquina, fazendo seu trabalho com muita má vontade.

PERIGOSAS NACIONAIS

No segundo seguinte eu saí de lá abraçada à sacola de papel, desviando-me do número exorbitante de pessoas que transitavam pelas ruas enquanto tentava voltar o mais rápido possível para meu apartamento.

Empurrei a chave na fechadura com a ponta dos dedos dormentes e atravessei o batente, arrancando os sapatos molhados pelo caminho e suspirando ao sentir a sensação cálida do aquecedor embalando minha pele frígida.

Depois de tudo que me aconteceu, eu merecia um banho demorado de sais na minha minúscula banheira enquanto saboreava um bom vinho.

E foi exatamente o que fiz.

Só não esperava que durasse tão pouco...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de dezembro de
2017**

PERIGOSAS ACHERON

20:40

ALL

Soltei um grunhido ao sentir a queimação gostosa se alastrando por meu corpo e o suor escorrendo pela pele, ao me movimentar num vai e vem descompassado, alcançando meu limite. E então desabei.

— Cem — disse sem fôlego, terminando a série de flexões.

Continuei no chão acarpetado, deitando-me de costas para começar com os exercícios abdominais. Ainda tinha tempo suficiente para me exercitar um pouco mais antes de tomar uma chuveirada e me arrumar. Treinava todos os dias e já havia feito algumas séries nessa manhã, mas gostava de trabalhar novamente os músculos pouco antes de sair para algum evento ou encontro.

As mulheres amavam tocar nos meus bíceps inchados e trilhar meu abdome trincado com seus dedos ávidos e curiosos. E, confesso, eu adorava

toda maldita atenção.

Mas nem sempre foi assim.

Eu não era esse cara que só com um olhar arrancava suspiros.

Que com um sorriso provocante as tinha em meus braços.

E que com uma simples frase assoprada ao pé do ouvido poderia levar qualquer uma para cama.

Não...

Nem sempre fui objeto de desejo. Longe disso.

Até os meus dezoito anos de idade, eu era muito magro e desengonçado. Crescia mais rápido do que conseguia ganhar peso.

Todo o meu um metro e noventa de puro músculo foi resultado de sete anos de musculação, boa alimentação e força de vontade.

As lembranças do meu passado vergonhoso me fizeram soltar um riso estrangulado. Estava na hora de eu deixar aquilo tudo para trás. Eu era um novo homem agora.

— Puta merda, preciso correr *pro* banho —
minhas palavras ecoaram no apartamento vazio tão
PERIGOSAS ACHERON

logo conferi o horário no celular que jazia ao meu lado no carpete.

Derek, meu melhor amigo, estava prestes a chegar. Havíamos combinado de ir a uma festa de fim de ano juntos — na verdade, foi ele quem me convidou, pois eu ainda não conhecia ninguém e quase nada na cidade.

Crescemos juntos em Nova Jersey e ele foi o primeiro a se mudar para Nova Iorque há alguns anos. Quando consegui a vaga de emprego na firma de advocacia em Manhattan, Derek não mediu esforços para me ajudar com a mudança e foi ele quem encontrou esse apartamento para mim no Brooklyn.

Levantei-me no impulso e saí da sala, desviando-me das caixas pelo meio do caminho até chegar ao único cômodo que tive tempo de arrumar desde que cheguei aqui há pouco mais de um mês. Adentrei meu quarto e arranquei algumas peças de roupa do armário, jogando-as de qualquer jeito em cima da cama king size, antes de pegar uma cueca boxer da gaveta e fazer o mesmo.

Puxei minha camisa molhada de suor, desgrudando-a da pele. Apesar do clima gélido lá

PERIGOSAS ACHERON

fora, o termostato aqui dentro funcionava como uma sauna. Era uma das coisas que precisava resolver na nova casa; não havia meio termo: ou o sistema do ar resfriava muito ou esquentava demais.

Tomei um banho rápido e comecei a me vestir.

Olhei para o relógio que tinha acabado de colocar no pulso direito e franzi a testa ao constatar serem 21:15.

Derek deveria ter chegado há quinze minutos.

Peguei meu celular largado em cima do colchão, mas não encontrando nenhuma ligação perdida, decidi enviar uma mensagem de voz.

— Cacete, sou eu quem é novo na área, cara. Mas é você quem se perde no caminho? — caçoei, rindo no final da frase.

Sem receber uma resposta imediata, deslizei o aparelho para dentro do bolso traseiro da minha calça de sarja preta. Vesti a segunda pele antes de passar a camisa de tricô cinza chumbo pela cabeça. Assenti em aprovação e sorri para meu reflexo no espelho do armário, notando como o tecido se

PERIGOSAS ACHERON

ajustou perfeitamente ao corpo, salientando as partes planas e onduladas do meu físico. Para completar, calcei os sapatos *Oxford* e ajeitei meus cabelos pela última vez.

Eu estava pronto e...

Onde é que você está, Derek?

Voltei para a sala enquanto vasculhava meu celular. Nada. Nenhuma resposta, ele sequer visualizou!

Tentei ligar, tocou até cair na caixa postal. Ele só podia estar de sacanagem! Soltei o ar dos pulmões, bufando ao sentir minha paciência chegando ao limite.

— Cara, já se passaram trinta minutos do combinado. Atende essa merda! — Deixei minha mensagem e desliguei.

Senti vontade de socar alguma coisa. Mais precisamente tinha vontade de socar a cara dele quando o visse.

Ele me convenceu a ir nessa maldita festa e não parou de falar dela a semana toda.

Agora eu faço questão de ir!

Na primeira vez que me chamou, eu não me animei em ir a um evento com pessoas da empresa

PERIGOSAS ACHERON

onde ele trabalhava. Imaginei que seria monótono e dificultaria meus planos de passar a virada do ano na cama. Mas não para dormir, se é que me entendem. Queria comemorar o novo ano com muito prazer.

Derek prometeu que teria muita bebida e comida, mas, percebendo minha falta de entusiasmo, mudou sua tática. Então mencionou as mulheres. Ele me conhecia bem, topei na hora.

Esfreguei o rosto, frustrado. Odiava essa sensação estranha de solidão e, percorrendo os olhos pelo ambiente desprovido de móveis e qualquer artigo de decoração, o espaço vago dentro do peito parecia maior.

Isso só podia ser falta de sexo. Precisava sair logo dali, conhecer alguém e acabar com esse absurdo.

Fui até a pequena cozinha, peguei a garrafa de uísque que ganhei do Derek em comemoração à nova fase da minha vida, e então me servi de um copo. Virei todo o conteúdo, deixando o líquido queimar a garganta e derreter um pouco do sentimento ruim.

Resoluto, tentei entrar em contato pela

PERIGOSAS ACHERON

última vez e, quando novamente ele não atendeu, olhei perplexo para o visor.

21:51

Voltei a colar o celular na orelha no mesmo instante em que o sinal para deixar uma mensagem apitou.

— Seu vacilão — disse em tom de recriminação. — Qual é o seu problema? Por um acaso a porcaria da sua mão ia cair se me ligasse cancelando?! Fiquei te esperando que nem um idiota. Vou sozinho mesmo e... — Deixei um riso irônico escapular ao perceber uma coisa. — Droga, você não me passou o endereço da festa!

Controlei minha respiração, meneando a cabeça com um sorriso torto nos lábios.

— Espero que tenha um bom motivo para me deixar na mão, cara. Até mais e feliz Ano Novo.

Busquei por minha carteira e atravessei a porta, seguindo até o elevador e saindo logo em seguida pelo portão de ferro do prédio.

Inspirei fundo o ar frígido e úmido. Levantando o rosto, admirei o céu negro encoberto por um véu de pequenos flocos de neve e decidi

PERIGOSAS NACIONAIS

que essa noite seria repleta de possibilidades. Enterrei minhas mãos nos bolsos da calça ao estremecer de frio, olhei para as duas direções em que a rua me levava, então virei para a esquerda. Não conhecia os arredores daquele bairro, mas sabia que encontraria algo, afinal Nova Iorque era a cidade que nunca dorme, muito menos na véspera de Ano Novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

20:55

BLISS

Sorvi o aroma delicioso emanando dos sais de banho, envolvida pelas notas frescas e calmantes de algumas das fragrâncias como a verbena e rosas brancas.

No entanto, meus pensamentos continuavam inquietos. Mergulhei ainda mais na banheira até que a espuma cobrisse meu pescoço, puxei o ar com força e então afundei o rosto na água morna.

Contei até vinte. O bastante para perceber que os pensamentos eram à prova d'água e meus pulmões, uns *fracotes*. Emergi, praguejando contra o ardor que castigou meus olhos tão logo os abri cheios de espuma. Na urgência de parar com a queimação, estiquei os braços para fora da banheira, na direção do gancho onde havia pendurado a toalha e, ao sentir o tecido resvalando em meus dedos, puxei.

Foi quando ouvi alguma coisa se espatifando

em pequeninos pedaços.

Mas eu não podia fazer nada. Nada além de enxugar meus olhos sofregamente em busca de alívio.

Quando finalmente consegui abrir minhas pálpebras, percorri o olhar pelo chão coberto do líquido rubro e de cacos de vidro. Na minha ânsia de pegar a toalha, derrubei a taça de vinho que jazia na borda da banheira retangular de alvenaria.

— Bliss! — a voz estridente vinda de dentro do meu apartamento me assustou. E eu mal tive tempo para responder quando a porta do banheiro anexo ao meu quarto se abriu.

Minha amiga surgiu do batente e, eu ainda processava toda aquela cena sem conseguir falar nada, quando seus olhos se arregalaram ao encontrar o vinho derramado no piso branco. Uma mão subiu até sua boca, tapando um arfar dramático.

— Bliss, meu Deus, por favor não morra! — gritou ela, sem nem ao menos olhar direito para mim enquanto continuava encarando o vinho como se ele fosse...

— Não é sangue, sua louca — sibilei, ao que
PERIGOSAS ACHERON

ela levantou o rosto para me inspecionar e, deparando-se comigo sã e salva, suspirou em alívio e espalmou seu peito. — O que você está fazendo aqui no meu apartamento? — perguntei, soando irritada.

— Você! — Apontou seu dedo em riste na minha cara. — Não pode me ignorar por todo esse tempo e esperar que eu aceite, querida.

Soprei o ar com força e balancei a cabeça em negativa, espalhando partículas de espuma ao meu redor.

— Vou confiscar sua cópia da chave — reclamei me levantando e enrolando a toalha em volta do meu corpo. No momento de pisar para fora da banheira eu hesitei, lembrando-me dos cacos de vidro. — Mas antes preciso que me ajude a sair daqui. — Mordisquei o canto da boca e acenei para o chão, perdendo toda a postura agressiva e expondo meu lado fragilizado.

Sua expressão provocante se esvaiu ao notar minha mudança de tom, olhou de esguelha para baixo e assentiu, antes de voltar sua atenção para mim.

— Não se mova, preciso de você inteira! —
PERIGOSAS ACHERON

Levou sua longa franja loira para trás da orelha e correu porta afora.

Segundos depois, ela estava de volta munida de vassoura e uma pá. Começou a limpar o piso, tomando bastante cuidado ao conferir se havia deixado escapar algum vestígio cortante.

— Prontinho — disse, afastando-se com os utensílios de limpeza e então eu finalmente saí da água, sentindo a superfície lisa e fria debaixo dos pés descalços. — O que você faria sem mim, hein? — brincou, abrindo seu sorriso largo e dissolvendo um pouco meu aborrecimento.

— O que eu faria? — Sorri de volta a contragosto, não consegui me conter. Sua personalidade efusiva era contagiante. — Sei lá, pularia o mais longe possível. Sobreviveria, disso eu sei. — Encolhi os ombros.

— Não se escorregasse e quebrasse o pescoço. — Estalou sua língua.

— Vire essa boca *pra* lá, Tina! — Passei apressada por ela e fui até meu quarto, batendo minha mão em punho na madeira do criado-mudo por superstição. — E você ainda não respondeu minha pergunta. — Lancei um olhar suspeito

PERIGOSAS ACHERON

para ela, que se sentou na beirada da minha cama enquanto eu terminava de me enxugar para vestir algo.

Não tínhamos vergonha de nos expor uma para outra, estávamos acostumadas depois de morarmos juntas por anos durante a faculdade, onde dividimos o mesmo quarto no dormitório.

— Que pergunta?

— O que está fazendo aqui? Por que não tocou a campainha como uma pessoa normal em vez de invadir minha privacidade? — Virei rápido o rosto em sua direção, revirando meus olhos exageradamente.

Ela encolheu seus ombros, comprimindo os lábios pintados de vermelho para reprimir um sorriso mordaz.

— Toquei a campainha sim, uma vez, mas não ouvi barulho nenhum e... — Começou a falar e então mudou completamente o rumo da conversa. — Você não vai usar essa calcinha, né?

— O que tem de errado com ela? — Segurei a peça na altura do rosto para examiná-la. — É uma *Victoria's Secret*, pelo amor de Deus.

— Pode até ser uma *Victoria's Secret*, mas é PERIGOSAS ACHERON

da linha esportiva — disse de forma exasperada e se empurrou para fora do colchão, arrancando o tecido dos meus dedos e jogando-o de volta na gaveta. — Não é *sexy* o suficiente!

— Meu propósito não é ficar *sexy*. — Peguei novamente minha calcinha. — Meu propósito é ficar confortável para mergulhar debaixo das cobertas, cair no sono e só acordar no ano que vem.

— Bliss, não faça isso, por favor. — Segurou meus braços, impedindo que eu vestisse a peça, como se estivesse contaminada ou pegando fogo. — Seus dias de fossa acabam hoje! Se arrume, fique bem linda e venha se divertir comigo e com as meninas.

— Tina... — Afastei-me e fiquei de costas, escondendo a minha mágoa de seus penetrantes olhos negros. — Eu avisei que queria ficar sozinha. Não estou com a mínima vontade de curtir hoje. — Forcei minha voz para soar firme e denotar desinteresse.

— Não entendo qual é o problema. — Suspirou.

— O problema? — Girei-me nos calcanhares, fitando-a nos olhos. — Você quer PERIGOSAS ACHERON

saber qual é o meu problema?!

Quando ela não respondeu mas continuou me encarando, prossegui com meu ataque verbal. Deixei jorrar da boca os sentimentos reprimidos que há semanas me sufocavam.

— O problema é que meu namorado esteve me traindo durante meses. MESES. — berrei, abrindo os braços para salientar a proporção do acontecimento. — Enquanto isso, ele fingia que estávamos bem e falava do nosso futuro como se nada estivesse acontecendo. Combinamos de passar o Natal na casa dos pais dele. FINALMENTE, depois de dois anos juntos, eu conheceria sua família. — Soltei um riso ácido. — Eu fui uma idiota mesmo. Dois anos e nunca conheci os pais! Isso já era um alerta vermelho, certo? Mas eles moravam do outro lado do país e nunca dei importância para isso. Então, na semana do Natal ele sumiu, dizendo que estava ocupado com o trabalho. Demorava em retornar minhas ligações. Não me visitava. Até que chegou a data. Ele ficou de me buscar para irmos ao aeroporto juntos. E o que aconteceu, Tina? O QUE AQUELE DESGRAÇADO FEZ? — perguntei num grito

PERIGOSAS ACHERON

colérico, mas ela sabia se tratar de uma pergunta retórica e ficou quieta, escutando-me atentamente.

— Dylan apareceu na minha porta e disse que precisava terminar. — Minha voz quebrou e precisei enxugar uma lágrima. — Na hora pensei que fosse brincadeira e ri, chamando-o para me ajudar com a mala. Mas quando percebi que não me seguia pelo apartamento, eu me virei para olhar...

Deslizei meus dedos por minhas mechas úmidas, puxando-as para longe do rosto e meneei a cabeça como se ainda não pudesse acreditar no que vi.

— Ele continuava na porta, com as mãos enterradas nos bolsos da calça jeans surrada e com seu queixo encostado no peito. Parecia culpado, não conseguia nem me olhar nos olhos. — Inspirei fundo e continuei baixinho. — Então o cretino disse que se apaixonou por outra. Na raiva perguntei sobre os detalhes, foi quando soube que eles já estavam se relacionando por mais de seis meses. Eu a conheço, é a dona da nova galeria onde ele expõe seus quadros.

Tina ficou vermelha e eu soube que estava

PERIGOSAS ACHERON

sentindo ódio deles por mim.

— Mas sabe o que é pior nisso tudo?

— O quê? — perguntou num sussurro.

— Quando o assisti indo embora, sumindo por trás da porta do elevador, algo dentro de mim pediu para que eu fosse atrás dele. Não para reatar o namoro ou implorar que voltasse para mim. Eu só precisava, sei lá, precisava me despedir direito. De um abraço. Até pensei em entregar seu presente de Natal. — Voltei a rir da minha própria ingenuidade. — Então fui, descii os lances de escada o mais rápido que pude para alcançá-lo. E, quando cheguei ao hall de entrada do prédio, lá estava ele com a outra.

— Ele teve a audácia de trazer a amante para o seu prédio. — Minha amiga arfou indignada. — Eu não sabia disso!

— Pois é, aquele filho da puta! — Meu peito subia e descia pesadamente enquanto tentava preencher os pulmões de ar. — Ela foi no meu lugar, estava com sua bagagem de mão.

Nunca mais.

Nunca mais me apaixonaria por alguém como Dylan. Não entendia como pude me
PERIGOSAS ACHERON

relacionar com um homem tão convencido, não era do meu feitio. Olhando para trás, percebi como fui tola em cair nas suas artimanhas, mas ele era tão charmoso e sabia dizer as coisas certas...

Nunca mais!

— Pense no lado bom, amiga. Agora você está livre daquele embuste. Uma vez traidor... — Tina levantou uma sobrancelha. — A outra vai provar do próprio veneno.

— Talvez... — Caminhei até meu armário, ainda estava nua e começava a sentir frio. — Não me importo mais com eles.

— *Rá!* — Ela gargalhou dramaticamente, tremendo o corpo curvilíneo emoldurado por um vestido tubinho preto. Seus seios saltavam do decote com o movimento. Eu, por outro lado, tinha curvas sutis e me faltava comissão de frente. — Dá para perceber que não se importa — disse sarcástica, recebendo uma careta em resposta. — Sabe o que dizem por aí? — perguntou, arrancando das minhas mãos meu pijama fofo de coala e jogando-o para bem longe. — Para esquecer o *ex*, basta receber orgasmos múltiplos de outro. Na hora não vai se lembrar nem do próprio nome, quanto

PERIGOSAS ACHERON

mais o do Dylan.

— Dylan nunca me deu um orgasmo mesmo — sussurrei, fitando as unhas dos pés que havia pintado de escarlate nessa manhã.

— QUÊ?! — Pulou em cima de mim com os olhos saltados, segurou meus ombros e me encarou horrorizada. — Quer dizer que ficou todo esse tempo com um cara que nunca te deu prazer? — Começou a me sacudir. — VOCÊ É LOUCA?

— Não era de todo ruim... — menti. Dylan podia ser um tesão de lindo, mas na hora *H* não sabia encontrar meu clitóris nem se eu desse um mapa. Perdia-se demais em si mesmo, no seu próprio prazer, para seguir as direções.

— Bliss, você tem dez minutos para se arrumar. — Soltou-me e foi xeretar o armário, inspecionando minhas roupas. — Sua missão será começar o ano tendo orgasmos com o cara mais lindo que encontrar. Melhor resolução não há, querida!

— Ele não precisa ser lindo. — Acabei cedendo. Realmente, estava perdendo meu tempo remoendo o passado. Já era hora de seguir em frente com minha vida. — Não quero encontrar PERIGOSAS ACHERON

uma cópia do Dylan. Prefiro alguém, sei lá, que seja fofo comigo para variar. Inteligente, mas sem ser prepotente. Gentil e humilde...

— Amiga, você está procurando por um orgasmo ambulante, não um namorado perfeito. — Interrompeu meus devaneios, pescando uma peça de um dos cabides e o colocando em meus braços. — Por que nunca te vi usando esse vestido? É perfeito!

Era um vestido vermelho rendado, de mangas compridas e com um decote profundo. Ajustava-se perfeitamente no meu corpo e batia dois palmos acima dos joelhos, mas, como minhas pernas eram longas, não ficava muito curto.

Ousado sem ser vulgar.

Preferi não contar sobre tê-lo comprado para a próxima exposição de arte do Dylan, mas isso foi antes do nosso término e nunca imaginei usá-lo em outra ocasião. Peguei a roupa e comecei a me vestir, também troquei de calcinha, optando por uma tanga de renda da mesma cor. Separei minhas botas longas de salto que subiam até as coxas e meu *trench coat* preto para acompanhar. Minha amiga me ajudou com maquiagem e cabelo. E, em

PERIGOSAS ACHERON

quinze minutos, estávamos saindo pela porta.

Tina já havia marcado de se encontrar com nossas amigas em um bar próximo de seu apartamento, a alguns quarteirões de onde eu morava, indo na direção da Brooklyn Bridge, a ponte que ligava Brooklyn a Manhattan.

Andávamos de braços dados, aconchegando-nos uma na outra para nos manter aquecidas no vento gélido dessa noite de dezembro. No meio do caminho, pouco mais de cinco minutos a pé, fiquei um pouco arrependida por ter escolhido aqueles saltos altos.

— Tina, pensando melhor, eu não quero me apressar e ficar com alguém que nem conheço — murmurei enquanto me concentrava nos meus passos com medo de torcer os tornozelos.

— Nada de ser covarde agora, Bliss.

— Não estou sendo covarde! — contestei, empurrando-a de leve. Ela se desequilibrou, soltando um gritinho ao se pender para frente. Rapidamente puxei seu corpo de volta para que não me levasse junto ao chão. — Estou sendo racional.

Ela bufou, rindo logo em seguida.

— Estou falando sério, amiga. Quem me
PERIGOSAS ACHERON

garante que o homem vai mesmo ser tudo isso na cama?

— Eu garanto, tenho boa intuição para essas coisas. — Virou o rosto para mim, estalando seus dedos como se acabasse de compreender algo. — Por isso nunca fui com a cara do Dylan.

Meus olhos se reviraram.

— Tina, não venha jogar homens para cima de mim. Eu mesma escolho com quem vou ou não passar a noite. E se quero ou não fazer isso.

— Assim não tem graça nenhuma, Bliss. — Fez biquinho. — Deixa-me brincar de fada madrinha!

— Não...

— Chegamos — ela disse ao mesmo tempo que eu, abafando minha resposta com sua voz animada e me puxando em direção à entrada do bar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

21:55

ALL

Caminhei a esmo pelos asfaltos molhados refletindo as luzes natalinas, e fui seguindo, sem prestar muita atenção ao fluxo de pessoas que transitavam pelas ruas. Talvez elas me levassem para algum lugar.

Uma senhora, ao passar por mim, piscou e assoprou um beijo de forma teatral.

— Feliz Ano Novo, gostosão! — ela disse, sendo arrastada pelos braços por uma jovem.

— Mãe, não me faça passar vergonha, pelo amor de Deus — exclamou a linda mulher que a acompanhava, olhando-me de esguelha com as faces afogueadas.

Não consegui conter o riso, girei-me nos calcanhares para não as perder de vista.

— Feliz Ano Novo, senhoritas — retribui o cumprimento com minha melhor expressão sedutora, fazendo as duas titubearem em suas botas

de cano alto.

Meu humor aos poucos foi se contaminando com os semblantes felizes e adereços festivos até que me peguei sorrindo sem esforço. Passei por bares e pubs, alguns estavam tão cheios que havia filas na entrada, outros vibravam com música alta e burburinhos, mas preferi continuar com minha busca.

Um grito estridente ondulou pelo vento, chegando aos meus ouvidos e chamando minha atenção. Olhei em direção ao som dos risos que o acompanhou na outra calçada, encontrando um grupo de amigos aparentando ter a mesma idade que eu. De onde estava não conseguia enxergar com precisão detalhes físicos, mas podia ver que eram dois homens e três mulheres. Aparentemente uma delas havia se desequilibrado em seus saltos e estava nesse momento sendo levada no colo do namorado.

Cruzei a rua decidindo acompanhá-los, mas, alcançando a fachada envidraçada do bar em que eles entraram, detive-me em frente a uma das janelas para conferir seu interior. Gostando do que vi, continuei, atravessando a estreita porta vermelha

PERIGOSAS ACHERON

de madeira. Imediatamente fui envolto à cacofonia de vozes, sons instrumentais e risos. Meus pés batiam contra o piso de taco enquanto meus olhos esquadrihavam rapidamente as mesas que se enfileiravam de encontro à parede de um rubro vivo. Do lado direito ficava o balcão do bar; embrenhei-me entre os corpos ali aglomerados em busca da atenção dos *bartenders* que estavam extremamente ocupados nessa noite.

— Uma *Guinness*, por favor — pedi, tão logo consegui fazer contato visual com um dos atendentes.

Ele assentiu, depositando o copo transbordando de cerveja na minha frente. Joguei uma nota de dez no balcão e me virei de lado, debruçando-me e levando a bebida até os lábios enquanto percorria os olhos com calma pelo ambiente.

— Tantas possibilidades — sussurrei, checando com cautela algumas das mulheres que já me olhavam com evidente interesse.

Uma delas vinha trôpega até mim, rebolando demasiadamente em seu vestido preto com lantejoulas e deslizando seus dedos pelas mechas

PERIGOSAS ACHERON

castanhas que cascateavam até a altura dos ombros. Parecia bêbada, apesar de ainda ser cedo.

Minha atenção, porém, fixou-se em outra coisa.

Saí de onde estava, desviando-me sutilmente da morena e indo até mais ao fundo do bar onde havia espaço para a banda que tocava ao vivo e uma pequena pista de dança logo em frente. Ali também ficavam algumas mesas menores espaçadas pelos cantos.

Estava prestes a me virar para o outro lado, quando notei a loira. Ela dançava sozinha. De olhos fechados, balançava a cabeça de um lado para o outro no embalo da música e gingava os quadris lentamente. Ela parecia se divertir, mas, ao abrir suas pálpebras, olhou para todos os lados como se estivesse procurando por alguém.

Vasculhei ao seu redor para confirmar se realmente estava livre, mas então seus olhos escuros se prenderam aos meus e seu sorriso largo era um convite explícito.

Era linda, por isso não perdi tempo.

Posicionei-me por trás dela e toquei de leve a sua fina cintura com minha mão livre,
PERIGOSAS ACHERON

aproximando meu rosto do seu.

— Dança comigo — murmurei alto o suficiente para que me escutasse por cima do barulho.

A loira girou em meu braço, ficando de frente para mim ela fispou seu lábio inferior entre os dentes enquanto ponderava sua resposta. Então bateu de leve em meu peito, inclinando a cabeça em direção ao bar.

— Primeiro me pague uma bebida, bonito. Estou morrendo de sede — disse confiante, dando-me as costas e me surpreendendo ao começar a andar até o bar sem nem olhar para trás.

Ela esperava que eu a seguisse e...

Cacete, por que eu estou seguindo ela?

Normalmente as mulheres faziam exatamente o que eu pedia, não o contrário. Ri da situação e, já que estava indo para lá, resolvi pedir outra cerveja para mim, dessa vez na garrafa mesmo.

Aproveitei para admirar suas pernas desnudas. Meus olhos foram conduzidos para cima, subindo até os caminhos sinuosos revelados pelo tecido fino do seu vestido. Gostaria de me perder

PERIGOSAS ACHERON

neles mais tarde. Ao chegarmos no balcão, segurei delicadamente seu braço e a posicionei do meu lado para podermos conversar enquanto esperávamos ser atendidos.

— O que vai querer? — perguntei, curvando-me em sua direção até que nossos olhos ficassem no mesmo nível.

Eu devia ser uns trinta centímetros mais alto do que ela.

Procurei em seu rosto alguma indicação para saber se estava certo em prosseguir com minhas investidas. Por mais que ela fosse atraente, não queria apostar tudo de primeira e acabar me arrependendo depois.

Mas, de alguma forma, eu não conseguia ler essa mulher.

Flagrei sua apreciação ao me conferir dos pés à cabeça, no entanto, afastava o corpo quando tentava me aproximar. Abria os lábios carmin num sorriso atraente ao falar comigo, mas seus olhos vagavam pelo salão como se estivesse buscando por outra pessoa.

— Um *dry Martini*, obrigada — disse, apoiando-se nos cotovelos e parecendo ficar mais à
PERIGOSAS ACHERON

vontade. — Então, bonito, o que um cara como você está fazendo sozinho na véspera de Ano Novo? — Levantou as sobrancelhas, adotando uma expressão curiosa.

Sorri para ela, mas me virei para fazer nossos pedidos antes de responder à sua pergunta.

— Sou novo na cidade e não tive a oportunidade de conhecer alguém ainda — falei de forma casual, tentando pela segunda vez eliminar a distância de nossos corpos. — Estava esperando mudar isso essa noite com você, se tiver sorte — concluí, deixando claro minha intenção.

— Talvez... — começou a falar, mas foi interrompida pelo atendente que apareceu nesse instante com nossas bebidas. — Meu nome é Tina, a propósito. — Sorriu por trás de sua taça, mas desviou seus olhos para um ponto atrás de mim.

Mas que droga era essa? Ela estava interessada ou não?

— E você, Tina, está sozinha? — Foi a minha vez de perguntar, confuso com suas distrações enquanto conversava comigo.

— Vim com minhas amigas. — Acenou com a cabeça na mesma direção que há pouco estava

PERIGOSAS ACHERON

olhando. — Mas se sua pergunta foi para saber se estou solteira, a resposta é sim...

Segui seu olhar até uma mesa perto da gente e esquadrinhei rapidamente as quatro mulheres que a ocupavam.

Voltei minha atenção para a loira, mas algo me fez checar novamente aquela mesa. Então eu fiz. E meus pulmões entraram em colapso, fazendo-me arfar.

Lá estava ela.

Tina continuou falando, mas suas palavras foram se perdendo enquanto eu era arrebatado pela beleza inigualável de uma de suas amigas.

Como não te vi assim que entrei?

Bebi toda a cerveja em dois longos goles, tentando acalmar as batidas erráticas do meu coração.

Como não senti sua presença?

Continuei observando, perplexo, o meu passado bem diante de mim. E, como se sentisse a intensidade do meu olhar, ela pousou suas grandes íris violeta em meu rosto.

Nesse momento eu não era o homem que sou agora. Mas sim o jovem inseguro, feio e
PERIGOSAS ACHERON

irremediavelmente apaixonado.

— Você gostou dela? — Tina perguntou, batendo seu ombro no meu braço para chamar minha atenção, mas não antes de eu ver a Bliss desviar seus lindos olhos sem nenhum registro de reconhecimento neles.

— Quê? — Titubeei, submerso ao turbilhão de emoções desperto depois de tantos anos.

Ainda sem conseguir parar de observá-la, notei como todas ao seu redor jogaram suas cabeças para trás em uma explosão de risos. No entanto, Bliss demorou alguns segundos a mais para reagir e, mesmo assim, seu sorriso fraco não perdurou nos lábios. Nesse instante me perguntei como alguém com um nome que significava felicidade, poderia parecer tão triste. E todas as moléculas do meu corpo gritaram para que eu trouxesse seu sorriso de volta.

Pequenos dedos envolveram meu braço, arrancando-me do torpor.

— Realmente, esta é a sua noite de sorte, fortão. — A loira me surpreendeu sorrindo, então começou a me levar em direção às amigas.

Estranhamente ela parecia muito mais

PERIGOSAS ACHERON

animada do que antes, e eu continuei sem conseguir formular uma frase coerente.

— Qualquer outro dia eu não dispensaria uma espécie rara como você, mas hoje é exceção. Venha, vou te apresentar!

Não é necessário, eu já a conheço.

Mas não diria isso para ninguém. Porque, apesar de fazer parte das minhas lembranças, duvidava que eu fizesse parte das suas.

Andei com minhas pernas trêmulas, o que era ridículo, e jurava estar suando mesmo não sentindo calor.

Nos segundos que levamos para chegar até o outro lado do salão, cataloguei todos os mínimos detalhes possíveis. Tatuando sua imagem na memória.

E, por Deus, ela era ainda mais linda do que me recordava, havia se transformado em uma bela mulher. Seu rosto, porém, continuava sendo como a de uma boneca de porcelana, atribuindo-lhe um ar jovial. Aparentava ter uns dezenove anos em vez dos vinte e cinco.

Os cabelos castanhos caíam em ondas até os graciosos seios que se exibiam no profundo decote

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de seu vestido vermelho de renda. Fechei minhas mãos em punho, tentando controlar o anseio de acariciar sua pele alva e me deleitar com a sua textura suave.

Seus lábios volumosos clamavam para serem provados com devoção, e eu queria ser o filho da mãe sortudo a beijá-los. As íris tão singulares enoiteciam com a pouca luz, transformando-se do habitual violeta para um profundo tom de azul.

E então meu mundo parou.

Porque, nesse momento, seus olhos se prenderam aos meus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

21:57

BLISS

Nossas amigas nos aguardavam em uma das mesas e, assim que uma delas nos viu, acenou para chamar nossa atenção. As outras duas, vendo Carlie balançando as mãos no ar, afastaram seus rostos intimamente próximos para nos olhar. Lou e Sandra estavam em um relacionamento sério há menos de dois meses e, antes de confessarem seus sentimentos uma para outra, eram apenas amigas. Todas nós éramos amigas desde a época da faculdade, chamavam-nos de “O quinteto fantástico”.

— Até que enfim vocês chegaram, não aguento mais ser “*segura-vela*” dessas duas — Carlie disse, terminando de beber sua soda logo em seguida.

Ela era a responsável dentre nós, mas nesse dia em especial queria ficar sóbria, pois esperava por uma ligação do seu marido, que estava servindo

na marinha. Como sempre, ela faria a social com a gente por algum tempo, mas logo depois voltaria para casa.

Conferi as horas no celular antes de me sentar e retirar meu casaco, dobrando-o no encosto da cadeira.

21:58

— Feliz Ano Novo, meus amores! — Tina cumprimentou todas com um beijo no rosto enquanto eu só proferi um simples “oi” ao me afundar no assento.

Percebendo minha animação, ou a falta dela, minhas amigas tentaram melhorar meu humor com conversas divertidas. No entanto, ficava cada vez mais difícil me concentrar nelas enquanto meus pensamentos voltavam para a cena do término do meu namoro.

— Bliss, venha dançar comigo. — Tina segurou minha mão por cima da mesa. — Amo essa música! — disse, levando-me até a pequena pista em frente à banda tocando “There’s nothing holding back”, do Shawn Mendes.

O bom desse lugar era que as músicas

fugiam das mesmas chatices natalinas ou, nesse caso, de fim de ano. Em vez disso, tocava covers de artistas aleatórios.

Tina cantava junto, rindo, dançando e me fazendo acompanhar o mesmo ritmo louco que o dela. Aos poucos fui me soltando, deixando escapar meus próprios risos misturados com as letras da canção enquanto movia meu corpo com mais energia.

Então a música mudou para “I know what you did last summer” e continuei dançando. Até compreender a letra. Ela falava de traição. E aquilo me fez sentir raiva. E eu não senti mais vontade de dançar. Dei as costas para Tina e voltei para a mesa, xingando Dylan em pensamento por conseguir arruinar esse momento sem nem ao menos estar ali.

Fingi melhorar meu humor nos minutos seguintes, tentando focar na conversa das meninas. Concordando com o que diziam, mesmo sem fazer ideia do que saía de suas bocas. Rindo quando elas riam. Assentindo roboticamente. Tina ainda não havia voltado, portando procurei por ela rapidamente percorrendo os olhos pelo recinto. Ela

PERIGOSAS ACHERON

estava bem acompanhada no bar, então voltei a atenção para minhas outras amigas.

Estava no meu modo robótico, prestes a assentir sem ao menos saber do que falavam, quando uma figura alta e robusta pairou sobre mim.

— Bliss, esse é... — A voz de Tina soou do seu lado, hesitando como se acabasse de perceber que não sabia o nome daquele homem que prendeu minha atenção por alguns segundos.

Inspirei fundo e desviei o olhar para minha amiga. Não entendi o motivo de ela estar o apresentando somente para mim.

Havia outras três pessoas naquela mesa!

Estreitei os olhos de forma acusatória para ela, que piscou descaradamente para mim em resposta.

Eu disse para ela não bancar de fada madrinha safada para cima de mim!

— All — o homem complementou, lançando-me um sorriso que, com certeza, fazia muitas mulheres perderem a compostura, mas não eu. NÃO EU. — All Hart.

— All Hart? — Carlie pousou uma mão sobre o peito e suspirou. — Que nome legal, quase
PERIGOSAS ACHERON

soa como “Todo Coração”.

— “Até tu, Brutus?” — sussurrei, lançando meu olhar mortífero para Carlie.

All me encarava, apesar de responder à minha amiga com um “obrigado”. Algo em seu rosto bonito me fez vacilar, ele mergulhava seus olhos de chocolate nos meus como se buscasse por algo neles. Como se esperasse por respostas que eu não sabia que tinha. Mas então mordiscou o canto inferior dos seus lábios cheios e bem desenhados, e se inclinou para frente a fim de aproximar seu rosto do meu. Percebi então que aquilo não passava de um flerte barato, ele deveria olhar desse jeito para todas.

— Prazer. — Esticou sua mão enorme na minha direção e, sem refletir muito, correspondi o gesto.

All levou nossas mãos unidas até sua face, resvalando aqueles lábios do pecado sobre minha pele.

— Então é assim que funciona para você? — perguntei, desvencilhando-me dele e cruzando meus braços em seguida.

— Como assim? — Franziu a testa e se

PERIGOSAS ACHERON

sentou ao meu lado, fazendo-me perceber que minhas amigas haviam nos deixado sozinhos.

Traidoras.

Ri, mais de nervoso do que outra coisa, e levantei uma sobrancelha para ele.

— Isso. — Gesticulei em sua direção. — Esse seu flerte clichê. Funciona com todas?

Chegando com esse sorriso sedutor, falando com essa voz de veludo, me olhando com esses olhos intensos, me beijando com essa boca pecaminosa. Acha que isso dá certo com todas, mas eu não sou igual as outras!, pensei, mas não fui louca de falar.

— Clichê? — Alargou seu sorriso de dentes perfeitos, deixando aparecer pela primeira vez as suas covinhas, e soltou um riso trêmulo. — Assim você me destrói, Bliss. — Esfregou a nuca em uma fajuta timidez.

Era tudo parte de sua atuação para me conquistar, mas eu não era estúpida. Sabia em primeira mão como um homem como aquele faria de tudo para conseguir o que quisesse.

— Te destruir? — Revirei os olhos. — No máximo só desinfei um pouco seu ego. Conheço PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

homens do seu tipo...

Minha boca se movia e as palavras jorravam dela sem filtro enquanto jogava todas minhas frustrações naquele desconhecido.

Até que ele me interrompeu, deixando-me momentaneamente sem reação. Sem palavras. Sem ar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

22:20

ALL

Estar com ela era como voltar no tempo. Como se todos os anos que levei para construir minha autoconfiança e autoestima ruíssem em pequenas partículas, sobrando somente aquele moleque tímido e bobo de dezoito anos. Quem conhecia o All adulto sequer imaginaria que por dentro eu ainda era aquele moleque, só era bom demais em escondê-lo.

Havia uma expressão que dizia: “*Fake it until you make it*”. Finja até que se torne real.

E era exatamente o que eu estive fazendo nesses últimos anos.

Fingindo até que se tornasse real.

Fingindo ser uma versão melhor de mim até que acreditei ser.

Mas nesse momento, com a presença de Bliss, estava difícil continuar com meu fingimento.

Seus olhos foram atraídos para os meus e

permiti que ela me enxergasse por inteiro, aguardando por um fiapo de reconhecimento que nunca veio.

Tina me apresentou, mas, sem saber meu nome, esperou que eu o revelasse.

— All — disse, estampando meu melhor sorriso e tentando não transparecer o estranho nervosismo que me domava. — All Hart.

Dei mais uma chance para Bliss, mergulhando nas íris violetas à espera de algo e...

Nada.

Uma das mulheres elogiou meu nome, mas eu estava tão absorto no delicado rosto de Bliss que mal consegui lhe responder. Por isso vi quando lançou um olhar ameaçador para sua amiga, soprando um murmúrio indignado.

Era adorável quando ficava aborrecida. Mordi o lábio para conter um riso e, como um ímã sendo atraído, meu rosto foi se aproximando do seu. Aproveitei aquele instante para sorver sutilmente o seu perfume refrescante, sentindo-me ainda mais inebriado com sua presença.

E foi ali que decidi meu jogo.

Se ela não sabia quem eu era, então que
PERIGOSAS ACHERON

assim fosse.

Talvez o eu adulto tenha mais sorte com ela do que o eu moleque teve.

— Prazer. — Estava morrendo de vontade de sentir a textura da sua pele e, tão logo sua mão se uniu à minha, depusitei um beijo delicado no dorso dela.

No entanto, ela se afastou rapidamente, colocando uma barreira invisível entre nós ao cruzar seus braços e me confrontar com desconfiança.

Perguntou-me se eu me comportava desse jeito com todas, e não poderia estar mais enganada.

Bliss, eu nunca tremi tanto na base como estou agora...

Então ela riu em deboche, fazendo meu coração perder uma batida e a minha ousadia se esvaír.

— Assim você me destrói, Bliss. — As palavras, tão verdadeiras, fluíram de mim sem que eu pudesse detê-las a tempo.

— Te destruir? No máximo só desinfelei um pouco seu ego. Conheço homens do seu tipo...

A animosidade com a qual me encarava me

PERIGOSAS ACHERON

aturdiu de tal modo que me perguntei se não estava enganado a seu respeito, pois Bliss nunca me olharia dessa maneira no passado.

Ela não fazia ideia de quem eu realmente era e, ainda assim, me julgava.

Balancei a cabeça e recuperei minha compostura, sentindo uma pontada de decepção.

— “Quem és tu que queres julgar, com vista que só alcança um palmo, coisas que estão a mil milhas?” — Eu a interrompi, citando Dante Alighieri, e esperei, pois sabia que disso ela se lembraria. Bliss foi meu par no trabalho final de literatura no último ano do ensino médio. O tema era livre, e ela escolheu dissertar sobre a Divina Comédia.

Ela puxou o ar com força, abrindo e fechando sua boca rosada enquanto buscava por uma resposta que não vinha. Pendeu a cabeça sutilmente para o lado, e seu olhar fixo em mim era um misto de assombro e admiração.

— O que eu quis dizer, Bliss, é que existe muito mais de mim do que consegue enxergar.

Apoiei meus cotovelos na mesa, inclinandome para frente a fim de ficar mais próximo dela.

— É mesmo? — sussurrou alto o bastante para ser ouvida acima da música, suavizando sua expressão, mas levantando uma sobrancelha desafiadoramente logo em seguida. — O que você está sugerindo, All?

— Vamos fazer o seguinte... — Deixei um sorriso travesso brotar, sentindo-me aos poucos voltando ao meu normal. — Que tal a gente se conhecer melhor nos próximos trinta minutos e, se até lá você ainda achar que não quer passar o restante da noite comigo, então me mande embora.

— Hum — murmurou enquanto descansava seu rosto levemente corado em uma das mãos e batia com as pontas dos dedos no queixo. — Tudo bem.

Meus lábios se expandiram num sorriso tão largo que não duvidaria se todos os meus dentes estivessem à mostra.

— Mas só se você me pagar uma bebida antes — complementou.

— Uma troca justa. — Levantei da cadeira e, sem desconectar nossos olhares, dei um passo para trás. — Mas só se me prometer que não vai aproveitar a chance para sumir enquanto eu estiver

PERIGOSAS ACHERON

lá. — Apontei na direção do bar.

Dessa vez ela riu, negando com a cabeça.

— Não sou covarde. Estou All in^[1] no nosso acordo. — Fez um jogo de palavras com meu nome.

Assenti e, antes de me virar para o outro lado, meus olhos percorreram seu corpo, descendo languidamente de sua face até a pele alva exposta pelo decote. Engoli um gemido de aprovação ao admirar os pequenos, porém empinados, seios sobressalentes na fenda do tecido.

Uma tosse exagerada me fez focar em seu rosto que, nesse instante, expressava incredulidade.

— All, assim fica muito complicado não te julgar como um babaca — bufou, cruzando novamente seus braços.

Tal gesto, infelizmente para ela, empertigou ainda mais seus seios e, conseqüentemente, físgou minha atenção.

— Desculpa, mas é difícil não olhar para você. É tão linda.

Com isso dei as costas e fui até o bar. Não pedi outra cerveja para mim porque minha última garrafa ainda estava cheia. Mas, se não estivesse

PERIGOSAS ACHERON

enganado quanto aos vestígios da bebida em seu copo, pedi vinho tinto para ela. O melhor da casa.

— Aqui está. — Entreguei seu vinho antes de me sentar ao seu lado.

Ela murmurou um “obrigada”, desviando os olhos de mim para o conteúdo em seu copo enquanto bebericava.

— Restam vinte minutos, All — disse séria, contraindo os lábios. Parecia reprimir um sorriso.

— Não, linda. — Neguei veemente, rindo da sua tentativa de trapacear. — O tempo que passei pegando as bebidas não conta.

Bliss segurou o copo, levando-o novamente à boca. Notei como seus dedos tremularam antes de se firmar ao redor da bebida. Deu um longo gole e se aprumou, erguendo o queixo para me encarar, como se o líquido rubro fosse sua fonte de coragem.

— Então, All Hart. — Bliss conferiu dramaticamente as horas no seu celular disposto sobre a mesa. — Você tem exatamente vinte e nove minutos, e contando.

Apesar de querer mais tempo do que o combinado, concordei com ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não podia seguir com minhas usuais investidas, afinal essa era uma situação completamente diferente. Ao mesmo tempo que pensava conhecê-la, não era muito verdade. O tempo era capaz de mudar as pessoas, e eu não tinha total certeza se essa Bliss era a mesma de sete anos atrás.

De início decidi fazer algumas perguntas simples, até poderiam parecer bobas, mas me diriam bastante sobre ela. E, além do mais, daria brecha para ela fazer suas próprias perguntas a meu respeito.

— O que você gosta de fazer?

— Não sei... — Levantou seu rosto e olhou para o teto enquanto refletia. — Tantas coisas.

— Me diga uma dessas coisas. — Incentivei, pois queria mesmo saber.

Ela parecia perdida, como se, na verdade, nunca tivesse pensado nisso antes.

Então tentei ajudar.

— O que estaria fazendo se não estivesse aqui? Se pudesse fazer o que quisesse.

— Dormindo. — Deu de ombros, e então bebeu mais um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

Voltei a negar com a cabeça, liberando um riso profundo.

Minha reação fez brotar uma pequena ruga entre suas sobrancelhas, ela me fitava mal-humorada, e aquilo só me fez rir ainda mais.

— Ok, vou reformular a frase. — Empurrei minha cerveja para o lado e me debrucei na mesa. — O que te faz feliz, Bliss? — Apoiado nos meus cotovelos, busquei por seu olhar. Estávamos lado a lado, mas, nesse instante, meu rosto estava em frente ao seu.

Mantendo nosso contato visual, percebi a miríade de expressões transparecer em sua face. Ela suspirou, rendendo-se.

— Criar arte. — Os cantos da boca perfeita de Bliss se elevaram timidamente. — Desenhos e gráficos, principalmente.

Retribuí com um sorriso largo, eu já sabia.

— E quanto a você? — perguntou, olhando para os meus braços flexionados. — Aposto que tem algo a ver com musculação, ou alguma atividade física.

— Gosto de me manter em forma, mas o que me faz feliz mesmo é ler bons livros.

— É mesmo? — Pareceu surpresa.

— Está me julgando de novo, Bliss? Nunca te disseram para não julgar o livro pela capa?

— Não é isso... É só que, hã, você não parece do tipo devorador de livros.

— Gosto de devorar outras coisas também...

— Mordisquei meu lábio inferior, e precisei controlar minha excitação quando seu olhar ardente pairou sobre minha boca.

Ela então limpou a garganta, desviando a atenção para seu copo pela metade.

— Já era de se esperar que responderia algo assim — resmungou.

— Que foi? — Fiz a minha melhor expressão de inocente. — Um cara grande como eu precisa comer bem. Comida boa também me faz feliz, mas confesso que se for para escolher, eu prefiro pizza.

— Sei. — Revirou os olhos, mas não conseguiu esconder o rubor que tomava conta de seu belo rosto.

Percebendo o modo como ela sutilmente se retraiu fez meu coração se descompassar em pânico, eu não queria perder aquele jogo. Precisava

PERIGOSAS ACHERON

conquistar a Bliss, não afugentá-la. E, cacete, pouco me importava se estava soando como um tolo. Sabia que não haveria outra chance no futuro.

— Qual é a sua cor favorita? — Fiz a pergunta mais clichê de todas, e me senti em êxtase ao ver seus lábios úmidos de vinho se abrindo num sorriso espontâneo.

— Sério, All? Que falta de imaginação, francamente!

Aquiesci, controlando minha vontade de rir.

— Sério, Bliss. A cor favorita da pessoa diz muito a respeito dela, sabia?

— Tudo bem então. — Inspirou fundo. — Arco-íris.

— Arco-íris?

— Sim, amo todas as cores e suas infinitas nuances. É impossível escolher somente uma. — Empinou o queixo em teimosia. — O que isso diz sobre mim?

Suspirei alto, sem esconder minha admiração.

— Que você, Bliss, é incrível.

Ela abaixou a cabeça tímida, por um segundo apenas, então retomou sua coragem e

PERIGOSAS ACHERON

voltou a me olhar. Uma cortina sedosa de seu cabelo havia coberto parte do rosto e, antes que eu pudesse controlar minha ação, estiquei meu braço, colocando a mecha atrás de sua orelha e acariciando sua pele suave como um pêssego. Bliss arfou ao meu toque, mas se recompôs logo em seguida, fingindo não sentir a reação puramente química da nossa atração.

— E qual é a sua preferida, All? — disse um pouco ofegante.

— Preto.

Nossos braços roçaram e só então percebi como havíamos nos aproximado.

— E o que isso diz a seu respeito? — Suas palavras sopraram contra meu rosto, afagando meus lábios e me fazendo lambê-los em uma busca insana de sentir seu gosto neles.

— Que sou um homem simples.

Um centímetro a mais e estaríamos no beijando...

— Duvido que seja — sussurrou. Seus olhos, ainda fixos nos meus, alargaram-se em alarme tão logo percebeu ter proferido seus pensamentos ocultos.

Bliss colocou um pouco de distância entre nós, e eu quase grunhi em protesto.

Droga, nós estávamos indo tão bem!

— Acho que é a minha vez de fazer as perguntas. Cansei de só repetir as suas. — Girou o restinho da bebida na taça, focando sua atenção nela e, portanto, evitando meu olhar.

— Manda ver. — Aproveitei e virei o resto da cerveja, contraindo os músculos da face ao sentir o líquido já morno descendo pela garganta.

— *Okay.* — Ajeitou-se na cadeira, cruzando as pernas. Lancei um olhar furtivo para as suas coxas sem que ela percebesse. — Quantos anos tem?

Também me ajeitei no assento, tentando abrandar minha semi-ereção empurrando a braguilha da calça.

— Vinte e cinco.

— Eu também! — Entusiasmou-se. — Foi pra faculdade? Já se formou? Tem algum emprego? — Metralhou-me de perguntas e sequer ousei reclamar que era minha vez. Queria que ela continuasse falando, acalorada e interessada por mim.

— Sim. Sim. E sim. — Provoquei com respostas monossilábicas. Assentindo a cada palavra.

— Assim não vale. Desenvolva, por favor. — Empurrou meu braço, entortando seu nariz em insatisfação.

— Sou advogado especializado em direito empresarial. E você? Já sei que gosta de arte, mas seguiu carreira?

— Sim, de certa maneira. — Deslizou as pontas dos dedos, absorta, sobre sua clavícula, atijando-me sem sequer saber. — Sou designer gráfico. Minha atuação é bem abrangente, mas foco em ilustração de capa de livros, principalmente de romances e fantasias.

— Talvez eu conheça alguns dos seus trabalhos.

Ela riu baixinho.

— Não creio que você leia esses tipos de livros... — Engoliu seu riso ao notar minha testa franzida. — Desculpe. Prometo que não te julgo mais.

Bliss pegou o celular para me mostrar seus trabalhos mais populares e, como eu havia

PERIGOSAS ACHERON

imaginado, reconheci alguns deles. Ela era absurdamente talentosa e fez questão de que soubesse disso.

— Obrigada, é minha verdadeira paixão. — Fitou-me com as maçãs do rosto ruborizadas. — All... — Hesitou.

— Sim?

— Você tem namorada? — Fisgou seu lábio inferior enquanto me observava atentamente.

— Se eu tivesse não estaria aqui, linda.

— Bem, isso não quer dizer nada para a maioria dos homens. — Encolheu os ombros.

— Eu não sou a maioria, Bliss. Não trairia minha namorada. — Balancei minha cabeça em negativa. — Acredito que a base de todo relacionamento é o respeito. E se, por um acaso, eu sentisse vontade de ficar com outra pessoa, o mínimo que poderia fazer era ser franco comigo mesmo e terminar. Porque, se eu estivesse mesmo apaixonado, não teria olhos para mais ninguém.

Uma atendente passou por nós e aproveitei para pedir outra bebida, quando me virei para Bliss, percebi suas íris reluzindo com as pequenas lágrimas que tentava reprimir. Ela então forçou um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso e solicitou mais uma taça de vinho.

— Alguém te machucou. — Não fiz uma pergunta, pois era evidente.

Concordou com um curto gesto de cabeça.

— Meu ex-namorado. — Um risinho ácido escapuliu de sua boca. — Ele é a maioria.

— Ele é um babaca — disse enfático. Controlei minha vontade de tocá-la, colar meus lábios aos dela e fazer sumir sua tristeza.

Como um homem em sã consciência poderia trair alguém como a Bliss?

— Você o amava? — perguntei.

— Sim... Eu o amei no início, mas já não gostava dele no fim. — Colocou os cotovelos na mesa e repousou seu rosto sobre as duas mãos. — Você já namorou?

— Não.

— Ah... — Assentiu, como se tudo, de repente, fizesse sentido. — Nunca se apaixonou.

— Já me apaixonei, mas era jovem. Ela era muito para o meu bico e, se me visse hoje, nem se lembraria de mim. — Suspirei alto, fazendo drama.

Ela revirou seus lindos olhos e riu.

— Impossível. Olhe para você!

PERIGOSAS ACHERON

— É sério, Bliss, você não faz ideia — disse rindo da veracidade da situação, ao que ela bufou em resposta.

— Vou fingir que acredito. — Fez uma careta, entortando seu pequeno nariz. E então foi a sua vez de suspirar. — Eu também me apaixonei quando era nova.

Suas palavras, como mágica, acordaram seres invisíveis no meu estômago. Acho que eram as malditas borboletas.

— Verdade? — Tentei soar blasé. — Aposto que era o garoto mais popular da escola.

— Ele era um garoto da minha escola sim, estava longe de ser da turma dos populares, mas todos conheciam seu nome. Ele era tão fofo, de um jeito nerd, sabe?

Sem quebrar nosso contato visual, murmurei um agradecimento quando entregaram nossas bebidas.

— Sério?

— Ahã... — Brincou com a taça, girando seu conteúdo e sorvendo o aroma doce.

Ah, não, Bliss. Não se distraia agora!

— Agora fiquei curioso, me conte mais
PERIGOSAS ACHERON

sobre esse nerd.

Dei um gole na cerveja, sem desgrudar meus olhos dela.

— Nós estudamos juntos no ensino médio, ele era do tipo quieto, observador. Era inteligente, mas não se gabava disso.

Meus dedos se apertaram ao redor da garrafa e inspirei fundo. Sua descrição era muito familiar.

— Talvez porque zoassem ele.

Ela balançou a cabeça em negativa. Um tenro sorriso brincou em seus lábios e seus olhos perderam foco, como se buscasse algo na memória.

— Havia algumas crianças que gostavam de implicar com outros alunos na escola. Eu também não estava imune aos *bullyings*. Mas não creio que fosse por isso, acho que era porque não gostava de fazer os outros alunos se sentirem mal, sabe? — Espalmou seu peito distraidamente, imersa em suas lembranças. — Uma vez ele mentiu sobre a nota que tirou em uma prova, eu sabia que havia tirado nota máxima. Mas nosso amigo tinha afundado na matéria e, quando questionado por ele, mentiu para não fazê-lo se sentir pior.

Meu peito vibrava visivelmente, agredido
PERIGOSAS ACHERON

pelo coração desenfreado que pulsava esperança em minhas veias.

Aquilo não fazia o menor sentido. Bliss estava me descrevendo, ou então era uma ridícula coincidência.

Acho que bebi cerveja demais, mas, merda, três garrafas não me derrubavam. Não. Não era possível que sua paixão de infância fosse eu. Certamente eu saberia, cacete!

— Pode me dizer como ele era? — perguntei, um tanto ávido para meus próprios ouvidos. Precisei reprimir uma careta por causa da gafe.

— Por que está tão interessado? — Uniu as sobrancelhas ao indagar, tinha razão de estar confusa com minha reação, mas eu precisava ter certeza.

Ergui um ombro, então relaxei minha postura, tentando parecer à vontade e não tenso como realmente estava.

— Você fala dele com carinho e tem essa expressão nostálgica, como se ele fosse alguém muito especial. Fiquei curioso.

— Tá bem, mas depois também quero saber

PERIGOSAS ACHERON

tudo sobre a menina que conquistou seu coração.

— Cutucou meu braço com um dedo.

— Combinado.

E então ela começou a falar...

[1] Nota da autora: O “All in” em inglês significa “de acordo” ou “totalmente comprometido”.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

23:40

BLISS

Surpreendi a mim mesma quando as memórias fluíram tão facilmente. Fazia tanto tempo, mas parecia que havia sido ontem.

— Engraçado.

— Você o achava engraçado? — Franziu a testa.

— Não. Não é isso. — Mordi o lábio e podia sentir o fogo do embaraço queimando minhas faces. Era como se, ao me recordar, todos os meus sentimentos de antigamente voltassem à tona. — É engraçado como me lembro de tudo, de detalhes. Acho que é verdade quando dizem que o primeiro amor a gente nunca esquece.

O homem ao meu lado me ouvia atentamente e pendeu seu corpo para frente, parecia uma criança à espera de uma boa história. Então, prossegui.

— Gostava dos seus olhos castanhos, eles ficavam maiores por trás dos óculos, eu amava a

gentileza neles e principalmente o modo como brilhavam em fascínio quando algo prendia seu interesse. — Expeli o ar dos pulmões em forma de suspiro. Tantas vezes quis que me olhasse daquela maneira, mas raramente me encarava quando conversávamos. — Ele era alto e um pouco desengonçado por ser magro, era adorável.

All tossiu, engasgando-se com sua cerveja.

— Você está bem? — Fiz menção de me levantar para ajudá-lo, mas ele gesticulou sua mão para eu continuar de onde estava.

— Puta merda... — sussurrou, e deu outro gole, virando o gargalo. — Estou bem. Estou bem. Por favor, continue — pediu um pouco sem fôlego.

Seu interesse era tão genuíno que senti vontade de contar mais.

— Ele não sorria com frequência, talvez tivesse vergonha de usar aparelhos, mas quando se permitia sorrir era muito lindo. Apareciam essas covinhas nas bochechas, sabe? Tão fofo! — All emitiu um som e, quando olhei para ele, percebi que sorria. Pela primeira vez notei que também tinha as tais covinhas. Nele, no entanto, era muito sexy. — E seus caninos levemente tortos eram um

PERIGOSAS ACHERON

charme — continuei.

Pensei ter ouvido All praguejar novamente. Mas, quando mirei em seu rosto, o encontrei me observando como se estivesse imerso na história. Criando as imagens em sua mente, dando vida e cores aos personagens.

Queria contar que tudo não passava de uma fantasia, pois nada aconteceu. Na verdade foi só uma paixão platônica de uma adolescente.

— Mas acho que ele me achava estranha, sei lá. — Quebrei o encanto.

Ele piscou em confusão, então me olhou como se eu fosse louca.

— Claro que não, olhe para você. — Debruçou-se sobre a mesa, encarando-me de perto. — É maravilhosa. — Soprou ao pé do ouvido.

Afastei-me sentindo um arrepio gostoso se espalhando pelo corpo, mas escondi minha reação.

— Estou falando sério, alguns alunos me chamavam de vampira por causa da minha pele pálida e da cor dos meus olhos. — Abri bem minhas pálpebras para que enxergasse minhas íris exóticas.

— Tenho certeza de que ele não era um
PERIGOSAS ACHERON

desses alunos, não é mesmo? — perguntou com seus olhos presos aos meus.

— Tem razão, não era. Mas por dentro ele podia pensar igual aos outros, mesmo não gostando de magoar as pessoas. — Precisei desviar o olhar, pois o dele era tão intenso que estava me dando calor.

— Claro que não, Bliss! — interveio agitado, mergulhando os dedos em seus cabelos escuros e puxando-os para trás.

Estalei a língua para ele, irritada por me interromper para dizer coisas que nem sabia se eram verdade ou não.

— All, pare, você não sabe de nada. — Revirei meus olhos.

— Por que acha isso dele? — Tocou delicadamente minha bochecha com as costas da mão, fazendo-me encontrar seu rosto preocupado. — Alguma vez ele te fez sentir mal, Bliss?

Era para ser um gesto estranho de sua parte, mas foi natural, como se nos conhecêssemos.

— Não. Mas também não era como se ele me fizesse me sentir especial. — Ri de nervoso por estar contando isso. Era algo tão bobo. — Quer
PERIGOSAS ACHERON

dizer, eu corria atrás, mas ele nunca retribuiu a atenção.

— Como assim? Bliss, eu... Ele... —
Balançou a cabeça, frustrado com alguma coisa. —
Ele não fazia ideia. Aposto que se soubesse ter
alguma chance de ficar com você, ele seria o garoto
mais feliz de todo maldito mundo.

— All, ele devia saber — disse exasperada.
— Eu me convidava para ser seu par em todo
trabalho em dupla. Até mesmo pedi ajuda com uma
matéria, como desculpa para nos encontrarmos
depois da escola, e ele sabia que minhas notas eram
boas. Como não poderia entender que queria passar
mais tempo com ele?

— Porque era um lerdo!

— Você não o conhecia, muito menos estava
lá. Ele simplesmente não gostava de mim. — Dei
de ombros.

— Bliss, ele gostava. Acredite. Ele era
apaixonado por você. — Segurou meu pulso,
acariciando minha pele.

— Pare com isso. — Desvencilhei-me e
inspirei fundo para acalmar meus nervos. Falar
sobre isso me desestabilizou. — Não sabe de nada,
PERIGOSAS ACHERON

All Hart.

— Sei — murmurou, olhava-me com seus olhos arregalados. E eles espelhavam minha vulnerabilidade.

Neguei, bufando.

Não queria mais continuar com aquela montanha russa de emoções do passado, então o ignorei e tomei um longo gole do vinho.

— Bliss... — sussurrou hesitante. — Sou eu, o Alladin.

A bebida que estava na minha boca jorrou como chafariz, parando no rosto perplexo de All.

— Ai, meu Deus, me desculpa! — Tapei minha cara, mortificada, espiando-o por detrás dos dedos. All, no entanto, estava rindo e lambeu o vinho que escorria ao redor dos lábios. — Desculpa, pensei ter ouvido você dizer uma coisa e...

— Você ouviu certo, Bliss. — Esfregou o rosto com as duas mãos para se enxugar e, perdendo o sorriso, disse: — Sou o Alladin. Ainda não me reconhece?

Socorro! Estou tendo um ataque cardíaco.

Levei uma mão trêmula ao peito,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espalmando-o na altura do coração que batia tão rápido como as asas de um beija-flor. Senti dificuldade para respirar. Puxei o ar com força, parecia rarefeito. Meus pensamentos flutuavam em todas as direções, mas meu corpo afundava na cadeira com o peso das palavras daquele homem sobre mim.

Reunindo toda a coragem que me restou, aventurei meus olhos nele. Mapeei cada pormenor de suas estonteantes características, tentando encontrar alguma coisa daquele garoto meigo no homem másculo e lascivo à minha frente.

— Vo-você está mudado — gaguejei, consumida no meu próprio vexame.

— Só por fora — disse, aproximando-se de mim.

Deixei escapar um riso estrangulado e, sem pensar duas vezes, o abracei com a força de sete anos de saudades. Alladin não demorou em corresponder, enroscando seus potentes braços ao meu redor e mergulhou seu rosto no meu pescoço. Pude senti-lo inspirando fundo e então depositando um beijo morno e suave na minha pele, fazendo-me estremecer.

PERIGOSAS ACHERON

— Não acredito que seja mesmo você — sussurrei. — Como isso é possível?

Segurando em seus ombros largos, afastei-o para inspecioná-lo de perto. Que se danassem minhas bochechas queimando de vergonha. Precisava vê-lo. Precisava ter certeza.

E agora eu podia enxergar seus traços, tão diferentes, porém estranhamente os mesmos.

Seu sorriso confiante estava livre dos aparelhos e exuberavam dentes perfeitamente alinhados, mas as duas pequenas depressões nas bochechas eram exatamente as mesmas. Os olhos castanhos já não eram adornados por grossas lentes e pela armação quadrada dos óculos, mas ainda tinham aquele brilho de interesse e inteligência neles. E, apesar de ser alto como me lembrava, já não existia mais o garoto magro e desengonçado, e sim um homem de porte tenaz e repleto de músculos.

— Tira uma foto, Bliss, assim dura mais. — Brincou, interrompendo minhas observações puramente científicas de seu físico (só que não).

Bati em seu peitoral firme em retaliação, fingindo-me ser imune a ele.

— Por que não me disse quem era quando se apresentou? — Chiei, cruzando os braços.

— Talvez porque fiquei um pouco chateado por você não ter me reconhecido. — Esfregou o maxilar, pensativo. Então me fitou, seus lábios se abrindo em um sorriso travesso. — Não me arrependo nem um pouco. Se você soubesse quem eu era, não descobriria que gosta de mim.

— Gostava. — Levantei uma sobrancelha, tentando me preservar, porque, na verdade, não tinha tanta certeza se meus sentimentos continuavam no passado.

Devia estar completamente doida, porque nesse momento sentia mais por Alladin do que sentia por Dylan. Pior. Nem me lembrava do Dylan.

— Que pena — Assoprou em meus lábios, provocando-me. — Porque eu nunca deixei de gostar de você. — Piscou e então colocou alguns centímetros de distância entre nossos corpos, levando meu ar junto com ele.

Fiquei sem palavras, olhando perplexa para o All que também me observava em silêncio.

De repente a música do ambiente foi

PERIGOSAS ACHERON

interrompida e uma voz enérgica ao microfone anunciou:

— Galera, faltam dez minutos para meia-noite!

Alladin segurou minha mão, entrelaçando nossos dedos.

— Quer dar o fora daqui?

Mordi o canto da boca e assenti. Não tinha nada a perder.

— Quero.

Ele me ajudou a levantar e, pegando meu casaco sobre o encosto da cadeira, segurou para que eu o vestisse.

— Precisa se despedir de suas amigas? — perguntou, enquanto eu ajustava meu *trench coat* ao corpo.

— Não. Carlie foi embora enquanto você foi buscar as bebidas, Lou e Sandra devem ter preferido continuar a festa na casa delas e Tina... — Olhei na direção do bar. — A última vez que a vi estava aos beijos com um cara.

— Então venha, se a gente correr dá tempo.
— Puxou-me pela mão, nos apressando até a saída.

Tentei não tropeçar nos saltos enquanto
PERIGOSAS ACHERON

acompanhava suas longas passadas.

— Para onde estamos indo?

Notando minha dificuldade de andar, quanto mais de correr, Alladin parou e eu me desequilibrei.

— Desculpa. — Sua voz soou culpada. Então ele envolveu minha cintura com um braço enquanto com o outro me levantou pelas pernas. Carregou-me no colo tão inesperadamente que me arrancou um gritinho. — Precisamos mesmo correr se quisermos chegar a tempo de ver os fogos.

E ele correu.

Enlacei sua nuca e afundei meu rosto em seu peito, abafando meu riso em sua camisa de lã enquanto aproveitava o conforto cálido do seu corpo. Espreitei ao nosso redor enquanto estávamos em movimento, All gritava por licença quando não conseguia se desviar da multidão congestionando as ruas. Algumas pessoas abriam passagem ao nos ver, outras reclamavam, obrigando-nos a ziguezaguear entre os transeuntes.

Aproximávamo-nos da praça que dava acesso à Brooklyn Bridge e conseguimos chegar à ponte tão logo a contagem regressiva começou. Éramos praticamente como sardinhas em lata,
PERIGOSAS ACHERON

sendo empurrados por tantas pessoas que mal cabiam no lugar, todas lutando por um espaço para ver os fogos à distância. Contavam a plenos pulmões e algumas sopravam cornetas.

All me colocou de pé com cuidado. Deslizou as grandes mãos por minha cintura e me puxou de encontro ao seu corpo, com minhas costas contra seu peito, mantendo-me aprisionada em seus braços protetores. De alguma forma ele conseguiu encontrar um bom espaço perto da beirada da ponte e, lá no horizonte, fogos de artifício iluminavam o céu negro.

— Feliz Ano Novo, Bliss — disse ao pé do meu ouvido, resvalando seus lábios no contorno do meu pescoço e subindo-os lentamente até o canto da minha boca.

Girei em seus braços, ávida para sentir o gosto do seu beijo, e o segurei pela nuca enquanto nossas bocas se colidiam num ímpeto.

Seus lábios macios sorviam cada gemido meu ao passo que me provocavam, sugavam, aqueciam e inebriavam todos meus sentidos. Abri passagem ao senti-lo me atijando com sua língua e aprofundei nosso beijo, mordiscando e chupando

PERIGOSAS ACHERON

aquela boca gostosa. Seus dedos se afundaram nos meus quadris, puxando-me ainda mais contra si e, meu Deus, podia sentir o tamanho do seu desejo por mim. Era enorme.

Desci as mãos até seu abdome, deleitando-me com as ondulações firmes de sua musculatura e, sedenta por mais, enveredei os dedos por baixo da camisa dele.

— Bliss... — murmurou de encontro à minha boca, parecia em agonia. Apertou minha bunda com força, empurrando sua ereção em meu ventre e gemeu. Então, como se percebesse onde estávamos, colocou distância entre nós e me fitou com olhos escuros. — Por mais que eu queira continuar, linda, aqui não é o lugar — ofegou.

Pisquei algumas vezes, tentando limpar um pouco da névoa lasciva que dominara meus sentidos. Eu não era de perder o controle desse jeito.

Mas aquele não foi um simples beijo de Ano Novo.

Aquele, meus amigos, foi simplesmente a droga do MELHOR beijo que já recebi.

Percebendo minha falta de palavras, Alladin
PERIGOSAS ACHERON

sorriu de lado e depositou um beijo breve no canto da minha boca.

— Vamos sair daqui, estou a fim de devorar... — disse travesso e, antes que pudesse terminar a frase, ganhou um tapa em seu braço.

— Alladin!

Se eu já não estivesse vermelha depois da nossa sessão de amasso em público, com certeza estaria corada agora.

— Que foi? Não está com fome? — fingiu inocência, levantando os ombros. Mas logo aquele seu sorriso largo voltou a aparecer. — Eu poderia comer uma pizza, e você? — Mergulhou o rosto em meus cabelos enquanto andávamos abraçados em direção à saída da ponte.

Só então percebi o quanto eu estava morrendo de fome. Não comi nada desde o pequeno lanche da tarde e, até então, só havia bebido três taças de vinho. Não estava contando com o vinho lá em casa, pois derramei tudo ao chão antes mesmo de dar meu primeiro gole.

— Pizza está ótimo — concordei. — Mas onde vamos encontrar uma pizzeria aberta e que não esteja lotada?

— Conheço um lugar... — Diminuiu os passos e me olhou sério, parecia ansioso. — Ainda gosta de queijo com pepperoni?

Ele se lembrava!

— Sim.

Alladin apertou minha cintura, fazendo-me parar de andar e ficar de frente para ele.

— Temos duas opções. — Inclinou seu rosto para ficar bem próximo do meu e prendeu nossos olhares. — Passar essa madrugada fria nas ruas à procura de um restaurante. — Fez uma careta de desgosto, mas de alguma forma continuou lindo. — Ou então a gente pode ir até meu apartamento que fica perto daqui e comer a sobra da pizza do almoço que, por um acaso, é de queijo com pepperoni.

Nesse instante apareceram duas figuras imaginárias, uma de cada lado do meu ombro. Um era anjo e o outro demônio. Ambos tinham o rosto e a voz da minha amiga Tina e, bizarramente, os dois diziam praticamente a mesma coisa.

Diabo: O que você está esperando? Vá logo para a casa desse homem, está na cara que ele vai te proporcionar vários e vários orgasmos, amiga!

Anjo: Você sabe que ele passou em todos seus requisitos. Ele é fofo com você, é inteligente e gentil. Afinal, seus requisitos foram moldados na personalidade de Alladin. Só que agora, amiga, All é tudo isso e muito mais.

Quem era eu para discordar deles?

— Espero que seu apartamento realmente fique perto daqui, porque estou morrendo tanto de frio quanto de fome.

Sorrindo, ele tocou meu rosto gelado com as duas mãos e me beijou rapidamente antes de entrelaçar nossos dedos e me guiar até o prédio onde morava.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

00:55

ALL

Não consegui controlar meus impulsos e, assim que entramos no elevador, tornei a beijá-la, passeando minhas mãos pelas curvas de seu corpo e abrindo avidamente o seu casaco para ter mais acesso. Bliss não ficou para trás, levantando minha camisa e soltando um gemido frustrado ao encontrar a segunda pele abaixo dela como obstáculo.

A viagem até o quinto andar foi interrompida e logo a porta do elevador se abriu, revelando duas pessoas de pé do outro lado. Bliss pulou para longe de mim, abaixando a cabeça envergonhada.

— O elevador está subindo — resmunguei para os intrusos que entraram no pequeno espaço e apertaram o botão do térreo.

— Não tem problema — a senhora respondeu com suas rugas proeminentes ao nos olhar em desaprovação, enquanto o homem, talvez

seu marido, comprimia um riso e balançava a cabeça.

Nunca os vi antes, mas, mesmo que fossem moradores do prédio, eu só conhecia alguns dos meus vizinhos de porta. E, se tivesse sorte, esperava não me esbarrar com esses *estraga-prazeres* novamente.

O clima foi quebrado, mas odiando a separação abrupta que tivemos, estiquei o braço e envolvi a cintura de Bliss, aninhando-a ao meu lado enquanto aguardávamos o restante da subida.

— Feliz Ano Novo — Bliss murmurou sem jeito para o casal antes de atravessarmos a porta. Obviamente ela era uma pessoa melhor do que eu, pois sequer olhei para trás enquanto a guiava pelo corredor.

Estava nítida a diferença entre o modo como nos tocávamos minutos antes, tão à vontade e intimamente, com a estranha tensão na qual nos encontrávamos nesse momento. Ainda de mãos dadas, nós andamos em silêncio, e não quis soltá-la quando paramos de frente ao meu apartamento, mas precisei para buscar por minhas chaves e destrancar a porta. De repente, senti-me nervoso,

PERIGOSAS ACHERON

imaginando o que ela pensaria de mim ao ver como a casa estava vazia, mas forcei um sorriso e girei a maçaneta.

— Chegamos, sinta-se em casa — falei, dando passagem para ela entrar e acionando o termostato no painel que ficava logo na entrada.

Assim que atravessou o batente, percebi seus olhos curiosos esquadriharem todo o recinto. Olhou para o carpete bege que o proprietário jurou ser à prova de manchas, então percorreu o olhar pelas paredes brancas até encontrar o futon preto e a mesinha de centro no canto esquerdo da sala. Também notou três caixas enfileiradas no outro lado, perto do corredor que dava para a minha suíte, e a pequena cozinha à direita.

Virou-se para mim, comprimindo os lábios enquanto tentava esconder seu lindo sorriso.

— Estou vendo que gosta de decoração minimalista — disse em tom de gozação.

— Engraçadinha. — Soltei o ar preso nos pulmões em forma de riso e caminhei até Bliss, puxando-a por trás para um abraço. Não aguentava mais continuar longe dela. — Mudei-me para cá mês passado, ainda não tive tempo de comprar

PERIGOSAS ACHERON

móveis e desempacotar todas as coisas.

Ela levantou a cabeça para me ver, segurando meus braços ao redor do seu corpo.

— Que bom. — Abriu um sorriso. — Por um segundo pensei que estivesse se mudando para outro lugar.

— Não, Bliss, acabei de chegar e não pretendo ir embora tão cedo. — Afundei meu rosto em suas mechas cheirosas e gemi de tesão, sentindo como seu corpo se encaixava perfeitamente ao meu.

Bliss estremeceu, soltando um suspiro quando desferi pequenos beijos em sua nuca. No entanto, quando apertei sua fina cintura e a virei de frente para mim, seu estômago emitia um pequeno ruído. Suas faces tornaram-se escarlate e eu não consegui conter o riso, o que a deixou ainda mais vermelha.

— Você me prometeu pizza. — Fez um biquinho ao reclamar, e fiquei tentado em prová-lo, então me inclinei e roubei um beijo seu.

— Seu desejo é uma ordem, linda. — Pisquei, soltando-a para ir até a cozinha.

Minhas palavras arrancaram um riso dela, e

PERIGOSAS ACHERON

não havia melodia melhor para os meus ouvidos.

— Não se confunda com o gênio da lâmpada, Alladin.

Sua piada infame me fez sorrir. Olhei para ela antes de abrir a geladeira.

— Sabe, faz anos que não ouço me chamarem por meu nome.

Ela franziu a testa, encarando-me enquanto retirava seu casaco. Caminhou para perto e se apoiou na estreita bancada.

— Por quê?

Peguei a pizza grande da qual só havia comido duas fatias, e a coloquei em cima do balcão antes de responder:

— Quando ingressei na faculdade, decidi me apresentar como All. Queria aproveitar a chance de ser quem eu quisesse ser, entende?

Ela assentiu.

— Entendo. — Pegou uma fatia fria e mordeu um grande pedaço, sem se importar em se sujar.

Cacete, ela era perfeita.

Separei dois pratos e peguei a última lata de refrigerante na geladeira para dividirmos, então
PERIGOSAS ACHERON

carreguei tudo até a mesinha para comermos confortavelmente no futon.

— Você gosta de devorar mesmo, hein? — Bliss observou, tapando a boca ainda cheia ao olhar para meu prato vazio.

O tempo que levei para comer três fatias, ela ainda terminava a primeira.

Passei meus olhos pelo seu decote e então para o pedaço de pele exposto entre a barra do vestido e as longas botas.

— Sim, quando estou faminto — respondi, sentindo-me voraz por outra coisa.

Bliss limpou a garganta, chamando minha atenção de volta ao seu rosto.

— Estou satisfeita. — Colocou seu prato em cima da mesa e se levantou, ajustando o vestido que havia subido pelas coxas. — Posso usar o banheiro? — perguntou, mostrando-me suas palmas gordurosas como prova de que precisava se limpar.

Engoli um grunhido, mas não fiz menção de esconder a reação que tinha por estar com ela e, quando me levantei, percebi seus olhos encontrando o grande volume por trás da minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calça. Bliss arfou baixinho, prendendo o canto da boca entre os dentes antes de desviar o olhar.

— O banheiro fica seguindo aquele corredor, é anexo ao meu quarto, então terá que entrar nele.

— Obrigada — sussurrou, antes de sumir de vista.

Aproveitei para lavar as mãos na pia da cozinha antes de seguir até meu quarto. Sentindo calor, retirei a camisa grossa de lã e a segunda pele antes de me sentar na beirada da cama e aguardar por Bliss.

Assim que ela emergiu e me avistou, estancou no lugar.

— Alladin — chamou meu nome com uma voz rouca, mordendo seu lábio enquanto admirava meu torso nu.

— Sim? — Fiquei de pé, aproximando-me lentamente e adorando o modo como ela me olhava cheia de desejo.

— Você ainda está faminto? — perguntou, espalmando suas mãos delicadas em meu abdome. Então me encarou fundo nos olhos e enxerguei o quanto ela precisou tomar coragem para me dizer isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não faz ideia do quanto, Bliss. — Soprei em seus lábios, encostando minha testa na sua enquanto me deliciava com seu toque.

Seus dedos deslizaram por meu corpo, hesitando brevemente ao chegarem no cócs da calça. Com a respiração ofegante e a insana vontade de sentir mais, repousei minhas mãos nas suas e as guiei para baixo, pressionando-as contra minha ereção pulsante. Gemi alto, soltando suas mãos para logo em seguida afundar meus dedos em seus quadris e puxá-la para mim.

— Sente o quanto te quero? — murmurei contra sua boca, sugando seu lábio inferior e sorvendo um gemido seu.

— S-sim — disse num fiapo de voz, perdida nas sensações tanto quanto eu.

Enveredei-me por baixo da saia do seu vestido, deslizando os dedos por suas pernas até chegar à sua fina calcinha, afastei o rosto para olhá-la antes de prosseguir e ela assentiu avidamente, dando-me permissão.

— E o quanto você me quer, Bliss? — Segui até o meio de suas pernas, afastando a calcinha ensopada para o lado, e resvalando dois dedos no

PERIGOSAS ACHERON

seu íntimo quente e convidativo. Ela estava pronta para mim.

— Por favor, Alladin. — Levantou um joelho, colocando sua perna ao redor do meu quadril e segurando em meus ombros.

Peguei-a no colo. Ela envolveu a outra perna em mim enquanto eu a levava até minha cama. Deitei-me sobre ela, colocando-me entre suas coxas e me apoiando nos cotovelos enquanto devorava sua boca e friccionava minha ereção nela de um jeito que a fazia gemer loucamente. Bliss arqueou suas costas e me prendeu com força entre suas pernas enquanto oscilava em ondas de prazer, gritando por meu nome. Esperei que abrisse os seus lindos olhos anuviados pelo clímax e sorri.

— Espero que saiba que mal começamos. — Lancei meus olhos de forma incisiva para as roupas ainda cobrindo nossos corpos. — Preciso saciar minha fome, e isso, ainda que tenha sido gostoso pra cacete, não passou de um aperitivo.

Ela jogou a cabeça para trás e soltou um riso rouco.

— Eu sei — disse, puxando-me pelos cabelos até que nossas bocas se tocassem. — Mal

PERIGOSAS ACHERON

vejo a hora de chegar no prato principal e, depois, repetir a refeição...

Rosnei de tesão e suguei sua língua, para logo em seguida depositar beijos molhados do seu pescoço até o vão dos seus seios. Puxei o tecido com os dentes para o lado, revelando um mamilo e o circulei com a língua antes de mordê-lo para logo em seguida assoprá-los. Bliss se remexia por baixo de mim, gemendo e vocalizando alto. Repeti o mesmo processo com o outro seio antes de abaixar o zíper lateral do seu vestido e deixá-la nua. Ela me ajudou a descartar minha calça e a cueca boxer e me surpreendeu ao chupar meu membro com vontade. Estava ajoelhada à cama, e eu de pé segurava seus longos cabelos, guiando com cuidado sua cabeça. Meus músculos se contraíam com mais força a cada segundo e, droga, sua boca era tão deliciosa que quase gozei, mas afastei seu rosto momentos antes. Não queria que fosse desse jeito, precisava ser dentro dela enquanto a sentia gozando.

— Sua vez, linda — ofeguei, posicionando seu corpo de costas na cama e mergulhei de boca entre suas pernas.

Queria amar cada pedaço do seu corpo com devoção.

Bliss puxava meus cabelos com força, mas aquilo só me deixava ainda mais excitado e a devorava com vontade. Suas coxas pressionaram minha cabeça quando o orgasmo a arrebatou, tremulando todo seu corpo e fazendo-a soltar um longo e sexy gemido. Não esperei suas ondas de prazer abrandarem e, apressando-me em colocar o preservativo, afundei-me nela. Movíamos numa cadência insana, ambos buscando no outro o alívio. E, como prometido, nós repetimos a dose, até saciarmos completamente nossas vontades.

Bliss estava aninhada em meus braços, seus dedos faziam desenhos invisíveis em meu abdome, enquanto eu acariciava seus cabelos.

— Alladin. — Descansou a cabeça em meu peito, e eu a puxei até que ficasse completamente por cima de mim.

— Sim? — Sabia que sempre quando me chamava desse jeito era porque alguma pergunta importante se seguiria.

— Se gostava mesmo de mim antigamente, então por que nunca demonstrou? — Uniu as

PERIGOSAS ACHERON

sobrancelhas de forma adorável. — Você nem mantinha contato visual quando nos falávamos.

Seu corpo tremeu junto ao meu tão logo comecei a rir.

— Porque tinha muita vergonha, cacete! — Segurei cada lado de sua face e beijei a ruguinha de preocupação em sua testa. — Eu me achava feio e você sempre foi tão linda. — Então decidi ser completamente honesto com ela, mas, ainda assim eu disse em tom de brincadeira. — Olhar para você, Bliss, era como olhar para o Sol. Impossível encarar por muito tempo, mas me contentava em roubar alguns vislumbres.

Ela revirou seus olhos violeta, mas sorriu. Sabia que eu dizia a verdade, apesar da provocação.

— Sabe de uma coisa? — perguntou.

— O quê?

— Até hoje não sei a história por trás do seu nome. — Mordiscou meu queixo e então meu lábio inferior. — Me conta?

Grunhi, porque sempre me faziam essa pergunta quando descobriam sobre meu nome. Havia desistido de explicar há muito tempo, mas com ela era diferente. Gostaria que soubesse mais

PERIGOSAS ACHERON

sobre mim.

— Minha mãe estava assistindo ao desenho *Aladdin* quando sentiu as primeiras contrações. E por algum motivo, achou que era uma boa ideia me nomear em homenagem ao personagem da Disney. — Um riso escapuliu da minha garganta ao me preparar para contar o resto. — Mas quando registraram meu nome, houve um pequeno erro. Em vez de Aladdin, com dois “d”, acabei virando Alladin, com dois “l”.

Bliss sorriu e se empurrou para cima, beijando-me docemente nos lábios.

— Eu gosto, é especial — disse, descansando novamente seu rosto no meu peito.

Ficamos em silêncio por algum tempo, apenas absorvendo as sensações das carícias e do calor dos nossos corpos juntos. Sua respiração foi se acalmando até que amoleceu de encontro a mim. Pensei que estivesse adormecida, por isso confessei:

— Nunca imaginei que nossos destinos se cruzariam novamente.

— Nem eu — soprou baixinho, fazendo meu coração disparar. Ela estava acordada.

Enlacei nossos dedos, levando sua mão até meus lábios e sorrindo de encontro à sua pele ao ouvi-la suspirar em contentamento.

— Preciso agradecer ao meu amigo Derek. Se não fosse ele ter desaparecido sem dar notícias, eu não estaria naquele bar. Não te reencontraria. Não teria a melhor noite da minha vida. Não estaria insanamente feliz e apaixonado.

— Alladin... — sussurrou meu nome de forma hesitante, mas acariciava distraidamente meu braço. — Não é cedo demais para nos sentirmos assim?

Meu coração quase perdeu uma batida, então compreendi o modo como fez a pergunta. Ela sentia o mesmo, eu não estava sozinho.

— Acho que esse sentimento nunca foi embora, Bliss. Sempre estive aqui, adormecido. Quando te vi, depois de todo esse tempo, foi como se me despertasse de um longo e tedioso sonho.

Aconchegou-se no meu abraço e ergueu sua face corada, resvalando seus lábios inchados e avermelhados nos meus.

— Foi assim comigo também.

Então suspirou e voltou a se deitar.

Nossas respirações, aos poucos, foram ficando leves e, quando menos percebi, dormíamos tranquilos.

Um barulho me despertou. Ainda de olhos fechados estiquei meu braço pela cama, mas a encontrei vazia. Sentei-me de supetão, levantando em seguida, e corri nu até a sala, seguindo o som.

Bliss estava terminando de calçar as botas e ao me ver surgindo pelo corredor, fitou-me em silêncio.

— Você ia mesmo embora sem se despedir?
— Minha pergunta seca a tirou de um transe, ela piscou duas vezes e então se pôs de pé com uma expressão magoada.

— Não acredito no que acabou de dizer, Alladin — murmurou, cruzando seus braços.

Inspirei fundo e me aproximei.

— Então por que está vestida como se fosse sair por aquela porta a qualquer segundo? — falei, terminando de abotoar seu casaco e provando meu ponto.

Ela suspirou, segurando meu queixo e me forçando a olhar em seus olhos.

— Eu estava prestes a sair por aquela porta,
PERIGOSAS ACHERON

sim. — Franzi a testa, mas, antes que eu pudesse falar alguma coisa, ela continuou: — Porque acordei com uma maldita fome, procurei algo para comer, mas você não tem absolutamente nada na despensa e sua geladeira está vazia.

Ao compreender suas palavras, comecei a sorrir, mas Bliss comprimiu meus lábios com seus dedos, fazendo-os ficarem como os de um peixe.

— Tudo aquilo foi real para você, All? — perguntou séria.

Assenti, sem poder falar com ela segurando minha boca desse jeito.

— O que sente por mim é real?

Assenti novamente.

— Se por um acaso me perguntarem se sou solteira... — Ela levantou uma sobrancelha para mim. — Devo dizer que sim?

Desvencilhei-me de seu aperto com brusquidão.

— Claro que não, cacete! — Mergulhei meus dedos nos seus cabelos e a beijei com força. Bliss gemeu na minha boca, mas logo me afastou.

— Que bom que estamos de acordo.

Então ela começou a caminhar em direção à
PERIGOSAS ACHERON

porta.

— Espere! Eu vou com você.

— Não precisa, eu conheço o bairro, também moro por aqui. — Piscou para mim.

— Um segundo — pedi, e corri até o quarto para vestir a calça descartada ao chão. Então voltei até a sala logo em seguida.

— Não demoro — falou quando me viu. Abriu a porta, mas eu a puxei para um último beijo antes que fosse.

Assisti Bliss desfilando no corredor, percorrendo meus olhos pelo contorno de sua bunda moldada pelo vestido justo e descendo até suas pernas. Sabia exatamente como era a sensação delas ao redor do meu corpo.

— A noite foi boa? — a voz do meu vizinho me fez desviar os olhos de Bliss e olhar para ele.

Ele havia acabado de passar por ela no corredor e caminhava na minha direção. Seu apartamento era logo depois do meu. Abri meu melhor sorriso e respondi:

— Maravilhosa. — Lembrando-me de um comentário que ele fez outro dia sobre propor a mão de sua namorada em casamento, perguntei: — PERIGOSAS ACHERON

E a sua? A garota disse sim?

Ele sorria, por isso, quando sua resposta veio, me surpreendeu.

— Ela disse não.

— Porra, cara! Nossa, eu... Porra! — Fiquei totalmente sem reação. — Sua noite deve ter sido uma merda — disse sem graça.

— Não. — Seu sorriso se alargou. Passando por mim, ele pegou seu molho de chaves e se preparou para adentrar seu apartamento. — Ela foi perfeita. A melhor noite do mundo.

Assenti com a cabeça, entendendo como ele se sentia. Às vezes, quando as coisas não vão como o planejado, pode ser até melhor.

— Feliz Ano Novo — desejei a ele antes de voltar para dentro de casa, e pude ouvi-lo dizer um “Feliz Ano Novo” ao fechar a porta.

Não a tranquei porque a qualquer momento Bliss voltaria.

E só de pensar nela, meus lábios se alargaram em um sorriso bobo, porque, afinal, no fundo eu ainda era aquele moleque perdidamente apaixonado.

Mas, para minha sorte, ganhei a chance de
PERIGOSAS ACHERON

reescrever a minha história.

E dessa vez eu faria de tudo para que Bliss continuasse fazendo parte dela.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Oh, anjo enviado lá de cima
Te sinto correndo pelo meu sangue
A vida é uma bebida e o seu amor está prestes
A fazer as estrelas aparecerem
HYMN FOR THE WEEKEND - COLDPLAY FEAT. BEYONCÉ

Jessica Miguel

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de dezembro de
2018**

PERIGOSAS ACHERON

17:00

— Eu realmente odeio essa escada — Livie resmungou enquanto abria a porta e dava de cara com o namorado. — Eu devia aceitar o convite e me mudar para o seu apartamento.

Derek a ouviu bufar e riu ao mesmo tempo que desligava o fogo que mantinha a frigideira aquecida. Olhou em sua direção e a observou retirar os sapatos, chutando-os para o lado, para logo depois jogar a bolsa em cima do sofá.

— Eu também adoraria que você fosse morar comigo. — Ele fez uma pausa dramática e sorriu. — Mas no meu prédio também não tem elevador. — Livie bufou e revirou os olhos.

— E sabe o que é pior? — Ela parou do outro lado da bancada com os braços cruzados, encarando-o. — Eu subo e desço as escadas todos os dias e, de um tempo para cá, é como se tivessem dobrado de tamanho! Parece que os degraus estão se reproduzindo ou, sei lá! Eu quase vomitei o meu pulmão, Derek!

Ele gargalhou e desfez o nó do avental que estava preso em sua cintura, deixando-o pendurado em um gancho próximo à geladeira antes de caminhar até onde Livie estava parada. O par de olhos verdes brilhavam como duas esmeraldas, enquanto passeavam por seu torso nu, fazendo o sorriso de Derek aumentar ainda mais. Quando estavam bem próximos um do outro, o olhar dela encontrou o seu e, antes que pudesse falar qualquer coisa, Derek segurou o rosto dela entre as mãos e a puxou, colando seus lábios.

— Também senti a sua falta, amor — sussurrou.

Livie suspirou ao sentir as mãos de Derek descer pela lateral do seu corpo até chegarem ao seu quadril para, enfim, a envolver em seus braços. A quentura da pele misturada ao cheiro amadeirado do perfume dele era a receita perfeita para que ela relaxasse completamente.

Ficaram abraçados alguns minutos, apenas apreciando a companhia um do outro quando Derek deu um passo para trás, afastando-se. Livie fez uma careta que o fez gargalhar mais uma vez.

— Você já comeu? — Ele quis saber.

— Ainda não. Fiquei enjoada o dia inteiro — comentou sem dar muita importância e Derek a olhou, preocupado, enquanto servia dois copos de suco de laranja.

— Enjoada de novo, Livie? — Ela deu de ombros, como se aquilo fosse algo normal. — Você precisa procurar um médico.

— Eu sou médica — respondeu um pouco áspera.

— Tudo bem. — Ergueu as mãos em sinal de rendição. — Não está mais aqui quem falou.

— Você se preocupa à toa.

Derek sorriu e entregou a ela um dos copos.

— Isso é porque eu amo você.

A sinceridade presente nas palavras dele tocou o coração de Livie, fazendo-o acelerar. Ela não era do tipo que suspirava pelos cantos ou que chorava por qualquer coisa, mas a forma como Derek havia falado, a maneira como as palavras saíram da boca e flutuaram até ela, tocando-a profundamente, foi tão doce e intensa que uma emoção completamente nova se instalou em seu peito, levando lágrimas aos seus olhos.

Enquanto isso, alheio a tudo, Derek se

PERIGOSAS ACHERON

esticou e pegou dois pratos no armário que ficava acima da pia e os colocou na bancada ao lado do fogão. Por cima do ombro, olhou para Livie e percebeu que ela fitava a parede com os olhos marejados.

— Livie? — chamou preocupado. — Está tudo bem?

Ao ouvir seu nome, Livie piscou algumas vezes tentando conter as lágrimas que quase transbordavam dos olhos. Não tinha certeza se a sua voz sairia firme, por isso optou por permanecer calada. Esfregou o rosto e suspirou antes de apoiar o queixo nas mãos e encarar o perfil de Derek. Acenou positivamente, tentando passar confiança com seu ato, mas até mesmo um cego veria a dúvida nos olhos dele.

— Eu só estou cansada, amor. Essa época do ano a emergência fica sempre lotada, mal tive tempo de descansar no plantão ou de comer.

— É, eu me lembro bem de como ela pode ser agitada. — Derek comentou, rindo, ao se lembrar do ocorrido no último Ano Novo.

Nesse momento, ele ergueu a tampa da frigideira e o cheiro forte do bacon flutuou até o

PERIGOSAS ACHERON

nariz de Livie. Ela engoliu em seco, sentindo seu estômago se contorcer. Foi tudo muito rápido. Em um segundo ela estava bem, no segundo seguinte sentiu uma onda quente passar por seu corpo, amolecendo-o. Segurou a borda do balcão com força e fechou os olhos enquanto respirava devagar, tentando controlar a ânsia de correr para o banheiro e vomitar.

Ouviu o barulho da cerâmica do prato se chocando com o balcão e o cheiro ficou ainda mais forte.

— Amor? — A voz de Derek chegou aos seus ouvidos, mas ela não conseguia responder.

De repente, tentar acalmar seu estômago já não era mais uma opção. Livie engoliu a saliva que parecia se acumular em sua boca e deu um passo para trás, antes de correr para o banheiro o mais rápido que conseguia.

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de dezembro de
2018**

PERIGOSAS ACHERON

17:20

Derek olhou para onde sua namorada estava havia poucos segundos e piscou atordoado. Um arrepio cruzou sua espinha e ele sentiu o corpo ficar tenso ao se lembrar da velocidade em que a cor sumiu do rosto de Livie, deixando-a com a tez pálida. Xingou baixinho e jogou o prato em cima do balcão de qualquer jeito, para logo em seguida correr atrás dela pelo corredor.

Parou em frente à porta do banheiro, e os sons que vinham de lá de dentro fizeram com que Derek começasse a suar frio. Ele respirou fundo e deu um passo para dentro do cômodo e, quando seus olhos pousaram em Livie, o coração começou a bater mais rápido e forte e o medo se espalhou rapidamente por sua corrente sanguínea, deixando-o congelado por alguns segundos.

Livie estava de joelhos, com o corpo debruçado sobre o vaso enquanto convulsionava, colocando para fora o pouco que tinha no estômago. O rosto estava molhado pelas lágrimas

que rolavam involuntariamente e as mãos tremiam enquanto ela tentava se manter firme.

— Jesus, Livie! — Derek exclamou antes de dar mais um passo na direção dela e, com as mãos trêmulas, puxou-lhe o cabelo, segurando-o ao mesmo tempo que se ajoelhava ao lado dela.

Quando seu estômago parou de borbulhar, o corpo de Livie já estava mole e ela sequer tinha forças para abrir os olhos. Exausta, apoiou a cabeça no ombro de Derek e se arrepiou ao sentir os dedos longos passearem por sua nuca.

Após algum tempo em silêncio, Derek se levantou um pouco e fechou a tampa do vaso, pressionou o botão da descarga e, logo em seguida, ajudou Livie a se sentar sobre ela. Encarou-a por alguns segundos, percebendo que as bochechas estavam mais coradas, assim como a testa brilhava com algumas gotas de suor, mesmo que a pele dela estivesse gelada.

— Está melhor? — Livie abriu os olhos bem devagar e percebeu a ruguinha de preocupação que estava desenhada na testa de Derek.

— Estou sim. Com certeza é a minha gastrite atacando novamente.

— Como você pode ter tanta certeza que é a sua gastrite, Livie? Você está assim há semanas! — ele disse exasperado.

Livie estremeceu e engoliu o nó que se formou em sua garganta. Repreendeu-se mentalmente por mais uma vez estar agindo como uma louca sentimental e respirou fundo para se acalmar. Talvez aquela oscilação de humor fosse culpa do estresse ou, talvez, da falta de uma noite boa de sono.

Para ganhar tempo, Livie se levantou com cuidado e caminhou até a bancada de mármore para escovar os dentes. Pelo espelho, viu que Derek acompanhava todos os seus movimentos sem sequer piscar. Ele a olhava como se estivesse preparado para a amparar caso suas pernas fraquejassem e isso fez seu coração derreter um pouco mais. Quando terminou, colocou um pouco do enxaguante bucal no copinho e se virou, ficando de frente para ele.

— Você sabe que eu estou cobrindo o outro ortopedista. — Não era uma pergunta, ainda assim, Derek acenou em concordância. — Então você entende que eu estou atendendo por dois. Não

PERIGOSAS ACHERON

tenho tempo de descansar direito, imagine comer algo decente?

Derek cruzou os braços na frente do peito e titubeou. Não era a primeira vez que via Livie em meio a uma crise de gastrite, entretanto, dessa vez algo parecia diferente. Era como se um alarme dentro da sua cabeça berrasse que ela estava errada. Que aqueles sintomas indicavam algo que era bem óbvio e que ele se recusava a enxergar.

Livie virou de volta para o balcão e bochechou o líquido mentolado por vários segundos enquanto encarava o reflexo de Derek no espelho. Viu o momento exato em que um sorriso se desenhcou nos lábios e um brilho diferente cruzou os olhos dele. Ela não sabia por qual caminho os pensamentos dele estavam seguindo, mas o arrepio em sua espinha era um aviso de que, talvez, fosse melhor não perguntar.

— Eu achei que você estivesse grávida — Derek disse bem baixinho.

Livie arregalou os olhos e, por pouco, não engasgou com o enxaguante bucal. Ela estava certa, era melhor ter ficado sem saber. Tossindo, puxou a toalha branca do suporte que ficava na parede e

PERIGOSAS ACHERON

cobriu o rosto com ela. Por alguns minutos o silêncio se fez presente e Derek chegou a cogitar que Livie não tinha ouvido sua afirmação, mas para o seu desespero ela não só ouviu, como o olhava como se uma nova cabeça tivesse surgido em seu pescoço.

— Essa é a coisa mais absurda que você já falou, Derek!

— Absurda? Livie, todos os sintomas batem...

— Do que você está falando? Eu sou médica, Derek! Se eu estivesse grávida, eu saberia. Simples assim.

— Sério, Livie? — Ela rolou os olhos e ele deu um passo em sua direção. — Você tem levantado para ir ao banheiro várias vezes durante a madrugada. E isso acontece todas as noites.

— Por causa do frio. Além disso, eu sempre bebo muita água à noite. — Deu de ombros ao mesmo tempo que Derek cerrou os olhos.

— E o que você me diz do sono anormal que anda tendo? Você odeia dormir em qualquer lugar que não seja na sua cama, até no hospital você tem dificuldade e, agora, dorme até em pé no metrô!

— Isso é por causa dos plantões — disse enquanto cruzava os braços com impaciência.

Derek respirou fundo e prendeu o nariz entre o polegar e o indicador.

— Você vai realmente achar uma desculpa para tudo? Sério, Livie? É tão absurda assim a ideia de estar grávida? — A voz de Derek era firme, mas Livie conseguiu perceber que ele estava cansado e até mesmo um pouco chateado pela sua reação. Mas ela era mulher e médica. Se houvesse alguma mudança em seu corpo, seria a primeira a notar. — Você vai dizer que está mais emotiva por causa do Natal? Porque está pensando na retrospectiva da sua vida?

Livie esfregou o rosto, exausta, e pensou no único argumento válido que tinha.

— A minha última menstruação foi no aniversário da Daisy...

— Você está de brincadeira comigo! — Ele a interrompeu, chocado. — O aniversário da Daisy foi em outubro, Livie. Nós estamos em dezembro!

— O-o quê? Não! O aniversário dela foi mês passado e...

— Sete de outubro. Você pode ligar para ela

PERIGOSAS ACHERON

e confirmar. — Derek andou de um lado para o outro, transformando o espaço que já era pequeno, em algo muito menor. — Você tem certeza?

Então, de repente, o rosto de Livie se transformou, e ela se lembrou de cada uma das manhãs que passou abraçada ao vaso, das várias vezes em que as tonturas surgiam tão fortes que ela precisava se apoiar na parede para não cair e, então, o cheiro do bacon. Quem enjoa com bacon? *Grávidas!* Sua respiração acelerou, e ela percebeu que suas mãos tremiam. O lado racional do seu cérebro pareceu trabalhar dez vezes mais rápido enquanto listava uma série de sintomas gestacionais que não sentiu, e foi a isso que ela se agarrou.

Olhou para Derek e engoliu em seco. Não o julgava por pensar nisso, afinal, qualquer pessoa assimilaria os enjoos a uma gestação. Mas estava um pouco decepcionada. Enquanto médica, devia saber que o beta HCG era o primeiro exame pedido em casos assim. Respirou fundo e esfregou as mãos suadas na calça jeans.

— Algo assim não teria passado despercebido. Certo? — Livie abaixou a cabeça enquanto falava. A sua voz saiu um pouco trêmula

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e ela passou os braços em volta do próprio corpo, sentindo-se vulnerável. — Eu... eu ainda não acho que estou grávida. Isso tudo pode ser só uma forma do meu organismo dizer que estou sob muito estresse e... — Ela ergueu o olhar para encontrar o dele e foi como se a venda que escondia seus olhos simplesmente caísse. — Ah, meu Deus, Derek! Nós precisamos de um teste de gravidez!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

18:19

Livie fitou a prateleira à sua frente e estremeceu. As mãos tremiam, sua respiração estava acelerada e o coração parecia que ia sair pela boca, tamanho era o seu nervosismo. Fechou os olhos e respirou fundo, tentando se acalmar e ignorando a vontade de sair correndo daquele lugar. Quando a mão de Derek acariciou seu ombro, ela sentiu como se metade do peso que carregava nas costas fosse embora.

Ao seu lado, Derek mantinha a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse analisando os diversos produtos dispostos ali. Ora ou outra, pegava uma das caixas na mão e lia atentamente as informações, mas, ao final, não fazia ideia de qual levar.

— Talvez seja mais indicado levar mais de um. — Derek comentou.

— Por que não levamos um de cada?

Derek se virou para ela e ficou a admirando por alguns instantes. Estava linda, era como se um

brilho novo a envolvesse e fizesse a sua pele cintilar. As bochechas estavam coradas pelo frio e o cachecol verde que estava enrolado em seu pescoço, fazia os fios vermelhos de seu cabelo se sobressaírem.

— São sete marcas.

— Vamos levar três — propôs Derek.

— Cinco. — Derek ergueu uma única sobrancelha e Livie deu de ombros enquanto puxava as caixas e as empilhava. — Vai que estão com defeito.

— Tem razão, amor. É melhor pecar pelo excesso... — comentou enquanto caminhavam pelo corredor com testes das sete marcas.

Livie percebeu que suas mãos tremiam levemente ao depositar os testes de gravidez sobre o balcão. Apreensiva, mordeu o lábio inferior e encarou a balconista, que parecia achar a situação divertida. Esfregou as mãos uma na outra, tentando ignorar a tensão que tomava conta do seu corpo enquanto olhava em volta à procura de Derek. Ele tinha se afastado um pouco antes de chegarem ao caixa, com a desculpa de que tinha que comprar mais alguma coisa.

— Algo mais? — Livie voltou a olhar para a atendente, mas antes que ela respondesse, Derek surgiu ao seu lado com algumas garrafas de água nas mãos e um sorriso enorme no rosto.

— Isso aqui também, por favor.

Derek olhou para Livie e seu sorriso aumentou ainda mais ao vê-la inclinar a cabeça para o lado fazendo um biquinho fofo, como se tentasse entender o que o motivou a pegar a água mineral na prateleira. Ele passou o braço pela cintura dela e a puxou, colando seus corpos segundos antes de unir seus lábios.

— Você vai precisar de ajuda para fazer todos esses testes.

Livie deu um passo para o lado, afastando seus corpos por alguns centímetros ao mesmo tempo que a sua respiração se acelerava. Com os olhos esbugalhados, ela encarou a garrafa, depois voltou o olhar para o homem ao seu lado. O homem que ela amava de uma forma insana, que fazia o seu coração acelerar em um ritmo desenfreado com apenas um sorriso e que, nesse momento, a olhava com um brilho confiante no olhar.

Derek queria um positivo e fazia questão de
PERIGOSAS ACHERON

demonstrar isso.

Mordendo o lábio inferior, Livie ignorou a atendente que os observava com extrema atenção e pegou uma das garrafas de água mineral, destampando-a antes de virar todo o conteúdo em longos goles por sua garganta.

Derek a encarava encantado, como se estivesse hipnotizado pela mais bela das obras de arte. Livie estava com os olhos fechados enquanto sorvia a água de forma desesperada, lembrando um peregrino perdido em meio ao deserto ao encontrar um oásis, e isso o fez rir.

Livie jogou a garrafa vazia na lixeira próxima ao caixa e encarou a atendente, que pressionava os lábios em uma tentativa frustrada de não rir. Sentiu seu rosto esquentar ao perceber que era o centro das atenções e deu um leve soco no braço de Derek, um gesto claro de que era para ele parar.

— Eu vou precisar de mais algumas dessas para fazer xixi sete vezes — sussurrou ao mesmo tempo que abria a segunda garrafa de água e caminhava em direção à porta.

Derek balançou a cabeça de um lado para o
PERIGOSAS ACHERON

outro e puxou a carteira do bolso, tirando de lá algumas notas para pagar pelos testes e pela bebida. Já na calçada, ele puxou Livie pela mão e, assim, eles caminharam lado a lado rumo ao prédio de tijolos laranja. As ruas estavam ainda mais cheias do que quando saíram e as pessoas sorriam e falavam alto, animadas com a perspectiva de um novo ano.

Olhando para os lados, Derek absorvia a energia positiva que vibrava no ar, completamente encantado. Era como se uma onda de coisas boas passasse pelas pessoas, arrastando-as em direção a um futuro repleto de realizações. Enquanto isso, Livie tentava controlar a sua respiração e acalmar as borboletas que se agitavam em seu estômago. O enjoo estava voltando e, com ele, um pouco da tontura. Ela sabia que devia ter comido algo antes de sair de casa, mas o desespero falou mais alto.

Derek pegou a garrafa de água vazia da mão de Livie e, assim que pararam em frente à faixa de pedestres para atravessar, a jogou na cesta de lixo para, logo em seguida, abrir a outra garrafa e entregar a ela, que fez uma careta engraçada, mas não recusou.

Atravessaram a rua e continuaram caminhando em silêncio por um longo tempo, até que Derek olhou para a bela ruiva ao seu lado e notou que ela estava um pouco pálida e parecia desconfortável.

— Amor? Você está bem?

Livie olhou para ele e fez uma careta.

— Eu preciso fazer xixi — disse baixinho.

— Você o quê? — Derek parou e se abaixou, aproximando seu rosto do dela para ouvir melhor. — Eu não entendi.

— Eu disse que preciso fazer xixi!

— Não dá para aguentar até chegar em casa?

— Se desse, eu não estava me contorcendo, Derek! — Livie bufou ao vê-lo segurar o riso e resolveu procurar uma solução rápida para o seu problema. Passou os olhos pelas lojas que estavam abertas até que avistou um letreiro em neon. — Tem um bar ali. Eu posso ir ao banheiro enquanto você pede algum petisco.

Derek se sentiu tentado a negar. Queria dizer a ela que estava tão nervoso que comer era a última das suas vontades. Nesse momento nada era mais importante do que chegar ao apartamento de Livie

PERIGOSAS ACHERON

e esperar o resultado dos testes segurando em sua mão. Então ele se lembrou de que Livie não tinha comido nada antes de sair de casa e que, pelo pouco que sabia, prender a urina não era nada saudável. Olhou para o letreiro que brilhava forte a ponto de fazer as vistas arderem e viu pela parede de vidro que o bar estava bem cheio.

— Derek?

— Vamos, amor — disse ele após respirar fundo e a puxou pela mão. — Vamos alimentar você.

O lugar era aconchegante. Havia mesas espalhadas pelo centro do salão, onde amigos conversavam e brindavam com canecos de chope gigantes. Na parede do canto, vários boxes com sofás de couro preto eram ocupados com casais que queriam um pouco mais de privacidade. O bar tomava toda a parede de trás do local. Era um enorme balcão de mármore preto rodeado por vários bancos altos de um material que lembrava muito acrílico. A parede totalmente coberta por um espelho com várias prateleiras onde ficavam garrafas de todos os tipos imagináveis de bebidas.

Ao se aproximarem do balcão, um barman

PERIGOSAS ACHERON

simpático veio até eles e os cumprimentou. Livie perguntou onde ficava o banheiro feminino e, antes que seu namorado se sentasse, ela já seguia na direção apontada pelo rapaz. Coçando o queixo, Derek a observou ir com a sacola na mão e sentiu seu coração dar um salto.

Será que Livie planejava fazer os testes ali? Longe dele?

Derek foi arrancado de seus pensamentos ao sentir uma mão apertar seu ombro com firmeza. Virou-se rapidamente e sorriu ao dar de cara com um jovem a quem ele passou a ter como um irmão mais novo.

Charles era o namorado de Daisy e, nos últimos meses, ele mudou bastante. O corpo magro ganhou alguns poucos músculos e o cabelo bagunçado passou a andar sempre em um corte no estilo militar. As blusas de banda de rock deram lugar às camisas sociais e os jeans rasgados eram usados em raras ocasiões.

Derek fitou o rapaz à sua frente com uma expressão séria por alguns segundos, até que não resistiu e abriu um sorriso, puxando-o para um abraço apertado. Não se viam desde o aniversário

PERIGOSAS ACHERON

de Daisy, mas isso não queria dizer que não se falassem com frequência. Charles deu algumas tapinhas nas costas do amigo, devolvendo o abraço. Ele sabia que seu amigo não faria algo assim se não estivesse precisando.

— Ei, cara! Como vão as coisas? — Charles perguntou ao mesmo tempo que puxava uma das cadeiras para se sentar. O sorriso em seu rosto era sincero, apesar dos olhos expressarem a sua preocupação.

Derek sempre achou que ele e Daisy eram extremos opostos que se atraíam com uma força sobre-humana. Enquanto ele era um rapaz nerd, cheio de responsabilidades; Daisy era o desastre em pessoa e sem nenhum tipo de filtro que a impedisse de falar o que desse na telha. Ainda assim, eram um casal perfeito.

— Eu estou bem. — Suspirou. — É só que...

— Vocês querem algo para beber? — O barman interrompeu, fazendo Derek pigarrear.

— Eu vou querer uma água, Douglas — respondeu sem tirar os olhos do amigo. Derek o fitou de volta, espantado por ele saber o nome do rapaz do outro lado do balcão e o observou dar de

PERIGOSAS ACHERON

ombros, como se aquilo não fosse nada demais.

— E você? — Douglas insistiu.

— Eu quero uma cerveja e uma porção de batatas fritas, por favor.

Eles ficaram em silêncio observando o garçom sumir por trás de uma porta onde, provavelmente, ficava a cozinha, para minutos depois ressurgir, entregando as suas bebidas.

— Livie está de plantão hoje? — Charles perguntou e logo em seguida deu um longo gole na sua água.

— Não. Ela foi ao banheiro.

— Ótimo. Fico mais tranquilo com isso — brincou o nerd.

— Não entendi...

Charles revirou os olhos com uma sombra de sorriso em seus lábios e respondeu:

— Daisy também está no banheiro. E, bem, você sabe que ela é propensa a acidentes. Me sinto mais seguro que tenha uma médica lá para a socorrer caso aconteça algo.

Derek jogou a cabeça para trás e explodiu em uma sonora gargalhada.

— Um brinde às nossas mulheres, meu
PERIGOSAS ACHERON

amigo. Elas são únicas, feitas sob medida para nós.
— A elas — Charles brindou.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

18:47

Livie olhou para as duas mulheres que conversavam na sua frente e sentiu vontade de chorar. Não esperava encontrar uma fila tão pequena e ao mesmo tempo tão demorada no banheiro. Mentalmente, ela se repreendia por ter bebido todas aquelas garrafinhas de água. Já devia esperar que hoje tudo estaria lotado, inclusive o banheiro.

Inquieta, pegou dentro da sacola dois testes de gravidez e os abriu. Ia aproveitar e fazê-los de uma vez só. Não havia sentido em adiar até chegar em casa. Estava tão concentrada, encarando os dois palitos de teste que não notou a aproximação de uma jovem loira até que fosse tarde demais.

— Livie! Quanto tempo!

Livie ergueu a cabeça tão rápido que, por alguns segundos, sentiu tudo à sua volta rodar. A mão de Daisy segurou seu braço com firmeza, evitando que ela caísse no chão. Piscou algumas vezes, focando em um ponto fixo e puxou o ar com

força, soltando-o lentamente logo em seguida.

— Livie? Está tudo bem?

— Da-Daisy? — gaguejou. Daisy revirou os olhos e sorriu para ela segundos antes de a puxar para um abraço apertado. — O que você está fazendo aqui?

— Xixi? — Daisy respondeu brincando para logo em seguida jogar a cabeça para trás, gargalhando. — Esse bar é um dos que a empresa do pai do Charles faz a segurança. Ele me trouxe aqui para resolver alguma coisa idiota de última hora. E você? Derek está aqui também?

— Eu... Nós... — Livie balançou a cabeça, um pouco confusa. — Eu o deixei no bar — respondeu e deu um passo à frente. Ótimo, ela era a próxima da fila.

Livie sempre foi tão calma, então Daisy logo estranhou o nervosismo que assolava a amiga. Olhou para as mãos dela e gritou, atraindo a atenção de algumas meninas que retocavam a maquiagem em frente ao espelho.

— Você está grávida? Eu não acredito! Nós vamos ter um bebê! Temos que comemorar, Livie! — ela gritou.

— Eu não estou grávida, Daisy! — a médica a repreendeu.

— Como assim? E esses testes?

— Ainda não estão feitos. — Deu de ombros.

— Você vai fazer agora? — Daisy deu um passo à frente, ficando ao lado de Livie. — Você está tensa, Livie...

A porta de uma das cabines se abriu e Livie engoliu o bolo que se formou na garganta, ao mesmo tempo que seus olhos queimavam com as lágrimas que começaram a se acumular. Uma sensação gelada passou por ela, fazendo-a estremecer. O medo pendia para os dois lados e isso era o que mais a assustava. Sua cabeça foi invadida por uma série de perguntas que ela não era capaz de responder. Seu corpo era apto para gerar uma vida? Ela era capaz de cuidar de um bebê? Como seu relacionamento ficaria se o resultado fosse positivo? E se fosse negativo? Como seguir com a sua carreira se a prioridade sempre seria o seu filho? Como as mulheres davam conta sem surtar?

Livie só percebeu que chorava quando sentiu

PERIGOSAS ACHERON

os braços de Daisy a envolver. As dúvidas, o medo, a incerteza, cada um desses sentimentos se fazendo presentes, sufocando-a. Fechou os olhos e permitiu que as lágrimas fluíssem por seu rosto e, no mesmo instante, imagens de um bebê gordinho com os olhos de Derek, surgiram. Ele era lindo, rodeado de uma luz que era pura felicidade. Livie apertou os testes em sua mão e deu um passo para trás, se afastando de Daisy.

— Eu preciso... — Ela tentou falar, engolindo alguns soluços. — Eu estou com medo, Daisy.

— Eu estou aqui com você, Livie.

Livie acenou, sem palavras para agradecer. Talvez Daisy não soubesse, mas aquela frase acalmou a tempestade que acontecia dentro do peito de sua amiga. Juntas, caminharam até a cabine e Daisy ficou na porta, roendo as unhas, enquanto aguardava Livie sair.

Dentro da cabine, Livie encarava o palito em suas mãos. O coração batia tão rápido, tão forte, fazendo o sangue correr cada vez mais quente por suas veias, queimando. A primeira listra rosa surgiu e as lágrimas ameaçaram cair, mas Livie as forçou

PERIGOSAS ACHERON

garganta abaixo. Ela não queria piscar, não queria perder um segundo desse momento.

De repente, o medo de que aquele teste desse negativo a invadiu. Derek parecia querer tanto aquele bebê. Metade dela, metade dele. Um vínculo para sempre, unindo-os de uma forma que nada mais uniria. Ela fechou os olhos e, antes que percebesse, estava rezando, pedindo a Deus que aqueles minutos fossem os mais rápidos da sua vida.

— Livie? — Daisy bateu na porta. — Está tudo bem aí dentro?

Livie abriu os olhos, ainda encarando o teste. Uma linha e nada mais. Ela respirou fundo, sentindo a decepção preencher seu peito. Como mágica, todas as inseguranças desapareceram, deixando somente aquela sensação vazia. Ela se levantou e respirou fundo, abrindo a porta logo em seguida.

Daisy se assustou com a forma brusca com a qual a porta foi aberta e deu um passo para trás, deixando Livie ter o seu tempo. A ruiva apoiou os testes em cima da pia e abriu a torneira, lavando as mãos pacientemente. Ela ficou assim por longos

PERIGOSAS ACHERON

minutos, até que encarou seu próprio reflexo no espelho e, então, passou as mãos pelo rosto, secando as lágrimas que caíam sem parar.

Era como se a água da torneira levasse embora toda a sua fraqueza, deixando-a firme para aguentar o que tivesse que ser. Livie encarou sua amiga pelo espelho e elas ficaram assim por um tempo longo demais.

— Deixe-me ver.... — Daisy quebrou o contato visual e deu dois passos, alcançando a bancada para pegar o teste.

Livie continuou fitando o reflexo de Daisy no espelho, acompanhando atenta cada nova expressão no rosto de boneca que ela tinha. Era tão nova, tão ingênua e, ao mesmo tempo, um espírito cheio de luz, de coragem. Tão livre. A expressão no rosto dela suavizou e Livie percebeu o exato momento em que um sorriso surgiu nos lábios de Daisy, mostrando os dentes perfeitamente alinhados, ao mesmo tempo que os seus refletiam toda a felicidade que transbordava da sua alma.

— Parabéns, mamãe! — ela gritou, puxando Livie para um abraço. — Eu vou ser titia!

— Não... não, Daisy. — Livie se afastou do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abraço, confusa e puxou o teste da mão da amiga. — Eu vi o teste, só tinha uma listra e... — Ela encarou o palito com os olhos esbugalhados.

— Isso são duas *listrinhas* — a ruiva que estava na fila para usar o banheiro esticou o pescoço e sorriu ao comentar.

— Sem dúvidas isso é um positivo, gata — a loira atrás dela, que estava na ponta dos pés, disse também.

— Não. Não pode ser. Isso está errado! — Livie se virou e jogou o teste no lixo ao lado do balcão para logo em seguida seguir em direção à saída. — Eu vou até o bar, preciso de mais água.

— Mais água para quê, Livie? — Daisy a encarou confusa.

— Para fazer os outros testes, ué.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

19:20

Derek esfregou a mão no rosto, agoniado, enquanto olhava na direção em que Livie tinha desaparecido minutos atrás. O garçom surgiu com a porção de batatas fritas e ele aproveitou para pedir mais uma cerveja. Respirando fundo, ele encarou o relógio em seu pulso pela centésima vez. Era como se os ponteiros estivessem congelados, fazendo os minutos e segundos se alongarem, tornando-os eternos. A espera fazia seu estômago dar cambalhotas e ali, sentado no banco, ele sentia como se tivesse as mãos atadas. Era para ser um momento único, especial e só deles, mas Livie estava sozinha no banheiro daquele bar. Ou melhor, ela estava com Daisy. O que significava que o mundo podia estar se acabando nesse exato minuto, e ele jamais saberia.

— Você está calado demais, Derek — Charles observou. — E tenso, também.

Derek olhou para o rapaz e deu um longo gole em sua bebida para logo em seguida levar uma

batata frita até a boca.

— Só estou preocupado com a Livie — comentou com a boca cheia. — Elas estão demorando.

— Devem estar colocando a fofoca em dia. — Charles riu. — Até parece que não conhece a Daisy. Aquela ali, quando começa a falar, não para mais.

Derek suspirou e mordeu os lábios, nervoso.

— Vai abandonar a faculdade mesmo? — Tentou mudar de assunto e foi a vez de Charles ficar tenso.

— Eu não sei. — respondeu baixinho. — Às vezes eu tenho vontade de jogar tudo para o alto, pegar a Daisy e, sei lá, viajar pelo mundo. Mas eu sei que meu pai precisa de mim aqui.

— Você...

— Eu preciso de uma garrafa de água! — Derek pulou assustado e olhou para o lado, dando de cara com uma Livie que tinha o rosto vermelho e os olhos um pouco inchados. Ela se virou para eles e encarou Derek pelo que pareceu uma eternidade antes de desviar os olhos para o rapaz ao seu lado. — Oi, Charles.

— Ei, Livie! — Charles se levantou e foi até Livie, abraçando-a. — Como você está?

— Grávida! — Daisy gritou se jogando em cima de Derek. — Parabéns, Derek! Você vai ser papai!

— O... o quê?

— Pai? — Sem entender nada, Charles olhou de um para o outro, buscando por uma resposta.

— Eu fiz um dos testes e deu positivo.

Derek se soltou dos braços de Daisy e deu um único passo para a frente, fechando a distância entre eles. Suas mãos, trêmulas, seguraram as de Livie, ao mesmo tempo que seus olhos se encontravam. Ele tentou procurar em meio a milhões de palavras, alguma que pudesse descrever a felicidade que explodiu dentro do seu peito. Mas era impossível. Aquele sentimento era único e tão grande que nenhuma palavra seria o suficiente.

Charles respirou fundo, se sentindo desconfortável por estar observando um momento tão íntimo. Pigarreou e olhou para Daisy, que fitava o casal com uma expressão sonhadora no rosto. Sorrindo, passou a mão pela cintura dela, a

PERIGOSAS ACHERON

enrolando em um abraço apertado para, logo em seguida, deixar-lhe um beijo delicado na cabeça. Daisy olhou para ele, sorrindo, antes de puxá-lo para se sentar nas banquetas, dando privacidade ao outro casal.

Os olhos verdes de Livie passeavam pelo rosto de Derek, analisando cada mínimo detalhe, tentando encontrar ali qualquer dúvida, qualquer traço de que ele fosse surtar.

— Isso é verdade? — A voz de Derek estava rouca pela emoção, e Livie sentiu todo o seu corpo estremecer. De repente, as palavras sumiram de sua mente e ela já não sabia se seria capaz de falar. — Nós vamos ter um filho, Livie?

Um filho. Uma semente que eles haviam plantado juntos e que seria regado com muito amor e carinho para crescer forte e saudável.

— Eu não quero criar expectativa, Derek — ela sussurrou. — Foi só um teste...

— Que deu positivo!

— Eu sei. — Livie suspirou e pegou a garrafa de água que Douglas havia deixado sobre o balcão e revirou os olhos. — Mas ainda temos mais quatro testes para fazer. Não vamos comemorar PERIGOSAS ACHERON

antes da hora.

— Quatro? — A voz de Daisy fez Derek dar um pulo. — Você vai fazer mais quatro testes?

Livie balançou a cabeça afirmando, e Daisy continuou a olhar para ela com os olhos esbugalhados e a boca completamente aberta. Ao seu lado, Charles quase engasgou com a própria bebida ao tentar segurar a gargalhada.

— Mas se você já fez um, para que fazer os outros? É... *desnecessário*.

— Desnecessário para você, que prometeu se manter virgem até os vinte e um — Livie retrucou um pouco ríspida.

Charles não conseguiu resistir e gargalhou alto enquanto ganhava um olhar mortal de sua namorada. Sem deixar de sorrir, Derek a envolveu em um abraço apertado pouco antes de puxar a banquetta entre as meninas e se sentar.

— E o pior é que ela está levando essa promessa bastante a sério — Charles comentou.

— Você está brincando comigo? — Livie gritou espantada. — Eu achei que...

— Eu disse me manter virgem, não que eu ia virar uma santa.

— Já posso parabenizar vocês? Ou preciso esperar o resultado dos próximos quatro testes? — Charles tentou mudar o foco do assunto.

— É melhor a gente esperar para comemorar... — Livie murmurou antes de virar o rosto para a frente e tomar mais um longo gole de água.

— Parabéns, cara. — Charles deu um tapinha no ombro de Derek e falou baixinho o suficiente para somente ele ouvir: — Você vai ser um pai incrível!

O peito de Derek estufou de orgulho ao ouvir isso. Ele sabia que estava com um sorriso enorme no rosto e que seus olhos deviam estar brilhando mais que duas pedras de diamante, só que era impossível disfarçar a felicidade que se espalhava por seu corpo.

Livie olhou para a garrafa de água vazia à sua frente e suspirou. Olhou para o lado e notou que Derek e Charles haviam engatado em uma conversa sobre futebol. Eles torciam para times opostos e era engraçado ver como se provocavam. Sem perceber, um sorriso surgiu em seus lábios e, quando os seus olhos focaram Daisy, notou que a

PERIGOSAS ACHERON

menina a encarava atentamente. Viu-a sorrir de volta e mexer os lábios, falando “parabéns, mamãe”, mas antes que pudesse responder, Charles disse algo, chamando a atenção de todos.

— Eu não vou sair daqui agora, pai! — Derek se engasgou com a bebida, preocupado, enquanto as bochechas de Daisy ganhavam um tom avermelhado. — Eu posso fazer isso quando você voltar de viagem, ok?

— Trabalho? — Derek perguntou assim que o rapaz finalizou a ligação.

— Ele quer que eu tente quebrar o novo sistema de segurança que foi implantado na empresa.

— Mas por que ele quer que você faça isso? — Livie questionou confusa.

— É o meu trabalho, Livie. Eu tento invadir o sistema usando todos os meios que conheço e, quando consigo, aponto os erros e as soluções — explicou, dando de ombros.

— Você é realmente um nerd, né? — ela perguntou, sem querer arrancando uma gargalhada de Daisy.

— Você ainda não viu nada! Acredita que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele invadiu o sistema da escola em que eu estudava só para descobrir o meu endereço e me mandar flores? — contou suspirando.

— Não acredito nisso! — Livie disse com lágrimas nos olhos. — Isso foi tão romântico.

— Você está chorando, amor? — A voz de Derek saiu preocupada e Livie soluçou.

— Devem ser os hormônios... — Daisy comentou.

— Não fala isso, Daisy! Eu ainda preciso fazer os...

— Douglas! — Derek gritou, interrompendo-a. — Traz mais uma água! — Olhou para Livie, que mordida o lábio inferior, prendendo o riso. — E uma cerveja, também, antes que eu enlouqueça!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

21:45

Livie mordeu o lábio inferior, apreensiva, antes de reunir a coragem para olhar para os três testes em sua mão. Virou de costas para a porta da cabine, apoiando-se nela e ficou ali, perdida em pensamentos enquanto aguardava o tão esperado resultado.

— Livie!

O grito agudo a assustou, fazendo com que os testes que estavam em suas mãos caíssem. Livie piscou e foi como se tudo estivesse acontecendo em câmera lenta. Observou um dos testes bater em seu pé ao mesmo tempo que um outro quicava até parar próximo da lixeira. Porém, o que fez o coração de Livie parar, foi assistir ao último teste mergulhar dentro do vaso.

Ficou sem reação por alguns segundos, encarando o palito imerso na água até que soaram batidas fortes na porta, fazendo-a pular com um novo susto.

— Que merda, Daisy! — gritou ao abrir a

porta da cabine e dar de cara com o rosto de boneca da amiga. Livie desviou dela e seguiu até a pia, onde jogou um pouco de água gelada no rosto para logo em seguida esfregar as mãos úmidas pela nuca. — Você quer me matar de susto? — Indagou ao encará-la pelo espelho.

— Foi você quem saiu correndo da mesa como se estivesse morrendo — debochou a garota. — Tem noção de como foi difícil segurar o Derek para que ele não entrasse aqui? Por que não avisou que estava se sentindo mal?

— Foi só um enjoo. — Livie se virou e fitou as mãos. — E eu não avisei exatamente por saber como ele reagiria.

— Ele está preocupado. Disse que não foi a primeira vez que você vomitou hoje.

Respirando fundo, Livie encarou a amiga enquanto secava as mãos em sua calça. Daisy a fitou de volta e balançou a cabeça de um lado para o outro, sorrindo com malícia.

— O que acha de aproveitar que estamos aqui para fazer os outros testes?

— Eu já fiz — disse baixinho.

— Os quatro? — Os olhos de Daisy
PERIGOSAS ACHERON

pareciam querer saltar dos olhos, de tão assustada.

— Três.

— E onde estão? — A voz de Daisy estava empolgada e seus olhos brilhavam como se ela estivesse aguardando para ver um eclipse raro.

— Um... — Livie ergueu o dedo indicador, apontando para a cabine. — Está dentro do vaso e os outros dois estão espalhados pelo chão.

Livie ficou observando enquanto a amiga virava de costas e entrava na cabine. Nervosa, começou a andar de um lado para o outro. O banheiro estava vazio, o que era bem estranho. Então, ela se lembrou que os rapazes deviam estar do lado de fora, provavelmente inventando alguma desculpa esfarrapada para que ninguém entrasse ali.

De frente para o espelho, Livie percebeu que seu corpo estava, sim, diferente. Virou de lado e ergueu um pouco a blusa para acariciar o ventre ainda liso. Ver o resultado dos primeiros testes foi como levar uma descarga elétrica para, logo em seguida, ver o mundo de outra forma. Um mundo com mais cores, com mais amor.

— Positivo e — Daisy olhou para o teste que segurava na outra mão. — Positivo!

PERIGOSAS ACHERON

Livie deu um passo em direção ao balcão e se segurou firmemente nele. Suas pernas perderam as forças e bambearam e, logo em seguida, as mãos de Daisy envolveram seu braço, a amparando. Sem perceber, as lágrimas escorriam por seu rosto.

— Você está bem?

— Quatro testes positivos. — A voz de Livie transpassava toda a emoção que sentia, e isso fez com que Daisy derramasse algumas lágrimas também.

— Você ainda tem dúvidas de que está grávida?

— Eu... — Livie puxou o ar lentamente e negou com a cabeça, puxando Daisy para um abraço que era a mistura de risadas e soluços. — Eu preciso falar com o Derek.

— Eu vou pedir para ele vir aqui e ficar na porta com o Charles, para ninguém entrar, pode ser?

Livie acenou, concordando para logo em seguida pegar os testes que estavam nas mãos de Daisy e jogá-los no lixo. A menina a olhou com uma expressão confusa, mas ao vê-la fitar os testes ainda não feitos que estavam sobre o balcão, sorriu, PERIGOSAS ACHERON

compreendendo o que ela pretendia fazer.

Derek abriu a porta sem saber muito bem o que o esperava ali dentro. Olhou para os lados procurando por sua namorada, mas não encontrou nenhum sinal dela, até que ouviu o barulho de uma descarga e seguiu até a última cabine.

— Amor — Chamou. — Você está bem?

Ao ouvir a voz de Derek, o coração de Livie deu um salto e acelerou ao mesmo tempo que seus olhos voltavam a ficar cheios de lágrimas. Olhou para o teste que estavam sobre a tampa da privada e engoliu o caroço que se formou na garganta. Ela sabia que Derek queria estar ao seu lado em um momento tão importante para os dois. Mesmo que já fosse óbvia a sua condição, ainda assim, ele precisava participar da descoberta e, somente por isso, Livie fez o quinto e último teste. Respirou fundo enquanto fechava o zíper de sua calça jeans e pegou o palito para abrir a porta logo em seguida.

— Livie — ele pronunciou seu nome com alívio e ela o viu relaxar instantaneamente. Livie logo notou o vinco de preocupação que se formou entre as sobrancelhas de Derek, mas quando seus olhos encontraram os dele, amor reluzia por sua

PERIGOSAS ACHERON

íris. — Não é normal vomitar assim, meu amor. — Os braços dele circularam a sua cintura e Livie aproveitou para aspirar o perfume amadeirado que sempre acalmava as batidas aceleradas do seu coração.

— Eu sei — disse baixinho. Ao mesmo tempo que dava um passo para trás, sentia as mãos de Derek deslizar por seu braço, espalhando uma sensação de calor por todo o seu corpo. Livie ergueu a mão, entregando a ele o teste que tinha feito e se afastou em direção à pia.

— O resultado demora muito?

— Não. — Ela cruzou os braços em frente ao peito e pigarreou, atraindo o olhar de Derek direto para si mesma. — Eu quero te pedir uma coisa.

— É claro, amor. Qualquer coisa.

— Eu quero que você esqueça o resultado dos outros testes, pode ser?

— O quê? Por quê? — Derek não conseguiu esconder a sombra de decepção que surgiu em seus olhos e isso fez o coração de Livie doer.

— Só finja, amor — ela disse com a voz embargada. — Finja que nós chegamos em casa e

PERIGOSAS ACHERON

corremos juntos para o banheiro. — Ela deu um passo na direção dele. — Finja que nunca houve outro teste, que esse é o primeiro, e que estou tão nervosa que preciso dos seus braços para me segurar — Deslizou as mãos pelos braços dele, segurando-se nos ombros de Derek. —, porque o resultado desse teste vai fazer as nossas vidas virarem de cabeça para baixo.

Com o coração explodindo, Derek a puxou para os seus braços, colando seus lábios nos dela. Suas bocas se encaixavam com perfeição, como se fossem feitas especialmente para aquele encontro. Derek a apertou em seus braços e respirou o cheiro que tanto amava, tentando acalmar a sua ansiedade.

Livie encostou o rosto bem acima de onde o coração de Derek batia, forte e rápido, e era incrível como somente ouvir aquele som fazia com que seu corpo relaxasse.

— Se o teste der positivo, nós vamos ter que pensar em comprar um apartamento maior — ele comentou enquanto acariciava seus cabelos. — Sem escadas, claro.

Livie riu e ergueu a cabeça para olhar nos olhos dele.

— Nós vamos morar juntos?

— Por mim nós já estaríamos morando juntos há muito tempo. Você sabe disso.

— Eu sei, eu sei. — Ela suspirou.

— Será que nós já podemos olhar? — perguntou, fitando o relógio em seu pulso, e um sorriso enorme surgiu em seu rosto ao ver Livie acenar afirmativamente. Abraçado a ela, ele fitou o teste em sua mão e fez uma careta. — Duas listras significam...

— Positivo!

— Positivo, grávida? — Os olhos de Derek estavam marejados e ele sentiu um calor se espalhar por seu peito ao ver Livie morder o lábio inferior, confirmando o que o seu coração já sabia: ela estava grávida. — Isso! — gritou ao se afastar de Livie, pulando. — Eu vou ser pai!

Livie estava completamente imóvel com as duas mãos sobre o ventre e um sorriso bobo no rosto. Seus olhos estavam marejados pelas lágrimas de felicidade que rolavam de seu rosto. Derek tinha um sorriso lindo no rosto enquanto pulava e gritava que tinha um bebê a caminho.

Derek se aproximou dela novamente e
PERIGOSAS ACHERON

segurou-lhe o rosto com as mãos em forma de concha. Seu olhar era cheio de carinho, amor e orgulho, e sua íris resplandecia, como se ele estivesse olhando para o tesouro mais valioso que existia.

— Nós vamos ser pais! — Livie concordou com a cabeça. Estava tão emocionada que lhe faltavam palavras. Em um misto de lágrimas e sorrisos, eles acariciavam a barriga ainda plana, onde um pedacinho dos dois se formava.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

23:02

— Se for menina, a gente pode comprar vários lacinhos naquela lojinha perto da bomboniere! — Daisy comentou e observou os olhos de Livie brilharem ao ser contagiada por sua empolgação. — A dona da loja é amiga da minha mãe e ela faz cada um mais lindo que o outro.

Sentados à mesa, era impossível distinguir qual dos quatro estava mais radiante com a notícia da gravidez. O medo e a insegurança ainda estavam lá, afinal, mudanças inesperadas causam frio na barriga. É normal. Mas Livie já estava convencida de que o mais certo era viver todas as fases da gravidez, uma por uma, sem se estressar com o que ainda estava para acontecer. Além disso, ela tinha Derek ao seu lado e sabia que ele moveria céus e terras para ajudá-la.

— E se for menino, nós vamos levá-lo ao estádio para assistir ao melhor futebol do país. Claro que ele vai torcer para o... — Charles comentou.

— Nem em seus sonhos! — Derek o interrompeu, fazendo as meninas gargalharem e Charles revirar os olhos.

— E os nomes? — Daisy bateu palminhas como uma criança animada ao assistir um espetáculo. — Precisamos fazer uma lista!

Derek olhou para o lado e viu Livie colocar a mão sobre a barriga em um gesto involuntário. Observou-a bocejar pelo que parecia ser a décima vez em menos de cinco minutos e percebeu que ela estava cansada. Os plantões nessa época do ano costumavam ser bem agitados e, logo em seguida, teve toda a emoção da descoberta da gravidez e isso, com certeza, sugou uma boa parte da energia que ela ainda tinha.

— Você está cansada? — Livie acenou enquanto outro bocejo escapava e Derek a puxou para os seus braços, fazendo-a encostar a cabeça em seu ombro. — É melhor nós irmos, então.

— Mas... — A decepção era nítida no rosto de Daisy.

— A Livie precisa se cuidar, amor. Ela tem que descansar e se alimentar melhor. — Charles olhou para Daisy e pegou em sua mão, sorrindo de

PERIGOSAS ACHERON

forma doce. — Não faltarão oportunidades para nós mimarmos o nosso sobrinho.

— Isso é verdade! — Daisy riu.

— Vocês não vão estragar o meu bebê — Livie brincou ao se levantar para se despedir da amiga. As duas se abraçaram e ficaram conversando baixinho. Daisy aproveitou para passar a mão pela barriga de Livie, imaginando como seria sentir aquele pequeno ser se mexendo sob a sua palma.

— Não se preocupem que hoje é por minha conta. — Charles avisou ao ver Derek tatear o bolso em busca da sua carteira. — Considerem o meu presente de descoberta.

— Isso não existe. — Livie o abraçou e deixou um beijo em sua cabeça.

— Eu acabei de inventar. — Charles deu de ombros e Derek se levantou, puxando-o para um abraço.

— Obrigada. Hoje foi muito mais especial por ter vocês conosco — declarou olhando o rapaz nos olhos.

— Você é como um irmão mais velho para mim, Derek. E eu me sinto muito honrado por estar

PERIGOSAS ACHERON

presente em um momento tão importante para vocês.

— Eu também. — Daisy se aproximou e abraçou o futuro papai. — Vocês vão ser pais incríveis!

Derek deixou um beijo estalado na bochecha de Daisy e deu a mão para Livie, puxando-a pela cintura.

— Eu vou ser pai — disse e seus lábios logo se esticaram em um sorriso bobo. Livie ficou na ponta dos pés e o beijou, sorrindo de volta. — E você vai ser mãe. A mãe mais linda de todo o universo.



Encostado no batente da porta, Derek olhou para a mulher seminua na cama e suspirou. Livie estava somente de calcinha e um top de academia. Deitada de barriga para cima, ela tinha os olhos fechados e um sorriso discreto enquanto alisava o ventre com as duas mãos.

Perdeu a noção de quanto tempo ficou ali, parado, com medo de que pudesse atrapalhar um

PERIGOSAS ACHERON

momento tão lindo, até que Livie abriu os olhos e olhou diretamente para ele. O sorriso dela aumentou, mostrando os dentes perfeitamente alinhados e, em reflexo, Derek sorriu de volta, e Livie deu dois tapinhas no colchão ao seu lado, convidando-o a se deitar junto com ela.

Caminhando lentamente, Derek se sentou na ponta da cama e ergueu a mão, levando-a até a barriga de Livie e, quando a ponta de seus dedos tocou a pele quente, ele sentiu uma corrente elétrica bem fraca subindo por seu braço, deixando-o completamente arrepiado.

— Eu não sinto mais medo, Derek. — Os olhos deles se conectaram mais uma vez e Livie riu ao vê-lo a encarar com uma expressão confusa. — Quero dizer, eu sinto. Educar uma criança é uma responsabilidade muito grande, mas, de alguma forma, eu sei que vai dar tudo certo.

— É claro que vai dar tudo certo, amor. Nós estamos juntos nessa. Vamos passar juntos por cada fase, por cada adaptação. — Derek olhou para a barriga mais uma vez antes de prosseguir. — Faz horas que descobrimos que ele está aí dentro, e eu já estou contando os dias para sentir ele mexer, para

PERIGOSAS ACHERON

você ter algum desejo louco, para ouvir o coraçãozinho dele.

Livie riu e ergueu uma mão, tocando o rosto de Derek. A barba por fazer arranhava sua palma, fazendo cócegas e ela adorava essa sensação. Derek estava feliz como ela jamais viu, era como se ele estivesse realizando o sonho de uma vida inteira.

Ficaram deitados por longos minutos. Derek falava com a barriga como se o bebê realmente pudesse ouvi-lo e, por várias vezes, colocou o ouvido sobre o ventre de Livie, fingindo que era respondido.

— Eu espero que você seja uma criança aventureira, pronta para desbravar um mundo inteiro de brincadeiras. Você é muito amado, meu filho. Muito.

As lágrimas molharam o rosto de Livie. Com os olhos fechados, sentiu quando os lábios dele tocaram sua barriga e, logo depois, o colchão se mexer. Derek passou um braço por cima dela, repousando a mão em seu ventre e secando as lágrimas com mais beijos.

— Você me faz o homem mais feliz do mundo, Livie. Obrigado — disse com os lábios PERIGOSAS ACHERON

colados aos dela.

Livie se virou para ficar de frente para ele e o abraçou, descansando a cabeça sobre o peito dele.

— Eu amo você, Derek.

— Eu também amo você, Livie. — Ela aspirou o perfume amadeirado que tanto amava e relaxou, se ajeitando, deixando seu corpo bem colado ao dele.

Enquanto os olhos de Livie iam ficando cada vez mais pesados, lá fora, os fogos de artifício coloriam o céu, anunciando a chegada de mais um ano.

— Feliz Ano Novo, Derek.

— Feliz Ano Novo, Livie.



Virada de Plano

Derramei uma lágrima, pois estou sentindo sua falta
Continuo bem para sorrir

Garota, eu penso em você todo dia agora

Houve um tempo em que eu não tinha certeza

Mas você acalmou minha mente

Não há dúvida de que você está no meu coração agora

PATIENCE - GUNS N' ROSES

C. M. Carpi

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de Dezembro de
2018.**

PERIGOSAS ACHERON

18:00

REEVE

Deslizo o dedo pela tela do celular e sorrio quando vejo que é outra mensagem de Summer. Acho que não sou a única pessoa contando os minutos, afinal, mas ela não precisa saber disso. Passei um ano inteiro querendo ouvir a sua voz, mas a louca resolveu que não deveríamos conversar ou trocar mensagens porque leu isso e achou que seria perfeito. Perfeito? Nunca senti tanta falta da voz de alguém como senti da dela.

Mas não estou bravo com ela. Estou apenas provocando-a. Quero ver Summer, desesperadamente.

Reeve! É a quinta mensagem que envio para você hoje.

Estou começando a ficar desesperada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se você não aparecer na estação hoje, juro por Deus que nunca mais falo com você.

Você está bravo comigo?

REEVE!

Ela digita uma mensagem atrás da outra. Até consigo vê-la apertando os olhos e os lábios.

Estou aqui, Summer...

Imediatamente ela começa a digitar uma resposta.

Estou entediada neste trem, sozinha.

Agora nós podemos conversar? Estou confuso.

O quê?

Você não quis falar comigo durante um ano, fiquei na dúvida se você queria falar agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É claro que quero falar com você!
Estou a caminho de Nova Iorque.

Você está entediada?

Muito.

Não dá! Não consigo ficar bravo com ela.
Nem de brincadeira.

Daqui a pouco você vai me encontrar
e esse tédio todo vai passar. Garanto.

Sei que vai :) Não se atrase, já estou
com fome.

Estou vestindo meu casaco e saindo de
casa agora mesmo.

Mas ainda faltam mais de duas horas
para o meu trem chegar!!!

Estou doido para te ver, Summer.
Nem consigo mais ficar em casa
esperando

PERIGOSAS ACHERON

Jura?

Juro.

Guardo o celular no bolso da calça e, mal abro a porta, levo um susto com All parado bem na minha frente completamente amarrotado, descabelado e com cara de quem não dorme há pelo menos três dias.

— Você está bem? — pergunto fechando a porta atrás de mim.

— Estou... Quer dizer, não. Preciso da sua ajuda, cara. — diz sem fôlego.

— Agora?

— Agora.

— Mas eu não...

— É rápido, eu prometo. — Segura-me pelos ombros ligeiramente desesperado. — Você vai salvar a minha vida.

— Tá, eu... — Ajeito meu boné na cabeça. — Do que você precisa?

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de Dezembro de
2018.**

PERIGOSAS ACHERON

21:30

SUMMER

Puxo o ar com força e encaro a tela do meu celular. Não há nada nela além da foto que tirei na Muralha da China quatro dias atrás e a notificação de mais uma ligação perdida da minha mãe. Ameaço ligar para ela, mas sei que não é nada importante. Quer dizer, é importante, mas não levando em consideração onde estou agora.

Meus pais cancelaram a viagem de ano-novo para a Patagônia, porque eu chegaria de viagem hoje. O que eles não sabiam era que eu já tinha outro plano. O que eu não sabia é que meu plano estava prestes a me deixar na mão.

— Cadê você, Reeve? — murmuro para o celular e mordo o lábio inferior em seguida, até sentir dor.

Olho para o relógio dourado da estação e sinto um gosto amargo na boca quando me dou conta de que ele está mais de uma hora atrasado,

então percebo que mordi o lábio com força demais. Quando foi que comecei com essa mania? Que coisa mais idiota! Ajeito a alça da mochila no ombro e esfrego a testa.

Ligo para ele novamente e sinto lágrimas brotando nos olhos porque, mais uma vez, a ligação vai direto para a caixa de mensagens.

Dessa vez fiz tudo certo. Meu celular tem bateria e ainda tenho um carregador portátil para o caso de uma emergência, tenho o endereço de Livie gravado no meu bloco de notas, além de ter anotado todos os seus telefones de contato em uma pequena agenda — que está bem guardada dentro da minha bolsa. Até mesmo do seu namorado, aquele que a fez me esquecer no ano passado. Mas não é ela que eu quero ver hoje. É Reeve, mas pelo jeito ele tem outro plano. Será que estava mentindo quando disse que estava saindo de casa?

Será que ele estava mentindo para mim o tempo todo? Não deveria ter inventado aquela história de ficar sem falar com ele. Não deveria. Droga!

Por que as pessoas insistem em me abandonar nessa porcaria de estação no último dia

PERIGOSAS ACHERON

do ano?

Solto o ar, frustrada, em parte porque estou tentando controlar a raiva. Em parte porque estou tentando não chorar. Ligo para o telefone da sua casa pela primeira vez desde que cheguei à estação e não o encontrei. Não liguei antes porque isso me parecia ser um pouco de desespero, mas eu estou desesperada, não estou?

— Atenda essa porcaria de telefone, Reeve...

— sussurro, mas ele não atende. — *Merda!* — Digo mais alto do que pretendia, e uma senhora que passa ao meu lado me olha feio.

— O que você disse?

— Eu disse merda. Merda! Merda! Merda! — repito várias vezes, e sua testa franze cada vez mais à medida que minha voz vai aumentando, e isso faz meu rosto corar. — Desculpe — peço timidamente. Ela balança a cabeça, estala a língua e continua andando.

Meus olhos vagueiam pela estação que ainda está lotada e buscam pelo boné vermelho, pelos olhos castanhos e pelo sorriso perfeito. Nada. Nem sinal dele.

Odeio essas lágrimas que escorrem de meus
PERIGOSAS ACHERON

olhos. Odeio tanto que as enxugo sem parar, mas elas continuam caindo. Caindo e caindo e fazendo dezenas de pessoas me olharem. Cruzo os braços na frente do corpo e avanço pela multidão que está saindo da estação e nem sei por que estou fazendo isso.

Para onde eu vou? Para a casa do Reeve? Tenho seu endereço, mas se ele não atende ao telefone, talvez não esteja em casa. Ou... Talvez não queira mesmo me ver e pensar nisso me faz chorar ainda mais.

O frio do lado de fora da estação está quase insuportável, as ruas estão um caos e eu estou sozinha outra vez e sem saber para onde ir.

— Odeio você, Reeve — digo e deslizo o dedo na tela do meu celular. Busco pelo número de Livie e espero que, dessa vez, ela me atenda. Uma risada histérica me escapa quando a chamada vai direto para a caixa de mensagens. — Qual é o seu problema? — praguejo e me viro para o outro lado. E então perco o ar.

— Onde você estava? — Reeve está parado na minha frente, ofegante, ligeiramente descabelado e segurando uma bicicleta.

— O quê? — balbucio confusa e balanço a cabeça.

Ele dá um passo à frente.

— Faz duas horas que estou procurando você.

— Você o quê? — Será que ele está louco? E então, quando sorri, o furinho em seu queixo aparece. Nesse instante compreendo o que está fazendo, afinal de contas, ele é o Reeve. O meu Reeve. Eu sabia que estava morta de saudade, mas só agora compreendo o quanto.

— Se você não aparecesse... — Ele para de falar e faz um sinal para que eu espere um pouco, apoia uma das mãos nos joelhos e inspira com força. Aproximo-me dele ao mesmo tempo que fica ereto e puxa uma lufada de ar. — Eu estava saindo de casa, mas precisei ajudar meu vizinho que estava com uns problemas e acabei perdendo o celular, mas só me dei conta disso há cerca de duas horas quando fiquei preso no elevador do meu prédio e... — Ele quase engasga, e dessa vez eu sorrio. — Entrei em duas estações de metrô, mas não sei o que está acontecendo com essa cidade hoje, porque está tudo atrasado. Tudo, Summer e... — Dou mais

PERIGOSAS ACHERON

um passo. — Nenhum táxi passou por mim, nenhum motorista de aplicativo estava perto. — Sua necessidade de se explicar me arranca uma risada. — Então, eu corri por três quarteirões até encontrar um garotinho de bicicleta e...

— Você roubou a bicicleta dele? — Estou me controlando para não achar isso fofo, porque roubar de uma criança não é nada fofo, mesmo que tenha sido para me encontrar.

— Eu quis. Muito. — Ele dá outro passo. Estou tão ansiosa por seu toque que meu corpo inteiro está formigando. — Mas ele era muito esperto e me alugou a bicicleta por dez dólares, três chicletes e um Twix. — Limpo o restante das lágrimas que haviam marcado meu rosto e uma risada me escapa. Reeve dá de ombros. — Era o que eu tinha no bolso.

— Achei que você não quisesse me ver. — Paro de falar quando ele solta a bicicleta no chão e agarra meu rosto com suas mãos frias e ainda assim acolhedoras.

— Contei os dias para te ver, Summer Hoover — diz com urgência e resvala seu nariz no meu. — Jamais te abandonaria nessa estação.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu fiquei traumatizada, você sabe — murmuro, e os cantos dos seus lábios se curvam para cima ao mesmo tempo que ele assente.

— Eu sei. — Seus olhos perscrutam meu rosto e se fixam na minha boca. — Desculpa ter feito você chorar. — Assinto, puxando o ar com força. — Vou te compensar, prometo.

— Não tenho dúvidas disso. — Fico nas pontas dos pés e passo os braços por seu pescoço, sorvendo seu cheiro maravilhoso. É exatamente como eu me lembrava e a sensação que ele me causa também é a mesma. Ainda faz meu coração acelerar. Ainda faz minha pele pinicar e adoro essa sensação.

— Eu preciso te beijar — diz, e seu hálito morno acaricia a minha pele.

— Reeve... — Assopro em sua boca e qualquer resquício de controle desaparece. Sua língua invade a minha boca em um beijo urgente e maravilhoso. Suas mãos agarram meus cabelos e tudo se intensifica.

A sensação é incrível.

Ele é incrível.

— Passei um ano inteiro sonhando com a
PERIGOSAS ACHERON

sua boca, Summer. — A voz baixa e rouca desencadeia uma onda de calor dentro de mim. Fecho os olhos e o aperto com mais força. — Sonhando com você, com... — Suas mãos deixam meus cabelos, mas a boca continua colada na minha. Seus braços envolvem a minha cintura em um abraço apertado, puxando-me ainda mais para ele até que meus pés saiam do chão.

Nosso beijo é quente, doce e carregado de saudade. Já fui beijada muitas vezes, mas nunca desse jeito. Nunca desejei tanto beijar alguém como desejei beijar Reeve e nunca senti meu coração batendo com tanta intensidade.

— Nós precisamos parar — diz, afastando-se abruptamente. Sem ar, concordo com ele, ajeito meu gorro na cabeça enquanto tento me manter em pé. — Antes que... — Reeve solta o ar, e eu faço que sim porque sei muito bem o que ele está falando. Ele cruza os braços na frente do corpo e só então me dou conta de que está sem casaco.

— Ah, meu Deus! — Coloco as mãos nos seus braços tentando aquecê-lo, esfregando-os com força. — Por que você está sem casaco?

— Estava muito quente dentro do elevador e,
PERIGOSAS ACHERON

então, quando as portas finalmente foram abertas pelo zelador, saí correndo. Não senti falta dele. Até agora.

— Você veio do Brooklyn até aqui sem casaco?

— Uhum.

— Você ficou louco?

— Por sua causa. — Ele me lança uma piscadela bastante desajeitada porque está tremendo sem parar e batendo os dentes. Reviro os olhos, tiro uma alça da mochila dos ombros, abro o zíper com um pouco de dificuldade por causa das luvas e tiro um pequeno cobertor de dentro.

— Aqui. — Coloco o cobertor nas suas costas e ele o agarra, tentando se aquecer.

— Que tipo de pessoa carrega um cobertor dentro da mochila?

— O tipo de pessoa que sente frio dentro de trens. — Arqueio as duas sobrancelhas e ele se inclina na minha direção, deixando um beijo na ponta do meu nariz.

— Meu tipo de pessoa preferida.

— Eu sei. — Faço um pequeno charme e ele sorri, envolvendo meu ombro com um braço,
PERIGOSAS ACHERON

puxando-me para perto.

— Eu comprei várias coisas para tentar fazer um jantar bem especial para você, mas o elevador acabou com meus planos, então, o que você quer fazer?

— Comer seria bom. — Minha resposta o faz soltar uma gargalhada.

— Vamos procurar um lugar quente, então, porque não quero morrer hoje.

— Não quero que você morra hoje — digo, olhando para cima. Seus olhos estão em mim e um sorriso bobo dança em seus lábios.

— O que você quer comer? Pizza?

— Na verdade, acho que quero ir até o *The Illuminated* comer batata frita e tomar umas cervejas.

— Acho que acabei de me apaixonar mais por você, Summer.

— Por que eu quero comer batata frita?

— Não... — Ele deixa um beijo quente e demorado em meu rosto. — Porque você quer beber cerveja no *The Illuminated*.

Levo uma mão ao peito e me faço de magoada. Faço até um beicinho.

— Pensei que você estava mais apaixonado por mim porque sou perfeita.

Seus olhos se fixam nos meus e sinto outra onda de calor atravessando meu corpo.

— Você é.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

22:30

REEVE

— Você roubou isso aqui do avião? — pergunto assim que deixamos a estação do metrô. Ainda bem que o *The Illuminated* fica a apenas alguns passos daqui. Estou congelando de verdade.

Summer me olha com como se eu tivesse dito a pior coisa desse mundo. Levanto a barra do cobertor para que veja a etiqueta da companhia aérea bordada nela. Ela aperta os lábios, tentando conter um sorriso.

— Eles não dão essas coisas fofas para os passageiros?

— Para usarem dentro do avião.

Summer leva uma mão ao peito e arregala os olhos de forma bastante exagerada. Abro a boca para lhe dizer que é mesmo uma doida, uma doida maravilhosa, mas não digo nada porque ela sorri, para de andar e fica nas pontas dos pés apenas para deixar um beijo quente em minha boca.

— Acabei de salvar sua vida, então não me critique.

— Verdade. — Empurro as pesadas portas de madeira do *The Illuminated*, mas antes do som tão familiar e barulhento nos envolver, ainda tenho tempo de ouvir a risada escandalosa de Summer.

Porra! Senti tanta falta da sua risada que seria capaz de fazê-la rir a noite toda. Todas as noites. Mas freio meus instintos porque não a vejo há um ano. Não sei dos planos dela, mas estaria mentindo se dissesse que não estou apavorado com a ideia de que me diga que vai para a China, para o Japão ou para qualquer outro lugar longe de mim. Não vou aguentar mais um ano sem ela. Acho que não aguento nem um dia, não depois de tê-la beijado outra vez. Sei apenas que continuo apaixonado por ela. Completamente apaixonado.

— Billy! — Sorrindo, ela apoia os antebraços no balcão e deixa um beijo estalado na bochecha dele. Vim aqui apenas duas vezes depois da virada do ano. Uma para pegar meu violão e outra há três semanas, quando voltei do meu mochilão.

— Summer, querida. — Ele segura o rosto

PERIGOSAS ACHERON

dela entre as mãos e deixa um beijo em sua testa.
— Seja bem-vinda outra vez.

— Você se lembra de mim?

— Eu me lembro de tudo. — E então ele se volta para mim. — Como vai, Reeve?

— Estou bem. — Assentindo, ele coloca três copos sobre o balcão e enche-os de tequila. — Compondo muitas músicas?

— No momento apenas uma. — Meus olhos se voltam para Summer e meu coração dá um salto dentro do peito quando vejo seu rosto ganhando um tom rosado.

— E o livro que você estava escrevendo? — pergunta pegando um copo e o erguendo no ar.

— Ainda estou trabalhando nele. — Ele aquiesce, brindamos os três e bebemos todo o líquido ao mesmo tempo. A tequila queima a minha garganta. Summer coloca seu copo vazio no balcão de forma brusca.

— Nunca mais me deixe beber isso! — Ela aponta para o copo vazio e limpa a boca com a manga do casaco. Senti saudade da sua falta de sutileza também. — É muito forte. — Inclino-me na sua direção, segurando o seu rosto entre as mãos
PERIGOSAS ACHERON

e a beijo.

— Parece que será um ótimo ano, hein? — diz Billy, e isso faz Summer se afastar um pouco.

— Se a gente se beijar à meia-noite, será ainda melhor — responde para ele, mas seus olhos estão fixos em mim. — Me disseram isso no ano passado.

De soslaio — porque não consigo tirar os olhos dela — vejo que ele assente.

— Muitas histórias começam à meia-noite. — Isso faz Summer desviar os olhos para ele.

— Histórias boas com certeza.

Ele sorri.

— Já vou mandar preparar as batatas e trazer as cervejas.

— Não sei como ele faz isso — respondo antes mesmo que Summer seja capaz de formular alguma pergunta. Sua testa está encrespada e sei muito bem o que ela está pensando sobre Billy. Eu mesmo estou começando a pensar que ele não é desse mundo, apesar de não acreditar nessas coisas.

— Então — ela começa e senta em um dos bancos. Fico em pé, apoiado no balcão porque não há mais nenhum banco vazio perto de nós —, você
PERIGOSAS ACHERON

está escrevendo um livro?

— Uhum.

— Uhum? Reeve! Você disse que está escrevendo um livro! Um livro! — Está falando e gesticulando sem parar, daquele jeito bem louco e bem Summer de ser, e preciso me conter para não sorrir para ela. Ela é linda de muitas maneiras, mas assim, é ainda melhor. — Isso é maravilhoso e você só diz “uhum”.

— Uhum.

— Eu não... — Billy coloca as batatas e as cervejas sobre o balcão, e ela se cala por alguns segundos. Pego a minha garrafa e bebo um longo gole antes de voltar a atenção para as batatas. — Você não vai me contar nada?

— Agora você quer conversar comigo?

— Como assim? É claro que quero conversar com você. Que ideia maluca é...?

— Você passou um ano inteiro me ignorando, não venha me dizer que agora quer saber tudo. — Enfio algumas batatas na boca e olho para o balcão.

— Eu não ignorei você, só...

— Só achou que deveríamos ficar um ano
PERIGOSAS ACHERON

inteiro sem nos falar.

— Mas nós nos falamos — diz tentando conter uma risada e meio que se esconde atrás da sua garrafa de cerveja.

— Aqueles comentários nas redes sociais não contam. Queria ter falado com você todos os dias, Summer. — Ela aperta os lábios para não sorrir. — Queria ter ouvido essa sua voz estridente e irritante.

— Quê? — Seus olhos se arregalam de um jeito engraçado. — Minha voz é linda.

— Ela é! E é por isso que odiei não ouvi-la. Odiei você por trezentos e sessenta e cinco dias e...

— Trezentos e sessenta e quatro. — Reviro os olhos e seu sorriso aumenta, causando um frisson por todo o meu corpo.

— Que ideia absurda foi essa?

— Li em um livro durante a viagem para a China — diz, bebendo um gole da sua cerveja.

— Um livro? — pergunto alterando um pouco a minha voz de propósito.

— É! O casal ficava um ano inteiro sem se ver, telefonar ou mandar mensagens. Tudo o que eles tinham era uma data e um local para o próximo PERIGOSAS ACHERON

encontro.

— Que livro idiota! — provoco-a.

— Não é idiota! É lindo e você deveria ler.

— Ah, tá! — Encho minha boca de batata e mesmo assim continuo falando. — Quem escreveu esse livro?

— Colleen Hoover.

Franzo a testa ligeiramente confuso.

— Ela é da sua família?

— Não — responde rindo —, mas seria o máximo se fosse, porque é maravilhosa e todos os livros dela são maravilhosos. Acho até que eu me casaria com ela.

— Sério?

— Uhum. — Ela arqueia as sobrancelhas de um jeito divertido e isso me dá vontade de rir. Acho que toda vez que estou perto de Summer sinto vontade de rir.

— Você deixaria esse partido todo para trás... — Aponto para mim. — E se casaria com uma mulher? — Ela aperta os lábios para não rir também e assente. — Bom, só para deixar claro, odeio essa tal de Colleen Hoover.

— Você está bravo de verdade? — Ela
PERIGOSAS ACHERON

acaricia meu rosto com as pontas dos dedos e meu corpo inteiro se aquece com seu toque.

— Muito.

— Ah! Qual é! Desse jeito foi muito mais emocionante.

— Emocionante? Você acha mesmo que foi emocionante? — Coloco a mão no peito de forma bastante dramática. Summer sorri, inclinando o pescoço para o lado e me lembro por que me apaixonei por ela um ano atrás.

— Nós temos muito o que conversar agora.

Faço que sim e dou um passo à frente, encaixando-me entre suas pernas.

— Quero fazer muitas coisas com você, Summer. Conversar é só uma delas. — sussurro bem perto da sua orelha, e ela se encolhe. — Eu até...

— Ei! Reeve! Venha até aqui! — Fecho os olhos quando o vocalista da banda que estava prestes a começar a tocar me chama. Ao tornar a abri-los, encontro Summer com as sobrancelhas arqueadas.

— Parece que alguém quer que você cante. — Olho para o pequeno palco e ameaço dizer que

PERIGOSAS ACHERON

estou sem meu violão, que estou com a voz meio estragada por causa do frio. Na verdade, quero muito dizer a ele que não vou até lá porque não quero me separar de Summer, mas quando volto a olhá-la, mudo de ideia porque vejo em seus olhos o mesmo olhar de um ano atrás, quando toquei para ela no telhado daquele hotel. E eu estaria contando a maior mentira do mundo se dissesse que não quero ver essa emoção em seu rosto outra vez. Estou louco para sentir a minha pele pinicando somente porque ela vai sorrir. Eu amo o seu sorriso.

Todos eles.

Deixo um beijo no canto esquerdo da sua boca e sigo para o palco do outro lado do bar. Pego o velho violão que Damon estende para mim, sento-me no banco, ajeito o microfone e busco pelos olhos brilhantes e ansiosos de Summer.

— Boa noite — digo e sinto o coração acelerar quando ela acena para mim com um breve gesto de cabeça. — Muitos de vocês aqui já me conhecem e... — Droga! Estou nervoso pra caralho e a culpa é dela, porque só ela me faz sentir essas coisas. Engulo em seco, limpo a garganta antes de continuar. — Já toquei aqui muitas vezes e vocês

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabem que também gosto de escrever algumas besteiras e... — Sou interrompido por algumas risadas e algumas saudações. — O que vocês não sabem é que eu passei tempo demais com medo de mostrar as minhas músicas para o mundo. E então, exatamente um ano atrás, uma garota bastante louca entrou na minha vida e me encheu de inspiração.

Acho que está muito na cara o quanto estou apaixonado por ela porque, assim que as palavras saem da minha boca, dezenas de pescoço se viram para trás e encontram a minha garota. Ela está sorrindo e tenho certeza de que seu rosto está completamente vermelho.

— Summer, essa ainda não é a sua música, mas quando a escrevi estava louco de saudade, então... — Paro de falar porque já falei demais e dedilho meus dedos pelo violão.

Adoro a mágica que acontece quando começo a tocar. Adoro que não exista mais ninguém no bar além de nós dois, porque nesse momento, só tenho olhos para ela.

Tem sido um ano longo
Desde que você partiu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou sozinho nesse lugar
Estou esperando você
Falta uma parte minha
Falta você aqui comigo
Toda vez que estou para baixo e caindo
Penso em você
Guardo um diário de lembranças
Guardo seu sorriso e assim posso respirar
Falta uma parte minha
Falta você aqui comigo
Todos os dias sigo tentando
Contando o tempo
Eu estou esperando
Encontrarei você
Preciso encontrar você
Falta uma parte minha
Falta você aqui comigo

Quando o último acorde toca, sinto meu coração dando um salto dentro do peito. Summer está com uma mão no peito e seus olhos estão fechados.

— Obrigado — digo sem tirar os olhos dela, entrego o violão para Damon e volto até o balcão.

— Isso foi maravilhoso, Reeve. — Ela envolve meu pescoço e me abraça com força e não há nada melhor do que isso. — Essa música é

PERIGOSAS ACHERON

linda!

— Sério? — pergunto ligeiramente constrangido porque essa é a primeira vez que toco uma música que escrevi pensando nela.

— Muito — responde e me beija delicadamente. — Você me fez chorar. — Enxuga os olhos com o polegar e sorri, resvalando o nariz no meu. — Quando você a escreveu?

— No dia que você foi embora.

— Você estava louco de saudade logo depois de me ver?

— Estava — falo em sua boca e ela suspira.

— Você é perfeito, Reeve, e dessa vez não estou falando apenas da sua música e da sua voz.

Deslizo o dedo indicador da sua testa até a boca a acaricio seu lábio inferior. Suas pálpebras se fecham e tremulam ao meu toque e adoro a sensação que isso causa em mim. Gosto ainda mais de saber que ela está sentindo o mesmo que eu.



— Eu fui para Irlanda duas semanas depois de você embarcar para a China.

— Irlanda? — Ela franze o nariz. — Pensei que você fosse para Paris visitar seu irmão.

— A passagem para Paris estava muito cara. — Ela aponta para mim e me lança uma piscadela. — Fiz um bom dinheiro nos dois meses que fiquei por lá. Depois fui para Londres, mas o que eles dizem sobre aquela cidade ser cinza é verdade.

— Sério?

— Muito. — Termino de beber minha segunda cerveja e faço sinal para que Billy traga mais duas. — Fiquei por lá apenas duas semanas e, então, peguei um trem para Paris.

— Meu sonho é conhecer Paris. — Ela apoia o queixo na mão. — Desde pequena fico imaginando como seria navegar pelo Sena em uma tarde de primavera.

— Não sei te dizer porque não naveguei pelo Sena, mas posso te afirmar uma coisa.

— O quê?

— As parisienses são incríveis. — Mal acabo de dizer essas palavras, me acerta um soco no ombro. — Ai! — Digo levando a mão até o local onde ela acertou.

— Não quero saber sobre suas aventuras
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amorosas.

— Por quê? — Inclino meu pescoço na sua direção até que minha boca fique a apenas alguns centímetros da sua. — Está com ciúme?

— Claro. — Adoro a maneira despreocupada com que dá de ombros e adoro ainda mais que ela não tenta esconder o que está sentindo.

Toco a pequena ruguinha entre suas sobrancelhas.

— Nenhuma delas era tão louca, tão linda e nem tão colorida quanto você.

— Eu sou colorida?

— Muito. — Olho para a sua roupa. Ela faz o mesmo e dá de ombros outra vez quando volta a me fitar. — E eu estava, ainda estou, completamente apaixonado por você. Não conseguia olhar para mais ninguém.

— Você é tão mentiroso. Não acredito que passou o ano todo sem uma mulher.

— O ano inteiro não...

— Eu sabia!

— Porque você estava comigo no primeiro dia. — Ela abre a boca para dizer alguma coisa, mas acaba desistindo e fazendo um beicinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me conte mais — pede de um jeito bem fofo, e adoro a ansiedade em seus olhos castanhos e brilhantes.

— Depois de Paris eu fui para a Espanha, Bélgica, Suíça, Suécia, Alemanha e...

— Meu Deus! Você fez o maior zigue-zague!

— Um pouco. Acho que não foi exatamente essa a ordem das viagens, mas eu me lembro bem onde estive por último.

— Onde?

— Na Grécia.

— Grécia? — Seus olhos se arregalam de um jeito bem engraçado. — Mas você nem postou fotos sobre a Grécia, nem... — Toco a ponta do seu nariz com o indicador e ela se cala.

— Aquele lugar é mágico. É tão perfeito, tão colorido e tão quente que poderia se chamar Summer.

Ela abre a boca, ameaça dizer alguma coisa, mas volta a ficar calada.

— O que foi? — pergunto, provocando-a.

— O que foi o quê?

— Você está com uma cara de apaixonada

PERIGOSAS ACHERON

e...

— Não estou com cara de apaixonada. —
Ela dá de ombros.

— Está, sim, e aposto que seu coração está
disparado.

— Claro que não.

Provoco-a, colocando a mão espalmada em
seu peito. O coração dela está completamente
descompassado.

— Tudo bem ficar assim — digo e aproximo
os lábios da sua orelha. — O meu dispara só de
pensar em você. — Meus lábios se curvam para
cima quando ela vira o rosto, fixando os olhos nos
meus. — Não tirei nenhuma foto da Grécia porque
quero que você veja com seus próprios olhos.

— O quê?

— Quero que você veja a Grécia junto
comigo.

— Você está me convidando para ir à Grécia
com você?

— Não... — Deslizo a boca pela sua e sinto
o corpo inteiro formigar quando um gemido
contido escapa de seus lábios. — Estou dizendo
que nós vamos para a Grécia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela envolve meu pescoço com seus braços.

— Não tenho dinheiro para ir à Grécia, Reeve, gastei tudo na China.

— Eu vendi aquele anel, e ele me custou os olhos da cara, então, tenho dinheiro para nós dois.

— Você vai me levar para conhecer a Grécia com o dinheiro que conseguiu com seu anel de noivado?

— É? — pergunto, em vez de afirmar, porque a ruga entre suas sobrancelhas me deixa preocupado. — Algum problema com isso?

— Óbvio que não! Você vai me levar para a Grécia!

— Você é a melhor garota desse mundo, Summer.

— Eu sei. — Ela me lança uma piscadela e se afasta e detesto isso. Poderia ficar abraçando Summer a noite toda. Todas as noites. Para sempre.

— Me fale sobre a China — peço.

— A China é um lugar incrível, extremamente barulhento e com péssimos hábitos alimentares. Acho que vou ficar muito tempo sem comer macarrão.

— Por quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque quando eu não sabia o que comer, comia macarrão ou pizza. Era sempre mais seguro. Mas não dá para enjoar de pizza, né?

— Não, não dá.

— Por que pizza é a melhor comida do mundo?

— Exatamente.

Ela assente e beberica um pouco da sua cerveja.

— E você? Não encontrou nenhum chinês interessante por lá?

— Encontrei vários.

O sorriso que estava começando a se formar nos cantos da minha boca desaparece.

— O quê?

Ela aperta os lábios diante da minha voz ligeiramente esganiçada.

— Na primeira semana de aula, fiz dupla com um chinês chamado Di Zhou e... Ah! Você sabia que na China as pessoas levam o sobrenome antes do nome? — Nego e aperto os olhos. Não sei aonde essa conversa vai dar, mas acho que não estou muito a fim de saber o final. — Como eu estava dizendo, Zhou fez dupla comigo e ele era PERIGOSAS ACHERON

muito inteligente e...

Levanto uma mão no ar.

— Você saiu com ele? — Ela abre a boca para responder, mas peço que pare. — Não quero saber.

— Não saí com ele — diz rindo e tocando a ponta do meu nariz. — Eu disse que daria a resposta no dia seguinte porque não soube o que dizer na hora... — Dá de ombros. — Fiquei sem graça, sei lá. Então, quando cheguei à aula naquela manhã, a primeira coisa que fiz foi falar com ele. Disse que estava feliz pelo convite, que ele era um cara incrível mesmo eu não o conhecendo, mas não poderia aceitar porque... — Summer para de falar e limpa a garganta. — Eu não queria sair com ninguém porque havia deixado uma pessoa em Nova Iorque e...

— Uma pessoa? — Provoco-a e me apaixono outra vez pelo sorriso que ilumina seu rosto.

— Uma pessoa bem irritante.

— Eu não sou irritante! — protesto.

— E quem disse que eu estava falando de você?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estava? — Inclino-me na sua direção, provocando-a, e adoro o sorriso que começa a se formar em seus lábios.

— Estava — responde.

— Eu sabia.

Summer revira os olhos.

— Enfim, o chinês me olhou como se eu fosse uma aberração e foi nesse momento que o Zhou verdadeiro entrou na sala.

— Espera! — Espalmo as duas mãos no ar.
— Você confundiu o cara que te convidou para sair?

— Você já esteve dentro de uma sala com sessenta chineses?

— Não — respondo e aperto a boca para não rir.

— Reeve, eles são iguais. Sei que é horrível dizer isso, mas eles são iguais! Iguais! — Jogo a cabeça para trás e bato com as palmas das mãos na coxa, principalmente por causa da expressão de pânico em seu rosto. — Para de rir! — Ela me acerta um tapa na perna, mas isso só faz com que eu ria mais. Por fim, Summer acaba rindo comigo e me lembro de como me apaixonei por sua risada

PERIGOSAS ACHERON

escandalosa um ano atrás.

— Meu Deus, isso é... — Enxugo os olhos e solto o ar, tentando me controlar. — Summer, você não existe.

Ela enruga o nariz e ameaça dizer alguma coisa, mas a banda começa a tocar no mesmo instante e ela se cala.

— Lembra quando eu te perguntei se você tinha uma música preferida? Uma que tocava bem fundo no seu coração?

— Lembro.

Ela aquiesce e passa a língua pelo lábio inferior de maneira bastante despretensiosa e isso faz meu coração dar um salto dentro do peito.

— Essa é a música que mexe muito comigo. — Aperto os olhos e tento prestar atenção na música, mas é difícil quando Summer está com o olhar cravado na minha boca. — Nós a dançamos aqui.

— Essa música?

Ela assente, mordendo o lábio inferior e descendo do banco. Realmente não me lembro da música, mas me lembro da sensação de ter o corpo de Summer colado ao meu. Lembro-me do cheiro

PERIGOSAS ACHERON

doce dos seus cabelos, da sua respiração entrecortada e das batidas desenfreadas do meu coração.

Lembro-me de me apaixonar por ela naquela noite.

— Dança comigo outra vez, Reeve?

Seguro a mão que ela estende para mim e entrelaço nossos dedos. Não há pista de dança no The Illuminated, as pessoas simplesmente dançam. Envolver a cintura de Summer com um braço, beijo o dorso da mão que estou segurando e um arrepio me percorre a coluna quando meus lábios tocam sua pele quente. Ouço-a suspirar quando apoia a cabeça em meu ombro e o hálito morno acaricia meu pescoço. Subo uma mão por suas costas enquanto a outra desliza por seu braço até encontrar seu rosto.

— Nosso primeiro beijo foi aqui — assopro em sua boca e ela assente, separando os lábios rosados e olhando dentro dos meus olhos. Adoro a maneira como me faz perder os sentidos. — Foi o melhor beijo do mundo — digo, aproximando ainda mais as bocas, até que nossos lábios se tocam. Ela fecha os olhos e faz que sim. Deslizo

PERIGOSAS ACHERON

minha língua por seu lábio inferior e um suspiro lhe escapa. — Vou te beijar outra vez, Summer. — Não espero por sua resposta. Simplesmente a beijo. O beijo é diferente daquele que demos na estação. Não está carregado de eletricidade e desejo. Ele é diferente porque aqui as sensações parecem mais exacerbadas, Summer parece mais entregue, mas apaixonada. Aqui parece ser o nosso lugar.

A música desaparece.

O bar desaparece.

Só consigo sentir Summer.

E não há nada melhor do que ela.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

23:45

SUMMER

— Sabe de uma coisa? — murmuro quando seus braços quentes descem até a minha cintura e ele me aperta, colando nossos corpos de um jeito que eu achei não ser possível, como se fôssemos um só, e gosto de sentir isso. Gosto de pensar que dessa vez terei o amanhã com ele. Gosto de pensar em Reeve e Summer. Gosto tanto dele que quero morar dentro do seu abraço.

— O quê? — Adoro o som rouco e baixo da sua voz.

— Você escreveu no bilhete que estava apaixonado por mim. — Ele assente e deixa um beijo macio e quente no canto da minha boca. — Eu não tive tempo de dizer, mas...

— Eu sei — diz para em seguida tocar a ponta do meu nariz com seus lábios. — Senti isso quando te beijei na estação naquele dia.

Aquiesço e envolvo seu pescoço com os

braços, deixando um beijo na curva dele.

— Eu acabo de me apaixonar por você outra vez, Reeve — sussurro em seu ouvido e tenho quase certeza de ouvi-lo soltar um gemido. Ele me deita, mantendo uma mão em minha nuca e um braço bem apertado em minha cintura. Seu rosto perfeito paira sobre o meu e ele balança nossos corpos no ritmo da música, a nossa música e... Que música está tocando mesmo? Porque nesse momento só ouço a respiração entrecortada de Reeve em meus lábios. Só ouço meu coração retumbando nos ouvidos e o sangue correndo rápido em minhas veias.

— É quase meia-noite — diz e me coloca em pé outra vez. Faço que sim. — Vamos sair daqui.

— Para onde? Está um gelo lá fora, você vai...

Mas ele nem espera que eu termine a minha frase. Puxa-me pela mão até o balcão, fala alguma coisa para Billy, que sorri e vai até os fundos do bar. Segundos depois, traz um casaco preto para Reeve e o mesmo cobertor que nos emprestou da outra vez. Ele pega meu casaco que deixei jogado sobre o banco alto e empurra-o para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Feliz Ano Novo — Billy diz sorrindo e acenando com a mão, mas não tenho tempo de responder porque Reeve me arrasta até a calçada.

— Espere um pouco — peço, soltando sua mão e tentando colocar meu gorro e fechar o casaco.

— Precisamos correr! Faltam apenas cinco minutos!

Atrapalho-me com os botões do casaco e ele vem em meu socorro, fechando todos rapidamente. Sua mão, sempre fria e acolhedora, envolve a minha e, então, começamos a correr pelas ruas parcialmente desertas. O parque fica a apenas dois quarteirões do bar. Lembro-me dele com tanta perfeição e, mesmo estando lotado de pessoas à espera do Ano Novo, continua perfeito. As luzes de Nova Jersey ao longe parecem ainda mais brilhantes e o Rio Hudson mais iluminado. Sorrio quando Reeve cola o peito em minhas costas e envolve nossos corpos com o cobertor, ao mesmo tempo que os fogos começam. O colorido no céu escuro é maravilhoso. Tão maravilhoso que faz meu coração acelerar.

— Faz anos que não vejo os fogos daqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É tão lindo — digo encantada.

— Mais do que a bola caindo na Times Square?

— São coisas completamente diferentes, mas aqui tudo parece mais...

— Real? — pergunta, virando-me de frente para ele. Suas mãos sobem por meus braços até se aconchegarem em meu rosto.

— Real — respondo e me perco na intensidade do seu olhar.

— Ainda é o meu lugar preferido no mundo inteiro. — Aquiesço, sentindo uma comichão se espalhar pelo corpo inteiro. — Feliz Ano Novo, Summer — assopra em meus lábios e sua respiração cálida me faz cócegas.

— Feliz Ano Novo, Reeve. — Nossas bocas se tocam e então percebo que não importa aonde ele me leve. Qualquer lugar será sempre melhor com ele por perto.

Qualquer lugar será o meu preferido no mundo se Reeve estiver comigo.



PERIGOSAS ACHERON

— Você ainda não me disse nada sobre seu livro — digo. Estamos sentados em um banco no meio do Brooklyn Bridge Park. Os fogos acabaram há algum tempo, as pessoas já foram embora, mas nós dois não conseguimos nos mexer. Os braços de Reeve continuam ao redor do meu corpo e seu peito continua colado em minhas costas. Seu hálito quente toca meu rosto e minha orelha sempre que ele respira ou diz alguma coisa, e isso — somente isso — é capaz de aquecer meu corpo todo.

— Estou só finalizando alguns detalhes.

— E quando eu poderei ler?

— Quando você quiser.

Ajeito-me no banco para ficar de frente para ele. Há um sorriso diferente iluminando seu rosto. Toco o furinho em seu queixo com as pontas dos dedos e, mesmo usando luvas, sinto uma deliciosa eletricidade atravessando meu braço.

— Você vai me deixar ler seu livro antes de qualquer pessoa?

Ele aperta os olhos de um jeito ansioso e aquiesce ao mesmo tempo que acaricia meu rosto com as duas mãos, encapsulando-o entre elas.

— Você foi a única pessoa que me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

incentivou a escrever e... — Ele para de falar e toca a minha boca com a sua. — Você me inspirou a escrever e a compor, então... — Assopra em meus lábios, e eu me derreto porque a sensação é maravilhosa. — Só preciso que você leia para que ele seja real.

— Eu estou no livro? — pergunto e me surpreendo pela voz baixa e ligeiramente estrangulada.

— Você é o livro inteiro. — Suas palavras me deixam completamente sem ar, assim como seu beijo. Quando os lábios macios encontram os meus e a língua quente serpenteia para dentro da minha boca, perco até mesmo os sentidos.

— Nós podemos ficar aqui para sempre? — pergunto quando ele se afasta um pouco em busca de ar. Os olhos esverdeados encontram os meus e um pequeno sorriso surge nos cantos de seus lábios.

— Podemos tentar, mas talvez nossos corpos sejam levados pela manhã quando nos encontrarem mortos e congelados. Mas nosso espírito...

— Droga, Reeve! Você sabe exatamente como acabar com o clima — resmungo, mas sou obrigada a dar risada.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, não! — Ele me aperta ainda mais forte e beija minha boca outra vez. — Esse dom é seu. — Enrugo o nariz para ele. — Não quero mais me separar de você, Summer. — Suas palavras estão carregadas de tensão, ansiedade e desejo. Seus olhos passeiam por meu rosto. Adoro quando ele me olha como se estivesse me decorando. — Vamos sair daqui. — Faço que sim com a cabeça e ele fica em pé, puxando-me junto com ele. — Você ainda confia em mim?

— Sempre.



— Esse é o seu prédio?

— Uhum.

— É tão...

— Velho?

— Não, eu ia dizer que é a cara de Nova Iorque.

— Ele é mesmo.

— Então foi aqui que você morou a vida toda?

Reeve sorri ao mesmo tempo que assente e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pega a chave no bolso da calça.

— É — diz e destranca a porta. Fico aliviada quando entro no saguão quentinho.

— Vou encontrar fotos suas sem roupa quando criança penduradas na geladeira?

— Não. — Ele me enlaça pela cintura e me faz colar as costas na porta que acaba de fechar. O contato do seu corpo quente contra o meu me faz estremecer. — Mas tenho uma Polaroid no meu quarto, posso tirar fotos sem roupa agora mesmo para você pendurar na sua geladeira. — Arqueia as sobrancelhas de um jeito bem devasso e eu gosto disso. Gosto desse Reeve também.

— Isso seria perfeito — provoco-o, e ele me fita com os olhos arregalados. Adoro quando ele tenta conter um sorriso porque o furinho no seu queixo aparece mais.

— Eu já disse que você é perfeita?

— Disse. — Lanço-lhe uma piscadela e, depois de me beijar rapidamente, Reeve entrelaça nossos dedos e me puxa para a escada. — Espera!

— O quê?

— O elevador fica bem ali. — Aponto para trás com o polegar.

PERIGOSAS ACHERON

— E vai continuar ali. Prefiro subir quatro lances de escada a entrar naquela coisa outra vez.

— Qual é! — Puxo-o, mas ele não sai do lugar. — Eu estou cansada demais. Não sei se você sabe, mas a viagem da China até aqui levou uma eternidade, e adivinha só? Eu saí de lá na segunda às duas da tarde e cheguei em Boston na segunda às duas da tarde! Mal deixei minhas malas em casa e corri para a estação de trem. Você tem noção de como está meu fuso horário? Você tem ideia de quantas horas eu não... Ei! O que você está fazendo? — grito quando vejo os degraus da velha escada de madeira ficando para trás.

— Fazendo você ficar quieta!

— Como você...? — Dou dois socos em suas costas, mas ele nem se abala. Continua subindo as escadas a passos largos e ansiosos comigo em seu ombro. Tenho até a impressão de que ele está pulando degraus.

— Você começou a ficar vermelha e a gesticular sem parar, então a sua voz ficou meio esganiçada e... — Ele para na porta do seu apartamento, eu acho, porque só consigo ver uma porta verde na minha frente. Reeve tira a chave do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bolso, destranca a porta e a empurra com o pé. Acho isso sexy pra caramba. Ele me coloca no chão, mas suas mãos estão grudadas na minha cintura. — Resumindo: você estava prestes a se tornar a garota louca que conheci na estação.

— Achei que você tivesse se apaixonado pela garota louca da estação.

— Ah... — Sua boca passeia pelas minhas bochechas, brinca com meu lábio inferior e para em meu ouvido. — Eu me apaixonei por ela, mas estou louco para fazer amor com você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

02:45

REEVE

— Reeve... — Meu corpo assume o controle quando a sua voz baixa e rouca me envolve. Summer é linda de muitas maneiras, mas assim, com os olhos fechados e a boca ligeiramente aberta, é ainda mais. Ela é maravilhosa.

Desfaço o nó do seu cachecol e o puxo, bem devagar, até que o tecido xadrez caia no chão. Exalo e beijo cada pedacinho do seu pescoço e, então, meus lábios encontram os seus outra vez. Nosso beijo é tão intenso que nossos dentes se chocam. Ouço-me gemer quando as mãos de Summer escorregam por meu peito até encontrarem a barra da minha camiseta e deslizarem para dentro dela. As pontas dos seus dedos são frias, e isso me provoca ainda mais. Isso me faz desejá-la ainda mais.

Sem me afastar, porque não consigo fazer isso, deslizo seu grosso casaco por seus braços até

que ele vire apenas um emaranhado marrom aos nossos pés. Enrosco os dedos em seu cabelo longo e espesso e ela segura meu rosto com força, fazendo-me olhar para ela.

— Acho que nós...

Beijo-a outra vez porque não consigo me controlar. Não quando seus lábios estão levemente inchados e o rosto ruborizado. Afasto as mãos e tiro meu casaco rapidamente e em seguida a camiseta. Os olhos castanhos e brilhantes de Summer não deixam os meus e meu peito se aquece, o coração acelera e a respiração falha. Amo todas essas sensações que ela causa em mim ao mesmo tempo.

Com as pontas dos dedos, acaricio seu pescoço e escorrego, até alcançar os botões de sua camisa azul. Abro um por um até que Summer esteja apenas de sutiã na minha frente. Ele é preto e cheio de rendas, é lindo, mas não vejo a hora de tirá-lo também. Não vejo a hora de deitá-la na minha cama e amá-la até o sol nascer.

— Se você ainda não quiser fazer isso, precisa me pedir para parar, Summer. — Um arquejo escapa de seus lábios quando seu pescoço pende para trás e não resisto. Toco a sua pele

PERIGOSAS ACHERON

morna com a ponta da língua, e ela geme. É um gemido baixo, rouco e extremamente excitante. — Me peça para parar... — peço e deslizo os lábios até encontrar a sua boca outra vez.

— Não quero que você pare — Sua voz é doce e quente e meu corpo responde a ela. Cada pedacinho dele se arrepia e pede por mais. — Quero que você faça amor comigo, Reeve.

E nada poderia ser mais excitante do que essas palavras em sua boca.

— *Porra!* — Pego-a no colo e suas pernas envolvem a minha cintura. A fricção de nossos quadris é incrível, mesmo que ainda estejamos vestindo nossas calças jeans.

Colo suas costas na parede do pequeno corredor e pressiono meu quadril contra o seu. Uma, duas, três vezes... Até que Summer fique sem ar.

De um jeito descoordenado, caminho até o meu quarto, sem me afastar de sua boca. Summer me atrai feito um ímã. A minha metade perfeita.

O meu calor.

O meu próprio verão.

Jogo o boné em algum lugar, ao mesmo

PERIGOSAS ACHERON

tempo que ela leva as mãos às costas e desabotoa seu sutiã. Engulo em seco e não consigo desviar os olhos de seu corpo. Seguro seu rosto entre as mãos de forma desesperada. Dou dois passos para frente até que a parte de trás das suas pernas toquem a beirada do colchão. Ela se deita e leva os braços acima da cabeça, dando-me uma visão incrível. Um turbilhão de sensações toma conta de mim, e tudo em que consigo pensar e sentir é Summer e o quanto eu sou completamente louco por ela.

Apoio os joelhos sobre a cama e me inclino até que meus lábios resvalém nos dela. Preciso fechar os olhos porque a cada segundo as sensações se intensificam.

— Você é maravilhosa, Summer — assopro em sua boca, e meu nome escapa de seus lábios, seu gemido é rouco e carregado de excitação. Seguro um dos seus seios em minhas mãos e ela arqueia as costas, jogando a cabeça para trás. Eles também são maravilhosos. E perfeitos.

— Oh! — O gemido que lhe escapa vibra dentro de mim.

Espalho beijos quentes por seu pescoço, colo, seios. Deslizo até a sua barriga. Beijo cada

PERIGOSAS ACHERON

pedacinho da sua pele exposta. Abro a sua calça e a puxo bem devagar. Meu corpo se aquece à medida que Summer fica mais exposta. Ela é perfeita de muitas maneiras, até mesmo quando não é, mas deitada em minha cama, completamente nua, é transcendente.

— Eu já disse que sou apaixonado por você?

Ela apenas assente, sem tirar os olhos dos meus. Beijo sua perna, uma de cada vez e bem devagar, subindo e descendo em um ritmo lento e torturante. Summer sussurra meu nome e a cada beijo sinto a sua pele se arrepiar sob meus lábios. Quero eternizar esse momento. Ficar preso a ele e a Summer para sempre.

Sem pressa, deslizo a boca até estar entre suas coxas. Ela é quente, tão quente que perco a cabeça. Arranco o resto das minhas roupas de forma quase desesperada, tato no escuro dentro da gaveta do meu criado-mudo um pacote de preservativos que comprei hoje de manhã, contando com a sorte, e o coloco rapidamente.

Apoio-me no cotovelo e me posiciono sobre ela. Acaricio seu rosto com delicadeza e deixo um beijo no canto de sua boca. Ainda quero eternizar

PERIGOSAS ACHERON

esse momento.

Summer sorri de um jeito terno e ligeiramente safado e se vira na cama, ficando de costas para mim. Acho que em algum momento eu disse que ela era perfeita. Esqueça isso. Perfeição não faz jus ao que Summer é de verdade. Acho até que ela nem é desse mundo.

— Você sabe que essa posição é... Porra! — Paro de falar quando ela rebola, levantando um pouco o quadril e roçando em minha ereção.

— Reeve... — Meu nome escapa de seus lábios outra vez e todo o meu controle desaparece porque sua voz e tudo o que ela me faz sentir tomam conta de mim. Nesse momento, tudo o que existe e tudo o que importa são Summer e o que estamos fazendo agora.

Penetro-a bem devagar e afundo o rosto na curva do seu pescoço. Ela arqueja quando deslizo uma mão por seu corpo, passando pelos seios, barriga e parando naquele ponto quente que, eu sei, é capaz de fazê-la perder a cabeça.

Ela afunda os dedos no colchão e levanta o quadril mais uma vez, apertando-me, provocando-me e me levando ao limite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esperei um ano por esta noite e a imaginei de várias maneiras, mas nada se compara ao prazer que estou sentindo agora. Nada se compara aos sons que escapam de seus lábios. Nada se compara ao que ela está me fazendo sentir.

Nada se compara às batidas descompassadas do meu coração.

Nada se compara à Summer.

Nada se compara a nós dois juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

06:47

SUMMER

Abro os olhos quando os raios de sol invadem o quarto. As cortinas estão abertas e por isso posso fitar o céu completamente azul do lado de fora. Dias frios e ensolarados sempre foram os meus preferidos, mas aqui, deitada na cama de Reeve, é excepcionalmente melhor.

Espreguiço-me demoradamente e, quando me viro, percebo que Reeve não está deitado ao meu lado. Não gosto disso. Sento-me na cama, ajeito o cabelo em um rabo no alto da cabeça, pego a camiseta preta que ele deixou jogada nos pés da cama e a visto. Puxo o tecido até o nariz e inspiro seu cheiro. Isso faz borboletas ensandecidas alçarem voo dentro da minha barriga. Mas elas ficam descontroladas quando os acordes do violão e a voz rouca e melodiosa de Reeve chegam até mim.

Ele está cantando.

Lentamente, nas pontas dos pés e com o

PERIGOSAS NACIONAIS

coração vibrando dentro do peito, caminho até a sala.

Detenho-me e recosto o ombro no batente da porta do corredor, cruzando os braços na frente do corpo. Reeve é lindo de muitas formas, principalmente quando está sorrindo, mas sentado no seu velho e surrado sofá marrom, tocando violão e cantando é ainda mais.

Amo a ruga de concentração entre suas sobrancelhas quando ele para de tocar, pega o lápis que está sobre a mesa e anota alguma coisa em um caderno sobre a mesa de centro antes de voltar a tocar. Mas o que mais mexe comigo, o que faz com que eu me apaixone mais um pouco por ele, é a sua VOZ.

É a sua música e a paixão com que ele canta.

Eu não acreditava em destino

Até você chegar

Eu tinha tantos planos e você

Me fez mudar

Se você quisesse eu te daria

Meu amor e o que eu sou

Daria o meu mundo

Mas você está partindo

E tudo o que eu quero é saber, baby

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que eu preciso dizer
Não consigo explicar
Preciso do seu amor
Meu coração terá que
Esperar você voltar
Encontrar o meu calor
E te amar

Eu sinto a sua falta, sinto a sua falta, sinto a sua falta
Preciso me acostumar
Eu juro que...

E tudo o que eu quero é saber, baby
O que eu preciso dizer
Mas não ter seu amor
Me deixa aborrecido

Com os olhos lacrimejantes, caminho até ele
para que seus olhos me encontrem. Reeve não para
de tocar quando me vê, pelo contrário, sua voz fica
ainda mais intensa e o brilho em seu olhar me
hipnotiza.

E tudo o que eu quero é saber, baby
Oh! O que eu realmente quero dizer
É que preciso de você
O que eu realmente quero dizer
É que eu amo você
E tudo o que eu quero é saber, baby
Oh! O que eu realmente quero dizer
É que preciso de você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que eu realmente quero dizer
É que eu amo você

Levo as duas mãos à boca porque tem um soluço querendo escapar por meus lábios. Reeve para de tocar e coloca o violão em pé ao seu lado.

— Vem cá — diz baixo, estendendo a mão para mim. Meus dedos tocam os seus e meu coração dispara dentro do peito. Sento-me em seu colo e ele envolve minha cintura com seus braços fortes e aconchegantes.

— Essa música — murmuro, e ele assente, resvalando seu nariz no meu. Respondendo à minha pergunta silenciosa.

— É sua.

Passo os braços por seu pescoço e ele me aperta com mais força, deixando um beijo morno nos meus cabelos.

— É maravilhosa. — Afasto-me e seguro seu rosto entre as mãos. — É tão perfeita, tão...

— Summer — assopra em meus lábios.

— Obrigada, Reeve. — Com as pontas dos dedos ele acaricia meu rosto, e esse toque, tão sutil e ao mesmo tempo tão intenso, envia choques elétricos por todo o meu corpo. — Acho que nunca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvi nada tão lindo em toda minha vida.

Ele sorri timidamente e me beija.

— Não posso ver você ir embora dessa vez.

— Seus olhos se escurecem e ele engole em seco.

— Não vou aguentar, Summer.

— Eu não vou embora, Reeve. — Uma ruguinha bem fofa surge entre suas sobrancelhas e a toco com o dedo indicador.

— O que você...?

— Eu me candidatei a algumas vagas em hospitais de Nova Iorque.

— Espera. — Ele se afasta e me encara com olhos ligeiramente arregalados. — Você vai morar em Nova Iorque?

— Vou.

— Por que você não me disse nada?

— Estou dizendo agora.

— Eu passei a noite em claro pensando em mil maneiras de ficar perto de você ou te convencer a não voltar para Boston, e o tempo todo você já sabia que ia ficar aqui?

— Uhum. — Aperto os lábios para não rir.

— Eu só preciso ir até a minha casa nos próximos dias pegar as minhas coisas.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é muito frustrante, Summer.

Pisco para ele concordando e, ao mesmo tempo, provocando-o.

— Não diga isso quando estou fazendo muitos planos para redecorar este apartamento.

— O quê?

Aperto os lábios para não rir porque ele fica muito fofo sem saber o que dizer.

— Vou morar aqui com você.

— Aqui? — Ele engole em seco e franze a testa. Reeve já me olhou assim uma vez, e naquele dia tive a impressão de que estava me achando uma louca. — Você vai morar na minha casa?

— Acho que já disse isso — respondo provocando-o, mas no fundo estou ficando apavorada com a ideia de que não esteja gostando dessa decisão. Afinal, ele me conhece há dois dias se levarmos em conta a noite da outra virada do ano.

— Isso quer dizer que vou acordar com você todas as manhãs? — O furinho em seu queixo fica mais evidente à medida que seu sorriso perfeito começa a surgir nos cantos da sua boca. Sou completamente apaixonada por esse sorriso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez não todas as manhãs porque eu posso estar de plantão e... — Minha voz desaparece porque sua boca me toma para ele.

— Não estraga este momento — pede fechando os olhos e balançando a cabeça.

— Que momento?

— O momento em que eu tiro a sua camiseta e faço amor com você nesse sofá, imaginando como vai ser a minha vida de agora em diante.

— E como vai ser a sua vida, Reeve? — pergunto com um fio de voz porque a eletricidade entre nós está quase me fazendo derreter.

— Vai ser a melhor do mundo.

PERIGOSAS ACHERON



Virada de História

Pois eu fico na vontade, na vontade
Você não sabe, mas é verdade
Não consigo fazer minha boca dizer as palavras
Que quero dizer a você
Isso é típico do amor
Não posso mais esperar
Não quero esperar, eu preciso te dizer
Como me sinto

IMAGINATION - SHAWN MENDES

Ruby Lace

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de Dezembro de
2018.**

PERIGOSAS ACHERON

15:00

BLISS

Soltei um pequeno gemido ao me espreguiçar languidamente debaixo do cobertor, girando para o lado e esticando o braço para o outro canto da cama.

Encontrei somente a sensação fria do lençol.
Ele não estava ali.

Suspirei e esfreguei os olhos sonolentos, focando o olhar borrado no relógio digital acima da cabeceira.

— Puta merda, já são três da tarde! —
Chutei o cobertor para longe do corpo, sentando-me totalmente em alerta.

Perdi todo esse tempo dormindo.
Logo hoje!

Culpa da editora que me fez virar a madrugada trabalhando nos incontáveis designs de capa — mudavam de ideia e conceito toda vez que eu apresentava algo; e hoje era o prazo final.

Quando enviei o e-mail com a bendita capa seguindo todas as vontades de péssimo gosto que me pediram, já passava das cinco da manhã. Tive que fazer milagre para não produzir algo cafona conforme as exigências da editora. Por isso fui dormir tarde. Ou cedo, dependendo da perspectiva.

Rolei para fora da cama e andei apressada até o banheiro, ignorando o barulho incessante do meu celular e cruzando as pernas ao sentir a bexiga prestes a explodir. Suspirei pela segunda vez, sentindo alívio e relaxando sobre o vaso sanitário. Enquanto eu lavava as mãos, o celular voltou a tocar de algum lugar remoto da sala e, pela primeira vez, percebi ter sido ele o motivo de eu ter acordado. O coração deu um salto e meus lábios se repuxaram para cima, as pernas se moveram com agilidade e corri em sua direção, aceitando a ligação com as mãos trêmulas de ansiedade, sem ao menos verificar quem era.

— All?! — disse sem fôlego, espalmando o peito ao tentar domar o meu coração saudoso.

— Bliss, você quer me matar de susto? Por que não atende a droga do celular? Estou te ligando desde hoje cedo, pensei que tivesse acontecido

PERIGOSAS ACHERON

alguma coisa com você, já ia chamar a polícia!

Meus ombros caíram em desapontamento e revirei os olhos, Tina era dramática até o último fio de cabelo.

— Acabei de acordar...

— Quê?! — ela me interrompeu como se eu tivesse cometido um crime grave. — Bliss, hoje é o dia! Já era para você estar se arrumando, fazendo as unhas, os cabelos, depilação. Bliss, diga que você já está depilada!

Rá! Como se fosse meramente possível me esquecer desse dia, eu simplesmente vinha aguardando por ele o ano inteiro.

— Fui ontem cedo ao salão...

— Ótimo! — minha amiga novamente me interrompeu. — O gostosão vai cair de joelhos quando bater os olhos em você. Literalmente, espero que ele se ajoelhe e coloque essa perseguida lisinha para uso...

— Tina! Pelo amor de Deus! — Fechei os olhos, negando com a cabeça.

— Só estou falando verdades, amiga. — Ela riu alto, e pude até imaginá-la jogando os cabelos loiros para trás.

Falar dele fez meu coração se comprimir e algumas pequenas lágrimas arderem fundo nos olhos. Era saudade. Um tipo estranho de saudade, porque nós nos falávamos todo dia.

All ainda me ligava e mandava mensagens. Nós ainda morávamos a poucas quadras de distância...

Mas ultimamente nada disso era o suficiente, porque raramente estávamos nos vendo. Tinha a sensação de estarmos vivendo uma relação à distância, ainda que vivêssemos um perto um do outro.

Não era negligência por nenhuma das partes. Era a vida.

All havia sido promovido a sócio da empresa e seu mundo girava em torno do novo trabalho. E, por mais que eu estivesse orgulhosa e feliz por ele, sentia falta do seu mundo girar em minha órbita. Sentia falta de ser o seu Sol.

— Estou tão ansiosa para hoje à noite, a festa da virada vai ser linda...

Tina não parava de falar, enquanto isso, meus pensamentos alçaram voo para longe daquela conversa. Caminhei lentamente até o quarto com o

PERIGOSAS ACHERON

aparelho celular pressionado no rosto e abri o closet. Deslizei distraída a ponta dos dedos pelo tecido do vestido antes de arrancá-lo do cabide e colocá-lo sobre a cama.

Eu já não estava tão animada para ir a essa festa quanto a minha amiga; sequer conhecia o anfitrião. Ele era um amigo de Tina de quem misteriosamente eu nunca havia ouvido falar, não até receber o convite para o evento.

Se eu fosse sincera, preferia passar a virada do ano em algum lugar tranquilo, só Alladin e eu. Afinal, completariíamos um ano de namoro. Mas All aceitou o convite por nós dois, e eu não quis discutir sobre isso com ele — não quando tínhamos tão poucos momentos juntos. Eu não gastaria o pouco tempo que tínhamos com discussões bobas.

— Bliss, você está me ouvindo?

O ar me escapou em forma de suspiro e assenti, mentindo. Não ouvi uma palavra que saiu de sua boca.

— Você está falando da festa... — Tentei me situar.

— Vai usar aquele vestido *bafônico*? — perguntou pela milésima vez desde que ela me

PERIGOSAS ACHERON

ajudou a comprar no mês passado.

Revirei os olhos.

— Claro que vou, sabe disso.

— Perfeito! Vai ser perfeito... — ela murmurou no final, parecia perdida em pensamentos.

— Tina, eu preciso ir. Mais tarde a gente se fala e...

— Posso passar aí para brincar de fada madrinha? — O tom de sua voz era um misto de animação e esperança.

— Não — respondi rindo. — Sei me arrumar sozinha. Se eu deixar, você me faz sair daqui parecendo outra pessoa. Não quero parecer com uma celebridade, quero ser eu mesma.

— Você não tem graça — Tina resmungou e imaginei seus lábios fazendo biquinho. E isso me arrancou outro revirar de olhos.

— Tchau! — eu disse antes que ela arrastasse essa ligação por mais uma hora.

Encerrei a chamada e joguei o celular para longe, fazendo-o quicar sobre o colchão. No mesmo instante meu coração quicou junto e eu pulei para cima da cama, recuperando o aparelho

PERIGOSAS ACHERON

para conferir ligações perdidas.

— Alladin — sussurrei seu nome ao perceber que não havia recebido ligação alguma, mas o coração vibrou alto quando meus olhos pousaram na mensagem.

09:35

Bom dia, amor. Preciso passar no escritório para resolver algumas pendências urgentes, à noite sou todo seu.

Meus dedos estavam ávidos para digitar uma resposta, mas me contive.

Eu lhe faria uma surpresa.



Terminei de me arrumar, olhando-me pela última vez no espelho que refletia meu sorriso faiscante. All amava quando eu usava vermelho, e o vestido envolvendo impecavelmente o meu corpo lembrava muito aquele que vesti no nosso reencontro.

Ele ia ficar louco!

E ficaria ainda mais louco quando descobrisse a lingerie de renda que, por mais linda que fosse, teimava em entrar na minha bunda.

O que nós não fazemos para ficar sexy?

Arranquei o trench coat do cabide e o vesti logo em seguida, calcei as botas de cano alto e desfilei pelo quarto, sentindo-me maravilhosa.

Na verdade, o dia estava maravilhoso.

O dia estava *lindo!*

Não era para menos. Hoje completávamos um ano de namoro, e eu finalmente teria ele para mim depois de passar três dias sem nos ver. Eu não suportava mais a sua falta. Meu corpo estava entrando em abstinência de seu toque, meus lábios ansiavam por seus beijos e meu coração sentia falta do seu lar. Sentia falta do seu dono.

— Hoje você não me escapa. — Balancei a cabeça, soltando um riso ao imaginar a sua cara de surpresa e felicidade em me ver antes do esperado.

Desde que foi promovido, ele passava mais tempo no trabalho, no entanto, Alladin sempre vinha me encontrar, nem que fosse para me dar um beijo antes de cair exausto de sono na minha cama. Ele estava ficando mais tempo na minha casa do

PERIGOSAS ACHERON

que na dele, mas nesses últimos dias vínhamos nos desencontrando e eu não permitiria que permanecêssemos tanto tempo sem nos ver, não no nosso dia.

Normalmente All ficava no escritório até tarde, mas eu esperava que hoje ele largasse tudo para passar o resto do dia comigo.

Com o coração acelerado em expectativa, saí às pressas, pegando milagrosamente um táxi disponível e seguindo em direção a Manhattan. No entanto, ao chegarmos lá, o trânsito estava tão caótico que o carro mal se movia. Paguei o motorista e desci antes de nos aproximarmos do meu destino, preferindo andar a passar mais um minuto dentro daquele táxi. Do jeito que o engarrafamento estava, nós só chegaríamos no ano que vem!

Atravessei a rua, enroscando ainda mais o cachecol no pescoço ao sentir o vento gélido lambe minha pele. E isso me fez pensar em como eu desejava a boca do All sobre mim, aquecendo-me da melhor forma imaginável.

Apressei os passos, querendo pôr logo aquela cena deliciosa em prática; o salto da bota

PERIGOSAS ACHERON

deslizou sobre a calçada úmida e eu quase me espatifei no chão, movendo os braços para reestabelecer o equilíbrio. Senti as bochechas em chamas, apesar do frio, por pura mortificação. Espreitando rapidamente as pessoas passando ao meu redor, respirei aliviada quando ninguém sequer bateu os olhos em mim. Apoiei-me na vitrine da loja para verificar se eu não havia me machucado, girando o tornozelo e perdendo o fôlego momentaneamente.

Não arfei por dor, tampouco por conta do tornozelo. Eu sequer o torci.

Simplesmente tive um pequeno surto quando meu olhar se deparou com o meu ex, Dylan, que brincava com a ponta dos cabelos de alguma mulher do jeito que fazia quando estávamos juntos. Eu achei que tivesse me esquecido daquele babaca, mas algo dentro de mim queimou de raiva ao olhar para ele. E, para piorar, estava com outra, e isso me fez indagar se ele traiu a mulher com quem me traiu para ficar com essa da vez. Talvez tivesse traído várias outras — já se passara um ano, afinal.

Bufei, balançando a cabeça e massageando o peito ao me afastar dali. Não queria que o cretino

PERIGOSAS ACHERON

me visse. Não queria sentir essa angústia, recordar o modo como ele me fez sentir um dia.

Deixei o meu passado para trás e corri em direção ao meu presente, permitindo um sorriso leve brincar nos lábios ao pensar que All nunca faria uma coisa dessas comigo.

Atravessei o hall de entrada do imponente prédio e entrei no elevador, aproveitando que estava sozinha ali para retocar o batom no espelho. As portas se abriram, liberando as borboletas dentro do meu estômago. Caminhei até a recepcionista e lhe lancei um sorriso simpático. Pelo seu olhar, acho que me reconheceu daquela vez em que visitei o All há uns dois meses.

— Boa tarde! — ela se empertigou atrás do balcão.

— Boa tarde, Avonmora — respondi, bisbilhotando sutilmente o seu crachá. Não me lembraria desse nome de jeito algum sem ajuda. — O All está muito ocupado? Vim fazer uma surpresa, ele não sabe que estou aqui.

— Ah... — Seu rosto se contorceu minimamente, mas eu vi, e isso fez meu coração perder uma batida.

Meu sorriso vacilou.

— O que houve? Ele está em reunião? Eu não me importo de esperar.

— Não é isso, senhora — disse com a voz suave, mas sua boca se repuxou sutilmente para baixo. — Ele e Lorena saíram para o almoço e deram o dia por encerrado.

Lorena? Quem era Lorena?

— Quem é Lorena? — As palavras me escapuliram e um gosto amargo assaltou minha boca.

— Ah, mil desculpas! Achei que você soubesse.

Avonmora, você está me deixando cada vez mais nervosa!

Espremi os olhos em sua direção, querendo sacudir seus ombros e fazê-la falar logo tudo.

Percebendo minha expressão irritada, ela engoliu em seco.

— Lorena é a nova assistente, o senhor Alladin liberou os funcionários dele mais cedo hoje...

Espalmei meu coração descontrolado, acalmando a respiração a cada sorvida de ar. Alívio

PERIGOSAS ACHERON

fez os músculos do meu corpo relaxarem e balancei a cabeça, rindo de mim mesma. É claro que All não estava tendo um caso com a secretária!

Ele não era como Dylan, ele não era como a maioria.

— Obrigada — murmurei para a mulher pálida e com olhos alarmantes.

Girei nos calcanhares, pescando o celular dentro da bolsa. Meus olhos pousaram na tela confirmando se passar das 17 horas e funguei em decepção. Se eu tivesse respondido àquela mensagem mais cedo, não teria perdido tanto tempo à toa!

Agora eu levaria mais uma hora até chegar de volta a Brooklyn.

Mais uma hora longe dele.

PERIGOSAS NACIONAIS



**Nova Iorque, 31 de Dezembro de
2018.**

PERIGOSAS ACHERON

17:30

ALL

Eu estava fodido.

— Não acredito nisso. Você deveria me acobertar hoje! — Esfreguei o rosto com uma mão enquanto a outra pressionava com força o celular ao ouvido.

Inspirei fundo, o sangue gelando nas veias e o coração comprimido dentro do peito num misto de desespero e derrota.

— Não sei por que confiei isso a você. — Suspirei, deixando os ombros penderem para frente e os meus olhos se comprimirem. — Foda-se, vou dar um jeito nisso!

Encerrei a mensagem de voz, contendo a vontade de jogar o celular longe e por pouco não o arremessei no parapeito, acertando qualquer um que estivesse passando lá embaixo. Mas um fraco barulho vindo do aparelho me fez pausar e olhar para a sua tela, encontrando duas notificações de

chamadas perdidas.

Bliss.

— Droga — murmurei com as mãos trêmulas. O coração desenfreado espancava as costelas enquanto me preparava para retornar a ligação. Ela deveria ter ligado enquanto eu estava na outra chamada.

Um medo idiota de ela ter descoberto tudo fez o meu corpo estremecer, suei frio e senti o sangue congelar ainda mais nas veias.

— Não! — berrei, a vontade de destroçar aquele celular voltando em dobro quando a bateria dele morreu no instante em que tentei ligar para Bliss.

Levantei o rosto para o céu, pedindo por um milagre. As coisas não estavam totalmente arruinadas, eu ainda poderia fazer dar certo.

Coloquei o celular descarregado no bolso e corri em direção às escadas, deixando o terraço para trás e descendo dois degraus de cada vez. Lá estava o meu vizinho, abrindo a porta de seu apartamento sem saber o que lhe aguardava. Forcei as minhas pernas a chegarem até ele antes que fosse tarde demais, surgindo que nem um louco à sua

PERIGOSAS ACHERON

frente.

— Você está bem? — Reeve parecia hesitante em perguntar, como se estivesse com pressa de ir embora, mas ele era o meu último recurso e não escaparia assim tão fácil.

— Estou... Quer dizer, não. Preciso da sua ajuda, cara — disse com os pulmões ainda lutando por ar.

— Agora?

— Agora — assenti veemente.

— Mas eu não...

— É rápido, eu prometo. — Segurei-o pelos ombros, denunciando meu desespero. — Você vai salvar a minha vida.

— Certo... — respondeu num misto de curiosidade e apreensão.

Sorri em alívio e apertei seus ombros em agradecimento.

— Preciso que vá buscar flores para mim — pedi num único fôlego, com medo que ele dissesse não. — Dezenas delas. Da cor do arco-íris.

— Quê?

— Flores de todas as cores! Bliss ama todas as cores! — Passei as mãos no cabelo, sentindo a
PERIGOSAS ACHERON

ansiedade tomar conta de mim. — Porra, tem que ser perfeito ou não vou me perdoar por perder essa chance.

— Calma, cara... — Dessa vez Reeve apertou meu braço, tentando me tranquilizar. — Vai dar tudo certo. Do que você precisa?

Inflei os pulmões, soltando o ar num suspiro enquanto erguia o olhar suplicante para ele.

— Preciso que vá buscar as flores e traga também aquelas luzes... — Estalei os dedos, lembrando do nome. — Luzes de fadas.

— Só isso? — perguntou-me com um pequeno sorriso sardônico, erguendo uma sobrancelha.

— Só... Quero dizer, não.

— Não? — Reeve deu um passo para trás e vi em seus olhos a vontade de negar a ajuda. Eu sabia que estava pedindo demais, mas precisava dele!

Ele tinha que me ajudar!

Estiquei os braços para frente, em um ato de desespero, e arregalei ainda mais os olhos tentando imitar o maldito olhar daquele gato do filme Shrek.

— Nada de mais! Só preciso que me ajude a
PERIGOSAS ACHERON

arrumar um pouco as coisas antes de ir.

Ele franziu a testa.

— Por favor! Eu vou ficar te devendo uma.

— Ok, cara. Mas não posso demorar, preciso me encontrar com a minha garota.

— Tudo bem! — Ele já estava me ajudando bastante, o resto eu poderia me virar sozinho. — Obrigado.



Esfreguei uma mão na outra, fitando o ambiente à minha frente.

— *Tô indo nessa, All.*

A voz de Reeve me arrancou dos pensamentos inquietantes e me virei em sua direção, encontrando-o já prestes a atravessar a porta.

— Obrigado por tudo, cara — agradei pela milésima vez desde que ele voltou com as coisas.

Ele ergueu um ombro, dispensando minhas palavras com um sorriso largo.

— Por nada. — Deu as costas para ir embora, mas me olhou de relance antes de sumir de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vista. — E boa sorte!

— Obrigado — respondi, colocando uma mão no bolso da calça enquanto a outra mergulhava em meus cabelos bagunçados. — Vou precisar... — sussurrei.

Varri os olhos novamente pelo terraço, a mão se fechando dentro do bolso e o coração agitado no peito.

Bliss tinha a capacidade de me fazer tremer nas bases, e eu estava apavorado.

Eu a amava.

Óbvio que eu a amava.

Muito.

E por isso eu estava morrendo de medo da sua reação. Medo de ser rejeitado depois de tudo o que vivemos.

Eu era aquele moleque apaixonado, sempre o seria ao lado dela.

Mas hoje eu deveria ser um homem e criar coragem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

18:20

BLISS

Liguei para o seu número, uma sensação estranha dominando o meu peito na segunda chamada não atendida. Joguei o aparelho de volta dentro da bolsa, reprimindo as lágrimas bobas enquanto aguardava o metrô chegar ao meu destino.

O prédio antigo onde All morava ficava a poucos minutos a pé da estação. A cada passo que eu dava, o coração batia mais frenético e os pensamentos giravam num redemoinho ao tentar entender o que estava acontecendo. Era tudo um mal-entendido, claro.

Mas Dylan plantou a sementinha na minha cabeça e, agora, tudo o que eu pensava era em traição. Aquele idiota, arruinando meu humor mesmo após todo esse tempo!

Eu não iria permitir que o meu ex destruísse esse dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Hoje deveria ser especial.

E eu faria de tudo para que essa virada fosse tão perfeita quanto a do ano anterior.

Apertei o botão do velho elevador do prédio, mas ouvi um barulho esganiçado vindo dele e preferi subir as escadas mesmo. Cheguei ao seu andar toda esbaforida, tocando a campainha sem fôlego e louca para ganhar um abraço acalentador. Precisava dele mais do que nunca.

Toquei a campainha de novo.

E de novo.

Pequenas lágrimas escapuliram nos cantos dos olhos e encostei a testa na porta, reprimindo o choro.

Nada estava dando certo!

— All! — chamei seu nome em vão. Ele não estava ali.

Ou será que estava?

A sementinha criava raízes.

E se ele estivesse ali dentro com outra?

Levei as costas da mão ao rosto, enxugando bruscamente as lágrimas e ergui o queixo trepidante. Sabia que ali em cima, bem no alto do batente da porta, escondia-se uma chave extra.

PERIGOSAS ACHERON

Coloquei-me na ponta dos pés, esticando os braços e deslizando os dedos pela extensão da porta.

— *Isso* — sussurrei, segurando a chave com força e inspirando fundo antes de enfiá-la na fechadura e girar a maçaneta... — Não! — Arfei alto, tapando a boca enquanto meus olhos percorriam o cenário à minha frente. — O que está acontecendo? — perguntei para o nada.

Literalmente nada.

A casa estava completamente vazia, todas as coisas haviam sumido, com exceção de algumas caixas de mudança.

Ele havia me deixado e nem teve a coragem de me comunicar?

Onde ele estava?

Estava morando com a outra?

— Você está ficando louca, isso não está acontecendo — murmurei, fechando os olhos e segurando a cabeça. — Isso não está acontecendo! — gritei, saindo dali e batendo a porta com estrondo atrás de mim.

Pesquei meu celular e liguei para Tina. Ela saberia o que fazer. Porque eu não estava em condição alguma. Eu estava perdendo o juízo.

PERIGOSAS ACHERON

— Mudou de ideia? — ela atendeu de primeira, sua voz animada ecoando alto nos meus ouvidos. — Posso ser a sua fada madrinha safada hoje?

— Tina — choraminguei seu nome, descendo as escadas correndo e quase caindo pela segunda vez nesse dia.

— Ei, você está chorando?! — Sua voz mudou completamente, ela estava agora no modo preocupadamente dramática. — O que aconteceu? Onde você está? Pelo amor de Deus, Bliss, fala logo!

— Estou... — Funguei, esfregando o nariz vermelho no cachecol. — Saindo do prédio do All agora.

— Ah... — Deixou escapar num sussurro hesitante. — Calma, amiga. Já estou a caminho, vá àquele café que tem aí embaixo e me espera!

— Mas eu não quero ficar...

— Me espera! — Ela desligou antes que eu pudesse negar.



Bebericava o cappuccino, na verdade fingia estar bebendo, porque meu estômago estava tão embrulhado que eu mal conseguia engolir.

— Bliss! — A voz de Tina me fez derramar o líquido quente sobre a mesa, levantei-me de supetão e mergulhei em seu abraço.

— Amiga — disse com a voz abafada, minha face se comprimiu em seus cabelos e alguns fios grudaram na boca. Afastei-me, rindo frouxamente e retirando os cabelos dos lábios.

— O que houve? — As mãos geladas seguraram meu rosto e seus olhos preocupados buscaram os meus.

— Não sei, Tina. Não faço ideia do que esteja acontecendo! — Desvencilhei-me e dei-lhe as costas brevemente, tanto para esconder as lágrimas reprimidas quanto para pegar a minha bolsa pendurada na cadeira. — Vamos embora daqui.

— Não antes de você me contar tudo, sente essa bunda aí!

— Mas...

— Ande logo, Bliss! Não posso te ajudar se não souber os mínimos detalhes.

Revirei os olhos, sentando-me a contragosto.

Tina acomodou-se à minha frente, encarando-me em silêncio enquanto aguardava.

Então lhe contei tudo. Desde o momento em que acordei, até agora, sem deixar nenhum detalhe de fora.

— Hum... — Franziu as sobrancelhas, cruzando os braços e me fitando séria.

— E então? — perguntei, mordendo o lábio de nervoso.

— Foi só isso?

— Como assim “foi só isso”? — arfei indignada. — Você não ouviu nada do que eu disse? O All desapareceu da minha vida! Evaporou! Deve estar por aí com outra, e eu aqui chorando por ele!

— Amiga — ela falou com cuidado, inclinando-se para frente e segurando minha mão. — Ele te deu algum motivo para você pensar isso? Talvez seja um grande mal-entendido e...

— Tina, faz três dias que não nos vemos. Ele não me convida mais para ir ao seu apartamento. — Esfreguei o rosto, tentando não chorar. — Não transamos faz uma semana! — murmurei alto

PERIGOSAS ACHERON

demaís.

Encolhi-me na cadeira, morrendo de vergonha quando algumas pessoas olharam para a nossa mesa.

— Acho que você deve conversar com ele sobre isso...

— Mas ele sumiu, Tina! — Esparramei-me sobre a mesa, escondendo o rosto nos braços. — Não estava no trabalho como disse que estaria, não atendeu as minhas ligações, e o apartamento está vazio.

Senti sua carícia nos meus cabelos, tentando me acalmar.

— Eu te entendo — disse calma.

Por que ela estava calma?

Ela era a dramática, deveria estar surtando comigo!

Levantei a cabeça para olhá-la, meu cenho se franziu ao vê-la se levantando.

— Me dê um segundo, amiga. Não saia daí — pediu para mim, já com o seu celular grudado no ouvido.

— Não acredito que vai falar com quem quer que seja e me deixar aqui sozinha — reclamei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe como eu sou, não jogo fora uma boa oportunidade. — Ela piscou para mim, já se afastando. — E esse aqui tem muita cara de que é bom de cama.

Contive outro revirar de olhos e me ajeitei no assento, fazendo careta ao tentar beber o cappuccino agora frio.

Observei de longe a sua conversa no celular. De vez em quando me lançava um olhar preocupado e eu forçava um sorriso toda vez que ela fazia isso.

Quando se voltou de vez na minha direção, parecia resoluta.

— Quem era? Ele vai estar na festa essa noite? — perguntei curiosa, esquecendo brevemente da minha autocomiseração.

Tina gesticulou com uma mão, como se não fosse alguém importante.

— Tá a fim de sair daqui?

Assenti, já me levantando.

— Vamos curtir um pouco e esquecer os problemas.

— Preciso de vinho para isso — disse, seguindo-a porta afora. — Muito vinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

19:00

ALL

Eu precisava de um banho urgente. Desci as escadas, doido para arrancar a roupa do trabalho fora do corpo, não tivera tempo de trocá-la desde que voltei de lá.

— Acho que eu estou ficando louco — murmurei assim que entrei no apartamento, fechando os olhos em deleite.

Inspirei fundo, sorvendo o perfume da Bliss.

— Porra, *tô* até sentindo o seu cheiro quando ela não está aqui.

Balancei a cabeça, tirando a camisa de botão e a jogando de qualquer jeito em cima de uma das caixas. Retirei em seguida a calça com cuidado, segurando os conteúdos que estavam dentro dos bolsos.

Droga, o celular ainda estava sem bateria.

Vasculhei algumas caixas, encontrando um carregador portátil e o plugando no aparelho.

Tentei ligá-lo e o levei comigo até o banheiro, colocando-o em cima da pia antes de entrar no chuveiro. Assim que pus os pés dentro do box, o celular começou a tocar.

— Bliss! — Meu coração acelerou e pulei para fora, resgatando o aparelho no segundo toque. — Amor? — Atendi sem verificar quem era.

— Ela descobriu! — Tina sibilou do outro lado.

— Quê? — Senti o sangue sumir do rosto e dei um passo trôpego para trás. — Como ela descobriu? Você contou para ela, porra?!

— All, fique calmo...

— Ficar calmo? — Neguei com a cabeça, espalmando o peito arfante, eu não estava conseguindo respirar.

— All...

— O que eu vou fazer, agora? A Bliss merecia algo melhor, e eu não fui capaz...

— Cale a boca e me escute, droga!

Espremi os olhos, tentando controlar a respiração. Tina aproveitou meu silêncio e voltou a falar:

— Ela foi ao seu apartamento, entrou com a
PERIGOSAS ACHERON

chave extra e encontrou tudo vazio.

Suas palavras foram como um soco na boca do estômago e vacilei para trás, recostando-me na parede de azulejo.

— Droga. — Agarrei meus cabelos. — Droga, ela deve ter pensado o pior!

— Não se desespere, ainda dá para você acertar as coisas — ela falou, otimista. — Posso trazê-la até você agora e...

— Não! — Minha voz ecoou alto no banheiro.

— Por que não? Já está na hora mesmo!

Puxei o ar com força e o liberei devagar pela boca, tentando controlar o coração agitado.

— Deu tudo errado hoje, preciso de mais tempo — confidenciei.

— Quanto tempo exatamente?

— Não sei. — Suspirei derrotado, caminhando nu pela casa até encontrar a caixinha e segurá-la com delicadeza na palma da mão. — Eu te aviso.



PERIGOSAS NACIONAIS

Não havia tempo a perder.

Saí do banho e me arrumei às pressas, faltava pouco.

Havia um ritmo ensandecido batucando meu peito, eu precisava me controlar e manter a calma.

— Vai dar tudo certo. — Inspirei fundo, soltando o ar lentamente. — Tem que dar certo, ela me ama.

Abri a porta, deixando o velho apartamento para trás. Estacando brevemente no corredor ao me recordar de quando tudo começou.

Do nosso reencontro.

Não sentiria saudades do antigo elevador que de vez em quando falhava, mas sentiria falta dos nossos momentos dentro dele, dos beijos roubados e da urgência dos toques que trocávamos antes de chegar em casa. Não teria saudades do minúsculo apartamento em que mal cabiam minhas coisas, mas recordaria nostálgico das ocasiões em que passamos juntos nele, das noites em que ela dormia na minha cama e do perfume que deixava nos meus lençóis quando ia embora.

E, por mais que eu não pudesse ter esses momentos de volta, queria mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porra, eu queria muito mais.
E tinha medo de não conseguir.
Bliss tinha o meu coração em suas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

20:05

BLISS

Estávamos na terceira rodada quando o celular da minha amiga se manifestou novamente, revirei os olhos e continuei bebendo enquanto ela digitava algo no aparelho, distraíndo-se com quem quer que fosse.

— O que está fazendo? — reclamei, tentando recuperar a taça de vinho que Tina acabara de arrancar da minha mão.

— Você não pode ficar bêbada, não ainda.

— Por que não? Eu posso fazer o que quiser!

— Bliss, já está na hora. Venha comigo.

— Do que está falando? Achei que fôssemos nos esquecer de tudo e passar a virada aqui, só nós duas!

Abri os braços em uma animação fajuta, gesticulando-os pelo bar lotado. Era o mesmo do ano passado. Um grupo tocava música ao vivo e algumas pessoas já dançavam e cantavam junto.

Por que eu não podia ser uma dessas pessoas bêbadas e felizes?

— Por mais tentador que isso soe... — ela revirou os olhos, o que na verdade me dizia que não era nada tentador passar a virada comigo. — Tenho outros planos, e você também.

Meus olhos arderam com as malditas lágrimas. Meu plano era passar o dia com o All, mas ele sumiu da face da Terra e me deixou desse jeito, de coração partido.

Meu doce Alladin fez o que eu nunca imaginaria que ele fosse capaz.

Ele nem sequer teve coragem de acabar comigo da maneira certa, simplesmente se retirou da minha vida.

— Não tenho planos, Tina. Não tenho mais nada, só tenho a mim mesma.

— Ah, pare de drama! — Ela riu, puxando-me pelo braço e me arrastando para fora do bar. — Ainda acho que tudo foi um grande mal-entendido, vocês precisam tirar isso a limpo.

— Como foi que eu virei a dramática nessa relação? — perguntei atônita, percebendo a inversão dos papéis. Tina era para estar surtando e

PERIGOSAS ACHERON

se queixando da situação, se não sozinha, pelo menos me acompanhando no drama.

Ela não me deu ouvidos, continuou andando e me levando junto pelas ruas e, quando percebi para onde estávamos indo, plantei os pés firmes no chão.

— Tina! — Desvencilhei-me bruscamente e cruzei os braços. — Então esse era o seu plano? Levando-me até ele depois de tudo o que te falei? Quem deveria me procurar é ele!

— Bliss, ele te ama... — ela começou a falar, mas a interrompi.

— Passei o dia todo tentando encontrá-lo. — Sequei uma lágrima ordinária que escapuliu. — Eu só queria ficar com o All e ele nem me procurou.

— Vem cá, tenho uma coisa para te mostrar. — Minha amiga esticou uma mão, seu rosto cheio de compaixão.

Soltei um suspiro, rendendo-me. Aceitei hesitante a sua mão e a segurei na minha, deixando-a me guiar para dentro do prédio do All.

— Não estou te entendendo — murmurei, enquanto subíamos as escadas. — Você falou com ele? Por que está me trazendo aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela olhou para mim com os lábios comprimidos, mas não disse nada. Só continuou andando, pressionando com mais firmeza a minha mão.

Quando passamos do andar da casa dele, fiquei ainda mais inquieta.

— Tina, sério, o que estamos fazendo?

Ela vacilou um pouco antes de responder:

— Quero respirar ar puro, tem um terraço aqui, né?

— Acho que você está bêbada, amiga. Podíamos ter ido a qualquer lugar para isso!

Tina riu, um pouco sem fôlego, mas não parou de me guiar escada acima.

— Chegamos — disse, abrindo a porta e me dando passagem.

Balancei a cabeça para ela, mas passei adiante, atravessando a porta e acolhendo a brisa gelada em contato com a pele. Ergui o olhar dos pés para o terraço à minha frente.

E eu perdi o ar.

— Mas o quê... — Levei uma mão à boca, o cenário cintilando conforme lágrimas acumulavam em meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Luzes de fadas iluminavam todo o lugar, espalhadas pelo chão dentro de frascos de vidro, como luminárias. Era lindo. Também havia flores. Dezenas delas! Colorindo o terraço com as cores do arco-íris, além de um pequeno arranjo sobre a mesa à luz de vela, tremeluzente por conta do vento. Aquilo me fez rir em meio às lágrimas e as minhas pernas me levarem para mais perto. Enxuguei o rosto, notando o balde de champanhe e as duas taças dispostas na mesa, assim como dois pratos cobertos.

— Bliss. — Sua voz acariciou meu ouvido, me arrepiando e aquecendo ao mesmo tempo.

Fechei os olhos, tentando controlar as emoções conflituosas e o coração disparado.

— Amor, olhe para mim — All falou num tom suplicante, e aquilo me desarmou. — Por favor, deixe-me ver seus lindos olhos violeta.

Tocou em meus braços, girando-me em sua direção com delicadeza e o simples toque arrancou-me o ar em forma de suspiro.

Droga, ele era tão lindo. All sempre foi tudo o que desejei para mim...

Por isso estava sendo difícil respirar, com o
PERIGOSAS ACHERON

coração pesado entalado na garganta.

Ele estava arrependido? Por isso armou tudo isso?

A semente virou árvore, suas raízes perfurando meu coração.

Tentei encontrar a verdade em seus olhos castanhos, tão doces, mas que agora transbordavam receio. E aquilo me fez titubear, praticamente caindo de encontro a ele.

— All, o que você fez? — Agarrei as lapelas de seu blazer, penetrando os meus olhos magoados nos seus enquanto engolia um soluço.

Suas sobrancelhas se uniram, como se minha pergunta o deixasse confuso, mergulhou os dedos nos meus cabelos com uma mão enquanto a outra enlaçava a minha cintura ao me puxar para perto.

E eu me derreti em seus braços, porque mesmo chateada, ele era o meu porto seguro. E era difícil quebrar esse sentimento. Apesar da mágoa infiltrando em meu corpo, Alladin era o meu melhor amigo, meu confidente. Era o amor da minha vida, e isso estava me matando. Porque ele tinha o poder de me destruir, se quisesse.

— Me perdoa — sussurrou, encostando a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

testa na minha, e as suas próximas palavras fizeram o meu coração perder uma batida.

Talvez duas.

Antes de voltar a bater desenfreado no peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

20:30

ALL

Finalmente chegou o tão esperado momento.

Minha mão buscou pela caixinha de veludo dentro do bolso, e respirei em alívio. A qualquer instante ela atravessaria aquela porta e decidiria o rumo de nossas vidas. Eu não dormia há três dias, tamanha a ansiedade. E, apesar de eu ter planejado tudo com cuidado, com medo de que algo pudesse dar errado, novamente Derek me deixou na mão. Mas graças à ajuda de Reeve, tudo deu certo. Por isso não guardaria ressentimentos, só esperava que ele tivesse uma boa razão, ou então pensaria seriamente em trocar o meu padrinho de casamento.

Se Bliss me aceitasse como seu marido, claro.

Minhas pernas fraquejaram e as mãos tremeram, eu realmente estava apavorado de que ela dissesse não.

Olhei novamente para a mesa posta, percorrendo os olhos por cada canto do terraço, e sorri ao encontrar tudo do jeito que deveria estar.

O som da porta se abrindo roubou minha atenção e fez o coração vibrar alto dentro do peito.

Lá estava ela, a mulher da minha vida.

E, como sempre, perdi o fôlego ao vê-la. Porra, como ela estava linda! Aproximava-se com seus cabelos castanhos revoltos ao vento, os deliciosos lábios carmim entreabertos e os seus estonteantes olhos levemente arregalados em surpresa. Mordi o canto da boca, aguardando até que esses mesmos olhos pousassem em mim. Mas isso não aconteceu, e por isso meu coração foi dominado pelo medo. Medo de ela não querer isso tanto quanto eu.

— Bliss... — Não me contive, eu precisava saber o que ela estava pensando.

Seu silêncio estava me matando.

— Amor, olhe para mim. — Sorvi o aroma doce dos seus cabelos, murmurando em súplica ao pé do seu ouvido. — Por favor, deixe-me ver seus lindos olhos violeta.

Quando finalmente ela se rendeu ao meu
PERIGOSAS ACHERON

pedido, fui pego de surpresa ao encontrar tanta tristeza e acusação em seu olhar.

Bliss agarrou-se em mim, as palavras que saíram da sua doce boca eram carregadas de mágoa e desespero. Por um segundo fiquei sem reação, o coração comprimido enquanto eu tentava compreender o que fiz de errado para tê-la machucado dessa forma.

Então me lembrei.

Ela descobriu.

— Me perdoa. — Suspirei, sentindo-me um idiota.

Ela não fazia ideia do que estava acontecendo. Era para ter sido uma surpresa.

— Não era para você ter descoberto. — Ri trêmulo de nervoso, balançando a cabeça e resvalando o meu nariz no seu com o movimento. — Eu queria fazer...

— Então é isso? — Afastou-se, empurrando meu peito. — Está se sentindo culpado porque eu descobri?

— Amor, por favor... — Segurei suas mãos num ato de desespero, completamente confuso com a sua reação.

Bliss me encarou com o queixo erguido, porém seus olhos brilhavam em lágrimas. Aquilo me desesperou ainda mais.

— Eu sei que eu poderia ter feito diferente, fui um idiota! Mas não achei que você fosse ver o apartamento antes de eu te contar e... — Comecei a explicar, morrendo de medo de estragar tudo por conta de um mal-entendido.

— Há quanto tempo? — perguntou baixinho, desviando o olhar para os pés e abraçando o próprio corpo.

Porra, não era para ser assim! Era para ser perfeito!

Segurei seu rosto, acariciando a pele fria com os polegares até que eu fosse novamente alvo do seu olhar.

— Faz uma semana — contei a verdade.

Um choro agudo escapou dos seus lábios e ela comprimiu os olhos, deixando duas lágrimas se desprenderem deles.

— Você vem me traindo há uma semana?

— Quê?! — Dei um passo em falso para trás, desnortado pela pergunta e a dor refletida em suas palavras. — Você acha que eu te traí? —

PERIGOSAS ACHERON

perguntei magoado, espalmando meu peito dolorido.

— Não traiu? — Ergueu os olhos cintilantes para mim.

— Claro que não! — Mergulhei as mãos em seus cabelos, prendendo o seu olhar no meu para que enxergasse a verdade nele. — Como pôde imaginar isso? Como, Bliss? Eu te amo!

Quando alívio transbordou de seus olhos, eu clamei a sua boca, sugando e mordendo seus lábios. Era um beijo urgente, frenético, eliminando qualquer dúvida que ela pudesse ter e transmitindo os meus sentimentos. Eu a amava tanto que chegava a doer. Seu gemido mesclou-se ao meu, suas mãos apertavam e suas unhas arranhavam, mas, apesar da intensidade com que nos beijávamos, meu toque era delicado, reverencial.

— Eu te amo tanto — disse de encontro à sua boca, chupando em seguida o seu lábio inferior com força, expressando com esse gesto a potência das minhas palavras.

— All... — gemeu, agarrando-se ainda mais em mim.

Seu corpo moldado perfeitamente ao meu
PERIGOSAS ACHERON

multiplicou o desejo que me incendiava, deixando em evidência o volume despontando dentro da calça. E, por mais gostoso que fosse tê-la tão entregue em meus braços, eu precisava parar.

— Bliss — murmurei, afastando o rosto para vê-la de perto.

Ela piscou lentamente os seus lindos olhos violeta para mim, ainda desfocados. Suas faces coradas e os lábios ligeiramente inchados após o beijo.

— Amor, eu queria fazer uma surpresa, mas acabei estragando tudo.

Ela assentiu antes de esconder o rosto em meu peito, abraçando-me forte.

— Eu pensei no pior, desculpa — disse com a voz abafada.

Retribuí o abraço, beijando o topo da sua cabeça.

Fiz menção de dizer que estava tudo bem, mas meu coração ainda se comprimia magoado por ela ter cogitado tal possibilidade.

— Por que pensou isso, Bliss? — Segurei de leve o seu queixo, erguendo-o para que ela olhasse para mim. — Achei que soubesse que não sou PERIGOSAS ACHERON

como a maioria, eu lhe prometi isso quando nos reencontramos.

— Eu sei. — Fez uma pequena careta, entortando o nariz. — Mas é que já não nos víamos direito há uma semana, e daí eu encontrei o Dylan e...

— Quê? — Meu sangue gelou. — Quando você se encontrou com o seu ex?

— Não me encontrei com ele, eu só o vi. — Ela se apressou em dizer, mas se deparando com a minha expressão fechada, continuou: — De longe, ele nem me viu, mas quando o avistei acho que toda aquela insegurança e mágoa do passado vieram à tona, All.

Cerrei as pálpebras, respirando fundo pelo nariz. Odiava pensar que ela me comparou com aquele babaca.

Sua mão fria afagou meu rosto, suavizando o vinco no meio da minha testa.

— E depois fui ao seu escritório lhe fazer uma surpresa, e descobri que você não estava lá como disse que estaria...

Suspirei, abrindo os olhos.

— Somos péssimos com surpresas —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

murmurei, soltando um pequeno riso trepidante.

Bliss assentiu, rindo de volta e ficando na ponta dos pés ao encostar a sua testa na minha.

— E então, vim para cá e encontrei o seu apartamento vazio. — Apertou meus braços. — Eu tive medo. Achei que...

— Amor... — A culpa se fez ouvir na minha VOZ.

Porra, eu fui mesmo um idiota!

— Achei que você estivesse terminando comigo, que não tinha tomado coragem para me contar.

— Nunca! — Neguei com a cabeça, segurando seu rosto num ímpeto e colando minha boca na sua. — Nem de brincadeira — sussurrei contra os seus lábios, mas não a beijei.

Afastei-me dela, fazendo-a soltar um pequeno lamento.

— Eu tinha planejado tudo — disse, colocando uma mão no bolso. — Você chegaria e nós teríamos um jantar romântico, conversaríamos e riríamos um pouco e então...

Segurei o objeto entre os dedos e o retirei do bolso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— All... — Bliss arfou ao ver o que eu lhe oferecia. — O que é isso?

— A chave da nossa casa... — Ri de nervoso, inclinando-me para frente e beijando a ponta do seu nariz. — Não era para ser desse jeito, mas esperava te levar até lá depois do jantar e, se tivesse sorte, você aceitaria morar comigo.

Ela abafou o rosto, contendo lágrimas, mas havia um largo sorriso em seus lábios.

— Podemos começar de novo?

— Quê? — perguntei divertido.

— Vou sair por aquela porta, e quando eu voltar, quero que faça tudo do jeito que planejou — ela disse, andando de costas em direção às escadas.

Joguei a cabeça para trás, rindo.

E foi exatamente o que fizemos, e tudo foi ainda mais perfeito do que imaginei...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

21:50

BLISS

Alladin era perfeito e eu fui uma tola por pensar o contrário.

Quando ele me contou o que realmente estava acontecendo, aplacando os meus receios incabíveis, enxerguei tudo com outros olhos. Vi o esforço que ele fez para realizar a surpresa, todo o cuidado e amor em cada detalhe. As pequenas luzes iluminando o ambiente agora pareciam mais mágicas, propagando um ar extremamente romântico, e evidenciando as pétalas coloridas das flores que, de alguma maneira, aparentavam ser mais vibrantes.

O jantar — que na verdade eram tira-gostos, um misto de frios sendo a maioria queijo — foi maravilhoso. Alladin parecia envergonhado quando retirou as tampas de alumínio dos pratos, revelando a nossa refeição. Segredou que havia organizado um jantar de verdade, mas que houve alguns

problemas de última hora e precisou se virar. Ri quando praguejou contra o amigo Derek, e precisei beijar os seus lábios retesados para arrancar a expressão triste dele. Reconfortei-o ao dizer que amei o que ele havia preparado, e me servi de tudo com muito gosto.

— Bliss — All disse, esticando o braço sobre a mesa para acariciar brevemente a minha mão. — Te amo.

E eu não conseguia parar de pensar em como ele era lindo, seu sorriso leve deixando as covinhas nas bochechas à mostra e me matando de amor. Queria pular em cima dele, mas me contive. Deixaria que ele conduzisse a noite da forma como planejou.

— Também te amo — sussurrei de volta, engolindo a emoção entalada na garganta com a ajuda do champanhe.

— Tenho uma coisa para lhe mostrar. — Seu sorriso se alargou e os olhos castanhos, que tremeluziam à luz da vela, brilharam ainda mais.

— Ah, é mesmo? — Fiz-me de surpresa, sabendo muito bem que se tratava do novo apartamento. Mordi o lábio, retirando o guardanapo

PERIGOSAS ACHERON

de tecido do colo e o colocando à mesa. — O que é?

— Na verdade é um lugar, está pronta para sair daqui?

Assenti, já me levantando da cadeira. A ansiedade consumindo todos os meus sentidos.

— Mostre-me o caminho. — Lancei-me em seus braços, sorrindo contra a sua boca gostosa.

Alladin ajeitou meu cachecol enquanto sugava meu lábio inferior. Soltei um pequeno gemido, desmanchando-me em seu peito, mas logo ele se afastou, deixando-me órfã do seu calor.

— Vamos. — Enlaçou nossos dedos e me guiou escada abaixo.

O elevador parecia não estar funcionando mesmo nesse dia e os meus pés estavam morrendo nos saltos. Quando nós chegamos à rua, eu não conseguia mais acompanhar o seu ritmo acelerado. Apesar de estar tão animada quanto ele, os meus dedos mindinhos choravam de dor e me impediam de andar.

— Que foi, amor? — All estacou no lugar ao sentir o seu braço sendo puxado para trás, e me olhou com preocupação. — Não quer mais ir? —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Soou aflito.

— Não é isso, é óbvio que eu quero! —
Manquei até ele, eliminando nossa distância. —
Mas não consigo andar...

Ele fitou as minhas botas com o cenho franzido, mas quando ergueu o olhar para o meu rosto eu assisti um delicioso sorriso enviesado despontar de seus lábios.

— Sabe o que isso me lembra? — Circundou minha cintura, estava tão próximo de mim que pude sentir o seu hálito morno afagar a minha pele fria.

— O quê? — Suspirei, deliciando-me na sensação.

— Disso. — Pegou-me no colo de supetão, arrancando-me um gritinho. — Exatamente como no ano passado, o melhor dia da minha vida — disse rindo, carregando-me em seus braços fortes por entre a multidão.

Aninhei-me em seu peitoral, buscando por seu calor e inebriando-me com o seu cheiro. Nossa, eu estava morrendo de saudades dele, fazia uma semana que não tínhamos esse contato e eu estava carente. Mesmo ali, grudada ao seu corpo, queria mais. Muito mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Estamos chegando — murmurou em meus cabelos, deslizando seus lábios por toda a extensão do meu rosto até chegar à minha boca. — Feche os olhos, amor. — Beijou-me rapidamente e fitou-me, aguardando até que eu fizesse o que me pediu.

Senti quando adentramos o prédio, a sensação acalentadora do ambiente aquecido em contato com a pele. Logo estávamos no elevador e, mesmo ali, continuei aconchegada em seu colo protetor.

Ouvi o som da porta do elevador se abrindo e então, All caminhou poucos passos antes de me pôr cuidadosamente ao chão.

— Só mais um pouco, amor — disse, cobrindo meus olhos ainda fechados com uma mão, enquanto a outra devia estar abrindo a maçaneta.

Ele me guiou para dentro, sua animação borbulhando em forma de riso.

— Pronto, pode abrir os olhos.

Pisquei algumas vezes e, quando consegui compreender o que estava vendo, perdi o ar.

O apartamento amplo já estava mobiliado, e uma pequena lágrima se desprende dos meus

PERIGOSAS ACHERON

cílios quando reparei no quadro pendurado orgulhosamente em uma das paredes. Era uma arte gráfica que eu fiz da gente se beijando.

— E então, o que achou? — Ele parecia nervoso com o meu silêncio.

— Eu... — Girei nos calcanhares, tentando ver todos os cantos e me deparei com a enorme janela de vidro. Perdi novamente o fôlego. — Meu Deus, All! É lindo!

Corri até a janela, arfando alto ao admirar a Brooklyn Bridge, uma visão privilegiada, mas era muito mais que isso. Era especial.

— Agora podemos ver os fogos daqui, olhar todos os dias o lugar onde nos apaixonamos pela segunda vez — disse rouco ao pé do meu ouvido, abraçando-me por trás e contemplando a cidade junto comigo.

— Eu amei, All. — Minha voz soou embargada.

Ele me soltou enquanto eu continuava ali, admirada com a visão da cidade.

— Amor.

O tom de sua voz fez os pelos dos meus braços arrepiarem e o meu coração disparar.

Virei em sua direção, arquejando alto e tapando a boca com uma mão trêmula. All estava ajoelhado e segurava uma caixinha de veludo. Nela havia o mais lindo anel de noivado que eu já vira na vida, delicado em seu corte princesa e com uma linda pedra que cintilava em tom violeta adornada por pequenos diamantes. Parecia muito com safira, mas a tonalidade lembrava a cor dos meus olhos. Era perfeito.

— Bliss... — Seus olhos me fitavam cheios de emoção, brilhando com o amor contido neles. — Meu coração só descobriu o real significado da palavra felicidade quando te reencontrei. Eu não sabia que ele fosse capaz de abrigar tanto amor, jamais sonhei que um dia pudesse ser entregue por completo e, ainda assim, continuar pulsando forte dentro do peito.

Eu já não conseguia enxergá-lo diante das lágrimas, mas o sorriso estava lá, marcando o meu rosto da melhor forma possível.

— Mas você apareceu na minha vida e me fez o homem mais sortudo desse mundo. E eu não consigo mais imaginar um futuro onde a minha felicidade não esteja aqui, ao meu lado.

Ele soltou o ar dos pulmões, abrindo um lindo e doce sorriso cheio de covinhas.

— Então, Bliss, por favor, continue me fazendo o homem mais feliz do mundo pelo resto de nossas vidas? Em troca prometo te fazer feliz até o meu último suspiro.

— Sim! — Consegui dizer, praticamente jogando-me em cima dele. — Mil vezes sim!

Alladin me colocou em seus braços, carregando-me entre beijos e mordidas até o quarto, éramos um turbilhão de desejo e paixão. Ele nos deitou com urgência sobre a cama macia, gemendo ao arrancar a minha roupa e murmurando em aprovação ao rasgar a minha peça íntima. Meus dedos ávidos não ficaram para trás, descartando as suas roupas com a mesma voracidade e segurando com vontade o seu membro rijo até guiá-lo onde eu mais precisava dele. Arfei ao senti-lo entrando em mim, nossos corpos dançando uma dança só nossa, num vai e vem rítmico e eloquente.

Nossa respiração pesada e os gemidos de prazer ecoavam alto pelo quarto. E, quando as queimas entoaram lá fora, tive um espetáculo particular enquanto gritava seu nome ao chegar no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ápice do prazer, e fogos de artifício explodiram atrás dos meus olhos.

Nossa virada do ano foi espetacular, e não consegui deixar de sorrir ao imaginar que todos os dias seriam assim também, pelo resto das nossas vidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



01 de janeiro de 2019

PERIGOSAS ACHERON

09:30

Reeve empurra as portas do café que fica logo abaixo do seu prédio, como o *Central Perk*, da série *Friends*. Na verdade, esse café foi aberto enquanto a série ainda estava no ar; até mesmo a decoração havia sido inspirada nele e estava sempre lotado. E mesmo assim, mesmo tendo um café tão perto de casa, ele sempre preferiu pegar o metrô e ir até o *Chocolate*, porque lá tem o melhor chocolate quente do mundo. No entanto, hoje só quer manter as mãos ao redor de Summer. Não quer pegar o metrô ou enfrentar o frio das ruas de Nova Iorque. Quer apenas um lugar quente para apreciar um bom café.

— Não acredito que tem um café bem aqui — diz Summer, e os olhos dela brilham. Reeve não se cansa de ver o quanto ela se encanta com coisas tão pequenas. Não se cansa de se apaixonar por ela. — Ah, meu Deus! Esse é o café dos *Friends*?

— Não — ele responde e a envolve pela cintura, descansando o queixo no ombro dela

enquanto caminham juntos até o sofá laranja no meio do salão. — Como eu disse, a decoração é igual ao *Central Perk*.

— Mas poderia ser. — Ela sorri e ele não resiste ao beijá-la, principalmente porque as duas depressões nas bochechas apareceram, e ele é completamente louco pelas covinhas de Summer.

— Poderia. — Ela se acomoda no meio do sofá e cruza as pernas, mas no instante seguinte, tira os pés do estofado de veludo e olha ao redor, com medo de ser repreendida, mas as poucas pessoas que ocupam as mesas parecem distraídas demais.

— O que você quer? — Reeve se inclina, apoiando as mãos no braço do sofá até que seu rosto esteja da mesma altura do de Summer.

— Eu quero um chocolate quente, um café, um donuts e talvez um pedaço de bolo.

— Algum sabor preferido?

Ela enruga o nariz e pensa por alguns segundos.

— Acho que não. Escolha para mim.

Reeve assente e, após deixar um beijo nos cantos de seus lábios, vai até o balcão fazer os
PERIGOSAS ACHERON

pedidos. No mesmo instante, a sineta da porta toca, anunciando a chegada de mais um cliente e uma lufada de ar frio entra no café junto com eles.

— Graças a Deus! — diz Livie esfregando os braços e tentando se aquecer. — Não estava tão frio quando saímos de casa.

— Estava, sim — retruca Derek, mas ela faz uma careta e ele acha melhor deixar quieto. Até tentou convencê-la a ficar na cama ou a tomar um café perto de casa, mas ela insistiu em vir até aqui, dizendo que estava com vontade de comer o bolo de chocolate que eles servem, e ela está grávida. Não há argumento que ganhe desse e, depois, o humor de Livie está tão calmo quanto um mar revolto.

Ela está grávida!

Derek não para de repetir essas palavras dentro da sua cabeça desde que eles descobriram sobre a gravidez, pouco mais de doze horas atrás. Está surtando, mas continua tentando se controlar. Quer dizer, surtou no banheiro quando estavam somente os dois e o sétimo teste havia dado positivo, mas a vontade dele ainda era de gritar para que todos pudessem ouvir. Ele vai ser pai!

PERIGOSAS ACHERON

— Será que eu posso beber um café na minha... — Livie desce o pequeno degrau da entrada e se depara com Summer. A amiga está sentada no sofá, mas o pescoço virado na sua direção. — Não acredito que você está aqui! — Diz e meio que se joga em cima de Summer, envolvendo-a em um abraço apertado. — Estava morrendo de saudade de você!

— Eu também estava com saudade, Livie.

— Pensei que você ainda estivesse na China!

— Eu avisei a você que chegaria ontem! — Ela se afasta e segura a amiga pelo ombro.

— Avisou?

— Três semanas atrás! — diz com certa aspereza na voz, mas Livie sabe que ela não está brava de verdade porque a está abraçando outra vez, e pode sentir que a amiga está sorrindo.

— A minha cabeça anda tão estranha, Summer. — Livie se afasta. Está doida para contar para a melhor amiga que está grávida. — Você nem sabe o que eu acabei de descobrir e...

— Esta é a Summer? — pergunta Derek dando um passo à frente.

— Sim, sou eu — ela responde apertando os
PERIGOSAS ACHERON

olhos. — E você é quem? O namorado da minha melhor amiga? — Derek aquiesce e um pequeno sorriso começa a despontar em seus lábios. Ele está louco para dizer que é mais do que isso, que será o pai do filho da sua melhor amiga, mas se cala. Em parte, porque não sabe como Livie vai reagir se ele contar a novidade primeiro. Em parte, porque o olhar de Summer chega a dar medo. — Você sabia que foi por sua causa que ela me abandonou na estação no ano passado?

— Foi no ano retrasado — é Reeve quem responde. — E ainda bem, porque se isso não tivesse acontecido, não teria conhecido a mulher da minha vida.

Summer quase se derrete e Derek fica parcialmente aliviado. Afinal de contas, Livie está grávida e ele ainda está tentando não surtar.

— Prazer, sou o Reeve. — Ele estende a mão para Derek.

— Sou o Derek.

— Eu sei, já vi você algumas vezes chegando ou saindo do apartamento do All.

Os olhos de Derek se arregalam.

— Puta que pariu! — Sua voz chama a
PERIGOSAS ACHERON

atenção de todos os clientes do café.

— O que foi? — pergunta Livie olhando para cima. Ela está sentada no sofá e sem coragem de levantar.

— All pediu que eu o ajudasse ontem. — Ele passa as mãos pelo cabelo e, em seguida, bate nos bolsos da calça e do casaco à procura do seu celular. — Porra! Eu perdi meu celular outra vez?

— Não sei. — Livie dá de ombros e vasculha a bolsa. Como sua memória não anda bem, pode muito bem ter guardado o celular do namorado por engano. Mas para a sua tristeza percebe que o celular dele não está dentro da bolsa. Tampouco o seu. — Acho que perdi o meu também.

— Com certeza perdeu — diz Summer de um jeito bem sarcástico. — Eu tentei te ligar da estação outra vez, sabia?

— Tentou?

— Uhum.

— Ele vai me matar! — diz Derek outra vez e se senta na poltrona atrás dele. — Eu tinha que passar na floricultura às seis da tarde e pegar as flores para ele, e ainda ajudá-lo com uma surpresa

PERIGOSAS ACHERON

para a Bliss e... Puta que pariu! — Com um discreto gesto de mão pede desculpas para uma família que acaba de entrar no café. O pai e a mãe parecem bem zangados pela filha pequena ter ouvido essas palavras, mas a garotinha está sorrindo e tapando a boca com uma das mãos. — Ele vai me matar — diz com a voz mais baixa e passa as mãos pelo cabelo. Outra vez.

— Não vai, não. — Reeve ri e aperta o ombro dele ao ir se sentar no sofá junto da namorada. Ele também está surtando por poder dizer isso: Minha namorada! Fica repetindo na sua cabeça sem parar e, sempre que isso acontece, começa a sorrir feito bobo. — Eu salvei a vida dele. Relaxa.

— E me deixou plantada na estação — diz Summer fazendo beicinho, e Reeve resvala o nariz por sua bochecha.

— Já pedi desculpas.

— Não estou brava com você, só queria deixá-lo mais decepcionado por ter esquecido do amigo. — Summer sorri e aponta para Derek.

— Você nunca vai esquecer o ano passado? — pergunta Livie olhando-a de esguelha. Summer

PERIGOSAS ACHERON

dá de ombros, e a amiga revira os olhos.

— Eu anoto tudo no meu caderninho, você sabe.

— Você... Ah, deixa para lá! Preciso te contar uma coisa. — Livie segura a mão da amiga, mas sua voz se cala quando a sineta toca outra vez e um casal bastante sorridente adentra o café.

— Nem acredito que vou tomar café! — diz a garota de olhos cor violeta.

— Nem acredito que não vou mais tomar café aqui todas as manhãs antes... Derek! — diz All assim que vê o amigo sentado na poltrona. Ele dá um passo na sua direção, já abrindo a boca para se desculpar, mas All o abraça e lhe dá três tapas fortes nas costas. De propósito, ele sabe disso, mas não diz nada. É a segunda vez que ele deixa All na mão. — Feliz Ano Novo, cara!

— Desculpa por ontem. É que aconteceu tanta coisa que você nem...

— Está tudo bem. — Ele mantém uma mão no ombro do amigo e, com a outra, lhe dá um tapa no peito. All está sorrindo, mas Derek tem certeza de que ele continua dando esses tapas de propósito. — Ela disse sim. — All se volta para Bliss, para a
PERIGOSAS ACHERON

linda garota que aceitou se casar com ele, segure a mão e exibe a aliança para todos no café. E quando ela sorri, se apaixona mais um pouco. A própria Bliss não consegue acreditar que ainda é capaz de se apaixonar mais um pouco por All, mas todos os dias ele prova o contrário.

— Isso é... — Reeve fica em pé e abraça os dois ao mesmo tempo. — Deu o maior trabalho encontrar todas aquelas flores. — Para de falar e olha para Derek. Parece que todos resolveram provocá-lo hoje, mas ele não diz nada, não reclama porque fez merda outra vez. — Você poderia gostar apenas de rosas vermelhas, não? — pergunta para Bliss, que dá de ombros.

— Não acredito que vocês vão se casar! — Livie abraça os dois, mas se senta quando fica ligeiramente tonta. Derek percebe e se senta ao seu lado.

— Tudo bem?

Ela aquiesce e passa as costas da mão pela testa. Pelo menos não está suando frio.

Summer abre a boca e ameaça se levantar para abraçar o casal, afinal, eles vão se casar e parecem tão perfeitos juntos, mas o que Derek diz a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

faz ficar no lugar.

— Livie está grávida! — Sua voz também está histérica.

— O quê? — Todos perguntam em uníssono, até mesmo Livie. A diferença é que está surpresa por ele ter contado na frente dela. Na verdade, está um pouco brava com ele.

— Por que você contou? Eu queria fazer isso!

— Porque eu precisava. Passei a noite toda absorvendo isso e... — Ele passa as mãos no cabelo e brinca com o piercing. — Eu estou surtando, porra!

— Ah, amor... — Ela deixa um beijo na bochecha dele. — Vai dar tudo certo.

— Eu sei que vai. — Mas sua resposta faz Livie rir porque é vacilante. — Vai, não vai? — Ele olha para todos ao mesmo tempo, que assentem e riem achando graça.

— Não acredito que você vai ser mãe! — Summer abraça a amiga e deixa um beijo estalado em seu rosto. — Eu deveria ficar brava por não ter me contado antes, mas estou tão feliz por você que não consigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também te amo — diz Livie revirando os olhos.

Reeve se senta ao lado de Summer outra vez e envolve o ombro dela com um braço. Ela pega a sua xícara e leva à boca.

— Nós transamos a noite toda — diz Reeve e, no mesmo instante, Summer engasga com a própria saliva.

— Droga! Você está louco? — pergunta quando consegue se recompor. Ele sorri e dá de ombros. Summer balança a cabeça e leva as mãos às bochechas. Elas estão queimando.

— O quê? — Ele beija seus cabelos. — All vai se casar, Derek vai ser pai, nós não podíamos ficar para trás.

— Você poderia ter contado que escreveu uma música para mim! Ou que vamos morar juntos! — diz exasperada, e ele aperta os lábios e os olhos ao mesmo tempo que aponta para ela.

— Você tem razão.

— Vocês vão morar juntos? — pergunta Livie, feliz pela amiga e ainda mais feliz porque ela vai morar em Nova Iorque.

— Vamos. — É Reeve quem responde e ele

PERIGOSAS ACHERON

não consegue parar de sorrir.

— Eu quero ouvir a música — pede Bliss, sentando-se no tapete e apoiando os cotovelos na mesa. — Deve ser linda!

— É perfeita — diz Summer, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Nós podemos ir para o terraço, preparar alguma coisa e comemorar a noite passada — sugere All.

— Nós vamos congelar — rebate Livie.

— Eu aqueço você, amor.

Ela está muito sensível mesmo, porque basta ouvir isso para se derreter. E está adorando isso.

— Ótima ideia — diz Bliss. — All fez um excelente trabalho lá.

— Viu só? — Ele envolve a sua cintura e cola o peito em suas costas. — Eu fiz um excelente trabalho lá.

— Porque eu ajudei — diz Reeve, e Derek suspira resignado. Pelo jeito vão pegar no pé dele o dia todo por causa disso.

— Seu prédio tem elevador? Porque não aguento mais subir escadas. E eu só estou no começo, imaginem quando estiver explodindo de
PERIGOSAS ACHERON

tão gorda? — diz Livie.

— Você vai ficar linda grávida, amor.

— O prédio tem elevador, sim, Livie, mas não é sempre que funciona — diz Reeve, e Summer ri, tapando a boca com uma mão.

— O que foi? — pergunta All.

— Reeve ficou preso no elevador ontem. Está meio traumatizado por causa disso.

— Sério, cara?

— Não estou traumatizado. — Ele olha para Summer e faz uma careta engraçada. Quer muito mandá-la ficar quieta quando ela ameaça rir outra vez, mas em vez disso a beija apaixonadamente.

— Ainda bem que vou me mudar. Se ficasse preso naquele elevador, teria um ataque.

— Vocês vão se mudar? Desde quando? — pergunta Derek surpreso por não saber dessa novidade, porém não diz nada. Se tivesse ajudado o amigo na noite passada, talvez ele tivesse dito alguma coisa. Mas o que poderia fazer, afinal de contas? Livie precisava dele.

— Eu quis fazer uma surpresa para Bliss ontem.

— Nós vamos morar de frente para a Ponte PERIGOSAS ACHERON

do Brooklyn — é Bliss quem responde. Está radiante e não é por causa do apartamento novo, mas porque vai passar o resto da vida junto de All. E isso é tudo o que ela mais quer.

— Eu adoro aquele lugar! — diz Summer encantada. E olhando para Reeve, acrescenta. — Nós podemos morar lá também?

— Claro! Podemos morar naquele banco que sempre sentamos. — Ela enruga o nariz e tenta parecer desapontada. — Summer, eu não sou um advogado fodão de Manhattan. — Ela fica nas pontas dos pés para ficar bem perto do ouvido dele. Não sei o que lhe diz, mas posso adivinhar, pois o sorriso que ele dá lhe ilumina todo o rosto.

— Eu consegui aquela promoção — diz All depois de pegar os cafés para viagem e os bolinhos sobre o balcão.

— E nós vamos nos casar! — Será que algum dia ela vai parar de sorrir? Espero que não.

— Ei! — Todos olham para Livie. — Nós podemos alugar o apartamento do All, amor!

— Não. — Derek franze a testa e nega, apoiando as mãos no quadril. — O apartamento fica muito longe do seu trabalho. Sem chance.

— Existe uma coisa chamada carro e outra chamada transporte público, sabia? — Ela o provoca.

— E existe uma coisa chamada bom senso. Você está grávida. Não pode cruzar a cidade todos os dias. E depois, não temos carro. — Ela abre a boca para dizer alguma coisa, mas Derek se vira para o balcão, pega seus pedidos e paga o atendente que sorri, prestando atenção em tudo.

— All? — Livie chama. — Será que eu posso olhar seu apartamento?

— Claro!

— Livie? — Ela ignora o noivo. Derek tenta se manter sério, mas acaba sorrindo porque sabe que essa é uma discussão que já perdeu. Livie só faz o que quer e ele estaria mentindo se dissesse que não a ama mais por causa disso.

— Não acredito que vamos ser vizinhas outra vez! — Summer passa seu braço pelo da amiga e as duas começam a caminhar para a saída.

— Parece que vou ter que começar a usar minha bicicleta outra vez. — Derek passa por All e lhe dá um apertão no ombro.

— Puta que pariu! — Reeve leva as mãos à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça e todos olham para ele ao mesmo tempo, inclusive o casal e a garotinha loira. Talvez eles nunca mais venham a esse café. — A bicicleta, Summer!

— Que bicicle... Puta que pariu! — Dessa vez a família se levanta e vai embora.

— Que merda! Ele vai me matar.

— Ele quem, cara? — pergunta All preocupado.

— Ele alugou a bicicleta de um garotinho, ontem, para me encontrar e a esqueceu na estação.

— Depois que eu a vi, não consegui pensar em mais nada. — Summer deita a cabeça no ombro dele e Reeve beija seus cabelos. — Acho que vou ter que comprar uma bicicleta nova.

— Acho que sim.

— Mas não hoje — diz Bliss. — Hoje vamos celebrar no terraço e ouvir sua música.

Reeve passa por Derek, lhe dá um tapa de leve no ombro, pega os donuts e o bolo que pediu para embrulhar para viagem e dois cafés.

— Será que nós não vamos ficar com frio?

— Acho que não.

— Melhor levarmos coberta...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E quando todos saem e as portas se fecham, sorrio satisfeito.

Às vezes, um celular quebrado ou desligado não é de todo ruim.

Um coração partido pode significar um recomeço, um lindo recomeço.

Você só precisa prestar atenção aos sinais, porque eu estou por toda parte e sempre posso dar uma virada em tudo. Sempre darei um jeito de consertar tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

AGRADECIMENTOS

Escrever A VIRADA DO ANO foi um desafio maravilhoso. Poder compartilhar com vocês nossas histórias (mais uma vez) está sendo uma experiência incrível. Uma única palavra pode definir esse momento: obrigada!

Um muito obrigada para a equipe The Gift Box por acreditar em nós!

Nosso agradecimento em especial para as meninas do grupo O SEGREDO! #AVDA, que acompanharam nossa antologia desde o início e sempre estiveram presentes para nos auxiliar e dar apoio! Obrigada, Gilvana Rocha, Priscila Dias e Renata Borges.

À Aline Miguel, obrigada por todo amor e dedicação, por nos incentivar sempre e acreditar no nosso sucesso. Seu toque especial fez toda a diferença.

Às nossas amigas Cristiane Castro, Cléo Ribeiro, Pat (*Ler para Crer*), Michele Saqui e Talita Mazuchi, o feedback de vocês e todo o

carinho e suporte são muito importantes.

Muito obrigada e amor às nossas leitoras — sem vocês os nossos sonhos não se tornariam reais e nada disso faria sentido. Agradecemos todo carinho e cada palavra de incentivo. Obrigada pelo tempo que dedicam para ler nossas histórias. E, principalmente, agradecemos todas as indicações e o retorno que dão dos nossos livros. Amamos vocês!



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Temos o nosso próprio evento, o The Gift Day, onde fazemos parcerias com outras editoras para trazer autores nacionais e estrangeiros, além de modelos de capas.

A The Gift também está presente no mercado internacional de eventos, com patrocínio e participação em alguns como o RARE London (Fevereiro) e RARE Roma (Junho).

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento

de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

<Facebook.com/thegiftboxbr.com>

Instagram: [@thegiftboxbr](#)

Twitter: [@thegiftboxbr](#)